

Série 5.<sup>a</sup> ★ B R A S I L I A N A ★ Vol. 244  
BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

---

F. BIARD

★

# DOIS ANOS NO BRASIL

*Tradução de*

**MARIO SETTE**

COMPANHIA EDITORA NACIONAL  
São Paulo -- Rio de Janeiro -- Itaipava -- Bahia -- Pará -- Porto Alegre  
1945

O original francês é edição da  
LIBRAIRIE DE L. HACHETTE ET CIE.  
Rue Pierre-Sarrasin 14  
PARIS  
1862

PARIS — Imprimerie de Ch. Labure et Cie.  
Rues de Fleurus 9 et de l'Ouest 21

*O tradutor respeitou a grafia do autor em nomes de localidades, tribus indígenas, rios, ilhas e animais das regiões brasileiras percorridas.*

Impresso nos Estados Unidos do Brasil  
Printed in the United States of Brazil

## ÍNDICE

|  | PÁGS. |
|--|-------|
| I — <i>A travessia</i> . Prefácio. Os conselheiros na partida e os perguntadores à volta — Motivos desta viagem — Londres — O palácio de Sydenham — O vapor <i>Tyne</i> e seus passageiros — Lisboa — Madeira — Tenerife — São Vicente — A esparrela — Pernambuco .....  | 5     |
| II — <i>Rio de Janeiro</i> . Bahia — Chegada ao Rio — Aspecto interno e externo da capital — Hospedarias — O cônsul da França — O imperador do Brasil — A imperatriz — Sua beneficência — O palácio de São Cristóvão . . . . .   | 25    |
| III — <i>Província do Espírito-Santo</i> — <i>O rio Sangaçu</i> — Os indígenas — O Sr. X... — Travessia do Rio a Vitória — O navio incendiado — Vitória — <i>Tenha paciência</i> — Nova Almeida — Santa Cruz — Um pórtico de catedral visto de frente e de perfil — O rio Sangaçu — Cenas e paisagens . . . . .  | 57    |
| IV — <i>Província do Espírito-Santo</i> — <i>A Mata virgem</i> — O sapo — O caranguejo — Minha primeira volta pelo interior — Os índios — O negro fugido — O boi vendido duas vezes — O <i>Pulex-penetrans</i> — A aranha — Uma migração de formigas — Festa de São Benedito — Queimada — O desenho incômodo — A surucucu — Morte de um índio — Tribos indígenas da província — Uma noite nas matas — O gato do mato — As onças — Volta ao Rio ..... | 83    |
| V — <i>O Amazonas</i> — <i>Do Rio ao Pará</i> — O navio brasileiro Paraná — Pernambuco — Paraíba do Norte — Quadros alegóricos — Cabo São Roque — Aspecto do litoral — Ceará — São Luís do Maranhão — Pará ou Belém — O intérprete — O cônsul — Sr. Benoit — Arrabaldes do Pará — Marajó — Ara-Piranga . . . . .   | 147   |

|   | PÁGS. |
|---|-------|
| VI — <i>O Amazonas — Do Pará a Manaus — Navegação pelo furo de Breves — Cidades do Baixo Amazonas — A árvore do veneno — Os índios Muras — O grande braço do Amazonas — Prágua — Santarém — O rio Tapajós — As cidades de Óbidos, Vila Bela e Serpa — O rio Negro . . . . .</i>   | 179   |
| VII — <i>O Amazonas — Manaus e Rio Negro — Passeios em Manaus e nas matas — Cascata — O negro hospitaleiro — Um curral — Instalação nas florestas do rio Negro — Solidão — Trabalhos — Índios Muras — Compra de uma canoa — Urubus — Tartarugas — Preparativos de partida . . . . .</i>   | 199   |
| VIII — <i>O Amazonas — Do Rio Negro ao Madeira — Uma tempestade no Amazonas — Ovos de tartaruga — Um jaguar — Refeição numa ilha — Um braço do Madeira — As mutucas — O interior da canoa — Policarpo e seus companheiros — Um banho perigoso — Margens do Madeira — O colono branco — O abismo de areia — Cólera — Seus resultados — Canoma — Índios munducurus . . . . .</i>  | 231   |
| IX — <i>O Amazonas — Margens e habitantes do Rio Madeira — Os índios do Baixo-Madeira — Mundurucus e Araras — Retratos interrompidos — Capitão João — Um rapaz bom para casar — Uma nova peça de Policarpo — Crenças e costumes indígenas — Adivinhos — O curare e as velhas — A zarabatana — Maués . . . . .</i>   | 253   |
| X — <i>Regresso — Do rio Madeira aos Estados Unidos — Navegação — Um despertar dentro d'água — Uma branca um pouco escura — Uma pescaria — Volta ao Amazonas — Vila Bela — Amadores de pintura — O bom Miguel — Acesso de cólera — Castigo e fuga de Policarpo — Freguezia — Serpente-monstro — Tempestade — Insolação e conseqüências — Doença — Santarém — Pará . . . . .</i> | 281   |
| Epílogo . . . . .   | 305   |

## A TRAVESSIA

*Exórdio — Os que aconselham na partida e indagam no regresso — Motivos desta viagem — Londres — O palácio de Sidenham — O vapor “Tyne” e seus passageiros — Lisboa — Madeira — Tenerife — São Vicente — A esparrela — Pernambuco.*

— Meu caro amigo, diga-me, por favor, como lhe nasceu essa idéia de ir ao Brasil? Não sabe ser uma terra muito insalubre? A febre amarela, ali, é endêmica e dizem mais que as cobras, das mais venenosas, matam qualquer criatura em poucos minutos.

— Não se meta a ir ao Brasil, alertava-me outro. Quem vai ao Brasil?! Não se põem os pés nesse país senão para se ser o seu imperador. Você foi por acaso nomeado imperador do Brasil?

— Que feliz coincidência! — exclamou meu sapateiro. Estimo que o Senhor viaje para essas bandas. Vai me prestar um obséquio. Avalie que um figurão, dizendo-se marquês, me fêz uma encomenda e antes de ma pagar embarcou para sua pátria, que se chama Bourbon.

Prometi ao meu sapateiro fazer todos os esforços no sentido de descobrir o seu marquês, meu futuro vizinho de algumas mil léguas, e obter dêle o pagamento da conta ou, pelo menos, uma gorda amortização. Em reconhecimento, desde logo, o homem me consertou um par de botinas de maneira ainda pior que a costumada.

Não poria um ponto final nas citações de conselhos e pedidos que me dirigiram, nessa ocasião, se as quisesse a tôdas recordar. Procuravam acautelar-me contra quaisquer acidentes de que seria inevitavelmente vítima se não seguisse à risca as advertências amigas. Deveria usar sempre flanela e ao mesmo tempo trajos brancos, por causa do sol. Que me defendesse como de inimigo mortal, dos tecidos pesados, até mesmo batista, porém, em compensação, não tirasse do corpo as camisas e as meias de algodão. Sobretudo não me esquecesse de escolher um camarote a bombordo, porque nêle, a caminho da América, poderia abrir minha vigia para gozar os ventos alíseos. Cometi loucuras para conseguir essa vantajosa situação mas o vento foi tão violento durante a travessia que só se podiam abrir justamente as vigias de estibordo, enquanto eu morria de calor no meu camarote. Por outro lado, à procura de roupas, remexi todo o sortimento da "Belle Jardinière". O que existia de mais escuro nas côres fôra implacavelmente recusado pela pessoa que me acompanhava: ela só queria escolher os tons mais claros, e bem a propósito agiu, porquanto no Brasil todo mundo se veste de prêto, não somente para ir às festas, mas, também, durante o dia, muito embora o sol derreta a todos de suor.

Quando voltei, as perguntas substituíram as recomendações:

— Você deve ter agüentado um calor dos diabos, hein?! Contaram-me que esteve no meio dos selvagens?! São perversos? Que belas coisas você presenciou! É verdade que andou também pela América do Norte, pelo Canadá, pela cachoeira do Niagara? Então, viu Blondin? Existe mesmo ou se trata apenas de um pilhéria?

Previra o assalto dessas curiosidades, porque não me esquecera de que ao regresso de uma viagem ao polo norte houve quem me perguntasse se sentira muito frio. Por

precaução, trouxera de New York uma prova estereoscópica representando Blondin sôbre sua corda. Quando aludem a êsse homem, tiro do bolso êsse testemunho, quase vivo, da atitude em que êle mais se exhibe, e, assim, evito maiores explicações. Contudo, no que diz respeito aos índios, a coisa não se torna tão fácil. Pobre de mim ! Não pude conduzir comigo por todo Paris os retratos de todos os meus companheiros das florestas virgens e de outros lugares, que procurei reproduzir com a mais escrupulosa fidelidade, não obstante, confesso, com algumas dificuldades.

Reparo agora : tenho apenas tratado das perguntas que me fizeram e não disse nada ainda das respostas a elas dadas. Para atender a todos, mesmo aos que não me interrogaram, vou me explicar, lamentando o meu mau hábito de passar de um assunto a outro sem aparente necessidade. Que me perdôe o leitor.

Dois motivos, bem diversos, levaram-me à América. Eu vinha morando há alguns anos no prédio n.º 8 da praça Vendôme e, ali, ocupava um apartamento de que gostava e do qual não pretendia me mudar ; tôda minha existência de artista ali decorrera. De cada viagem realizada trazia novos objetos com os quais ia aumentando meu pequeno museu, e como o amor-próprio em tudo se intromete, sentia orgulho ao ouvir afirmar possuir o mais belo *atelier* de Paris, ao menos o mais curioso. Quem poderia pensar que certo dia um senhorio destruiria com uma palavra um trabalho construído com tantos esforços e cuidados ! Foi o que me aconteceu, como num despertar de um sonho que durava há 20 anos. Planos urbanísticos de alargamento foram a causa do abandono de um teto onde contava viver até o dia da minha morte. Apelo para todos que já foram também intimados a se mudar em condições semelhantes. Nada compensa a perturbação súbita de nossos hábitos. Eu não podia disfarçar a minha tristeza ;

ela me seguia por tôda parte. Mudar-me!... Só tinha em mente essa contingência.

Eis aí o primeiro motivo de minha viagem. Outro, aparentemente fútil, decidiu-me e apontou-me o rumo a tomar. Tendo ido jantar, uma noite, com minha filha, em casa de um amigo, o acaso colocou-me perto de um general belga há longo tempo residindo na Bahia. Conversamos bastante acêrca dos aspectos maravilhosos oferecidos a cada passo nessa terra de esplendores. "E por que o Senhor não vai passar uns meses no Erasil? Tal passeio far-lhe-ia bem à saúde e esqueceria seus aborrecimentos". Não foi preciso mais para se me encher a cabeça com êsse projeto tão de conforme aos meus gostos. Ao reconduzir minha filha ao internato, aludí à conversa mantida com o general e, rindo-me, disse-lhe: "Se eu fôsse passar um mês ou dois nesse país distante, estaria de volta pelas férias. Seria excursão semelhante às que faço ao campo, no verão, quando não te vejo freqüentemente".

Acertei meus negócios, e, uma vez que tinha de deixar a casa em 1859, foi fácil combinar com o proprietário minha mudança em 1858.

Fala-se habitualmente da coragem que se precisa ter para efetuar uma longa travessia. Há os perigos e as privações de tôda ordem e a todo momento. Na verdade, a coragem é indispensável, em resoluções dessa natureza, porém não para fazer face a um risco qualquer. O instinto de conservação está em guarda, mas o hábito vai amenizando tudo. Acostumamo-nos a viver cercados de animais ferozes; não se pensa nem na peste, nem na febre amarela, nem nos leões, nem em ursos brancos quando já se passou alguns meses na sua vizinhança. Foi o que pude constatar. Recordo-me da última tarde que passei com minha filha, das várias histórias que lhe contei para distraí-la e suavizar-lhe os sobressaltos com minha ausência. Não queria afligi-lá mais do que ela já se achava,

traindo minhas próprias preocupações. Afirmava-lhe com bonomia, só existirem tigres e cobras no Jardim Zoológico. Ademais, Deus sabia bem que coisas magníficas eu traria dessa terra que ia conhecer! Virara menino; divertia-me e quando me vi sozinho, bem sozinho, no meio de Paris, lá foi que se me tornou necessária boa dose de ânimo para voltar atrás, para me mostrar alegre quando sentia o coração apertado.

Tinha o que fazer ainda em Londres e fui até lá levando minha bagagem. Embarquei no Havre e desci em Southampton. A 5 de abril de 1858 tomei um vapor inglês e ao passar pelo Tâmis vi o *Leviathan*, cujo tamanho descomunal produziu efeito singular em alguns caixeiros viajantes, meus companheiros de travessia, o que me espantou, pois estão acostumados a ver tudo. Eu fizera a tolice de trazer comigo a mala com a roupa nova destinada ao meu desembarque no Rio de Janeiro, o que motivou dificuldades com os guardas da Alfândega. Felizmente deixaram-me passar sem pagamento de direitos. Logo que me desembarcei dos negócios e depois de rever alguns amigos, fui novamente ao Palácio de Cristal, que há tempos visitara. Todo mundo conhece as belezas de Sidenham; tantas descrições já foram escritas, que nada mais há a se dizer a seu respeito. Contudo, do que menos se tem falado é justamente do que mais me agrada. Na parte inferior dêsse imenso terreno colocaram, em pôses pitorescas, seja na água, seja em terra, os diversos seres que nos precederam no mundo. Ali se vêem animais primitivos, aquêles cuja perfeição ainda não se completara, como os pterodáctilos, os plesiossauros, os grandes lezardos, de pescoço de serpente, todos êsses bichos dos quais nenhum outro atualmente nos dá uma idéia. E existem mais os dinotérios, os anoplotérios, os ursos, os mastodontes, tudo no seu tamanho natural. Dêste modo pode-se, num passeio, aprender sem estudar, e é tão cômodo não

se estudar! Muita gente ignora como se formou o carvão dentro da terra, de que natureza são o granito, o mármore, as pedras de amolar, etc. Reparem, no entanto, ali, as camadas geológicas e logo todos ficarão mestres. Feitas ainda umas visitas, tomei o trem de Londres para Southampton. Nesta cidade, tive logo contato, num hotel, com várias pessoas que partiriam comigo no dia seguinte; aludiam a uma bonita italiana, nossa futura companheira de viagem. Como não estivesse disposto a conversar, fui dar uma volta pela localidade, apesar do mau tempo reinante. No outro dia, 9 de agosto, pequena embarcação nos levou à que deveria ser nosso mundo durante um mês.

Dessa vez a Alfândega não se mostrou tão cordata como no Tâmesa: fizeram-me pagar por ocasião do embarque duas libras por excesso de bagagem. Partimos afinal. Eu ocupava o camarote n.º 21, a bombordo, tendo como companheiro um digno professor chamado Trinach, que voltava ao Brasil, onde já passara alguns anos. Decorreram os dois ou três primeiros dias numa espécie de ambientação: íamos fazendo relações e formando grupos nas horas de refeições. Franceses reunidos, ingleses para outro lado, portugueses e brasileiros para outro. Escolhiam-se os companheiros de convivência na longa viagem.

Espalharam, logo que entramos no *Tyne*, achar-se a bordo um príncipe alemão; ia se casar em Lisboa com uma princesa portuguesa. Nada, porém, indicava a presença dessa real personagem a bordo. As mais burlescas conjeturas vieram agravar esse mistério. Um príncipe devia possuir seus preconceitos e não se misturaria com a gente vulgar, e, por isso, tôdas as desconfianças se voltaram para um passageiro com cara de poucos amigos e que não falara até então com ninguém. De minha parte não fiz suposições a respeito pois me repugnava admitir fôsse esse ridículo indivíduo o herói das hipóteses de todos os outros viajantes. E, por fim, o tal príncipe não pas-

sava de um modesto funcionário diplomático inglês que ia tomar conta de seu cargo num distante país qualquer. Mas, o desejo de se descobrir o príncipe era de tal monta que transferiram as suspeitas para um outro sujeito que, após jantar vagorosamente, desaparecia da vista de todos. Também êsse não tinha sangue azul. Soube-se por um seu companheiro de camarote. Era apenas, igualmente, um inglês, que tendo ouvido falar dos diamantes do Brasil, para lá se voltava à procura dessas pedras preciosas, muito embora lhe houvesse custado arranjar dinheiro para a passagem. Quem me dera estas informações fôra um jovem de fisionomia bondosa e inteligente e que tinha sido, contra a vontade, enviado ao Brasil como correspondente da *Revue des Races Latines*. Pobre Alteve Aumont! Seria uma das próximas vítimas da febre amarela, que no ano passado arrebatou todos os meus amigos. Êle me assegurara que seu parceiro de camarote, longe de ser um príncipe, nem sequer tinha roupa suficiente e, por isso, mal acabava as refeições, recolhia-se para poupar o pouco de indumento que possuía. Todavia, as suposições não diminuíam a bordo e o alvo delas se encontrava realmente entre nós; nada de suas atitudes fazia atrair para si a suspeita de ser o procurado príncipe; vivia, como todos os outros passageiros viviam, cercado de alguns amigos e êstes, veio a se saber depois, eram seus próprios ajudantes de ordens ou oficiais da sua comitiva. Quem tudo revelou foi a atenção especial do comandante para com essa personagem privilegiada, destinando-lhe um camarote numerado perto do mastro principal da embarcação a fim de poder o príncipe apreciar à vontade o mar, sem estar exposto ao vento áspero que soprava. Não preveniram, contudo, a Sua Alteza ter êsse camarote servido, em viagem precedente, de isolamento para vários passageiros atacados de febre amarela, doença a preocupar todo o mundo.

Havia a bordo tipos de tôdas as nacionalidades. Entreguei-me, por alguns dias, à tarefa de observá-los, apesar de não ser poliglota, e, por isso, não seria pelos seus idiomas que os identificaria. Alguns passageiros jogavam o dia inteiro, e nunca deixavam de se desavir a ponto de parecer estar iminente uma luta corporal; à mesa enchiam os pratos com tudo que se achava ao alcance das mãos, disputavam a comida aos criados, sem se importar com quem estivesse sentado por perto, nem com os olhares de admiração e censura despertados por seus gestos de canibais; após as refeições iam para o tombadilho e ali tiravam as chinelas ou sapatos para se porem mais a gôsto nos bancos; outros preferiam caminhar a largos passos, de mãos nos bolsos, abalroando com os companheiros sem lhes pedir desculpas; falavam e riam-se pouco, ao contrário dos passageiros de outra nação, que tagarelavam e davam gargalhadas a propósito de tudo, dirigiam perguntas a cada instante ao capitão do navio, aos marinheiros, aos grumetes, curiosos do estado do tempo hoje e amanhã. Se êstes costumavam passear de forma moderada, aquêles estavam sempre em movimento.

Em todõs os recantos do vapor, onde era possível conseguir-se meio de improvisar um leito, havia gente a cochilar, fôsse perto da chaminé, da ponte ou dos cordames. Alguns indivíduos faziam-se notar por um constante sono. Eram pobres colonos alemães que, suggestionados por promessas nem sempre objetivadas, iam ao novo mundo procurar uma riqueza, nem sempre a todos proporcionada. Voltei a falar mais tarde dêste triste assunto.

E o vapor ia avançando na sua rota. O tempo estava muito frio. A Mancha e o gôlfo de Gasconha envolviam-se nos seus nevoeiros e evocavam os seus freqüentes temporais. De mim, confesso, aguardava impaciente a latitude mais suportável de Lisboa a fim de gozar a temperatura agradável que tanto me gabavam; uma vez chegando-se

lá, o clima se transforma como por milagre. A 13 entramos no Tejo, não podendo admirá-lo por ser noite. Lançamos ferro ainda cedo defronte da cidade. Achava-se no pôrto o navio *Avon*, há pouco chegado do Rio. Havia quarentena para êle, por trazer doentes a bordo, tendo falecido durante a travessia vários outros passageiros. Quem já viveu em lugares flagelados pelo cólera ou a peste avaliará nossa ansiedade quando o capitão do *Tyne*, pelo porta-voz, indagou de seu colega do *Avon* acêrca do estado sanitário do Brasil. A temível febre amarela ia desaparecendo pouco a pouco. Foi essa a resposta, mas felizes os que conheciam o inglês e puderam logo compreender a frase do capitão do *Avon*. Mesmo assim estavam expostos às variadas traduções que se fizeram. Esqueceram-se, porém, depressa as inquietações e voltaram as esperanças. Até os enjoados se sentiram bem e tratou-se sem demora de ir a terra, pisar em solo firme; inúmeros botes cercavam o vapor e era só escolher um dêles. Ao desembarcar tive a agradável surprêsa de testemunhar a mutação do ambiente: às enervantes brumas inglêsas, ao frio penetrante deixado há dias, sucedera verdadeira primavera. Bem vizinho ao cais, contemplei lindo jardim, cheio de flores tropicais. Passado êsse primeiro momento de espanto, já habituado ao bem-estar oferecido pelo sol, pela terra firme e pelas belezas naturais, ainda mais expressivas aos olhos dos recém-vindos, experimentei, após minha partida, o primeiro momento de satisfação. Entrei assim de bom humor pela cidade a dentro, disposto a gostar de tudo, o que fôsse vendo. Quase repeti comigo a frase de Maria Stuart: "Tinha vontade de abraçar a todo mundo". Mal caminhava um pouco, ouvi música militar e logo depois notei que muita gente corria; por minha vez, apressei os passos e vi, em meio da multidão, o príncipe, meu companheiro de viagem, seguido de numerosa comitiva, onde avultavam as fardas. Sua Alteza

contrastava, na sua inalterável simplicidade, com o brilho da recepção.

Desaparecido o cortejo, minha admiração por Lisboa extinguiu-se como por encanto. Atravessei ruas escuras e desertas. A maior parte delas em ladeiras que carros puxados a bois sobem penosamente, enquanto as rodas entoam um canto nasalado ouvido de longe. Fui à cidade alta e de lá pude melhor julgar do aspecto panorâmico de Lisboa: por tôda parte casas velhas em tôrno dos palácios. Ainda se vêem ruínas ameaçadoras que são vestígios do terremoto de 1745; no entanto, essas paredes inseguras abrigam famílias pobres. Sem conhecer o português, não me foi possível indagar se êsses pesados veículos, arrastados por mulas e guiados por postilhões de botas de montaria, eram fiacres ou carruagens burguesas; de qualquer modo, não são nada convidativos. Mudara-se em decepção meu desejo de vir a terra para apreciar a única capital da Europa não conhecida ainda. Ao regressar a bordo, e enquanto o vapor descia o Tejo, sem me importar com o famoso romance, meti-me no camarote, amuado com todo o mundo, com o passado, com o presente, e, principalmente, com o meu sapateiro, que me fizera umas botinas apertadas, certamente para que não me esquecesse nem dêle nem do seu devedor.

O vapor corria bem; sopravam com certa intensidade os alíseos e não podia abrir minha vigia, amaldiçoava quem me aconselhara a preferir o lado de bombordo estaria gozando a frescura e a claridade que me eram proibidas. Ao entardecer, subi ao convés, onde uns músicos alemães se preparavam para tocar qualquer coisa. Acomodaram-se, em silêncio, obedecendo à altura de cada um, e a um sinal do chefe da orquestra 20 formidáveis *houacs* estrondaram no navio inteiro, desde a quilha à ponta dos mastros. Nunca me esquecerei de um clarinete em *fa*; o

chefe da orquestra, que o tocava, fazia jus, só por êle, à passagem que fôra concedida a sua banda. Tenho a pretensão de entender também um pouco de música, mas quando o trêcho é um tanto difficil, executo-o sorateiramente numa oitava mais baixo; êsse recurso admite-se no amator tímido, porém aqui a bordo o negócio era outro. O clarinete a que aludo não recuava diante de qualquer difficuldade; afrontava-a com desembaraço, que nem sempre era coroado de êxito, e, nesses instantes tinha-se vontade de tapar os ouvidos. Nem pôr isso o destemido músico desanimava. Sua maneira honesta de corresponder ao gesto do comandante proporcionando-lhe transporte, fazia-me recordar antigo modêlo acadêmico contratado por um artista para posar durante três dias. Como, de repente, alguns interêsses houvessem exigido a presença do pintor fora de Paris, teve de paralisar o trabalho, embora disposto a pagar ao modêlo no regresso da sua viagem. À hora indicada para as pôses, o modêlo, sem ter tido ciência da ausência do artista, bate-lhe à porta, torna a bater e, não tendo resposta, resolve-se a fazer jus de qualquer modo aos seus honorários; despe-se tranquilamente e ali mesmo no patamar, em frente à porta da habitação do artista, toma a posição que lhe fôra marcada, repousa nos momentos indicados, e, de quando em quando, interrompido pelas pessoas que descem ou sobem a escada, cumprimenta-as polidamente. Durante os três dias convenionados êsse modêlo cumpriu à risca seu dever, merecendo o seu salário.

Tenho notado que, por uma esquisitice semelhante à que impele as mulheres de pequena estatura para os grandalhões dos tambores-móres, os músicos baixos também preferem os instrumentos grandes. Aquêle pequeno clarinete quase se sumia entre os dedos fornidos do honesto e colossal alemão, ao passo que seu filho, contando apenas

10 anos, soprava com esforço um trombone maior do que ele.

No primeiro dia de audição, os trechos musicais foram apenas ouvidos, mas, na outra tarde, já dois amáveis passageiros valsaram juntos; dois outros os imitaram e, por fim, ousaram fazer convites às damas cujos pés acompanhavam os compassos; improvisou-se dêste modo um baile digno da música, apesar dos balanços do navio. Um abismo imensurável estava debaixo de nossos pés, mas quem pensa nisso ao dançar! Pouco a pouco todos nós íamos nos familiarizando. Intimidades despontaram em um dia como plantas de estufa. Não se realizavam, entretanto, as promessas de encontrar mar calmo e temperatura suportável, ao sairmos de Lisboa, pois o vento permanecia violento. A 14 avistamos Pôrto-Santo e ainda no mesmo dia chegamos a Madeira, um dos lugares que mais desejava visitar. O tempo de demora foi curto: mal pude dar uma vista de olhos na cidade e nos seus habitantes. O bote, que eu e alguns companheiros alugáramos para ir a terra, fôra atracar, por imperícia ou costume, numa praia coberta de seixos para lastro. Tornou-se impossível o desembarque, ali, porque as ondas se quebravam com ímpeto. Foi quando os tripulantes se lembraram de atrelar dois bois à embarcação, o que resolveu o caso em poucos minutos, sem que, todavia, a meio caminho, os passageiros deixassem de cair uns em cima dos outros, como cartas de baralho, causando hilaridade a um bando de tipos esfarrapados já afeitos certamente a essa espécie de espetáculo. Desembarcamos molhados e de mau humor e sem dúvida seríamos seguidos pelos espectadores se por acaso outro grupo de indivíduos ávidos de divertimento não nos aparecesse trazendo-nos cavalos providos de selas e arreios. Cada um de nós montou no seu, para iniciar subida tão penosa quanto as das ruas de Lisboa; esta vez, felizmente, quem padecia com as ladeiras eram os animais. Fomos ver uma igreja cujo nome me escapou; de lá teríamos um belo panorama.

Atravessamos muros de jardins fartamente plantados e cujas flores quase roçavam o chão, e, ora aos solavancos, ora a galope, atingimos o alvo de nosso passeio. Percorri tantas igrejas na Itália e na Espanha, que tôdas elas se misturam nas minhas recordações a ponto de não poder me lembrar nitidamente desta ou daquela, a não ser São Pedro de Roma, as catedrais de Sevilha, de Burgos, de Toledo. Mesmo assim me encontraria embaraçado para atender a uma pergunta concernente a pormenores de uma delas. Mas, se não pude conservar recordação perfeita do templo visitado, na Madeira, do espetáculo dali descortinado jamais me esquecerei.

A Madeira é um jardim; todos os frutos da Europa e os dos trópicos dão-se ali maravilhosamente; possui a ilha o clima mais sadio do mundo inteiro. Para lá vão os doentes desenganados. Os ingleses dispõem de habitações encantadoras; tive ocasião de conhecer, de passagem, algumas dessas vivendas. Procurei, por toda parte, os famosos vinhedos; arrancaram-nos para plantar cana-de-açúcar. Os canaviais estendiam-se por todos os lados. Disseram-me, no entanto, que haviam poupado os vinhedos a leste da ilha.

O cavalo que eu montava tinha o andar muito duro; fui obrigado a apear-me e a puxá-lo pela rédea. Mas, de quando em quando, escorregava, pois a ladeira era calçada com uma espécie de tijolos que com as chuvas se tornavam escorregadios como o g`êlo. Tive de montar de novo. Apesar dos pesares o cavalo possuía os pés mais firmes do que os meus, nesse caminho resvaladiço. Mal chegáramos à base da ladeira, o grupo de esfarrapados acerrou-se de nós novamente; desta vez as risadas foram substituídas por lamúrias. Contrastava o aspecto dos nababos ingleses a tomarem fresco nos terraços de suas lindas vivendas, entre flores, e o daqueles mendigos a choramin-

gar, alguns fazendo lembrar o que pedira esmola a Gil Blas armado de uma escopêta.

Na Madeira o vinho deve ser excelente, pensei com os meus botões; numa ilha em que existem tantas coisas boas, comer-se-á esplêndidamente. Estávamos em terra e despertara-se-me o apetite com aquela corrida de obstáculos. Que engano! Tudo ruim. Principalmente o vinho. E note-se têrmos pago o triplo do que nos teria custado refeição melhor no Café de Paris. Ao regressarmos a bordo compramos poltronas de vime com que inobiliamos a pôpa do navio onde costumávamos nos reunir.

Chegamos a 17 a Tenerife. Como a demora fôsse apenas de duas horas, desisti de ir a terra. Desenhei o pico que se avista a grande distância. O cimo estava encoberto; o resto da montanha vestia-se de neve; em baixo, nevoeiro velando tudo.

Achava-me no camarote a ler, quando se ouviu qualquer coisa de estranho; julguei ter alguém caído ao mar. Gritos e carreiras. Os marujos trepados às vergas, nos ovens, nos cestos das gáveas; os passageiros alvorotados. Distinguia-se uma voz a implorar: "*Não vão matá-lo; êle está ali; não, desapareceu! Ah! Olhe êle outra vez; é brabo, não vão espantá-lo*". Era apenas uma pobre avezinha de arribação e fugida da gaiola, por culpa de uma negra estouvada. Prolongou-se ainda por algum tempo a caça ao bichinho, sem resultado, e, por fim, cada um foi cuidar de seus interesses. No mar, os mínimos incidentes tomam proporções de grandes cenas. Muitas vêzes me entretive, sentado ou deitado perto dos cordames do navio, a contemplar o movimento das vagas, a observar um peixevoador, ou a seguir com a vista um bando de golfinhos subindo ou descendo a correnteza quando se anunciava tempestade. A avezinha fôra um acontecimento. Estava a pensar nela quando a vi descer cautelosamente em direção de uma vasilha cheia d'água; mostrava-se naturalmente fati-

gada com um exercício tanto mais penoso quando vivera tanto tempo no sossêgo de uma gaiola. Pobre bichinho! Essa água foi tirada do mar. Olhas com tristeza em tórno. Que valem agora tuas asas? Mal te susténs e vais morrer. Todavia, no outro dia, quando, de costume, subi ao convés, tive a alegria de ver a fugitiva aparar no bico as primeiras gôtas de uma chuva que dali a pouco se transformou em aguaceiro.

19. Estamos à vista do Cabo Verde. E poucas horas depois fundeávamos em São Vicente. Para quem vem da Madeira o aspecto de desolação dessa ilha mais impressiona. Enquanto grupos de negros abarrotam de carvão o vapor, fomos a terra. E' de côr a maior parte dos habitantes; os próprios soldados portuguezes, em regra, não são brancos. Mal desembarquei, fui cercado de olhares provocadores por parte de negras ainda moças e bonitas, que aguardam a passagem dos que se dirigem ao Brasil. Não vi em tôda a ilha senão árvores raquíticas parecidas com zimbros. Por tôda parte meninos nus me seguiam à distância. Senti sêde porque o sol queimava. Tendo me aproximado de pequena cisterna, ia solicitar de duas velhas pretas a fineza de me darem um pouco d'água que elas tiravam do poço, em uns potes, mas a côr escura do líquido me fêz passar a sêde. Na praia, detritos de mariscos substituíam a areia e, ali, há pequeno obelisco erguido por uma mulher em memória do marido, capitão de um navio ali naufragado. Vêem se ainda restos da embarcação. A temperatura em São Vicente era bem alta e os meus trajos de verão, afinal envergados, pareciam-me pesados.

Foi nesta altura da viagem que, com grande surpresa, vi surgir no tombadilho a tal italiana tão gabada em Southampton. O enjôo prendera-a no camarote, até então, e como agora o mar se mostrava sereno aproveitava-se

das circunstâncias para exhibir seus encantos. Aparecunos com um vestido de veludo verde enfeitado de arminho. Era realmente muito bonita, embora com aquêlê vestido fora da estação. Soube que sua mãe ia todos os anos ao Brasil receber uma herança e de cada viagem se fazia acompanhar de uma filha. Desta vez vinha a quarta, e logo uma multidão de adoradores a cercou. Mas, foi o comissário de bordo quem ganhou a preferênciã: pobre comissário!

De São Vicente a Pernambuco o trajeto é longo. Atravessa-se de verdade o Atlântico e como não houvesse nenhuma escala a monotonia nos envolveu. Ia se tornando insuportável o calor: penetrávamos na região a que os marítimos chamam de esparrela, e, por isso, muita gente não se achava tranqüila. As tormentas sucedem-se repentinamente ao bom tempo. O calor enerva e abate, eu tinha disso experiênciã, pois atravessei o Grande Deserto, e disso me convenci ao viajar mais tarde pelos rios equatoriais. Os que se entregavam à leitura não compreendiam bem o sentido dessas páginas e só faziam bocejar; as danças perdiam o atrativo. Fugia o interêsse de todos os espetáculos, até o do aparecimento de uma baleia. Alguns passageiros ergueram-se de suas cadeiras, foram vê-la, porém voltaram depressa ao repouso com a mesma taciturnidade. Que differença dos dias anteriores! E essa atonia aumentava dia a dia, de tal modo que desaparecera até a tendênciã para se bisbilhotar a vida do vizinho.

Eu esperava as chuvas freqüentes nestas paragens; pelo menos haveria um pouco de frescura. É melhor a gente se molhar, no equador, do que asfixiar-se de um calor que diminui tôdas as faculdades. Todos a bordo pareciam desanimados. Sòmente um grande abalo, um forte acontecimento nos poderia arrancar dêsse torpor. De súbito a equipagem surgiu no convés numa attitude de alarma: os marinheiros correram às embarcações de salva-

mento, soltaram-lhe as amarras; tôdas elas foram descidas ao mar. Os remos ficaram nas suas posições de manejo; outros marujos levaram para os botes sacos de correspondências. Funcionaram as bombas; parou-se a máquina do vapor. O mestre da equipagem, armado de um machado, colocou-se na pôpa do navio. Que era preciso mais para emocionar todos os espíritos? Que é que havia? Que risco corríamos? Todos os olhos fitavam o comandante a dar ordens ao imediato que, por sua vez, as transmitia a um piloto. Êste ia às pressas até a proa, repetindo em voz baixa as instruções recebidas... Ninguém ousava dizer nada, porém todos se achavam curados... Aquilo tudo, afinal, não passava de um exercício para caso de incêndio.

Dali a pouco o tempo se encarregou de completar o espetáculo que o comandante começara. Uma grande nuvem escura avançou para nós, no céu. Ràpidamente. Teríamos agradecido uma boa chuvada, mas um aguaceiro tropical era de mais. Todos trataram de se abrigar. Eu já trazia escolhido, para situações semelhantes, um abrigo entre os galinheiros, e como navegávamos em plena zona dos imprevistos, tive muitas vêzes oportunidade de egoisticamente me servir do meu recanto protetor, deixando os companheiros disputar agasalho perto da escotilha.

Cruzamos a linha no dia 26 às 8 horas e meia da noite. Desconfiara, por certos movimentos estranhos durante o dia, que íamos assistir a alguma cerimônia. Não houve, no entanto, nada de mais. Apenas uma cota para se beber champanha: fêz-se a saúde do comandante com muitos *hip... hip... hurrahs!* mais desagradáveis aos ouvidos do que as rodas dos carros de Lisboa ou as variações do clarinete em *fa*. Êsses gritos me ofereceram uma antecipada sensação da música dos índios.

Mal a sinêta de bordo chamava para as refeições, todos corriam para ser os primeiros à mesa. Os lugares não

eram reservados e, por isso, quem se retardasse ficava sem cadeira. Detestável a comida preparada à inglesa, sobretudo nos últimos dias da viagem; contudo, o que apparecesse nos pratos era devorado. Nos primeiros dias, por hábito de polidez, eu esperava que se servissem antes de mim; percebi, no entanto, ser essa prática tolice, pois os outros dela se aproveitavam para levar os melhores bocados. Infeliz do que fôsse discreto. Tenho viajado bastante e posso afirmar, sem receio de errar, que nunca assisti a cenas menos recomendáveis do que as dessas refeições feitas a muque...

Soberbo o nascer do sol a 1.º de maio. Eu passara a noite inteira nõ convés vivamente impressionado por um singular efeito no céu desde que transpuseramos o equador. Freqüentemente surgia no firmamento límpido extensa nuvem opaca, quase preta, e foi acima de uma dessas nuvens ameaçadoras que me appareceu pela primeira vez a constelação do Cruzciro do Sul, somente visível no hemisfério austral. Já se sumira há dias a estrêla polar e muitos dentre nós não a tornariam a ver. Este pensamento me entristeceu. Todavia, ao avistar êsses astros novos, como que sentia mais a distância aberta entre mim e os meus, dando-me ânsias de regressar para junto dêles o mais depressa possível. Em meio dessas meditações, dêsses projetos de volta, como interrogasse intensamente o horizonte, vai se formar outra nuvem em breves instantes substituindo a que atravessara já o espaço. Pareceu-me distinguir também algumas aves. Redobrou-se-me a atenção. Sinais de árvores no fundo do céu, semelhantes a pontos escuros flutuantes. Levanto-me, contendo a respiração; não, não estou enganado. Tenho a América diante de meus olhos. Aquêles pontos escuros são os cimos das palmeiras cujos troncos por uma miragem desaparecem à vista por efeito do calor. *Terra! Terra!* E ao meu grito todos os companheiros, enjoados, entristecidos, fatigados,

sobem ao convés curados dos seus males, desta vez com mais eficácia do que no dia do exercício de salvamento.

Pouco a pouco os coqueiros tornam-se visíveis. Nenhuma montanha, nenhum segundo plano, apenas árvores e céu. Uma velazinha parece surgir de dentro do mar; caminha na nossa direção com vento a favor. Vemos apenas uma vela, sem sabermos qual o seu ponto de apoio. Intriga-nos a cena. “São jangadas, diz-me ao ouvido um marselhês que vivia há anos em Buenos Aires. O Senhor vai ver daqui a pouco como são embarcações seguras, embora não o pareçam”. Efetivamente, era segura. Meia dúzia de paus amarrados entre si, um banco e, ao centro, um furo onde se fixava o mastro. Nada mais. Nessa espécie de embarcações não se vai ao fundo, é verdade, porém tem-se os pés sempre dentro d’água, e, às vèzes, um pouco mais do que os pés.

“Êsses jangadeiros, fique certo, se lhes pagassem, eram capazes de ir assim até à Europa”. Não me convenci e repliquei: “Acho um arrôjo demasiado. Como se arranjariam êles nessa longa travessia?” E o marselhês respondeu-me sem pestanejar: “Tam costeando”. Não precisei perguntar mais nada: convencera-me.

Aproximávamo-nos de Pernambuco e dali a pouco lançávamos ferro defronte de uma linha de recifes tão regulares que pareciam uma muralha. Do ponto onde nos encontrávamos não se podia descortinar a cidade edificada em terreno muito plano. Mandou-se um bote a terra levar os documentos. Ninguém pensando em desembarcar numa dessas jangadas que podiam ir à Europa pela costa, sobretudo quando o mar arrebetava com violência nos recifes, tivemos de esperar o regresso do bote. O comandante já se mostrara descontente com a demora e ao ver a embarcação foi receber pessoalmente os tripulantes visivelmente embriagados. Como um bom *boxeur* meteu sôcos nos ma-

rinheiros e mandou-os pôr a ferros, o que certamente lhes ajudou a cura.

No dia posterior ao da nossa partida de Pernambuco, quando todos os passageiros ainda estavam deitados, vi aparecerem à pôpa do navio êsses delinqüentes da véspera. Eram conduzidos por um companheiro investido das funções de "capitão de armas"; êste amarrou-os a uma das escadas dos ovens de bombordo, e o mestre de equipagem trouxe um grande cartaz, sem dúvida do regulamento marítimo. O comandante e o imediato leram calmamente os artigos que se referiam às penas impostas com um ar de quem acrescenta: "Nós sentimos ter de fazer isto, mas é da lei". Terminado êsse pequeno conselho de guerra, os culpados foram paternalmente postos a ferros.

Entre Pernambuco e Bahia nada de novo: baleias, aves marinhas, peixes voadores, apenas. Para começar minha coleção de objetos de história natural pedi a um marinheiro me preparasse um dêsses peixes voadores que êle conseguira pescar; meteu-o num barril de salmoura e após essa indispensável precaução estendeu-o numa tâbuazinha; com o auxílio de alfinetes abriu-lhe as barbatanas que servem de asas e devassou êsse curioso engenho que, ao contato com o ar, se tornou completamente rijo. Foi minha primeira lição de embelezamento.

## II

### RIO DE JANEIRO

*Bahia — Chegada ao Rio — Aspecto interno e externo dessa capital — Hospedarias — O cônsul da França — O imperador do Brasil — A imperatriz — Seus hábitos de beneficência — O palácio de São Cristóvão.*

Ao chegarmos à Bahia chovia copiosamente e uma espessa cerração ocultava-nos parte da cidade. Quando o tempo clareou, não fiquei nada satisfeito. O que se me oferecia à vista não correspondia à idéia que eu fizera do Brasil; talvez tivesse outra impressão mais tarde ao desembarcar, mas não confiava muito em que tal acontecesse. E de fato conservei as sensações anteriores depois de ter ido a terra. Nada de pitoresco: por tôda parte negros a gritar e a empurrar. Nenhuma nota singular nos costumes: saias e camisas sujas, pés enlameados, quase sempre inchados a denunciar essa terrível doença, elephantíase, causada pelo deboche. Ouvira dizer que negras bonitas eu as veria na Bahia. Realmente encontrei algumas de belo tipo, mas num cenário de ruas acanhadas da cidade baixa, onde vivem numa atmosfera empéstada negociantes franceses, inglêses, portuguezes, judeus e católicos. Apressei-me em fugir dêsse formigueiro, subindo com dificuldade, como em Lisboa, comprida rua que me levava à parte alta da povoação. Ali, atravessando um jardim, vi, pela primeira

vez, um pássaro-mosca voando em redor de uma laranjeira. Pareceu-me feliz presságio; êle me reconciliava comigo mesmo e com minhas esperanças, anunciando-me verdadeiramente o novo-mundo. Pouco me importavam o teatro, a bolsa, os outros edificios públicos existentes na Bahia. Pensava era em começar minha caça aos insetos, aos pássaros, aos répteis. Eu não viera até cá pelo interesse de cidades.

Aproveitando minha passagem pela Bahia, fui dar um abraço num velho amigo para ali vindo poucos meses antes de mim. Mostrou-se satisfeito com a sua nova vida e desejei-lhe constantes venturas, embora não lhe dizendo que, se me visse na perspectiva de ficar ali residindo, morreria de tédio. Comigo mesmo já decidira que, se o Rio fôsse igual à Bahia, minha demora lá seria a menor possível.

Depois de ver o papa-moscas, o que mais atraiu minha atenção foram as cadeirinhas. São forradas de chita azul escuro, e dois escravos as conduzem, soltando, de quando em quando, consoante o costume, gritos de alerta. Numa rua muito estreita assisti à pitoresca cena do encontro de duas dessas cadeirinhas que, indo uma em sentido contrário da outra, não queriam recuar nem avançar. Numa delas ia gorda mulata que insistia para que os seus portadores continuassem o trajeto, enquanto as da outra cadeirinha a isso se opunham e não cediam o passo. Não sei que fim teve a história, pois estava na hora do jantar e retirei-me do local. O hotel que procuramos para comer pertencia a um tal Sr. Janeiro ou Fevereiro, e estava sendo reformado à francesa. A uma mesa, perto da nossa, sentara-se a bela italiana, e enquanto aguardava o prato pedido sorvia cálices de vinho. Pouco depois appareceu a mãe, seguida de um bonito, gordo e elegante brasileiro, todo cheio de anéis e berloques e trajando roupa preta, como de uso nos trópicos. Era certamente parente

das duas mulheres, pois, terminado o jantar, saiu sozinho com a mais moça delas. A bordo, de binóculo em punho, o comissário esperava a volta da italiana, mas quem ali voltou, e para retirar as bagagens, foi a velha. Os ares da Bahia lhe haviam sido aconselhados como saudáveis... De certo, nesse momento, o comissário se lembrou da conhecida história de Ariana abandonada.

Três dias decorridos mais entrávamos na magnífica baía do Rio de Janeiro. Um negociante francês, com quem me dera na viagem, mostrava-me, com entusiasmo, os vários pontos que íamos descortinando. Eu não podia, no entanto, corresponder intimamente à alegria por êle demonstrada, pois, imbuído de minhas tristezas, julgava as coisas de modo diferente. Meu companheiro era casado com uma linda mulher e ia revê-la dali a pouco; ambos gozariam os proventos das economias realizadas juntas com muito trabalho. Eu, ao contrário, deixara família na Europa e não podia esquecê-la, nem à fôrça de uma ocupação habitual, nem diante dessas maravilhas, dêsse desconhecido que viera procurar. "Olhe ali Botafogo, dizia-me êle, o hospital fica ao fundo, dêste lado; aquela colina à beira-mar, povoada de casinhas cercadas de árvores, é a Glória; perto, onde você vê aquelas habitações brancas e róseas, é o Catete, o bairro Saint Germain do Rio; a outra colina, onde existe um aqueduto, chama-se Santa Teresa, recanto muito aprazível. Vá morar lá; não há febre amarela. No alto daquele rochedo fica o Castelo. Não está vendo os sinais? Todos os navios são ali anunciados desde que aparecem ao longe". Todos êsses pormenores tinham para mim grande interêsse, pois denotavam achar-me numa cidade que não se parecia com a Bahia. Sem querer fui me entusiasmando também; meu companheiro continuava a me mostrar tudo o que era visto, com minúcias, e com um carinho tal que se diria fôsem todos êsses aspectos de sua propriedade. Tudo era dêle. O sol

não era como no Rio; o ar não era perfumado como no Rio. Contudo, quanto a êste último conceito eu poderia arriscar certa restrição: aproximávamo-nos de um cais povoado de negros que traziam certos objetos cuja utilidade a princípio não pude perceber bem. Milhares de gaiotas voavam-lhes em tórno. Que quereriam as aves? Pareceu-me grande intimidade as ligava aos negros, sobretudo aos recém-chegados. Nada podia, porém, arrancar o meu amigo à sua admiração. Ele já me mostrara o rochedo conhecido de todos os navegantes, o Pão de Açúcar; depois o Corcovado, de onde se descortina amplo panorama; e, como tivesse notado no pico dessa montanha ponto branco semelhante a neve, fui informado de que, tendo se dado vários desastres na travessia de um precipício, o govêrno mandara construir ali uma espécie de parapeito. E, desde essa época, nunca mais houve acidente a lamentar. Todo mundo que aqui chega vai ao Corcovado admirar a "vista"; é assim que chamam os cenários que dêsse alto se desvendam. Também se visita o Jardim Botânico, não tanto pelas riquezas de história natural que possui, mas para ver uma alameda de palmeiras de uma beleza realmente notável.

Entrementes, fundeávamos dentro do pôrto. Não se devia pensar em conduzir logo suas bagagens; tinham de ir para a Alfândega e ali demorariam dois ou três dias. O jeito era levar num embrulho alguma coisa necessária durante êsse tempo. Inúmeros botes cercavam o vapor. Uns, vazios, à cata de fregueses, outros trazendo famílias e amigos. Desembarquei com meu companheiro de viagem, num bote onde já se encontravam as pessoas que o tinham vindo receber. O Sr. Aumont, com quem a bordo eu fizera relações mais íntimas, atraído por grande simpatia, já desembarcara e me prometera arranjar bom quarto no hotel Ravaud, a nós recomendado.

Ao pôr o pé num cais, o dos Mineiros, escorreguei e quase caía ao mar; dali tomei a rua Direita, em parte ha-

bitada por negociantes portuguezes. Nela ficam a Alfândega e o Correio. As calçadas eram ocupadas pelas mais belas e altas negras que já conheci. Entramos na famosa rua do Ouvidor, rua francesa de ponta a ponta; os comerciantes ali estabelecidos denominam-na modestamente de rua Vivienne. A cidade, pode-se dizer, resume nessa artéria; ali se passeia e ali as damas exibem seus trajos.

O momento, porém, não seria bastante para estudar os costumes do Brasil; tornava-se preciso primeiro me aboletar num hotel e já sabia que isso me custaria, pelo menos, 20 francos diários. Resignara-me ao preço. Ao entrar no hotel encontrei, graças aos cuidados do senhor Aumont, a refeição pronta; quanto a quarto só havia um para nós dois. E assim mesmo sem janelas; a luz entrava por uma espécie de óculo, o que se resumia num calabouço para quem quer repouso após um mês de desconforto a bordo. Armários, nem sombra! Tínhamos de guardar nossa roupa à moda matuta; numa trouxa. O que fazia mais falta era o ar. Viver no Brasil sem ar é suportar o suplício dos cárceres de Veneza; é mais duro do que as calmarias do equador. Muitas vèzes à meia-noite, tive de sair da cama e de me deitar numa poltrona de vime. Por seu lado, o Sr. Aumont lutava com inimigos invisíveis. Tivéramos já de combater os mosquitos, cujas picadas são terríveis, mas, desta vez, o adversário era outro. Os novos assaltantes deviam ser numerosos. Ao acendermos as velas, descobrimos um mundo de bichinhos escuros, de compridas pernas, rápidos como estrêlas cadentes e que desapareciam às nossas vistas com rapidez inacreditável. Buscas minuciosas dadas para encontrá-los eram infrutíferas, porém, mal se apagavam de novo as luzes, a "dança" recomeçava. Contudo, devíamos saber ao certo do que se tratava. Reacesa a vela, de repente, precipitei-me para a cama e esmaguei sem pena um dos pequenos animais. Que horror! Era um

percevejo dos maiores (dão-lhes o nome de *baratos*, no Brasil), um percevejo muito mais feio do que os já vistos certa vez na minha mocidade. Um navio de guerra, no qual eu vivera durante um ano, trouxera do Senegal alguns bichinhos dessa espécie e de tal modo proliferaram que, com pouco tempo, tôda a embarcação fôra por êles invadida. Muitos anos se passaram, mas quando dêles me recordo ainda fico todo arrepiado. E eis-me de novo às voltas com os terríveis percevejos. A cama do Sr. Aumont ainda estava mais infestada do que a minha. Tivemos de nos sentar nas cadeiras e, de velas acesas, esperar com paciência que clareasse.

No dia seguinte ao da nossa chegada fui visitar o Sr. Taunay, cônsul da França, para quem trouxera cartas de recomendação. Duas pessoas ali conversavam. Uma, em voz alta, outra mais baixo; e se, sem querer, eu ouvia bem o que dizia a primeira, o mesmo não acontecia quanto ao outro que, pelo seus modos mansos, me pareceu um solicitante. O presumível protetor era um pedinchão; o outro, tão simples, quer no falar, quer nos gestos, era o cônsul. Que êle me desculpe se me valho da oportunidade destas impressões de viagem, para afirmar que de todos os homens a quem tenho conhecido na vida nunca encontrei outro que o sobrepujasse pelo caráter. Sômente vive para fazer o bem o Sr. Taunay. Dá tudo o que tem, até as próprias roupas. Priva-se de comodidades, anda a pé, mesmo em distâncias longas e fatigantes, contanto que reserve o dinheiro, com que pagaria as carruagens, para os pobres.

Deu-me o Sr. Taunay uma carta de apresentação para o mordomo do palácio M.P.B. E graças a essa apresentação deixei de pagar os pesados direitos aduaneiros que agravam os menores objetos vindos da Europa. O senhor M.P.B. acolheu-me com bastante amabilidade, sem, todavia, deixar de entrever que êle, como quase todos os bra-

sileiros, não olham com bons olhos os estrangeiros. Como não viesse pedir emprêgo e tencionasse me demorar no Rio o tempo indispensável para conseguir os meios de realizar uma excursão pelo interior, não liguei importância ao modo um tanto reservado com que fui recebido; manifestei-lhe o desejo de ser apresentado ao Imperador, para quem trouxera preciosas recomendações, e recebi a promessa de ser atendido. Apenas teria de esperar alguns dias, porque Sua Majestade estava em Petrópolis, na residência de verão.

Enquanto aguardava êsse regresso, percorri a cidade, com meu companheiro de quarto e de infortúnios, à procura de outro teto. Enverguei, para êsse passeio, as roupas leves compradas na "Belle Jardinière", mas me senti acanhado ao reparar que todos me olhavam com espanto semelhante ao que manifestávamos antigamente diante de um árabe com seu albornoz ou um grego com sua saia pregueada. Por tôda parte o prêto predominava. Os caixeiros das lojas, manejando as vassouras, já vestiam, às 7 da manhã, elegantes redingotes de casemira. O branco, neste país, onde o prêto deveria ser castigo para os galés, era desconhecido. Acreditem e tomem nota para seguir o exemplo. Contudo um me foi dado aqui e adotei-o: o de nunca sair à rua sem guarda-chuva. Não obstante nosso modo de trajar, tivemos de prosseguir na nossa procura de hospedaria. Passamos por uma praça onde havia magnífico chafariz, bem original aliás, porquanto dispunha de umas dezenas de torneiras como jamais vira em quantidade. Uns cinqüenta negros e negras, sempre aos berros, sucessivamente, iam enchendo seus potes sem grande demora.

Atravessando ruas e mais ruas, chegamos ao cais, onde viviam muitos urubus. Já verificara qual o motivo que os atraía para os negros: eram nem mais nem menos os vasos e cestos transbordantes de sujidades que se despejavam

na praia. Ao viajar temos de observar tudo. No cais existe, vizinho ao mar, magnífico hospital. Adiante num terraço, vêem-se dois elegantes pavilhões: é o passeio público. Não pude nesse dia visitá-lo; iamós ver uma casa na encosta de uma colina em cujo alto existe uma igreja, e que reunia duas condições bem agradáveis: o mar, para o banho, e árvores, para nos protegerem do sol; nada havia para se alugar, no entanto, ali, e continuamos nossas buscas desejosos de abandonar o hotel dos percevejos o mais depressa possível. Depois da Glória, como se chama a tal colina, vai-se ao Catete, de que ela faz parte. Nêles moram os aristocratas da nobreza e do dinheiro; é, como já acentuei, uma espécie do bairro de Saint Germain no Rio. Lindas casas, encantadores parques, tornam essa parte da cidade bem convidativa; se bem que a febre amarela não a poupe, ao que dizem, por causa da vizinhança do mar. É pelo menos o que afirmam. Eu esperava encontrar aqui, como em Lisboa e Madeira, ruas cheias de flores; tal não acontece, porém, e os jardins, por mais interessantes que sejam, não se comparam aos nossos. Nêles não vi flores magníficas como as que ornamentam nossas estufas. Prosseguindo em nosso caminho, chegamos a Botafogo, numa praia. A mais bela habitação pertence ao marquês de Abrantes, esclarecido espírito protetor das artes, ao que asseguram. Em nenhum ponto dêsse trajeto obtivemos casa para nos instalarmos. Aliás, teríamos de comprar móveis e alugar um negro ou uma negra para a cozinha. E eu tinha, num só dia, avaliado os inconvenientes de longa permanência na cidade. Decidimos assim ficar mesmo no hotel, uma vez conseguido outro quarto, com janela. Regressamos a penates num pequeno barco a vapor:

Não me convindo demorar mais a visita ao Imperador, para lhe entregar as cartas de recomendação, resolvi ir até Petrópolis. Neste ínterim, porém, Sua Ma-

jestade voltava à Côrte e, no dia seguinte, fui ao palácio de São Cristóvão, mais ou menos, às 11 horas. M. B. mandou-me entrar para uma galeria de arquitetura bastante simples, onde esperei Sua Majestade. Experimentava grande estranheza nisso, pois em Paris me garantira pessoa bem informada que a etiqueta no Brasil não permite se falar com o monarca e sim a um seu conselheiro, que traduz os pedidos, os quais são depois lidos diante do Imperador, a fim de poupá-lo do incômodo de estar atendendo aos visitantes. Se a carta ou o pedido merecer resposta, deve-se deixar o enderêço, e será feliz o que tiver solução dentro de um mês.

De conformidade com êsse cerimonial, que lembrava o das côrtes despóticas do Oriente, esperava a todo momento que apparecesse o introdutor quando de uma peça, ao fundo da galeria, me surge o Imperador, que, muito gentilmente, recebeu a carta que lhe estendi. Após havê-la lido, teve a extrema bondade de indagar o que eu desejava do Brasil; fêz-me perguntas sôbre minhas viagens, parecendo verdadeiramente interessado com as respostas, notadamente no que dizia respeito ao polo Norte. Saí encantado dessa audiência, tão diferente do que esperara. Esqueci-me de dizer que Sua Majestade, curioso de ver alguns esboços por mim trazidos da Europa, deu ordens para que me conduzissem imediatamente ao paço da cidade e ali escolhesse o apartamento que me conviesse.

Bem se vê como devemos desconfiar de certas informações. Contrariamente ao que me asseguraram, Sua Majestade acolhe bondosamente a todos os que o procuram, sem distinção de classes. Sempre os que o visitam se trajam convenientemente. Não há, porém, nenhum rigor nessa indumentária. Presenciei várias pessoas por êle recebidas vestidas com simplicidade. Todos são, inclusive os pobres, atendidos naquela galeria do palácio de São Cristóvão onde o monarca passa uma parte do ano.

Tive de fazer, doutra vez, curta visita, a deliciosa vivenda, a um quarto de légua de São Cristóvão. O senhor Conde de Barral, que conheci em Paris, dera-me uma carta para a Condessa, que exercia importantes funções junto às princesas Leopoldina e Isabel. Essa senhora ofereceu-me seu auxílio no que precisasse durante o tempo de estada no Rio, o que me foi de valioso préstimo; deixou-me aqui o meu reconhecimento.

Fôra, dias antes dessa visita, procurar minhas bagagens na Alfândega. Compara-se essa repartição à Tôrre de Babel, que lamento não haver conhecido, onde as malas, as caixas dos viajantes, empilhadas ao acaso, se misturam num Cafarnaum; os que possuíam objetos frágeis, depois de haver, infrutiferamente, escalado as camadas superiores, onde com certeza se encontrariam, desciam desalentados para irem por fim descobrir suas caixas de chapéus ou de vestidos finos e toucados de renda de baixo do pêso dos maiores volumes. Haviam retirado primeiro de bordo os objetos mais leves, que vêm sempre mais a mão, e depois os de maior tamanho. Os negros encarregados dêsse trabalho não se embaraçam com tais pormenores e do alto das cabeças onde os conduzem vão atirando ao chão as suas cargas sem atender a fragilidades. De minha parte, trouxera três caixas; duas foram a custo encontradas, mas da terceira não existiam traços. Tive de voltar no dia seguinte. Felizmente pude reavê-la sã e salva e, como confessei, sem nada pagar, enquanto uma senhora tivera de desembolsar 6 francos por um pintassilgo e um canário. Todavia, como a felicidade nunca é de todo completa, perdi na confusão, as minhas chaves.

No dia marcado pelo Imperador para visitar meu *atelier*, dispus do melhor modo meus desenhos e ainda me lembro, com pavor, o que estive a ponto de me acontecer. Sua Majestade me dissera que viria às 4 horas; eram já

quase 6 e eu, cedendo a um sono em vão combatido, ia adormecendo, quando de repente ouvi passos precipitados e despertei assustado. Quase o Imperador me surpreendia a dormir.

Aproveitei os dias seguintes para continuar minha visita à cidade. Mas não me era dado levar a vida a percorrer ruas. Enquanto aguardava certas informações ainda não obtidas, dispus-me a fazer uns estudos de paisagem numa montanha chamada Tijuca. Vai-se até lá a comêço num ônibus; depois tomam-se mulas ao pé da serra para subi-la. Aconselharam-me levasse um negro para conduzir minha maleta, garantindo-me não teria preocupações com êsse transporte. Os negros, no Rio, encarregam-se dessas comissões, mas os salários em vez de lhes serem pagos, cabem aos senhores. Reccei, porém, entregar minha maleta aos riscos de um extravio, e, preferi acompanhá-la de perto, embora a pé, até o local onde se alugavam as mulas. A todos a quem fiz sentir esta minha resolução causei risos ou espanto: tomaram-me como doido. Eu não chegaria vivo ao término de tal caminhada. Convém acentuar que o clima torna os europeus tão indolentes quanto os habitantes do sul, após sua chegada ao Brasil. Enfraquecem, não andam mais a pé, e esperam a noite para realizar pequena excursão. Dêste modo minha deliberação de levar a efeito um modesto trajeto de alguns quilômetros em pleno dia, a fim de atingir meu destino antes do morrer do sol, parecia a todos um ato de temeridade inqualificável, o que, todavia, não impediu minha partida, por volta de 11 horas, seguido de um negro. Deveríamos pernoitar num hotel, à base da montanha, se me sentisse muito fatigado. Minha mala era pesada e ao cabo de uma hora o pobre diabo tinha o aspecto de estátua de bronze tanto sua pele se tornara luzidia pelo suor a banhá-lo inteiramente. Abrigado sob o chapéu de sol, eu o acompanhava a custo, reconhecendo, a cada passo, fizera uma

loucura nessa marcha forçada debaixo de um sol a que não estava ainda afeito e principiava a me dar vertigens; vencemos algumas léguas e depois subimos tão rapidamente uma ladeira que resolvi mesmo repousar no hotel. Mas, onde ficaria êsse hotel? Eu não sabia português para indagar direito. Parei, por fim, à porta de uma casa onde bati e pedi um copo d'água. O proprietário, evidentemente estrangeiro, veio ao meu encontro e falou francês; era o cônsul da Suécia, que, por acaso, se dedicava ao estudo da entomologia; também minha paixão. Durante meu descanso o cônsul me mostrou suas preciosidades, que invejei e desejei também possuir um dia, se conseguisse viver algum tempo nas florestas.

Soube já havermos passado pelo hotel procurado. O negro, por ignorância, não parara à sua porta e tínhamos percorrido um trecho da encosta da Tijuca. Para voltar ao ponto onde existia a hospedaria teríamos de andar tanto tempo quanto o necessário para atingir o alto da montanha. Decidi-me pela segunda hipótese e, após agradecer ao cônsul a gentileza do descanso proporcionado, prossegui na caminhada e fui parar, mais morto do que vivo, à porta de um hotel pertencente a um inglês. Levava-lhe carta de apresentação; o destinatário, depois de lê-la com tôda gravidade, declarou-me não dispor de cômodos; todos os quartos estavam alugados a compatriotas cujo *farniente* eu nesse momento ambicionava mais do que tudo no mundo, enquanto, de pé, aguardava o que ia fazer de mim êsse soberano da Tijuca. Acompanhou-me a outra dependência, recentemente construída, e destinada aos hóspedes de menor importância. Ali me deu uma espécie de célula.

Paguei pelo negro 2\$0, um pouco menos de 6 francos, e depois de jantar metade à inglesa, metade à brasileira, fui passear um pouco, até ao escurecer, admirando tudo, respirando um ar agradável, quase frio, de que me acha-

va privado há algum tempo. No dia seguinte, hesitante sobre o que devia pintar, preparava meu material quando vários companheiros de bordo, montados em burros, chegaram ali para passar o domingo comigo; mostravam-se alegres e dispostos, pois, mais prudentes do que eu, tinham feito a viagem de ônibus e em animais. Escanchei-me igualmente numa mula e fomos ver a grande cascata cujas águas vão se misturar com as do mar. Essa pequena excursão foi-me como um prelúdio de tôdas as maravilhas do Brasil; por todos os lados plantações de café; à frente de cada casa estendia-se um terreiro plano semelhante às nossas áreas de bater o trigo; e por trás de imensos rochedos, próximos e de côr roxeada, percebia-se o rumor das águas correntes, escondidas entre a luxuriosa vegetação a bordar nosso caminho.

Decorrida uma hora da partida, fizemos alto numa barraca onde se encontra tudo, menos o que se deseja. Deixando ali nossas montarias, metemo-nos por veredas quase impenetráveis e serpenteantes entre bananeiras e cafeeiros. Atingimos a cachoeira: — enorme rochedo, sem vegetação, apenas sustentado por uma pedra que deixa ver o abismo, ergue-se ao lado esquerdo da cascata como para lhe emprestar tom de maior pitoresco e lhe servir de repuxo. A água, após haver pulado de rochedo em rochedo, estaca numa espécie de patamar, onde se formam pequenos tanques, nos quais se pode tomar banho sem receio, e, em seguida, a água se precipita por uma encosta única e cai de grande altura. Banhando as vizinhanças de várias habitações, caminha, então, para o mar.

Sempre apreciando o que se me ia oferecendo à vista, no passeio, notei delicioso recanto ornado de lindas espécies vegetais e banhado por um regato. Era excelente motivo para meu pincel e guardei-o na memória para outra visita. Meus companheiros voltaram à cidade de

noite. Eu fiquei para passar uns 15 dias nesse agradável sítio, onde teria muito que fazer. Tudo me era novidade. Demoraria até que me fôsse dado penetrar nas florestas virgens. Apenas existia pequena dificuldade, aliás, apresentada várias vèzes no Rio: nos paízes em que predomina a escravidão fica feio a quem quer que seja carregar embrulhos; o costume é de se fazer acompanhar de um negro, que leva êsses pequenos objetos, sempre fáceis de se meter nos bolsos. Há como uma espécie de desonra em se conduzir volumes de qualquer natureza. Meu caso seria ainda mais grave pois teria de carregar às costas uma mochila de soldado com a caixa das tintas, um pau para apoio do parassol, e, dêste modo, passar por entre ricaços, moças e até negros de mãos vazias, os quais se sentiriam chocados com a minha figura.

Não obstante essas contingências e, como-me fôsse desagradável ter um estranho todos os dias ao meu lado, muni-me de comida para o almôço no campo, e, mal o relógio soava às 6 da manhã punha o saco às costas e partia. Longa a caminhada; chegava ao ponto desejado realmente cansado. Tomei um banho, o que me fêz muito bem e durante o dia inteiro pintei, à sombra de copadas árvores e a ouvir o estrontlo da cachoeira. Enfim, eu vivia! Eu voltara a ser pintor! Um panorama esplêndido estava a disposição de meus olhos e pela primeira vez, desde que deixara a Europa, me senti plenamente feliz. E, também, pela primeira vez, travei relações com as formigas, que enguliram metade do meu almôço, enquanto eu trabalhava. Todavia, que belo dia desfrutei e com que satisfação pensava em repeti-lo! Há muito tempo ansiava por essa ventura! Quando dei por terminada minha tarefa, à tarde, retomei o saco e o guarda-sol. Escravos com quem ia cruzando me olhavam com espanto: era inacreditável o que viam. Um homem livre, um doutor talvez (no Brasil cada profissão tem seus doutôres),

um branco carregado de coisas!...: Ao recntrar no hotel, outro acontecimento de sensação me esperava. À porta da hospedaria achava-se, cercado de curiosos, um mensageiro de farda bordada e a minha espera. Imaginem o contraste! Um mensageiro do palácio imperial a aguardar um carregador! Certamente falarão por longo tempo dêsse espetáculo inexplicável. Como a carta era endereçada ao Sr. Biard e, como êsse nome era o do meu registro no livro do hotel, eu tinha o direito de abrir o envelope, por mais estranho que isso parecesse. Da Côte me transmitiam o desejo de Sua Majestade a Imperatriz de que lhe fizesse um retrato, de corpo inteiro, e em traje de gala, semelhante aos das princesas Isabel e Leopoldina.

Tinha, portanto, de dizer adeus a esta boa vida do campo e à cascata. Ia deixá-los e sem saber se poderia tornar a vê-los. Mas dispunha ainda de dois dias: no seguinte fui terminar a tela começada. Ao regressar do trabalho, surpreendeu-me a presença de duas pessoas, com as quais já mantivera relações quase de intimidade: vieram-me buscar imediatamente e eis a razão por quê. Na minha ausência figuras eminentes pela posição social e pela cultura haviam resolvido fundar no Rio uma Sociedade dos Amigos da Arte e minha presença nessa cidade fôra o natural pretexto para proporcionar aos amadores um estímulo, certos todos de que depois tudo marcharia maravilhosamente, o que não acontecia com a Academia de Belas Artes até então, pois dispunha de 9 professores e apenas 3 alunos. O diretor dessa Academia, homem de grande percepção, notável médico, não dispunha todavia das qualidades necessárias para animar os artista. Esqueci tôdas as razões que me apresentaram para me convencerem de que ia prestar um valioso serviço à mocidade estudiosa, a qual precisava de um bom orientador e confesso que não pude conter certa emoção.

Ligaria meu nome ao reconhecimento das artes no Brasil. O que Debray e Taunay haviam iniciado no tempo do bom rei D. João VI eu continuaria, sem que me pudessem obstar o aproveitamento dessa missão oferecida com tanta gentileza e bondade. Uma carruagem estava a minha disposição; foi só tratar da bagagem e partir. Numa curva do caminho descortinei um espetáculo soberbo: lá em baixo tôdas as ruas iluminadas, tôda a cidade verdadeiramente feérica. Os lampiões a gás espalhados pelas montanhas, como as de Santa Teresa do Castelo e Glória, destacavam-se no céu, misturavam-se com as estrêlas, no meio das quais o Cruzeiro do Sul brilhava como uma cruz de fogo.

Talvez seja o Rio a única cidade do mundo que ofereça êste aspecto por ser tôda cercada de montanhas, possuindo mesmo algumas no seu próprio seio. Êsses vários planos luminosos fazem pensar nos "Contos das Mil e uma Noites". Foi pelo menos a imagem que me veio à idéia ao contemplá-lo assim do alto, nesta bela noite tropical em que a claridade dos astros rivaliza com a do próprio dia. A presença das bananeiras, das magnólias e das palmeiras mais concorria para a ilusão de um sonho oriental.

Há tempos eu fôra, na companhia do digno almirante Parceval Deschênes, visitar a cidade de Rosette e ver o Nilo e o Delta. Eu me afastara um pouco, ao cair da noite, deixando a caravana marchar a minha frente e confiado nas pernas do meu camelo para alcançá-la quando me aprouvesse. Era na época do Ramadan. Recordo-me que, tendo fechado os olhos, a pensar não sei bem em que, ao reabri-los julguei-me transportado a um país imaginário: todos os minaretes tinham sido iluminados e a cidade parecia abrasada, verdadeiro oasis cercado de areias do deserto de Barca, à exceção do lado sudoeste

que é banhado pelas águas do Nilo. Por alguns momentos sonhei ser o príncipe Cameralzaman ou Ali-Baba. Ali eu poderia divagar à vontade; meu camelo tinha o passo firme ao caminhar na areia, mas aqui, na descida da Tijuca, como era necessário prestar atenção à mula, o meu sonho se dissipou mal o animal prosseguiu na marcha. Eu disse que no sopé da montanha uma carruagem nos esperava. A estrada era larga, porém cheia de buracos, de pedrãs, de atoleiros que nos expunham a constantes solavancos. Graças a Deus, meu veículo resistiu. Dessa viagem ficou-me o sentimento de grande admiração pelo artista que construíra êsse carro e prometi a mim mesmo ir cumprimentá-lo quando uma parte, embora pequena, das promessas que me faziam, se realizasse.

Esperando por isso, comecei dois quadros: o de Sua Majestade a Imperatriz e o das duas princesas. Ia diariamente a São Cristóvão, que fica a alguns quilômetros da cidade. As pôses eram feitas na biblioteca do Imperador. Meu traje de rigor era o prêto. Ora, como é difícil se encontrar auxiliares que entendam do que um pintor precisa, era obrigado a cuidar de tudo, inclusive de espichar as telas após haver me desesperançado de explicar êsse serviço aos homens que me ajudavam. Não sabia falar português e valia-me de intérpretes, o que não dava bons resultados quase sempre; tinha mesmo de esticar as telas, metido numa roupa preta, o que, depois de uma caminhada de uma hora e meia, se tornava sobremodo fatigante. Todavia, fiz sempre êsse trajeto a pé; em caminho estudava português, fazia esboços, e, do mesmo modo, regressava lendo. O tempo assim me parecia passar mais depressa. A impressão de bondade que a imperatriz oferecia a todo mundo que dela se acercava não se desmentiu para comigo. Recordarei eternamente a lembrança da benevolência com que me distinguiu, indagando até de minha

família quando chegava vapor da Europa. Não me permite o profundo respeito que Sua Majestade me inspirou, falar do que pessoalmente lhe fiquei devendo; mas quem quer que vá ao Rio, procure um desgraçado qualquer que a ela tenha recorrido sem ser satisfeito e não o encontrará.

Sòmente aos domingos eu podia ir trabalhar nos retratos das princesas, porque nos dias de semana elas estavam presas aos estudos. O imperador ensinava-lhes até astronomia, ciência de que entendia bastante. O trabalho efetuava-se geralmente após o almoço; de raro antes dessa refeição. As sessões, porém, eram infelizmente curtas e nem sempre a luz as favorecia nessa biblioteca rasgada de janelas por todos os lados. O imperador, com freqüência, vinha assistir ao meu trabalho e me surpreendia com o acêrto de suas apreciações.

Por mil motivos, que julgo desnecessário expor aqui, a Sociedade dos Amigos da Arte não teve êxito. Pessoas contrariadas com êsse fracasso afirmaram que, se se tratasse de uma sociedade de danças, de mágicos ou de mamulengos, o triunfo seria certo. Não posso referendar esta opinião porque não morei no Rio o tempo suficiente para julgá-la.

Tão ocupado eu andava com minhas viagens da cidade a São Cristóvão e de São Cristóvão à cidade que mal tinha folga para conhecê-la bastante. Ao voltar jantava e dali a pouco ia me deitar, sem sair do hotel onde obtivera um quarto com janela. Por fim, a fim de cuidar melhor dos retratos, eu me instalara no Paço, e, para evitar o incômodo de atravessar os pátios onde permaneciam as sentinelas, haviam me confiado uma chave da porta que se abria para a rua da Misericórdia. Essa chave despertou-me dois sentimentos bem diversos: o de satisfação, por poder entrar e sair a qualquer hora, sem cerimônia; o de espanto, pelo tamanho dessa chave, que não

cabia em nenhum dos meus bolsos. Contudo, aceitei-a com reconhecimento, embora tivesse de aumentar uma das minhas algibeiras. Não me foi possível, porém, diminuir o peso do objeto. Por vêzes eu me esquecia de que a trazia comigo, e, nesses momentos, ao me sentar em cima, reerguia-me de golpe como se me tivesse sentado sobre uma cobra. Pouco a pouco me acostumei com êsse pesadelo.

Nos intervalos do meu trabalho eu continuava a observar os costumes da terra. Ia todós os dias ao mercado. É ali que melhor se apreciam os usos de um povo... Tôdas as manhãs embarcações trazem das ilhas próximas laranjas, bananas, lenha, peixes; é um espetáculo divertido no qual tomam parte os negros a gritar, chamar, rir ou chorar. E como êsses barcos não podem se aproximar do cais por causa de uma rampa de pedra que desce até o mar, outros pretos, munidos de um balaio redondo, entram n'água e por vêzes formam fila para se despacharem mais depressa. Quando é alta a maré, aumenta o pagode costumeiro; caem mercadorias dentro d'água e os escravos recebem como castigo socos e pauladas. Nas vizinhanças, abrigadas em barracas, negras vendem café e carne sêca com feijão, prato habitual da gente pobre e freqüentemente das classes mais finas.

Por êsse cais vagam os regateadores olhando e cobicando os artigos que mais lhes interessam. A mim, o que mais atraía a atenção eram magníficas coleções de pássaros. Quisera comprá-los todos para os conservar empalhados, mas a habilidade de embalsamador, adquirida depois, não me era ainda concedida.

Defronte dêsse cais, tão movimentado, fica o mercado pròpriamente dito, cercado de uma galeria onde há as lojas que vendem colchões, esteiras, cabaços e geralmente todos os utensílios domésticos. Ali também se expõem à venda peixes já escamados e partidos, pássaros,

macacos, etc. Possuía, na França, um viveiro e, ao ver as aves brasileiras, tão ricas de plumagens coloridas, dava-me sempre desejo de adquiri-las. O que não se encontra facilmente, ou custa muito caro, é uma gaiola forte (as usadas aqui são de junco). Com dificuldade encontrei uma das que procurava num depósito de coisas velhas; estava um tanto estragada, com os ponteiros tortos, mas comprei um pouco de arame e com o jeito que me foi possível nessa espécie de trabalho passei dois dias a endireitar tudo... Reposta na sua utilidade a gaiola, comecei a organizar minha coleção de pássaros. Admirava-me, no entanto, notar a existência de poucos apaixonados pela ornitologia, neste país; as raras gaiolas que se vêem abrigam quase sempre um canário ou um pintassilgo. Dá-se o mesmo com as flores. São raras as espécies tropicais; só se cultivam rosas.

Ia-me correndo o tempo agradavelmente; trabalhava durante uma parte do dia; defronte ficava a Câmara dos Deputados, o que me permitia ouvir, sem me incomodar, belos discursos que os jornais no dia seguinte reproduziam; desenhava transeuntes, recebia muitas visitas e toda a imprensa me tratava com bastante gentileza. Eu havia comprado um redingote preto, suportava muito calor, porém recebia provas de alta consideração. Que queria mais? Hospedado num palácio real, de onde via a guarda-nacional fazer exercícios com seus sapadores cujos aventais variam com o regimento a que pertencem, uns imitando a pele do tigre, outros ornados de duas plantas nacionais, o chá e o café, pintadas a óleo, de modo bizarro. Era-me permitido dali assistir ao desfile das forças, os soldados e os oficiais que levavam debaixo dos braços seus bonés de pêlo ou suas barretinas. A meus olhos desenrolavam-se precisas manobras nas quais observava com prazer a prudência que anima a guarda nacional; cada soldado-cidadão, visando sem

dúvida o interêsse do seu vizinho de fileira, fazia fogo ora um pouco antes, ora um tanto depois da ordem, virando a cara.

Não obstante todos êsses motivos de distração, sentia falta de qualquer coisa. Existiam vários inconvenientes que não pudera afastar; inimigos que me atacavam sem piedade e que não me foi possível vencer: os mosquitos e as formigas. Nesse enorme palácio, pouco habitado, viviam miríades dêsses esfaimados bichinhos. Apesar de ter o cuidado de cerrar completamente o mosquitoeiro da cama, era sugado à vontade pelos mosquitos e não podia dormir melhor do que no hotel dos percevejos; depois de ensaiar mil recursos de proteção, cheguei a adotar um dêles: pregara uma das pontas do cortinado à cabeceira e outra ao pé da cama, deixando apenas uma brecha que eu abria rapidamente no momento exato de me enfiar nas cobertas que me protegiam inteiramente como um teto. Êste, no entanto, era muito baixo, e, por`isso, os mosquitos achavam jeito de picar as partes salientes do meu corpo, ainda que fôsse apenas o nariz.

Aborreci-me da comida do restaurante e resolvi fazer as refeições no meu próprio aposento. Para isso improvisei uma mesa e mandava comprar conservas, bananas e laranjas. Tinha, porém, de defender minhas provisões das formigas, sobretudo as frutas, o açúcar e o pão. Quando havia viração, ia aproveitá-la, à noite, perto da janela, e de uma casa fronteira, toda acêsa, saíam sons de violão e de flauta nem sempre harmonizados; duas vezes pouco agradáveis cantavam romanzas que mais pareciam cânticos fúnebres. Êsses cantores lúgubres enterneciam-se bastante e lançavam olhares lânguidos que ora baixavam ao chão ora subiam ao céu. O amor transbordava-lhes dos corações e êsses idílios duravam até a madrugada. Nesses momentos, se alguém se aproximasse de mim, seria mordido...

Não me interessando uma aproximação mais íntima com pessoas de quem deveria me separar muito breve, vivia quase sempre só, salvo quando ia a alguma reunião. Ao cair da noite subia à colinazinha onde fica o semáforo, no centro da cidade. Todos me diziam no Rio que, se botassem abaixo êsse morro, a cidade lucraria bastante porquanto o ar circularia com mais facilidade e se espalharia melhor por tôda parte. Por outro lado diminuir-se-iam certas distâncias, abrindo-se novas ruas no terreno ora ocupado por essa elevação, e, dêste modo, as comunicações se tornariam mais fáceis entre um ponto e outro do centro urbano. Era também opinião geral de que com essa demolição a febre amarela desapareceria. Uma companhia inglêsa propôs-se a botar o morro abaixo, obra não muito penosa porquanto o terreno é pouco sólido; as próprias enxurradas, quando caem chuvas copiosas, arrastam as terras e causam estragos que, para serem reparados, exigem despesas maiores do que as necessárias às desapropriações. Aliás a emprêsa de que falei pedia, apenas, como indenização, o direito de negociar com os terrenos ganhos ao mar com os aterros feitos com o material retirado do morro. Contudo essa obra não foi levada a efeito até hoje, o que revela a desaprovção do Govérno; êle não a terá considerado vantajosa. E os govêrnos nunca se enganam... De mim, confesso não haver formado opinião neste assunto como em outros com os quais me encheram os ouvidos. Apenas lastimaria que já tivessem demolido o morro do Castelo pois muitas vêzes ia até ao cimo para admirar, incessantemente, a imensa baía bordada de ilhas tão numerosas que a vista não as pode conter. Ao fundo a Serra dos Órgãos se recorta em formas caprichosas. Quando me cansava de contemplar a baía de um certo ponto, ia sentar-me mais adiante e dali recomeçava a contemplação como se se tratasse de um novo cenário. Pouco a pouco escurecia: a

planície e as montanhas vestiam-se de luzes, a cidade cintilava a meus pés... Às vêzes adormecia junto a uma muralha. Qualquer movimento em falso, dali, seria uma queda de grande altura.

Fôra, aos poucos, ganhando êsse gôsto da solidão não possuído antes de minha chegada ao Brasil. É de uso, na terra, visitar-se aos que chegam. Parece-me útil encorajar-se aquêle que ainda não conhece ninguém. Fui, dêste modo, amplamente favorecido, neste ponto, de tal forma que me visitaram logo pessoas para as quais trouxera cartas de recomendação e a quem ainda não pudera procurar. Senti-me até embaraçado para escolher minhas amizades. Se eu aparecia na rua acompanhado de alguém que já me visitara, outro me chamava à parte e, com interêsse de que não me julgava merecedor, me prevenia de que não devia andar com um indivíduo pouco conceituado na cidade. E me diziam a razão dêsses juízos. No dia seguinte, afirmavam-me que o amável informante também não primava pela honestidade. — Não caia na asneira de lhe emprestar dinheiro! — Tantos foram os conselhos desta natureza recebidos de uns e de outros que acabei preferindo andar só... e passear pelo morro do Castelo.

De qualquer modo preferia essa solidão a um café-cantante, único lugar de diversão no Rio, a não ser o teatro; nunca fui ao primeiro e raramente comparecia ao segundo. Também não me agradava passear na famosa rua do Ouvidor; entretanto ali se reúne o que existe de mais elegante na terra; mostram as lindas brasileiras os seus vestidos caros, acompanhadas, como de praxe, de duas ou três mulatinhas, duas ou três negras, alguns molequinhos e molequinhas, tudo desfilando gravemente, o marido à frente. Nesses trajos femininos quase sempre de côres vistosas, adivinhava o sentido da economia e da ordem que as nossas compatriotas não possuem.

Essas côres berrantes conseguem afrontar o sol e, quando vão ficando queimadas, tomam tons mais suaves e parecem outros vestidos sem maior dispêndio. Numa esquina ouvi uma dúzia de órgãos e outros tantos pianos tocados ao mesmo tempo com o fito de atrair os fregueses àquela loja. Não era obrigado a me deliciar com semelhantes cenas, aliás monótonas, e, por isso, subia ao Castelo, variando meus passeios na escolha desta ou daquela ladeira que até ali me conduzia.

Muito depressa dei por vista a cidade e suas distrações, porquanto da minha própria janela apreciava o que havia de mais curioso.

Dias após minha chegada assisti à procissão de São Jorge. Tôdas as autoridades tomaram parte no cortejo, acompanhando um boneco montado a cavalo e vestido com uma espécie de couraça. De longe pareceu-me uma figura real. Por acaso, ou para que depressa desaparecessem minhas dúvidas, os que estavam encarregados de tomar conta do santo se esqueceram dêle um instante e a um movimento brusco do cavalo quase a imagem vinha ao chão. Dias mais, tive ocasião de ver a passagem de outra procissão na qual tomaram parte graciosas meninas de 8 a 12 anos exibindo mantos de seda, veludo e saias balões. Elas ao andar faziam uma espécie de passo de dança, com um ar de faceirice, como se já soubessem ser os mais belos ornamentos do cortejo. Algumas delas, no entanto, por um verdadeiro contraste, vinham acompanhadas por uns homens, certamente seus pais, que marchavam também com certo ar de importância, mas metidos numas opas de tôdas as côres, chapéu de sol aberto e cigarros na bôca. Os oficiais, sempre com seu boné peludo ou barretinas debaixo do braço, conduziam os andores. À frente dos sapadores vinha um tambor-mor, de farda tôda vermelha. Na cauda do cortejo negros atiravam petecas nas pernas dos espectadores.

Tornou-se indispensável no Rio, em tôdas as festas religiosas e profanas, êsses costumes de se atirar petecas; há ocasiões em que não se pode atravessar um ponto qualquer da cidade sem se fugir ao choque dêsses projéteis nas nossas roupas ou mesmo nos nossos rostos, para gáudio dos que os lançam; vários accidentes graves têm decorrido dessa prática perigosa e comum na terra. Teria bem satisfação em distribuir uns tabefes quando fôsse alvo dêsses ataques, mas os culpados sempre me escapavam, e, apesar de tudo, não podia deixar de achar graça ao ver aquelas hôcas abertas, aquêles dentes alvos e aquêle ar de contenteza dos negros. Dizia comigo mesmo: pobres escravos, essa distração não vos deve ser proibida, mas, todavia, tomai cuidado para não me furardes os olhos. Realmente bem engraçados êsses pretos do Rio, a região onde êles são, suponho, menos infelizes. Logo que cheguei aqui tive de interromper, um dia, o que estava fazendo, impellido pela curiosidade; ouvira uns sons estranhos de uma ponta à outra da rua: era apenas uma mudança. Cada negro conduzia um móvel, grande ou pequeno, leve ou pesado, conforme a sorte de cada um; e êsses carregadores executavam sua tarefa obedecendo a um certo ritmo, entoando um canto, gutural por vêzes, em que uma ou duas sílabas eram repetidas. Havia alguns que transportavam barris vazios três vêzes maiores que as suas pessoas, e, no fim de tudo, vinha um piano de cauda carregado por seis homens, em duas filas. Na primeira, um dos portadores, com funções de chefe de orquestra, trazia na mão uma espécie de ralo de regador, dentro do qual se chocavam pedrinhas (1) e com êsse instrumento o negro marcava o compasso. Como de hábito entre os negros, os objetos transportados vão equilibrados às cabeças, sem se tornar necessário o auxílio das mãos para sustentá-los. Vi, certa vez, três mu-

---

(1) Espécie de Maracá.

lheres a falar com larga gesticulação, tendo uma à cabeça um guarda-chuva fechado, outra, uma laranja e a terceira um frasco. Deverão, talvez, a êsse costume de conduzir tudo nas cabeças, os corpos geralmente bem feitos que possuem as negras; seus bustos salientes e seu modo gracioso de andar fazem inveja a muitas mulheres brancas e ricas.

De outra feita ouvi outro ruído debaixo da minha janela: seriam ainda as diabruras dos negros nas suas brincadeiras; como já me julgasse acostumado com tais farças, não me movi de onde me achava. Mas, o barulho continuava e ia se tornando maior; parecia-me aumentar as vozes. Levantei-me, fui ver a história, e não perdi meu tempo, pois a cena me era inédita. Um *spahi*, que chegara no último paquete, sem dúvida para se mostrar e causar reparo, conservara sua farda. Cercado de curiosos, com as mãos na cintura, com o seu ar amável de militar francês, parecia dizer:

— Vocês nunca viram ninguém enfeitado como eu?

Ele julgava estar despertando a admiração dos que o contemplavam, porém, a meu ver, o efeito produzido entre os espectadores era o de ridículo, de troça. Encontrei ainda uma ou duas vezes êsse soldado com seu fardamento, depois, penso, êle mudou de traje e se meteu a trabalhar em algum recanto da cidade.

Decorridos alguns dias, estávamos a 7 de setembro e todo o Rio se alvoroçou. Era a data da independência do Brasil; por uma coincidência haveria também um eclipse do sol. Centenas de negros gritavam por toda parte: “Viva a independência do Brasil!”. Dêste modo, sem compreender as próprias palavras pronunciadas, os pobres negros festejavam a liberdade de um povo de que eram escravos. Não se precisa acrescentar que nesse dia não faltaram nem os foguetes nem as petecas que estragaram muitas roupas.

Assisti, uma vez, a uma venda de escravos num armazém e, de outra, numa casa particular após um falecimento. Não notei diferença entre as duas formas de comércio; apenas no armazém o leiloeiro estava trepado num caixão de queijos; no outro, em pé, numa cadeira com um martelinho na mão. Em meio de consolos, marquesas, lampiões, sentavam-se cinco negros e negrinhas. Julguei se mostrassem tristes. Ao contrário. Todos os cinco foram vendidos, um após outro, por 6.000 francos. Um dos compradores ficou com duas mulheres, uma mesa e um cavalo.

Durante minha permanência no Rio venderam-se sete escravos que pertenciam a um senhor de bom coração; êsses pobres diabos, habituados a ser tratados com doçura, não se conformavam com a idéia de irem cair a outras mãos e, nesse propósito, revoltaram-se, entrincheiraram-se. Ofereceram desesperada resistência a uns 60 soldados e muitos dêles só foram dominados depois de gravemente feridos. Levaram-nos então para a Correção. È nessa prisão que os donos de escravos mandam castigar suas "peças" por meio de chicotadas. Contudo, as crueldades vão se tornando muito raras no Brasil; talvez por uma questão de interêsse, pois com a proibição do tráfico, o negro subiu de valor. Um que custava antigamente mil ou mil e duzentos francos, hoje não se dá por seis ou sete mil. Em regra, a vida do escravo no Brasil é bem mais suportável do que a dos infelizes colonos com os quais nem sempre se cumpre o que se prometeu ao tentá-lo no seu próprio país. Vêm-se pelas ruas desditosos filhos de tôdas as terras: pálidos, magros, pedindo pão. Vi dois chineses, um dêles cego, receber uma esmola de um negro. Tornam-se indispensáveis certas condições, nem sempre previamente expostas, para que um colono possa se dar bem num país ainda quase desabitado como é o Brasil: antes de dois

anos êle não consegue tirar proveito do seu trabalho; e se nesse período não fôr protegido, é um homem perdido. Tive contato com vários dêles que, depois de esgotar todos os seus esforços, haviam caído no desespero, ainda por cima sendo doentes. Muitos meses passam antes que as terras fiquem em condições de ser arroteadas e de produzir; pouca gente sabe disso, e eu seria um dêesses se a vida que passei nas matas não me houvesse desvendado tôdas as dificuldades que se oferecem a quem por ali deseje se estabelecer. Precisa-se, antes do mais, de uma barraca para abrigo e víveres que durem por longo tempo; tem-se de botar abaixo enormes árvores e esperar uns seis meses para fazer uma queimada e limpar o terreno. Troncos de grande tamanho ficam agarrados ao chão e impossibilitam o emprêgo da charrua. Os animais não dispõem de forragem como o feno na Europa; é indispensável plantar, e não semear, uma erva chamada capim que substitui de modo inferior a grama. Numerosas parasitas brotam de repente nesse formidável mundo vegetal. Se a sêca mata o capim, os bichos também sucumbem. Eu não poderia expor com precisão tudo o que se faz preciso realizar para que a vida se abra aos colonos, nos primeiros tempos de sua instalação, com certas probabilidades de êxito; todavia o pouco que aqui lhes disse, a título de aviso, faltou aos que fui encontrando já desalentados e vencidos. E daí concluir que a vida dos negros é mais suave do que a dos colonos. Quando me refiro a negros, é claro, não aludo aos dos Estados Unidos: todo mundo sabe o modo por que êstes são tratados. Dão-lhes uma verdadeira caça, utilizando-se até cachorros ensinados para êsse mister... No Brasil, a melhor sorte que possa ter um escravo é a de possuir um bom senhor; esta felicidade, entretanto, é às vêzes negativa porquanto há ameaça de perdê-lo, de uma maneira ou de outra, e de ir para as mãos de um outro dono

menos compassivo, o que, por comparação, agrava o infortúnio. Há ainda as inevitáveis separações; o que adquire a filha não se interessa pela mãe. Os próprios esposos se vêem separados. Viveram por longos anos juntos e de repente são vendidos separadamente. Essas reflexões espontâneas ou provocadas por comentários alheios me levaram a um ponto estranho da minha narrativa, que é o de contar os episódios de minha viagem.

Andava com pressa de terminar os retratos da imperatriz e das princesas. Por isso recusava outras encomendas; meu maior intento era o de viajar, estudar e volver à França o mais breve possível. A hora da liberdade, no entanto, não havia ainda soado. Viera o Imperador ver os três retratos quase prontos e após me elogiar o trabalho, pela sua semelhança, declarou-me querer também o seu. Tive de recommençar meus passeios a São Cristóvão, o que me adiantou mais um bocado no português, visto aprendê-lo em caminho. Sempre se mostrou bondoso e amável para comigo o Imperador e, se não expressei tudo o que sinto a esse respeito, é porque não o julgo discreto. Fiz o retrato de Sua Majestade em roupas comuns mas, depois, pedi-lhe que me emprestasse seu traje de cerimônia, o que elle usa duas vezes apenas, no ano, por ocasião da abertura e do encerramento das Câmaras, e fui atendido, sentindo-me grato por essa distinção uma vez que ia, dessa vez, realizar um retrato para mim mesmo e que levaria para Europa. Vários negros do palácio São Cristóvão me trouxeram alguns baús de flandres (usados geralmente no Brasil para evitar os insetos) contendo o manto de veludo verde bordado a ouro, a túnica de seda branca, a faixa, o cetro, enfim tudo o que era necessário. Fui em seguida à Academia no propósito de obter um manequim, por não querer pôr essas vestes solenes do Imperador num mortal qualquer. Aliás esse modelo não seria

fácil de achar, pois sua Majestade tem de altura seis pés menos duas linhas. O manequim disponível era bem pequeno, para o caso, mas existia outro em poder de um artista; êsse me convinha bastante. Contudo, o colega só poderia me ceder dali a uma semana, contrariou-me não ter dado resultado meu pedido quando possuía no meu aposento objetos de tão grande valor. E, nesse dia, alta noite, após haver jantado e passado muitas horas em casa do Ministro do Exterior, voltava ao meu quarto bem aborrecido pelo fracasso de minha tentativa direta de rápido empréstimo do manequim. Mais de uma vez me sentara de mau jeito em cima da chave de minha porta, o que era sempre para mim mau presságio. Quando eu tornava a fechar a porta da rua atrás de mim, tinha de transpor longo corredor, escuro e úmido; em seguida subia um lance de escada e no patamar, bem em frente, se achava a porta do meu aposento. Ao fazer êsse trajeto, vinha-me às vêzes a idéia de ser assaltado por um malfeitor, o que não seria difícil. Ou pelo menos vítima de algum susto. Havia apenas a iluminar êsse longo corredor uma lâmpada que nessa noite ainda mais fraca se mostrava, parecendo querer se apagar. Senti um apêto no coração. E pensei: "Se alguém tivesse vindo roubar o traje de gala do Imperador e, encontrando-me agora, aqui, me desse uma facada ou me apertasse o pescoço?". Essa hipótese, nada extraordinária, não me proporcionava, é claro, tranqüillidade. Confesso que estava com mêdo; a mão tremia-me e não acertava com a fechadura da porta. Nunca experimentara coisa igual. De repente notei uma espécie de sôpro junto de mim, como quem estivesse respirando alto. Era certamente um homem e seu corpo interceptava por momentos a débil luz da lâmpada. Não havia dúvida que o tal sujeito se aproximava de mim; escolhia o local para dar o golpe, para me derubar antes que eu gritasse. Nesse instante crítico tive ainda coragem de indagar, numa voz que a mim próprio

assustava: “Qui va lá?” Não obtendo resposta, repeti a pergunta em português, sem resultado. Há situações em que tomamos uma decisão imediata; eu não trazia nenhuma arma; não me lembrará sequer da chave que tinha no bolso e poderia servir de defesa. Recordei-me, entretanto, de que já me exercitara há tempo no boxe e, cerrando o punho, desfechei um bom sôco bem na direção do rosto do assassino que caiu a meus pés. Precipitei-me cegamente sôbre êle e repetia as pancadas... quando, ao ruído da queda, apareceram outros moradores do palácio que traziam velas acesas... E, ai de mim! eu estava a lutar com um manequim; arrancara-lhe a cabeça, quebrara-lhe o nariz, esfolando os dedos. Soube então de tôda a história: na minha ausência haviam me enviado êsse boneco e os portadores, achando minha porta fechada, tinham-no deixado ali, à minha espera. Fôra uma gentileza do secretário da Academia que, depois de minha estada lá, tinha reclamado do outro artista o manequim que lhe estava emprestado. Avaliem como se riram todos dêsse episódio e a minha custa!

Quando acabei de fazer o retrato do Imperador, pedi um negro para levar o manequim. Os escravos do palácio não se prestavam a êsse carroto; arranjaram um carregador, tão prêto quanto êles, mas de categoria social inferior. Êsse manequim nascera com o destino de causar grandes cenas. O negro, que o deveria transportar, ao avistá-lo, atirou ao chão o balaio que trazia, enfiou mais na cabeça um resto de chapéu de mulher que usava às avessas, e, sem dizer mais nada, desatou a correr, pelo corredor, soltando berros de mêdo.



### III

## PROVÍNCIA DO ESPÍRITO SANTO

### O RIO SANGAÇU

*Os índios — O Sr. X... — Viagem do Rio a Vitória — O navio incendiado — Vitória — Tenha paciência — Nova Almeida — Santa Cruz — Um pórtico de catedral visto de frente e de perfil — O riacho Sangaçu — Cenas e paisagens.*

Muitas vêzes indagara de franceses que já tinham estado no Brasil aonde se deveria ir para ver os índios e de nenhum recebera uma satisfatória resposta. Na opinião da maioria dessas pessoas, não existiam mais índios; a raça desaparecera; todavia, a meu ver, haveria ainda alguns e em alguma parte. Eu queria encontrá-los fôsse como fôsse. Negros já eu vira muitos na África e até mesmo em Paris. Não me interessavam mais. Teimava era em conhecer os índios.

Afinal, um dia, soube que certo italiano vivia há oito anos no interior do Brasil e comprara terras na província do Espírito Santo para vender jacarandás; êle poderia me prestar informações seguras acêrca dos selvagens. Em breve encontra-lo-ia pois estava sendo esperado no Rio, a negócios. Prometeram-me uma apre-

sentação a êsse europeu e trouxeram-no a meu *atelier*, justamente na ocasião em que trabalhava no retrato, em corpo inteiro, de encantadora e inteligente brasileira, a filha do Ministro dos Estrangeiros. A circunstância foi feliz, pois o italiano necessitava certamente de protecção, e, percebendo-o, procurei do melhor modo corresponder desde já à hospitalidade que êle me assegurara ter satisfação em me oferecer. Interessci-me o mais que pude pela sua pretensão e, se êle não obteve tudo o que desejava, não foi por minha culpa. Nem por tal poupou nenhum meio de me testemunhar sua gratidão. Eu não tinha, portanto, senão por que confiar no seu auxílio para afastar quaisquer embaraços à minha excursão; tudo o que lhe pertencia era meu e poria à minha disposição sua casa e sua gente. Essa "sua gente" eram os índios. Eu estava radiante de alegria. Ficou decidido que penetraria as regiões mais agrestes sob a protecção do Sr. X...

Já nas vésperas de partir veio-me à cabeça uma idéa de fazer coisa de que não entendia patavina: ser fotógrafo. Comprei máquinas em segunda mão, drogas avariadas e um manual que leria na viagem. A 2 de novembro embarcamos no *Mercury*, navio que levava a reboque um vaporzinho destinado a subir o rio do mesmo nome. O mar estava grosso e ventava bastante. A embarcação rebocada retardava visivelmente nossa marcha. A maior parte dos passageiros se compunha de colonos alemães que iam engrossar o número dos seus compatriotas já instalados às margens do rio. Não era de grandes dimensões o navio em que viajávamos e, por isso, muitos de nós dormíamos numas espécies de beliches armados no convés; eu ocupava um dêles e como o balanço fôsse forte preferia me manter deitado durante o dia inteiro. Não era sòmente pelo jôgo do barco que me conservava no beliche; sentia-me esgotado de trabalho e também em consequência da vida que levava, obrigado a me alimen-

tar somente com frutas e conservas. Há tempos não dormia direito e todos me aconselhavam a deixar a cidade. mesmo porque ao chegar o inverno todos os que dispõem de recursos fogem da terrível febre amarela. Na terceira noite da viagem o sono me fizera a agradável surpresa de voltar e ia adormecendo quando fui despertado por violento estrondo, um enorme clarão, parecendo sair de dentro do mar, refletia-se sobre os mastros e as enxárcias de nosso navio, avermelhando-os. Ouvimos gritos na embarcação a que estávamos ligados e a êsses gritos seguiram-se gemidos. Depois tudo ficou no escuro. Foram arriados escaleres, malgrado o risco de serem tragados pelas vagas encapeladas. Decorreram minutos sem se saber de que natureza fôra o sinistro. Em regra os navios brasileiros são na maioria tripulados por negros e, por isso, as ordens dos oficiais não são cumpridas com a brevidade exigida. Um homem colocou-se perto das amarras com um machado na mão. Apesar da escuridão pude perceber um primeiro bote a se afastar; outro não conseguiu fazê-lo por ter sido repellido pelas ondas e ter corrido o risco de se arrebentar contra o costado.

Víamos, com terror, pequenas centelhas voarem de instante em instante sobre nosso navio e ouvíamos ao longe confusos rumores de angustia e de lamentos trazidos pelo vento. Vozes dolorosas misturavam-se ao estrépito das ondas, perturbando-nos as almas. Afinal, entre duas vagas descobrimos um ponto móvel que ora surgia, ora se ocultava, e dali a pouco içavam para o nosso convés três corpos que não pareciam ter mais forma humana. Soubemos então que a caldeira do outro navio havia explodido quando os maquinistas, desejosos de nos auxiliar a marcha, haviam aumentado a pressão. Um incêndio principiou a se manifestar, mas a tripulação acudindo a tempo pudera dominá-lo. Os homens que nos trouxeram não estavam mortos como no primeiro instante

supuséramos; enrolaram-nos em panos molhados de “cachaça”, aguardente de cana-de-açúcar. O ardor como que os chamou de novo à vida. Com grandes cuidados foram os três deitados em camas onde viajaríamos até tocarmos em Vitória; ali ficariam em tratamento. O médico de bordo tinha esperanças de salvar dois dêles; quanto ao terceiro, um negro, era umã chaga viva da cabeça aos pés. Êste, mesmo, não morreu; vi-o meses depois, tinha apenas a pele tôda manchada como o couro de um tigre. Fiquei, então, sabendo uma coisa que ignorava: as quemaduras nos pretos tornam-se esbranquiçadas.

Êsse triste episódio nos fêz perder muito tempo: a marcha do navio foi diminuída para que se prestassem os socorros e, depois, ao prosseguir levávamos um rebôque ainda mais difícil de arrastar pois já não nos podia ajudar com suas máquinas. Acresce a circunstância de termos sido obrigados a lançar ferro diante do pôrto de Vitória e ali esperarmos o amanhecer, pois nos arriscaríamos a bater de encontro aos rochedos da barra se tentássemos entrar à noite com o nosso fardo. Sòmente por volta das 8 horas da manhã pudemos fazê-lo e antes de alcançar o ancoradouro trocaram-se palavras com um senhor que viera até nós trepado num canhão e de portavoz nas mãos. Passávamos defronte da fortaleza e não sei se por ilusão de ótica a bandeira que ali se desfraldava me pareceu maior do que o próprio forte. Eu trouxera, por gentileza da Senhora de Barral, cartas de recomendação, porque, no Brasil, onde freqüentemente não se encontram hospedarias, torna-se necessário valer-mos da hospitalidade e ninguém a pratica tão nobremente quanto o brasileiro.

Não esperava ao saltar em Vitória encontrar compatriotas e, no entanto, deparei-me logo no cais com dois franceses que aguardavam a chegada do vapor; um dêles me era já conhecido, pois jantáramos juntos certo dia no

Rio; ao outro, porém, nunca vira. Atraiu-me logo sua fisionomia bastante simpática. O estimável Sr. Penaud, depois de ter experimentado vários meios de vencer na vida, resolvera explorar o comércio de padaria e obtivera resultados. O outro arrendara terras e ia colonizá-las.

Meu camarada italiano foi pela cidade procurar um hotel para mim. Existia um, sim, mas que hotel! Sobre-tudo, que cama! Preferi estender um colchão em cima de um bilhar e, não obstante o grande desapontamento de alguns jogadores habituais, tranquei um ferrôlho que rivalizava em tamanho com a minha chave do Paço. Cansado de viagem tão desagradável e de emoções fáceis de avaliar, eu teria dormido como um bem-aventurado sôbre o bilhar, mesmo sem cobertas, se não houvesse ouvido, mais ou menos às 8 horas da noite, grandes gritos, ou, melhor, urros, que não pareciam ser de gente, o que me obrigou a pular do improvisado leito e me levou à janela de onde pude divisar uma multidão que se dirigia para os lados de um grande navio. Êsses berros eram apenas um canto religioso entoado por negros que consideram êsses habituais urros como se fôsem orações.

No dia seguinte, o italiano que iria me hospedar nas suas terras, acompanhou-me pela cidade para entrega das cartas que trouxera. Fomos ao presidente da província, ao chefe de polícia e a algumas personalidades de importância. Fácilmente percebi, com satisfação, que o senhor X... sabia tirar partido de tudo; isto me deu boa impressão dêle. Essas cartas diziam-me particularmente respeito e quando eram lidas êle me comunicava a tradução de alguns cumprimentos, oferecimentos de serviços, e, depois, sem transição e demoradamente, êle tratava de seus interesses com os destinatários das missivas, pedindo-lhes favores, explicando-lhes projetos maravilhosos que tinha na cabeça no único fito de ser útil ao país. Tudo terminado, íamos embora, enquanto comigo

mesmo eu indagava se o propósito da senhora Barral ao escrever tais cartas fôra o de me ser útil ou o de proteger a um outro que delas se estava servindo jeitosamente.

Todavia, sou<sup>t</sup> obrigado a reconhecer que graças a uma dessas missivas obtivemos cavalos para nosso transporte e um negro para trazer os animais quando dêles não mais precisássemos. Era do nosso intento deixar as bagagens em Vitória e ao atingirmos Santa Cruz mandar buscá-las em canoas. E como não tivéssemos de partir logo fui dar uma volta pela cidade e seus arredores; foi, ali, que vi pela primeira vez um grupo de índios formando uma espécie de bairro. São bem numerosos êsses indígenas: a sua habitação sem que se possa chamar uma casa, não é contudo mais uma taba. Êles já tinham certos hábitos civilizados. Entrei numa dessas habitações: em quase tôdas, mulheres faziam rendas de almofada e se via um periquito empoleirado num pau. Vi, também, alguns papagaios soltos.

No dia seguinte os cavalos estavam à nossa porta; os portadores foram em busca das selas, o que demorou bastante, porquanto as ruas são ladeirasosas e não se pode com facilidade galgá-las sem perigo de escorregar. Caminhamos, à procura dessas selas, abaixo e acima, sem resultado; de uma casa nos mandavam a outra e nada! Ouvíamos repetir inúmeras vêzes esta frase desesperada: "Um cavalo sem sela!" E, como consôlo, todos nos diziam (como se diz *goddem* na Inglaterra e *dam* na França): "Tenha paciência!". Êsse contratempo que nos atingia tornara-se quase uma calamidade pública; pessoas obsequiosas se esforçaram em nos ser gentis e em breve traziam-nos dois arreios completos, com ares de triunfo. E pudemos afinal partir em paz.

A região que de início percorremos não tinha nada daquela com que eu sonhara. Nada de virgem tinha a natureza; ao contrário já sofrera muitas modificações.

Atravessamos campos outrora cultivados e agora em abandono. De quando em quando era necessário aos animais meterem-se na água dos rios; por mais precauções que tomássemos, ficávamos molhados e, de outras vêzes, tínhamos de nos ajoelhar em cima das selas. De certa feita o meu cavalo viu-se na contingência de nadar um bocado, pois eu errara o ponto mais conveniente para a travessia do curso d'água. O banho foi completo e, se a água não fôsse salgada, teria gostado da oportunidade pois fazia muito calor. Doiam-me bastante os pés porque os estribos, segundo o costume da terra, são muito apertados e mal cabem nêles os bicos das botinas. Por mais de uma vez o cavalo do meu companheiro tropeçara e estivera a ponto de se atolar quando atravessávamos os charcos tão freqüentes nesta região; isto deu margem a que, após havermos descansado um pouco numa barraca, o italiano, no intuito de me ser agradável, trocasse o seu cavalo comigo, estando, como me declarou, mais acostumado com êsses estribos. Convém notar que meu animal tinha as pernas mais sólidas; contudo mostrei-me grato a êsse gesto obsequioso que me dera uma ruim montaria em troca de uma boa.

Haviam nos dado para comer, no caminho, um pão com fatias de salame. Depois de ingeri-los, daria tudo por um copo d'água; não dessa água que os bois e cavalos também bebiam, mas água pura e fresca. Deixei que o meu amigo se distanciasse de mim e manifestei em mau português ao negro que me acompanhava o desejo de beber água; compreendeu-me e pouco tempo depois me mostrou qualquer coisa a brilhar entre os matos que nos cercavam. Água! Água! e não pude deixar de galopar em direção dela. Lembrei-me, porém, da pequena ave que fugira da gaiola, a bordo do *Tyne*, porque pobre de mim! porque estava diante de um braço de mar cuja água salgada não me agradava. Não somente da ave me recordára nesse momento; evoquei também mi-

nha primeira travessia por um deserto, na companhia de um inglês. No almoço comêramos camarões e bebêramos champanha. Ao meio-dia tínhamos sede louca; dávamos subido valor a um copo d'água e nos dirigimos para um belo lago que refletia nitidamente algumas palmeiras. Enorme o nosso desapontamento: uma miragem. Todavia, esperançamo-nos: avistamos adiante de novo água. Desta vez não havia dúvida. Um bando de camelos passava perto do lago e dobravam as longas pernas para se dessedentarem nessa água transparente como um espelho. Ai de nós! era ainda uma miragem. Outras nos surgiram aos olhos nessa caminhada pela areia ardente. Sempre lagos convidativos, mas ilusórios. O sol esmorecia-nos o ânimo e a cada vez, embora já enganados, nós nos enganávamos novamente. Agora é água mesmo! E assim decorreu esse nosso primeiro dia de viagem começado por camarões e champanha.

O pão com salame fazia-me o mesmo efeito e não achava jeito de satisfazer a sede. Alguns índios nos esperavam com as canoas, único transporte entre Santa Cruz e Vitória. Passamo-nos com os cavalos para as embarcações e a travessia se realizou sem incidentes. Como nos achássemos molhados; qualquer banho forçado teria sido acidente de pequena importância.

Notara já lindos insetos ora voando em tórno de nós, ora pousados nas fôlhas. Entretive-me, então, a caçá-los, aliás frutuosamente, valendo-me do auxílio do negro. Íamos pegando não somente os que eu encontrava como os que o negro, com seu instinto de gente de côr, descobria entre os matos. A caminhada foi-se tornando mais distraída com o aumento da minha coleção. De quando em quando penetrávamos por veredas muito sombreadas e delas saíamos a percorrer trechos de praia. Íamos agarrando mais insetos. E não somente insetos, porém, mariscos. Até da sede me esquecera um bocado.

Até que avistamos uma fumaça entre as árvores. Já era tempo de chegar. A custo pude descer do cavalo. O animal, tão gentilmente cedido por meu companheiro, tinha vários defeitos, provavelmente não percebidos por êle, o que me obrigara a manter bem seguras as rédeas durante a viagem. Tudo isso, e mais o sol, me deixara num estado tal de fadiga e entorpecimento que mal conseguia me agüentar em pé. Tive acanhamento de pedir uma ajuda para me apeiar e fi-lo sabe Deus como, aproveitando-me do escuro para esconder minhas caretas de dor. Mas, afinal, ao cabo de alguns minutos caí redondamente no chão, sem me agüentar mais nas pernas. Achávamo-nos na aldeia indígena de Nova Almeida, outrora habitada por jesuítas. No centro da praça há ainda grande pedra na qual êles prendiam os índios acusados de algum delito. A influência dos jesuítas sôbre essas almas que dêles beberam as primeiras noções do cristianismo se foi transmitindo de geração em geração e ainda hoje êles respeitam rigorosamente aos padres.

Logo que me pude reerguer, o que fiz logo, como era natural, foi ir a uma fonte beber água e também me banhar, satisfazendo, portanto, grande desejo de me refrescar. Após o banho, pois fôra um verdadeiro banho as repetidas imersões que fiz naquela fonte, pensei em jantar. A hora própria já passara há muito, mas o apetite me voltara com a viagem. O resto do meu pão com salame eu o atirara a dois cachorros que encontrara. Meu companheiro, que tinha amigos no lugar, me dissera haver conseguido camas para dormirmos, porém quanto a comida nada pedira, por acanhamento, a quem nos ia agasalhar, por notar que se tratava de gente pobre. Êle falava nesse provável jejum com indiferença porque comera tôda sua ração de viagem e mesmo surpreendi-lhe um gesto de quem estivera a mastigar qualquer coisa.

Dispus-me a dar uma volta pela povoação no intuito de pedir a esmola de um pedaço de pão; meu hóspede, entretanto, achou que eu faria mal, pois melindraria a pessoa que nos oferecera dormida, a qual era seu compatriota. — “Não se importe com isso, disse-me, ao amanhecer e antes de partir, nós arranharemos o que comer”. Pareceu-me duro ir dormir assim com a barriga vazia. E já tinha motivos para supor que o homem a cujas mãos me confiara para essa jornada pelo interior, não manifestava a meu respeito as atenções que em caso semelhante eu teria tido para com êle. Mas, eu havia me comprometido e devia ir até o fim.

No dia seguinte, fiel a sua promessa, veio bater a minha porta às 3 da madrugada, e como não quisesse fazê-lo esperar pulei logo da cama; fui selar meu cavalo e quando voltei a casa não vi mais o Sr. X... Procurei-o debalde. Por felicidade aprendera esta frase de uso na terra: “Tenha paciência”. Esperei-o até 7 horas e como não o visse chegar fui dar um giro pela povoação, onde, sem dúvida, encontraria quem dele me desse notícias se é que não o encontrasse, distraído, às voltas com algum velho amigo. Nascia-me no cérebro uma suspeita qualquer quando o foram descobrir na sua própria cama, pregado num profundo sono. É óbvio afirmar que cada vez lhe ia ficando mais reconhecido.

Como na véspera, a estrada a percorrermos desenrolava-se ora à beira-mar, ora por veredas entre árvores, mas à medida que avançávamos tomava-se de maior pitoresco o trajeto. Vi, nesse dia, pela primeira vez, orquídeas trepando pelos troncos. Passamos por uma espécie de alamedas debruadas de cactos gigantescos cujos caules têm 30 a 40 pés de altura; substituem aqui a cortiça; nos mercados do Rio vendem essas plantas aos pedaços. Como ninguém me dissera isso, ainda, levei comigo uma provisão desses cactos que, se eram leves, to-

mavam, entretanto, muito espaço. Meu companheiro ia, como no dia anterior, mais à frente e eu não fazia questão dêsse avanço, preferindo manter-me mais atrás com o meu negro que virara, apaixonadamente, entomologista e conchiologista, consentindo-me aumentar minhas coleções sem descer do cavalo. Almoçamos com satisfação carne-sêca e feijão e, por precaução, conduzíamos não somente uma garrafa de vinho como também uma vasilha cheia d'água, muito a propósito dessa vez porquanto encontramos várias nascentes de um líquido puro e bem frio. Por volta de meio dia ninguém agüentava o calor e com muita pena saía da sombra das árvores para percorrer um trecho na praia. Eu não me achava de todo curado dos males que me haviam torturado no Rio, sintomas do início de uma doença que nas regiões quentes se torna quase sempre mortal. Ansiava pelo fim da jornada. O resto da viagem devia ser feito em canoa e me senti alegre ao avistar, do ponto em que nós achávamos, embora ainda distante, a tôrre de uma igreja desenhada no céu: só podia ser Santa Cruz. Ia descansar durante alguns dias; teríamos de aguardar a chegada das embarcações condutoras de nossas bagagens. Não fôra prevenido de ir conhecer uma vila de certa importância; imaginara Santa Cruz como uma outra aldeia de índios. Causou-me assim espanto deparar-me com uma igreja aparentemente vistosa. O derradeiro trecho do caminho foi vencido por entre grandes árvores e ao desembocarmos na planície avistei logo palhoças cobertas de palhas de coqueiros seguidas por algumas casinhas alegremente caídas. Moviam-se pela povoação pescadores, mulheres queimadas de sol, com vestidos de côres berrantes e descalças. Raros senhores de roupas pretas, gravatas brancas e mãos sujas.

Não vi mais a tôrre. Desaparecera. Tinha certeza de tê-la visto. Era do tipo comum dos campanários es-

panhóis, portugueses e brasileiros. Percebera bem, de longe, com o auxílio dessa luz solar intensa que nos faz distinguir uma mosca a cem passos de distância, aquela torre branca, com ornatos, vasos esculpidos e sinos. E tanto mais certeza tinha dos sinos que não somente os avistara como os ouvira. Que sonho esquisito fôra êsse então que tivera!... Intrigado com o desaparecimento da torre e ansioso de desvendar-lhe o mistério, perguntei a meu companheiro onde ficava a igreja da terra. Êle me mostrou uma parede com três pés de grossura que eu já notara pela sua altura, mas de que não falara ainda por ignorar o seu significado ou préstimo. Duvidei da resposta e ia emitir umas ponderações quando, ao nos aproximarmos mais da tal parede, todo um poema se desenrolou a nossos olhos e contemplei a obra-prima mais completa no seu orgulhoso aspecto e na sua mais ingênua expressão. Essa parede era, de fato, a igreja, mas apenas a fachada; se de perfil não passava de um alto muro de 3 pés de espessura, de frente era mesmo uma fachada. Através das janelas superiores viam-se dois sinos. Grandes vasos e uma cruz ornavam, no alto, essa fachada grandiosa, prefácio das riquezas de arte que deveriam existir no seu interior. Supor-se-ia assim, vendo-a de frente; mas, a coisa seria bem outra. Êsse muro tão enfeitado não passava de simples muro: andaimes, pela parte de detrás, protegiam-no das ventanias. Os que subiam os degraus exteriores para entrar na igreja tinham, do lado oposto, de descer outra escadaria, para entrar então no verdadeiro templo, uma pobre palhoça que só se distinguia das demais, na povoação, por ser um tanto maior. Quem tivesse divisado, pela frente, os sinos a aparecer nos seus nichos, vê-los-ia agora, por trás do muro, tangidos pelo sineiro trepado numa escada de madeira. Tudo havia sido construído de tal maneira, para o êxito das aparências, que a própria parede monumental só recebera rebôco e pintura da parte externa; na outra ainda

estava nua. O orgulho dos habitantes, contudo, fôra satisfeito.

Meu companheiro possuía uma pequena habitação na localidade, mas tão atulhada de caixas, pacotes que não lhe era fácil arrumá-los de forma a me permitir ali uma hospedagem. Pediu a um vizinho que me cedesse um cantinho e êste me foi reservado numa grande sala, muito úmida, servindo de armazém de cal. Varreram o chão onde estenderam meu colchão e me deram como lavatório um barril de bacalhau. E enquanto faziam êsses preparativos, tratei de me pôr à vontade, mau grado a suntuosidade da igreja e as roupas pretas usadas por alguns individuos que são de importância na terra, porquanto nas suas lojas se encontram sempre vasos de beiços quebrados, pólvora avariada e fósforos infalivelmente úmidos. Embora fôsse aristocrática a aparência dos habitantes de Santa Cruz, eu me pus a passear de pés descalços pela grama que crescia à vontade nas ruas e dali fui até a beira-mar, onde me deitei na areia, debaixo das mangueiras de longe avistadas. Eu fôra fácil ao crer que no Brasil se poderia dormir ao ar livre; bem depressa mudei de idéia pois me assaltaram vagas de insetos de tôdas as espécies e não houve jeito de fechar os olhos num sono agradável de que tanta necessidade sentia. À fôrça abandonei o local de repouso e vim me valer do colchão que me haviam preparado e como tinham varrido o aposento suporrei uma nuvem de poeira. Meu companheiro, cuja extrema delicadeza não se desmentia, veio avisar-me, com solicitude, terem os comerciantes adivinhado ser eu um colono ou um novo criado que viria substituir a cozinheira com quem não estavam satisfeitos. É de se avaliar quanto me foi agradável saber qual o conceito que eu ocupava na opinião pública.

No dia seguinte, mandaram índios buscar nossas bagagens em Vitória. O tempo, infelizmente, andava hostil

e as canoas não puderam lutar com a ventania, pelo que tivemos de esperar. Travei relações com o padre, um homem ainda moço e sem preconceitos, não recusando mesmo participar de algumas garrafas de vinho do Porto ou de aguardente. Mas, como êle, após alguns dias de nossa convivência, houvesse declarado aos que não me tinham conhecido bem, que eu, embora fôsse francês, parecia possuir algum preparo intelectual, prefiro limitar minhas observações a seu respeito. Esse sacerdote emprestou-me uma espingarda e, providos de pólvora e de chumbo, partimos, certa madrugada, para uma caçada na qual fomos ambos desastrados. Se depois vim a ser hábil caçador, a ponto de andar sempre com minha espingarda, a princípio por gôsto e posteriormente por necessidade, tal não acontecia naquela época, por isso que abandonara os exercícios venatórios em seguida a um acidente no qual quase matara um companheiro. Com um pressentimento, porém, de que um dia poderia precisar de ter boa pontaria, tôdas as manhãs me exercitava no tiro; ao deixar Santa Cruz já seria capaz de fazer brilhaturas com a minha arma.

Os índios, devido ao mau tempo, voltaram do caminho e foram obrigados a esperar uma bonança. Durante essa demora eu ia de cabana em cabana, examinando tudo, pedindo explicações sôbre o uso de cada objeto, passeando pela praia a apanhar mariscos, habitualmente seguido por um bando de crianças que me ajudavam nessa apanha de conchas. Mercê dos olhos infantis, mais penetrantes que os meus, pude colecionar uma porção de mariscos pequeninos num estado de perfeita conservação. Também graças aos meus auxiliares em história natural consegui um grande aumento da minha coleção de insetos. Vinham oferecer-me pássaros pegados em alçapões. Eu já não era um estranho para essa gente. Mas, se por um lado me prestigiava entre os índios, grandes ou pe-

quenos, não obtinha melhora de situação entre os brancos que me olhavam com persistente desconfiança.

Tive ocasião de assinalar que a igreja de Santa Cruz possuía de notável apenas a fachada. Ali só vi, depois, que merecesse uma referência especial, um chafariz há pouco construído. O resto quase nada valia: casinhas sem simetria, capim por toda parte, um pôrtozinho protegido por alguns recifes. Durante minha permanência forçada nessa localidade ouvia os tripulantes de três embarcações que se achavam carregando madeira cantar árias monótonas enquanto davam voltas aos cabrestantes ou içavam os toros para bordo. Ao passar pelas vizinhanças, tapava os ouvidos a fim de não gravar na memória essas notas, o que fiz em vão, pois hoje ao escrever estas impressões, as cantigas dos embarcações me servem de inspiração. Em regra a madeira que ali carregam os navios compõem-se de uma espécie de jacarandá que se exporta para o Rio e de lá para a Europa. Os donos de terras onde existem essas árvores fazem dela único meio de comércio. Trazem do interior os troncos cortados à altura dos primeiros galhos e em Santa Cruz os serram em duas metades antes do embarque.

Voltando a ser favorável o tempo, reuniram novamente os índios mas foi preciso procurá-los por toda parte, tangendo-os para o trabalho. Notava-se bem que eles viam constrangidos, não lhes sendo agradável a viagem a realizar. O italiano não desfrutava entre os índios de muita consideração. Mas, as canoas partiram afinal e o vento ajudou-as na ida, o que não lhes aconteceu no regresso, pois não se dera nenhuma mudança. Passaram-se três semanas. Dia a dia eu observava o rumo do vento. Sempre o mesmo. As embarcações voltaram, porem, em que condições! Tudo o que nos pertencia, estragado, nossas malas, encharcadas; nem tempo houve para uma tentativa de reparo, porque nesse mesmo dia partimos e, dessa vez,

tínhamos muito que caminhar. Carregaram-se três canoas com a nossa bagagem. Eu tinha trazido muita coisa de Vitória e me vi obrigado a me instalar por cima de malas e fardos. Meu amável companheiro de viagem, vendo-me assim, e para melhor me ser útil, foi se arranjar sozinho numa outra canoa em que viajou à vontade, enquanto eu ficara na minha por demais sobrecarregada.

Subimos, à fôrça de remos, o Sangaçu, ainda sob a influência da maré, o que era fácil de se verificar, porquanto os mangues com suas raízes entrelaçadas se estendiam bem perto d'água. Meia hora depois da partida aguaceiros repetidos de quarto em quarto de hora abateram-se sobre nós; meu guarda-chuva rompeu-se, minhas malas inundaram-se e a embarcação encheu-se tanto d'água que, se um índio não se apressasse em esgotá-la, teríamos ido ao fundo. O índio salvador, à falta de outro objeto apropriado ao caso, serviu-se de um copo, enquanto os companheiros empurravam a canoa para a margem do rio que, felizmente, foi alcançada e onde aguardamos melhorasse o tempo. Não tendo mais a recear um bando forçado, aproveitei a meia hora que passamos agarrados a uma pedra, em calcular quantos dias teriam sido necessários para esvaziar nossa canoa com o auxílio do simples copo de que o selvagem se valera. Cheguei à conclusão de que três dias seriam suficientes.

Afinal o céu tornou a ficar azul e prosseguimos na nossa rota. Íamos nos aproximando das matas virgens; o rio se alargara; eu via ao longe grandes pássaros brancos; garças de bicos azuis e ornadas de penachos que pendiam de um lado e outro da cabeça, gaviões etc. Passou por perto de nós uma pirogazinha tripulada por um jovem casal: o marido ao leme e a mulher ao centro da embarcação segurando um ramo de árvore que servia de vela. Um motivo pitoresco para um desenho essa pe-

quena canoa que o vento impelia e depressa se sumiu de nossas vistas.

Eu ia afinal atingindo as matas virgens por que tanto suspirara; veria a essa natureza quase desconhecida dos outros homens, onde nunca o machado trabalhara. Tinha a impressão de ser o espectador de uma nova existência, de um outro mundo. Minha tendência de esmerilhar o lado cômico do que até então me fôra dado ver, transformava-se numa inclinação para os pensamentos sérios, para um recolhimento meio religioso. Cada remada que me ia tornando mais perto dessas florestas grandiosas apagava um pouco as recordações do passado. Estreitava-se sensivelmente o rio como querendo juntar as duas margens; desapareciam os mangues, a água dôce substituíra a salgada; plantas aquáticas encobriam as praias; agora, árvores frondosas e gigantescas, cobertas de parasitas em flor, dessas orquídeas tão bem denominadas de filhas do espaço, pois vivem sem ter raízes, sem saberem bem por que, e como o acaso ali as colocou.

Torna-se o leito do rio de tal forma estreito que somos obrigados a nos abaixar para evitar os ramos das árvores que se debruçam sobre as águas. Atravessamos sob verdadeiras arcadas vegetais, debaixo dos leques de palmeiras de troncos tão frágeis, que parecem prestes a tombar ao menor sôpro de vento. Meu companheiro não podia alcançar as razões de minha admiração, de meu êxtase diante das formas bizarras que essas trepadeiras floridas davam às árvores a que envolviam, a ponto de lhes emprestar tôdas as figuras criadas pela imaginação. Nesse trecho de mata cada árvore ostentava verdadeiro labirinto de cipós a se cruzarem por todos os lados, ora subindo, ora descendo, tecendo rendas caprichosas, sempre verdes, sempre floridas, de modo a despertar no cérebro humano idéias de templos, círculos, animais fantásticos, uma infinidade de imagens a se sucederem maravilhosa-

mente. Das copas dêses arvoredos caíam, como cordagens de navios, outros cipós de maneira tão regular que pareciam obras de arte. E dêles se penduravam sagüis a nos olhar com curiosidade, soltando de quando em quando assovios.

Há, porém, em tudo, contrastes; aqui êles nasciam dêses horrendos caranguejos que, à nossa aproximação, fugiam de nós à força de suas pernas formadas por tesouras formidáveis, e os sapos do tamanho de um gato que possuem um olhar tão manso projetado de uma carcaça tão repelente. Descobrimos de súbito uma clareira; tinham abatido, ali, várias árvores, mas deixando uma fileira delas em pé. O rio, assim protegido do sol, tornara-se o sítio mais delicioso do mundo para um banho: uma areia fina e dourada me convidava a um mergulho, mas reprimi a tentação porque estávamos quase a têrmo da jornada. E logo minhas impressões poéticas se dissiparam ao pôr o pé em terra. Vi logo, no alto de um outeiro, uma palhoça maior do que as dos índios de Santa Cruz, dentro de um terreno plano cheio de poças d'água e de grama. No horizonte matas cujo aspecto já não me interessava mais. Para limparem o terreno onde fôra levantada a habitação, tinham botado abaixo várias árvores cujos troncos e galhos, inclusive as trepadeiras das que tinham sido poupadas do machado, foram queimados. As árvores salvas, despidas dos seus cipós, apresentavam aspecto lastimável. Como o entusiasmo não é um estado normal, minha admiração cessara; a presença do meu companheiro, junto de quem ia passar seis meses, era bastante para esfriar quaisquer tendências admiradoras; demais, sem saber bem por que, eu me sentia triste e desencantado no momento em que ia justamente realizar meus mais caros sonhos. Os índios locais vieram buscar minha bagagem, tarefa que não foi fácil pois o capim era escorregadio na ladeira. Primeiro, êles haviam,

de acôrdo com a ordem recebida, transportado a bagagem do patrão. Sentado num tronco de árvore eu assistia às provas de cortesia de que era alvo. Contudo, minha vez chegara e levaram-me ao meu aposento. Um quarto atravancado de caixas, de barrís e de fardos de carne-sêca, de tal jeito que a entrada se tornara impossível. Fui me sentar de novo no capim, esquecido do que me acontecera em Santa Cruz: os insetos se encarregaram de me avivar a memória. Obrigado a regressar ao meu abrigo, entretive-me, antes de jantar, em dar uma vista de olhos por dentro e por fora da habitação. Na cozinha, de indescritível sujidade, uma velha índia cozinava, tendo espichado, sôbre carvões acesos, um tatu; julguei-o destinado a nossa refeição. O fogão, ao centro da peça, era feito de uma dúzia de pedras; de um lado e outro, bancos sôbre os quais cochilavam os homens que haviam carregado nossas bagagens. Eu me enganara quanto ao destino do tatu; não era para nossas bôcas, não. Nosso jantar preparava-o à parte uma mulata ainda moça. Meu hospedeiro, esquecendo-se de que eu não sabia onde me aboletar, ou mesmo esquecido de minha existência, conversava com o feitor ou, como se diz nas colônias, seu administrador. Prossegui na minha visita: após a cozinha tive o cuidado de examinar a sala de refeições onde havia um sagüi brabo que mordida todo mundo, seis cachorros magricelas, outros tantos gatos grandes e pequenos, galinhas, patos e bacurinhos vivendo à vontade com os donos da casa e cometendo, como pude testemunhar logo depois, repetidos atos pouco recomendáveis por ocasião de nossas refeições. Até que enfim o dono da casa me veio dizer em tom amável: "Meu caro, vamos jantar!". Envaideceu-me o tratamento e fui cuidar do estômago.

De barriga cheia, nada se tinha de melhor a fazer do que dormir. O cansaço transformou um cobertor estendido no chão em um leito delicioso.

A peça onde me haviam “depositado” entre outros fardos não oferecia, como aliás os demais aposentos da casa, para proteção ao sol e aos insetos senão um pedaço de madapolão estendido com o auxílio de pregos à guisa de cortina. Nessa primeira noite ouvi gritos de todos os lados: alguns bem desagradáveis, como os de um pássaro de que me haviam falado. Essa ave a que os índios dão o nome de *saci*, porque parece pronunciar essas duas sílabas ao cantar, constitui motivo de superstição: julgam que as almas dos seus mortos moram nos corpos desses animais. Passei, depois, muitas tardes, a perseguir os sacis. Guiado pelo seu canto, aproximava-me cautelosamente, contendo até a respiração. A ave calava-se por um instante mas ao cantar de novo já o fazia nas minhas costas. Nunca pude vê-la. Predisposto à nostalgia, como me achava desde minha chegada a esse deserto, tal grito, ouvido pela primeira vez, me impressionou bastante. Não podendo dormir, pus-me à janela e fui bem recompensado pelo espetáculo que se me ofereceu. Contrastando com o maciço das florestas enegrecidas pela noite, brilhavam miríades de insetos luminosos que pareciam estrélas. Bem depressa esqueci-me do saci, dos gritos agudos das garças, dos miados dos gatos selvagens, diante desse fogo de vista proporcionado pela natureza. Admirando-o, seria capaz de passar a noite inteira, se acaso outros insetos não me obrigassem a desistir do espetáculo e me proteger de seus assaltos por trás do cortinado.

No dia seguinte pedi ao dono da casa que desatruvancasse o aposento a mim destinado. Achou justo meu desejo, mas continuou a desarrumar suas malas e dispor seus objetos de uso; nesse trabalho passaram-se alguns dias, enquanto tive tempo de recordar todos os obséquios

que lhe prestara para compará-los à maneira com que me tratava agora. Não tivera eu a ousadia de ir expor e recomendar seus planos de colonização ao próprio imperador? Êle me dissuadira de trazer comigo dinheiro, pois aqui se encarregaria de atender às minhas necessidades dessa espécie, até que no meu regresso ao Rio pudesse indenizá-lo do que houvesse dispendido com minhas despesas. Eu me achava, portanto, a sua mercê, e essa perspectiva não era nada risouha. Sem socorro, sem dinheiro, não podendo voltar sem seu consentimento, pois êle é que dispunha de embarcações, de tripulantes ou de meios com que pagar minha passagem. Êsses pensamentos, essa situação, êsse impasse, tiravam-me o prazer com que eu contava. E não me sendo possível contemporizar mais com um procedimento tão censurável do dono da casa para comigo, fui, ao terceiro dia de minha estada ali, interrompê-lo numa conversa com o feitor, para dizer-lhe que estava farto de sua hospitalidade, o que lhe causou espanto; não me espantei menos de afirmar-lhe que, se êle estivesse no meu lugar e eu no seu, a primeira coisa que eu faria era me ocupar com a sua comodidade e não com a minha. O homem não se perturbou e ponderou-me: "Não ficou combinado que entre nós não haveria cerimônias?" Era verdade; mas como em assunto de falta de cerimônias nossa situação não fôsse igual, eu lhe solicitei me facilitasse os meios para minha volta. Êste nosso primeiro desentendimento não foi aléni dessa troca de satisfação e permaneci ali como hóspede.

Consegui no outro dia o auxílio de um homem que, munido de martelo e verrumas, me ajudou a construir pequena câmara escura para meus trabalhos fotográficos. Se falei em verrumas foi porque as madeiras brasileiras são de tal modo duras que não se podem pregar apenas com pregos. O que no Brasil se chama tábua pesa como os nossos pranchões na Europa. O acanhado aposento a

me servir de câmara, de *atelier*, de quarto de dormir e de laboratório de história natural, não recebia luz senão por uma porta; o telhado, de fôlhas de palmeira, formava um beiral tão longo que me roubava ainda mais a claridade do sol; todavia, se me causava inconvenientes de iluminação me concedia vantagens quanto a temperatura.

Na minha instalação as pranchas e os barris me serviram bastante: dois barris vazios transformaram-se em mesa e tive como cadeira uma caixa de velas. De uma velha esteira fiz uma porta. Tinha por onde entrar e sair, nada mais. Ao longo do meu quarto dispus em prateleiras duas outras tábuas e enchi mais duas barricas vazias de mil objetos de utilidade. Em tôrno da câmara escura espalhavam-se minhas roupas a fim de taparem as brechas das tábuas já em parte cobertas com papel. Arrumei então meus instrumentos de trabalho de jeito a facilitar-me nas ocasiões oportunas os vários gêneros de serviços que eu viera realizar naquelas matas. Nas prateleiras ficaram ordenadas minha caixa de tintas e os papéis de desenho com os quais tencionava depois organizar um álbum. Vinham em seguida frascos, alfinetes com insetos, tâbuazinhas por mim serradas e aplainadas. Um terceiro escaninho continha escalpelos, tesouras, sabão arsenical para conservar animais, e afinal num último compartimento produtos químicos, balanças e um livro no qual eu beberia os primeiros conhecimentos de fotografia, arte que me era tão estranha quanto a de preparar animais que, por sinal, ainda não estavam mortos.

Meu hospedeiro, com o qual fizera as pazes, escolhera entre as espingardas novas, de fabricação belga, que costumava vender aos índios, a que estava em pior estado, e ma entregou, certamente receoso de pôr em minhas mãos arma de dois canos, pois podemos nos ferir, se, por descuido, se põe dupla carga num cano só. Recomendou-me sobretudo que, ao caçar, tivesse muito cui-

dado com a pontaria, pois os seus bois costumavam se deitar na relva e eu podia, ao visar uma ave, atingir ino- centemente uma das suas reses. De outra vez, numa série de excelentes conselhos que me dava, ao me ver montado, recomendou-me também relaxar a brida do cavalo quando êle quisesse beber água a fim de que pudesse baixar a cabeça.

Concluídas minhas arrumações deveria principiar meus trabalhos, porém tudo ainda não se achava pronto. Pretendera fazer economia com a construção da câmara escura, mas depressa vi ter errado nesse propósito. Logo no primeiro dia quebrei o vidro despolido e como chovesse a unidade atacou os instrumentos. Passei 15 dias em consertos e em construir outro gabinete fotográfico utilizando umas fazendas trazidas nas malas e de uns vestidos velhos comprados à cozinheira. Costurei tudo com o maior dos cuidados e aproveitei também meu guarda-sol de paisagista, prendendo cada haste com um cordão ao solo, de modo a proteger minha barraca do vento que no Brasil sopra tôdas as manhãs por volta de 8 horas. Dêste modo, antes das 8 horas, umidade; depois das 8 horas, ventania; que jeito deveria dar para obter qualquer coisa de bom, sobretudo quando não se tem senão cópias a tirar? Bem considerado tudo, o remédio era abandonar a fotografia e voltar a pintura, mesmo porque as chuvas copiosas não permitiam pusesse os pés fora de casa. Resolvi então pintar um quadro aproveitando os índios como modelos, mas, tomara essa resolução *sem me lembrar do meu hospedeiro*. Logo que soube da história, começaram suas objeções. Os índios eram supersticiosos, não queriam posar e quanto a êle tinha escrúpulos de obrigá-los a isso. Contudo consegui pintar um dos índios. E não me atrevi a pintar um segundo, porque, conforme me assegurara o Sr. X..., o primeiro não ficara lá muito satisfeito...

Manifestei desejos de dispor de uma canoa e de um homem para conduzi-la por êsse rio que me proporcionara, nos primeiros dias de minha chegada, tantos motivos de recordações. Esperei debalde; nem a canoa nem o homem vieram. Quis também, no intuito de evitar o vento, fazer minhas experiências fotográficas dentro das matas, mas, para tal, seria mister uma ajuda de um homem que levasse os apetrechos de trabalho. Foi impossível obter êsse homem. Certo dia, porém, encontrei um índio a quem emprestara meu fuzil, pólvora e chumbo. Êle matou alguns pássaros e então lhe propus a ser meu ajudante nessas excursões à floresta, com a condição de lhe permitir caçasse com minha espingarda enquanto eu trabalhasse. Devo acrescentar que essa idéia de contratar um índio para me auxiliar, a minha custa, me fôra lembrada pelo meu hospedeiro. Aceitei-a, embora me parecesse original o alvitre da parte de uma pessoa que deveria pôr a minha disposição a sua gente e a quem nada custaria me ceder um dos seus servidores por algumas horas. Notci, sem demora, pelo olhar espantado do selvagem, não haver compreendido bem e convidei-o então a vir comigo até em casa, onde tudo se combinaria; ali, no entanto, meu hospedeiro pô-lo ao seu serviço, dizendo-me não me convinha tal ajudante pois era um preguiçoso. Dêste modo, tudo me era difícil, tudo me escapava, graças à hospitalidade do Sr. X... O único recurso era a caça quando a chuva mo permitia, e, em breve, me tornei perito na arte. Quando voltava à casa, preparava os animais que matara, — aves, mamíferos, cobras. No tocante aos insetos era-me necessário ter caixas para guardá-los e eu não as trouxera por esquecimento. Felizmente não eram raras as caixas de charutos; cortei umas tirinhas de cacto, preguei-as ao fundo dessas caixas e ali coloquei minhas coleções de insetos. Era obrigado a me apressar nesse trabalho, porque, se deixasse para mais tarde, as formigas davam cabo de tudo

numa dissecação que começava sempre pelos olhos. Passei os meses de novembro a dezembro ocupando-me de outras coisas menos importantes. A internada não me consentia sair, uma vez que os caminhos viviam alagados. Não podia, assim, pintar as árvores às margens do rio, a menos que me metesse dentro d'água até a cintura. Costumava ir de pés descalços, o que me produziu feridas que por muito tempo me afligiram; elas eram ocasionadas por enxames de insetos agressores das pernas, tirando-me uma gota de sangue a cada picada. Essas picadas multiplicadas, umas em cima das outras, degeneravam em chagas difíceis de cicatrizar, porque eu me via obrigado a andar descalço e outros insetos vinham aumentar o mal. Sem falar nas plantas eriçadas de espinhos.



## IV

### PROVÍNCIA DO ESPÍRITO SANTO

#### A MATA VIRGEM

*O sapo — O caranguejo — Meu primeiro dia no seio da floresta — Os índios — O negro fugido — O boi que foi vendido duas vèzes — Pulex penetrans — A aranha.*

*Uma migração de formigas — A festa de São Benedito — Incêndio na mata — O incômodo croquis — A surucucu — Morte de um indígena — Tribos indígenas da província — Um baile na mata — Um gato brabo — Onças — Volta ao Rio.*

Uma vez que não me fôra dado pintar índios, tratei de pintar paisagens. E, para tal, esperava com impaciência que o tempo melhorasse, tanto mais que desejava também realizar estudos sôbre as orquídeas, essas plantas parasitas que eu contava conservar até meu regresso à Europa. Era de meu intento, outrossim, colecionar mariscos terrestres. E nenhum dêsses propósitos me era dado pôr em prática. Todavia começara um segundo quadro, cujo assunto era um naturalista cercado dos frutos de suas explorações. Logo que se verificava uma trêgua aos aguaceiros, corria a apanhar umas flores para me

servirem de tema a uma tela, à falta de coisa mais interessante, e, certa tarde, de volta dum passeio, trazia comigo um bocado delas para me serem úteis no dia seguinte. Daquela vez me afastara bastante de casa e a chuva me surpreendera quando descia uma encosta no momento transformada em cachoeira; a água batia-me pelo joelho e, como de costume, estava descalço. Rapidamente a noite caiu, pois nesta região tropical não existe crepúsculo: a claridade do sol é de golpe vencida pela escuridão noturna. Pulando de pedra em pedra, para evitar os detritos de toda espécie que as águas carreavam, pisei em qualquer coisa escorregadia e mole. Era um desses enormes batráquios a que os índios chamam sapo-boi. Familiarizado já com certos encontros, atirei-lhe meu paletó para cobri-lo e, pondo-lhe um dos pés em cima, consegui agarrá-lo, apesar de sua resistência, pelas costas, dominando-lhe as pernas e evitando-lhe as dentadas. Ao voltar a casa, os índios, após o serviço, repousavam à porta e o sapo constituiu um divertimento para todos êles, pois num paroxismo de cólera o animal, ao se ver solto, no chão, avançou para mim com a goela escancarada e ganindo como um cachorro. Quisera bem conservar perfeito êsse interessante sapo, mas ignorava a maneira de matá-lo sem o deformar. Valeu-me, porém, o feitor que se achava presente e tomara parte nas gargalhadas provocadas pelos esgares do sapo. Êsse homem encontrou um meio simples para dar fim à existência do bicho e foi o de matá-lo com uma pedrada na cabeça. Tive ímpetos de dar-lhe; o miserável havia deitado a perder o meu sapo. Contudo, à força de mil cuidados, pude tornar a peça mais ou menos apresentável na minha coleção.

Cessara a chuva. Havia ainda um pouco de claridade e, tendo deixado o sapo protegido contra as formigas, fui observar o que estava fazendo um grupo de

índios. Numa espécie de cercado onde eram guardados os bois e, para evitar que êles nas suas brigas se ferissem mutuamente, estavam cerrando-lhes os chifres. Fiquei admirado com a maneira de se efetuar êsse trabalho, pois em vez de um serrote utilizavam um cordão. Tive ocasião de, posteriormente, assistir a cenas semelhantes e confesso que, se não a houvesse presenciado, teria duvidado da eficácia de tal operação contada por terceiros.

Tinham me falado, várias vêzes, desde que chegara ao Brasil, de uma terrível cobra, a maior das trigonocéfalas, conhecida pelo nome de surucucu e quando manifestei desejos de matar uma delas os cabelos de meu interlocutor ficaram em pé. “Que Deus o livre de um encontro dêsses, porque é morte certa. O bicho, além de um ferrão na bôca, tem outro no rabo”. Repetia uma coisa em que todo mundo ali acreditava de boa fé. Eu não duvidava de que essa cobra, mesmo sem o ferrão na cauda, era perigosa; que possuía um veneno terrível nos dentes e jamais fugia de ninguém pois se fiava na virulência do tóxico distilado a menor dentada. Um dia, eu estava a tocaiar umas aves, metido até os joelhos numa touceira, quando descobri uma cabeça com dois olhos brilhantes virados para mim. Como legítimo habitante da Europa não pude dominar o arrepio que experimentamos ao ver um reptil por menor que seja. Ademais sempre ouvira afirmar que a surucucu dava botes contra as pessoas a lhe passarem perto. Recuei precipitadamente para abrir entre nós uma conveniente distância e quando me vi mais ou menos em segurança comecei a refletir sôbre se deveria ir embora ou avançar de novo. Esta última hipótese era uma aventura de que poderia resultar bem ou mal. Tinham me prevenido: ao se atacar essa serpente a sorte dependia da certeza do golpe. Se êsse falhasse, o da cobra não falharia. Ainda hesitante, carreguei minha espingarda com dois tiros. A ca-

beça escondera-se, mais percebia-se-lhe o corpo através dos movimentos por entre as plantas onde se metera. Depois de ter verificado qual o caminho a tomar no caso de uma súbita retirada de defesa, atirei visando a cabeça da serpente que reaparecera. A dificuldade, porém, era a de constatar se a bala a atingira mesmo; poderia estar apenas ferida e reagir. Esperei um quarto de hora. Nada mais se mexia. Tornei a carregar a arma e com cautela fui me aproximando para conhecer de perto o inimigo com que me batera. Detidamente eu era um bravo; há tempos um manequim se vira vítima de meus socos e hoje eu matara um caranguejo! Mas que diabo estava êsse caranguejo fazendo tão longe do rio e com um pedaço de pano amarrado a uma das patas? Sem demora achei explicação para o fenômeno: os índios haviam pescado na véspera um bocado de caranguejos e como de costume os amarraram pelas pernas; aquêlê certamente conseguira fugir e não soubera que caminho tomar ao se ver liberto. Deparou-se comigo. Ninguém foge ao seu destino. Inútil é acrescentar! não me mostrei apressado em contár êste meu novo feito.

Há uns dois meses vinha tentando penetrar pela mata virgem que ainda não conhecia, mas não o pudera realizar até então devido aos charcos que se haviam formado com as chuvas copiosas. Um verdadeiro lago. Tornava-se necessário esperar que êle secasse aos poucos à medida que os aguaceiros cessassem de todo. O que eu tinha visto, em matéria de matas, até aquela data, — exceto a paisagem do dia de minha chegada — não me parecia muito interessante. Faltava-lhe o quer que fôsse de grandioso.

Afinal chegou o dia em que pude prosseguir nas minhas excursões; reuni provisões para a jornada. Meu livro de esboços, chumbo, pólvora, tudo em bom estado, e os frascos para guardar insetos. Uma sacola ia repleta

do que me pudesse ser necessário. Pus-me a caminho ao nascer o sol. As águas tinham baixado sensivelmente e eu só as sentia até metade das coxas. Pela primeira vez, após 10 meses de minha partida de Paris, via realizado completamente meu sonho.

Ao iniciar êste livro fiz uma comparação entre a coragem que é mister ter para deixar os entes que nos são queridos e a que se precisa possuir diante dos riscos prováveis em certas viagens; dêste modo, eu me senti bem mais isolado nas ruas de Paris do que no meio dessas matas sem saídas, sem caminhos traçados, onde a cada passo poderia me defrontar com um mau encontro, onde poderia me perder para sempre. Não me é náda fácil exprimir as emoções experimentadas nessa ocasião: era um misto de admiração, de espanto, talvez de tristeza. Como me reconhecia pequeno em face dessas árvores gigantescas que têm quase a idade do mundo! Assaltava-me uma ânsia de desenhar tudo aquilo e não me achava calmo bastante para iniciar a pintura. E ai de mim! Forçoso é confessá-lo: os mosquitos me atacavam por todos os lados porque êles reinam despòticamente dentro dessas florestas em que os raios do sol mal penetram, favorecendo, assim, uma umidade perpétua.

Por ali não passa nenhuma criatura humana. Torna-se preciso abrir caminho a golpes de machado. Se se para um instante, por todos os lados se é assaltado. Dêste primeiro dia de minhas grandes excursões pelas florestas do novo mundo guardarei eternamente recordações; como que ouço ainda o alarido dos papagaios trepados nos mais altos ramos das árvores, bem como o canto dos tucanos; apercebo-me do rastejar de um lindo reptil de um vermelho vivo, chamado cobra-coral e que com seu veneno mata com a virulência de uma víbora e de uma jararaca. A cortar cipós, ganhando terreno não pé a pé, mas polegada a polegada, alcancei uma espécie

de clareira formada por um grupo de árvores derrubadas talvez pelo raio. O sol entrava na mata. Insetos esvoaçavam em tórno de enormes flores que se vêm a cada passo e delas fiz uma rica colheita apesar dos mosquitos. O mesmo não me aconteceu, porém, com um lindo pássaro que ia visar com a espingarda, certo de reunir à minha coleção, mas me escapou por haver um danado de mosquito tentado me entrar num ôlho no momento exato do tiro.

Eu não tomara as precauções indispensáveis, justamente por causa da defesa constante contra os insetos, para reconhecer a direção que ia seguindo dentro da mata, e, por isso, de repente, senti-me perdido e tive verdadeiro apêrto no coração. Perder-se em sítios semelhantes é correr mil probabilidades de morte. Mas, felizmente, pude com algum esforço de orientação, encontrar não somente o ponto de partida para penetrar na clareira a que aludi como, também, alguns passos adiante, uma vereda meio encoberta pela vegetação. E com o auxílio da luz solar consegui orientar-me de novo. Tinha tirado o dia para caminhar a esmo. Armara-me com uma boa faca que de um lado cortava e de outro servia de serra; a espingarda dispunha de balas ao alcance das mãos para a possível hipótese de um mau encontro, porque, se na América não existem tigres nem leões, os jaguares, os ursos e as onças são numerosos. Por muito tempo andei escoltado pelos meus inimigos mosquitos, sem poder, por sua causa, esboçar o menor desenho. Só se pode formar idéia de quanto essa luta com os mosquitos inutiliza qualquer atividade, experimentando-a. Alcancei, numa descida, uma espécie de queda d'água, onde pude matar a sêde e lavar os pés e as mãos. Essa água a correr à sombra das árvores era morna; vim a saber depois constituía essa queda d'água um limite de certas terras concedidas pelo govêrno a uma pequena tribo de índios,

dos Puris. Encontrava-me, portanto, dentro da sua propriedade e divisei plantações de mamonas, laranjeiras, limoeiros e mandiocaes.

Consintam faça um parêntese a fim de explicar o que seja essa raiz da mandioca e como a aproveitam na alimentação, substituindo em tôda a América, o pão, não somente nas classes pobres como nas mais favorecidas pela fortuna. Tem essa raiz grande semelhança com a beterraba; mergulham-na por vários dias nágua e, após, fazem-na cozinhar em um fôrno que, entre os indígenas, é apenas uma vasilha de ferro em forma de prato; ao sair do fôrno pilam-na numa espécie de almofariz fabricado a maior parte das vêzes de um tronco de árvore, e quando já se achava a mandioca bastante pulverizada levam-na outra vez ao fôrno transformada numa farinha grosseira. Comem geralmente essa farinha sêca, porém os de apetite mais requintado misturam-na a banha de porco. Faz-se também com a mandioca goma e tapioca.

Quando surgi em frente das habitações dos índios, mulheres e meninos fugiram de mim apressadamente; os homens, mais afoitos, esperaram que me aproximasse, embora espantados de me verem pegar insetos, o que para eles constituía uma esquisitice. Não descobri nenhum sinal de hostilidade por parte dos índios, ao contrário, ao notarem que eu, aproveitando-me da trégua que me davam os mosquitos, ia começar meu almoço, chupando umas laranjas que estavam caídas no chão, dois dos selvagens vieram ao meu encontro com umas varas e tiraram dos pés uma meia dúzia de frutas das mais bonitas, oferecendo-mas com o melhor sorriso dêste mundo. A refeição que eu ia fazer tinha sido bem ganha. Sentei-me debaixo das laranjeiras e os meus dois novos amigos ousaram se avizinhar mais de mim, o que não o haviam feito tanto, mesmo quando me deram as laranjas. Minha

faca de caçador, meus frascos cheios de insetos, minha arma, intrigavam um pouco êsses homens.

Era já tarde; o sol percorrera dois terços de seu caminho e eu tinha ainda um longo trajeto a vencer no regresso a casa. Reentrei na mata onde, apesar das veredas e dos pontos de referência que eu ali deixara para orientação, tive trabalho em reconhecer meu caminho. Matei umas aves e um sagüi. Enquanto ia andando, procurava notar o que houvesse por ali de mais interessante para me servir de assunto aos quadros que pretendia pintar no dia seguinte.

Soube, ao chegar a casa, que um negro a quem eu dera um casaco de borracha, sem outro motivo, fugira, o que causara enorme desapontamento ao Sr. X. Não podia se consolar com êsse prejuízo, tanto maior quando o escravo de magro e doente que era ao chegar ali, engordara e se tornara robusto. Essa fuga importava numa perda de alguns mil francos. O Sr. X. escreveu várias cartas de aviso e enviou vários servidores à procura do negro fujão tão ingrato para com o dono que o engordara daquela maneira. Com meus botões eu desejava que tôdas as buscas resultassem inúteis e já pensava que tal tivesse acontecido quando um dia o negro reaparece trazido por um índio e um mulato. O pobre do fugitivo vinha algemado e não ignorava haver incorrido em pena rigorosa: de cabeça baixa, as lágrimas escorrendo pelo rosto e pelas mãos cruzadas ao peito. Aguardei com ansiedade o que iam fazer com o infeliz, disposto a intervir em seu favor se o castigo fôsse severo de mais. Felizmente, porém, o culpado recorreu a tempo a um costume que permite ao senhor ser indulgente sem quebra da autoridade: êle se confiou à clemência do feitor; êste, tornando-se seu fiador, interessou-se pela causa do afilhado, que foi apenas punido com uns bolos de palmatória, uma espécie de férula destinada a cas-

tigos domésticos. Na pequena habitação a que me acolhera cada dia dispunha de uma novidade para quebrar a monotonia de minha vida interior; quase sempre eram os animais que me ofereciam, representando o papel mais saliente. Ora, um rato que roía um sapato, ora um porco que entornara a panela, ora um cachorro que comera o jantar, quando não fôsem galinhas a trepar nos móveis e quebrar objetos mais frágeis ou gatos de várias gerações e de ambos os sexos que, após terem cometido delitos de tôdas as qualidades, durante o dia, tomavam as noites para levar a efeito um barulho de todos os diabos pelos telhados. Perto do meu quarto três bacurinhos costumavam vir grunhir, o que me era altamente desagradável, sobretudo quando se instalavam na minha porta. Eu me armara de uma espécie de ferrão com que os repelia de minha vizinhança, mas, ao fazê-lo, os porcos corriam, e, por sua vez, espantavam os bois que também se punham em debandada. Com barulho os cachorros se punham a ladrar em côro e era então um concertante de mugidos, de grunhidos e de latidos. O Sr. X., supondo um assalto, punha prudentemente a cabeça à janela e eu, como não me envaidecesse aparecer como autor dessa algazarra, voltava logo a minha cama sem dar nenhuma demonstração de incômodo. Limitava-me apenas a no outro dia ouvir com atenção as narrativas dos acontecimentos. Os bois estavam votados a constituir um papel de relêvo nas minhas impressões de viagem. Certa vez, um dêesses bois recém-adquiridos e que ia partir para um curral do interior, comeu erva venenosa e morreu dentro de poucas horas. Os índios trouxeram-no numa canoa e, desembarcando, perto de casa, cortaram-lhe a cabeça, atirando-a numa capoeira; depois esfolaram o corpo. O Sr. X. estava ausente, mas a mulata, que governava a casa, mandou meter num barril os pedaços de carne do animal. Em menos de dois dias decorridos

os vermes tinham tomado conta de tudo; todavia, passada uma semana, ainda se comia dêsse boi.

Como se tratava de fazer economias e como meu hospedeiro falava sempre da carestia dos víveres, a mulata evitara me dizer de que morrera o tal boi. Durante 48 horas todos os outros bois levaram a urrar em tórno do lugar onde haviam enterrado a cabeça do companheiro e, sem demora, os jaguares vieram também fazer côro com êles. Dali a pouco apareceram centenas de corvos pretos chamados aqui urubus. E tudo isso fazia um estranho contraste com esta rica e brilhante natureza. Debaixo de umas laranjeiras eu visava com minha espingarda essas feiosas aves a se disputarem os restos de um boi que fizera as delícias de meu paladar sem adivinhar de que modo êle morrera.

Todavia, ao cabo de três dias, apesar dos temperos, senti necessidade de mudar de alimentação. Desnecessário seria acrescentar que o dono da casa, ao voltar de sua viagem, não provou daquela carne de boi, prato êsse destinado apenas aos hóspedes.

Pensei não ter mais ocasião de me envolver em casos de bois, vivos ou mortos que fôssem, mas me enganava, porque, se um se perdera, outro fôra comprado em Santa Cruz. No dia em que deviam tê-lo conduzido para entrega ao novo dono, chegaram sòmente os filhos do vendedor, com o propósito de devolverem o dinheiro já recebido e trazendo as desculpas do pai por ter negociado o animal com um terceiro individuo, embora por motivo contrário a sua vontade. O meu hospitaleiro amigo ficou desapontado porque o vendedor do boi era uma espécie de pesadelo para êle; no seu conceito tratava-se de um homem sem fé nem lei. Como nesse caso não havia razões para julgar de modo contrário, esqueci as minhas queixas, e animei o Sr. X. a não se deixar vencer nessa questão,

reclamando enèrgicamente a entrega do boi. Minha atitude tinha os seus méritos pois, a muito custo, com os pés feridos, pude calçar-me e, levando nossas pistolas, partimos. Em meio do caminho uns cães fizeram mêdo a meu cavalo e êle se pôs em pé, recuando, até bater num velho tronco e cair de lado. Percebi o perigo, mas, felizmente, já estivera na Lapônia! Parecerá esquisito que eu me rejubile de já ter andado na Lapônia a propósito de um cavalo que se assusta numa mata brasileira e obriga o cavaleiro a se precaver para não ficar debaixo dêle. E, no entanto, nada mais natural essa evocação. Certa vez o meu cavalo caiu numa turfeira e, debatendo-se, deu comigo no chão: um dos seus pés prendeu minha mão esquerda e íamos ambos desaparecer quando vieram em nosso socorro, e, com o auxílio de varas e de um mastro que servia para armar minha barraca, puderam nos tirar do buraco embora em lastimável estado. Desde êsse dia, receoso de ser enterrado vivo, ao menor passo falso dado por um cavalo que eu montasse, levantava ràpidamente a perna e, fôsse dentro d'água, num espinheiro ou em cima de pedras, escorregava suavemente tal e qual um saco de trigo mal amarrado. E êsse gesto se renovava cêrca de quatrocentas vêzes num raio de cem léguas.

Havia uns 10 dias que eu errava assim sôbre a terra firme quando cheguei a um lugar onde Regnard disse em belos versos latinos que o mundo se acabava. Dão-se a êsses enganos a denominação de licença poética; confesso a minha incompetência e como costume fazer nos casos de que não entendo prefiro abster-me. Contudo, meus estudos lapônios a respeito dos meios de não cair dos cavalos não me foram inúteis no Brasil. No caso presente dei um salto tão brusco que, em vez de ser o animal que me causasse mal, eu é que lhe fiz uma contusão no estômago, sem aludir, é claro, a uma tor-

cidela no pé já magoado que não pude evitar. Mas, apesar disso, tornei a montar.

Fomos, primeiro, à presença do mulato a fim de sabermos direito como e por que êle, depois de ter recebido o dinheiro do boi, vendera-o a um outro. O pobre homem estava embaraçado de verdade para se justificar; pareceu-me que o outro comprador obtivera anteriormente uma promessa de venda. Tudo se achava, porém, muito complicado. Não havia outro jeito senão procurar o novo proprietário do animal e conforme sua resposta quebrar a cabeça do inocente boi, dispostos também a fazer o mesmo com o seu dono, caso reagisse. Ao nos aproximarmos da casa dêsse indivíduo, o Sr. X. foi desagradavelmente surpreendido com a presença de todos os criados pretos e índios formados em frente da porta, com o patrão ao lado, de braços cruzados, como à espera dos acontecimentos. O Sr. X. desceu do cavallo; eu não pude imitá-lo. Não poderia descrever os insultos que o meu hospitaleiro amigo teve de ouvir: ladrão, caluniador, homem de maus bofes etc. Achei conveniente intervir e fi-lo estendendo majestosamente o braço e pronunciando um discurso que não teria ficado mal a Sancho Pança:

“Há alguns minutos que ouço atentamente as acusações que vêm de ser dirigidas contra o Sr. X. Aliás, acusações semelhantes, tenho ouvido do meu hospedeiro, contra quem agora o ataca. O que se passa neste instante me convence de que existe entre ambos um mal entendido proveniente de mexericos e maledicências. É preciso dar um fim a êsse estado de coisas. Apertem-se as mãos, senhores, e prometam que não levarão mais em conta intrigas que façam de um a outro. E quanto ao boi o melhor é matá-lo, salgá-lo e dividi-lo”.

Meu discurso foi traduzido e aplaudiram-no vivamente. O homem branco falara bem.

Voltara o bom tempo e o sol se tornara mais suave; tôdas as manhãs a viração era agradável. Fui por várias vêzes até à mata pintar algumas paisagens. Familiarizava-me com a floresta sem deixar de admirá-la. Escolhera uns troncos de árvores e umas plantas para copiá-los. Levava comigo o almoço e demorava dentro daquela deliciosa sombra, embora sempre hostilizado pelos mosquitos e pelas formigas contra as quais protegia minha comida. Conseguira aumentar bastante a coleção de orquídeas; certa vez colhi tantas que o seu pêso me deu dôres nas costas. Todos os dias jurava a mim próprio não voltar à mata tanto os insetos me maltratavam, mas ao ouvir os cantos dos galos me levantava e para lá me botava. Ao regresso era-me costume passar uma hora perto do regato mais encantador dêste mundo: uma areia finíssima, árvores a formarem uma cúpula e flôres penduradas por todos os lados. Que admiráveis tardes as da minha volta da floresta, com o sol em declínio, e quando, depois de um banho delicioso, podia entregar-me à caça dos insetos! Impossibilitado de pintar os índios, ou de ensaiar umas fotografias, porque não dispunha de quem carregasse minha "bagagem", me contentava em apanhar umas paisagens. E, ao me sentir cansado do continuado labor cotidiano, sentava-me na relva e desenhava algumas fôlhas, cuja variedade era infinita. Para comprovar a veracidade de meu lápis colhia muitas dessas fôlhas e guardava-as, medida que de muito me valeu, pois já na França elas me auxiliaram bastante ao querer pintar uma mata-virgem.

Aproveitando-se do bom tempo que fazia, o meu hospedeiro resolvera aumentar sua casa. Era um projeto muito natural, tanto mais quando essas obras só poderiam trazer incômodos para mim, uma vez que, para se prolongar o telhado do prédio antigo a ponto de se unir ao da nova construção, tornava-se preciso descobrir o meu

quarto. Mas substituíram as telhas por um couro de boi que não evitava a investida do vento, da chuva e, o que talvez fôsse pior, de tôda sorte de mosquitos atraídos pelo candieiro do qual, diga-se entre parenteses, me valia sôbriamente para não me tornar indiscreto. Sendo hábito levantar-me da cama cedinho, costumava me deitar à noite também cedo, e se às vêzes me demorava em ir para cama era por estar ocupado numa operação bem dolorosa. Existe, no Brasil, um insetozinho, quase invisível, o "pulex penetrans" ou bicho do pé, um danadozinho de animal que se introduz debaixo das unhas ou em qualquer outra parte dos pés; uma vez ali aninhado, por vêzes profundamente, faz a sua postura e os milhões de ovos vão crescendo dentro de um saco. Se consentirmos nessa evolução, surgem inflamações dolorosas e às vêzes com funestas conseqüências. Conta-se de um cientista que quis transportar *in loco* êsses insetos, para estudá-los na Europa, porém veio a morrer durante a viagem. Conforme já fiz sentir, meu quarto era pouco aseado e, por isso, tôdas as noites, revistava os pés, armado de um canivete e de um alfinete, para dar caça aos "bichos" que ali se houvessem instalado, antes de se desenvolverem; o trabalho requer grande cuidado pois não se deve romper o saco, sob pena de os ovos permanecerem na carne e continuarem a nos afligir. Certa vez tive preguiça de realizar minha caçada habitual e no dia seguinte encontrei onze ninhos no polegar do pé direito. É fácil de se avaliar que êsses buracos de onde se extraem os sacos se prestam à invasão de novas pulgas.

Enquanto eu era dissecado pela base, as outras famílias de insetos tomavam conta da minha pessoa pelo resto do corpo, atraídas pela luz do meu candieiro. E quase me punham doido. Acima das ancas tinha sinais avermelhados da mordedura de um outro bichinho, também quase imperceptível, a que chamam de maruim, e,

também, era freqüente outra espécie de pulga, "carrapato", vivendo à custa do meu sangue, engordando à vontade. Ainda não falei dos bichos de galinha que sabiam ser igualmente bastante incômodos. Além das minhas feridas nos pés, fiquei com o nariz e os olhos inflamados das picadas dos mosquitos. Um dia, tendo bolido sem querer numa casa de abelhas, as suas moradoras se irritaram e me atacaram com tôda veemência, visando sobretudo minha cabeça, cujo cabelo mandara raspar há dias.

Aos animais malfazejos é mister acrescentar os que me visitavam inofensivamente. Milhares de coleópteros que se lançavam contra tudo, perfurando com as mandíbulas a madeira de tal forma que um dia furaram um barril e derramaram o vinho que continha. Eles assaltavam em massa os objetos brilhantes e como a luz me servia para a caçada aos bichos de pé, era preciso combatê-los agarrando-os aos punhados e atirando-os fora do quarto. Também os besouros e mariposas me visitavam aos enxames. Devo citar uma coisa curiosa: os caranguejos, os horríveis caranguejos, com sua carcaça e com suas patas, cobriam as paredes de meu aposento, ao cair da noite. Em um dia eu pintara uma flor vermelha e um pássaro cujo papo era também encarnado e na manhã seguinte notei que essa cor desaparecera na tela. Restauréi a pintura e o fato se reproduziu. Não sabendo a que atribuir êsse misterioso desaparecimento, pendurei o quadro, apaguei o candieiro, e pus-me de espreita; a um pequeno ruído, acendi de golpe o candieiro e descobri os caranguejos a atacar minha pintura. E eu que já lhes votava um ódio de morte... Como não sou químico, não pude compreender porque êsse animal gostava somente do vermelho. Quando eu terminava minha operação nos pés, e apagava a luz, de ordinário os meus visitantes iam embora, exceto os mosquitos. Mas, depois de terem co-

berto meu quarto com o couro de boi, os ratos deram também em me despertar roendo aquela espécie de coberta; eu fazia b̄arulho e êles desertavam, voltando, porém logo que o silêncio se restabelecia. Tive uma idéia feliz: como já fizera com os porcos, vali-me da bengala ferrada de paisagista para combater os ratos. Quando os supunha entregues ao seu banquete em cima do telhado, levantava de brusco o couro de boi com a bengala e atirava aos ares todos os convivas. Era bem necessário encontrar uma diversão quando não se pode dormir direito e com êsse duplo ataque aos porcos e aos ratos eu me furtava também às picadas dos mosquitos.

Uma manhã, um tanto preguiçoso para me levantar, porque chovesse, permanecia estirado no colchão, meio acordado, meio dormindo, quando a vista de uma coisa horrível me fêz dar um pulo e interromper o *dolce far niente* a que raramente me entrego: descobrira perto de mim uma aranha de 10 a 12 polegadas de tamanho, tôda cabeluda e armada de dois ferrões que provocavam febre durante vários dias; êsse animal ataca e come pequenas aves. Não obstante minha repugnância reuni a aranha à minha coleção. Nessa época já conhecera também o escorpião.

Certa vez eu estava pintando um tronco de árvore coberto por trepadeiras que o envolviam como os arcos de um tonel. Enquanto trabalhava, não deixava de prestar atenção a insetos lezardos que passavam perto de mim, sempre na mesma direção; ouvia, mais distantes, gritos de aves, alguns dêles a se tornarem mais próximos. Pensei a princípio se tratasse de uma tempestade prestes a se desencadear e como tinha de percorrer bem uma légua antes de chegar a casa tratei de meu regresso, quando de súbito me vi coberto da cabeça aos pés por um exército de formigas. Mal tive tempo de me levantar, derramando tudo quanto tinha dentro de minha caixa

de tintas, e fugi a tôda velocidade, procurando me ver livre das formigas. E nem pensei em ir buscar os objetos deixados à-toa. Numa extensão de dez metros mais ou menos de largura, unidas de tal modo que não se via um palmo do terreno, miríades de formigas caminhavam sem se importar com os obstáculos, a transporem parasitas, plantas, árvores das mais elevadas. Pássaros de tôdas as espécies acompanhavam o cortejo e de quando em quando se cevavam nêle à vontade. Senti não estar armado, pois deixara a espingarda na minha fuga, e não pude ir buscá-la, pois durante 3 horas não tive um ponto limpo para botar os pés. Sòmente muito tempo depois foram se formando entre aquêle tapête ambulante umas veredas dentro das quais pude ir saltando, com o maior cuidado para não me aproximar das formigas que de novo me assaltariam. Nem assim evitei algumas mordeduras ao pegar na espingarda. Aos pulos, ainda, pus-me afinal longe daqueles inimigos. Consegui abater algumas aves, porém ao terminar o desfile das formigas verifiquei que a minha caça tinha sido inteiramente destruída: só ficaram os esquelêtos. Ao chegar a casa, verifiquei haver ali também passado o formigueiro em marcha e em destruição. Felizmente não gostaram das aves embalsamadas; o sabão arsenical não lhes tentara o paladar. Salvaram-se assim minhas coleções. Mais infeliz fôra eu, que apresentava pelo corpo vários sinais de dentadas a me exacerbarem o sistema nervoso. À noite, sem poder dormir, armei-me com o cacete e dispus-me a exterminar o que me incomodasse. De repente ouvi, ao longe rumor um tanto confuso, como se alguém batesse num tambor cuja pele estivesse molhada. Que história seria essa? mente pela manhã vim a saber que se tratava da festa

de São Benedito, divindade de grande devoção dos índios. Eles faziam preparativos para essa festa uns seis meses antes e guardavam dela uma recordação pelos outros seis meses do ano. Desde o momento em que esse tambor começa a ser tocado, não para mais, nem de noite nem de dia. Não deixei de ir me divertir um pouco nessa festa que se realizava numa povoação chamada, se não me engano, Destacamento. O Sr. X. fêz-me companhia. Em todos os tetos em que entrávamos bebia-se “câouêba” e cachaça, e a pretexto de se cantar, berrava-se. Mantinham-se os homens sentados tendo entre as pernas um tambor primitivo fabricado com pequeno tronco de árvore oco coberto por um pedaço de couro de boi; outros homens esfregavam uns pauzinhos num instrumento feito de bambu todo entalhado. Ao som dêsse charivari, mulheres, mesmo velhas, dançavam devotamente um desgracioso cançã que mereceria certamente a reprovação de nossos virtuosos agentes de polícia. Depois de se ter dançado bem e melhor bebido e urrado, numa casa, ia-se fazer o mesmo numa outra habitação. Numa delas tive a coragem de beber numa espécie de cabaço a tal “câouêba”, o que fiz, aliás, para despertar simpatias e conseguir depois me permitissem uns retratos. Não ignorava como se prepara essa bebida: sabia que as mulheres idosas (são elas sempre as encarregadas das funções mais importantes) mastigam raízes de mandiocas antes de deitá-las numa vasilha; cada uma de sua vez cuspiam nessa panela o conteúdo das suas bôcas e deixavam a massa fermentar. Como se vê, em mim, o amor à arte sobrelevava o instinto da repugnância. Dessa casa passei a outra e nessa não existiam representantes do “belo sexo”; apenas um índio cantava ao som de um violão uma modinha suave e monótona que tinha encanto particular.

Sentei-me ao seu lado e fiquei surprêso de ver que me tornei motivo dos improvisos dêsse cantador. O seu estribilho era êste:

*Su Bia ao sertão guerea*  
*Matar passarinhos*  
*Su Bia ao sertão*  
*E também souroucoucou (1)*

M. Biard dans la montagne  
 Désire tuer petits oiseaux,  
 M. Biard dans la montagne  
 Cherche aussi serpents dangereux. (1)

Ficaram todos admirados de me ver rir a bandeiras despregadas dessa cantiga que me homenageava, embora com suas pequenas imperfeições. Afinal chegara o momento ansiosamente esperado: surgiram duas figuras importantes. A primeira era um índio alto, revestido de uma túnica branca a lembrar um pouco o roquete de um coroinha, e tendo na mão um guarda-chuva vermelho ornado de flores amarelas; na outra mão trazia uma bandeja que também se pendurava de um velho chale de franjas amarrado à cintura como um talabarte. Dentro da bandeja vinha São Benedito, que, não sei por que, é prêto, todo cercado de flores. Ali se colocam as ofertas feitas ao santo. A segunda personagem, digna de fazer parte do exército do imperador Soulouque, cingira uma farda azul celeste tôda enfeitada de chita em xadrez encarnado; usava dragonas como as do general La Fayette, e na cabeça um chapéu de pontas, fenomenal no tamanho e encinado por um penacho que já fôra verde. Como emblema ostentava uma rodela com três cerejas bem ver-

---

(1) Como no original

melhas. Esta última figura é o comandante. Para se merecer essa graduação torna-se indispensável possuir umas pernas de resistência superior à de tôdas as outras da terra, pois durante as cerimônias o capitão não cessa de dançar. Ele precede ao cortejo, sempre num passo de dança, com uma baliza nas mãos. A princípio pensei tratar-se de um círio. Atrás dêle vai o homem de guarda-sol vermelho, levando o santo; depois os músicos em duas fileiras e em tórno da imagem as velhas devotas no seu cançã. Meio escondidas nos postigos ou nas portas se surpreendem jovens e bonitas cabeças. Diante de cada pessoa convidada para o banquete, o cortejo parava; o capitão entrava, a dançar, e dava uma volta pelo interior da habitação. Dali se passava a outra casa e, nesse passo, chegaram à igreja tôda enfeitada com palmeiras; a iluminação era feita por mêtio de cabaças cheias de azeite. Fôra preparada a mesa defronte do altar; por precaução estenderam-lhe por cima uns panos sem dúvida com receio da investida das aranhas e de outros bichos malfeitores. Trancaram São Benedito na caixa, após terem retirado as ofertas, e nós então voltamos.

Em caminho vim imaginando o desenho dessa festa grotesca, mas para levá-lo a efeito precisava de pormenores que só me seria dado obter com o auxílio do Sr. X. Dessa vez êle me cedeu um dos seus índios. Digo assim porque é costume na província do Espírito Santo tomar-se conta dessas criaturas desde meninos, embora pertençam a alguma instituição orfanológica; comprometem-se a criá-los e vigiá-los até uma determinada idade, não como escravos, mas apenas como empregados. A comêço obtive generosamente um modêlo para meu quadro, porém depois tudo transcorreu como anteriormente: os pormenores, o chapêu de sol vermelho, os tambores, a vestimenta, o chapêu de dois bicos com o emblema côr de cerejas, nada pude obter e tive de suspender o trabalho.

E' de imaginar os desgostos que me traziam êsses entaves, enquanto o tempo corria. Afinal, um dia recebi uma carta do bondoso Sr. Taunay, verdadeiro contraste do espírito malevolente do italiano que me hospedava. Uma espécie de pressentimento, não há dúvida, levara o Sr. Taunay a me enviar algum dinheiro. Desde o nosso primeiro e feliz encontro calculei que, no decorrer desta minha história, o seu nome se ofereceria várias vêzes a minha pena, porque, nunca, em minhas relações com êsse digno homem, houve entre nós qualquer motivo de desconfiança. A soma que me remetera não seria bastante para permitir a continuação de minha viagem, mas, quando já pensava em dar por finda a excursão, me vem às mãos outra importância maior e logo depois uma terceira remessa. Êle me enviara êsse dinheiro propositadamente em parcelas, a fim de evitar que, dando-se um extravio no caminho, o prejuízo não me fôsse total. Achava-me finalmente bem provido monetariamente e restava-me agora obter uma canoa e alguns homens para me tirarem daquela casa de maribondos, e, enquanto não me chegava o momento de partida, ia aumentando minhas coleções. Haviam botado, abaixo muitas árvores numa vasta extensão de terreno e era ali que eu apanhava os insetos porque o sol os atrai mais do que a sombra das matas. Depois de abatidas as árvores preparavam-se para lançar-lhes fogo, rematando a obra destruidora do machado; para tal, entretanto, era mister aguardar certas condições favoráveis como fôsem um dia bem quente e um vento de leste. Certa manhã me vieram prevenir de que se me ofereceria o espetáculo da queimada e tratei logo de me colocar num ponto em que pudesse reproduzir numa tela essa cena grandiosa. Todos os servidores da casa afluíram igualmente para assistir à queimada, atraídos pela curiosidade e não menos pela cachaça que é distribuída nesses momentos. Embora me visse embarçado por alguns instantes em escolher bom lugar, co-

loquei-me convenientemente entre a assistência. A um só tempo inflamaram-se os velhos troncos, os montes de galhos, as fôlhas sêcas, tudo aquilo que durante os seis meses estivera exposto aos raios solares. Cada criado com um facho alimentava as chamas onde elas davam sinal de esmorecimento. E êsses homens pretos e vermelhos, movimentando-se entre as labaredas, davam uma idéia de feiticeiros numa cena de sabat. As chamas serpenteando pelos cimos das árvores não derrubadas simulavam inúmeras gigantescas tochas, e de tal modo os turbilhões de fogo se multiplicavam que eu não sabia como principiar a pintá-los. Eu me encostara a um tronco de árvore há tempos abatida e tão grosso que o deixaram no ponto em que caíra antigamente. Essa escolha quase me foi fatal, pois, enquanto estava a pintar, rapidamente o vento mudou de direção e as labaredas avançaram para meu lado. Vi-me coberto de centelhas a me queimar a pele e quase me atingiam os olhos; sem poder cerrá-los, porque tinha de procurar caminho para a fuga, ainda por cima me vi em dificuldades para transpor o tronco que me servira de abrigo, o qual tinha mais de quatro metros de grossura e mais de 20 de comprimento. Corri ao longo dêle, deixando em abandono meu chapéu e meu banco portátil, mas salvei milagrosamente a caixa de tintas e o papel. Cheguei a casa coberto de cinzas, que a custo me saíram do corpo e da roupa. Uma chuva inesperada veio diminuir o efeito da queimada; muitos galhos ficaram meio consumidos pelo fogo.

À noite voltei ao local do incêndio e, dessa vez, sentado à vontade, pude contemplar sem riscos o admirável espetáculo: entre aquelas árvores queimadas existiam outras ainda de pé, esperando apenas que o vento as derrubasse, uma vez que o fogo as ia corroendo pelas bases pouco a pouco. Eu fechava por instantes os olhos,

enquanto o fogo prosseguia no seu trabalho de solapamento; esperava ouvir o fragor do tronco vindo ao chão. O estrépito da queda era repetido pelo eco; nuvens de cinza e de fagulhas se erguiam para o céu e ao longe gritos cortavam os ares, sem dúvida de onças e de macacos abandonando amedrontados suas antigas moradas. O homem selvagem já cedera o passo à civilização; agora era o turno dos animais. Mais tarde viriam outros invasores tomar conta destas terras que hoje estavam sendo desbastadas. Ao ver por todos os lados caírem ao solo aquelas árvores, meu pensamento andava longe da cena que se me apresentava aos olhos.

Presenciara inúmeras vezes discussões políticas, nem sempre compreendidas direito. Diziam uns que o Brasil seria um dia presa de aventureiros americanos; afirmavam outros que em breve o norte se separaria do sul, tornando-se uma república, forma de governo aliás que o resto acabaria também adotando. Sobretudo achavam que tais acontecimentos seriam conseqüências da dificuldade de se substituir a raça negra, maximé não houvesse um auxílio de colonos. Faltavam braços e que futuro poderia ter uma terra que não produzisse? Ouvira muitas outras coisas e talvez todos, ao mesmo tempo, tivessem razões. Por minha parte, depois que passara a viver nas florestas, arriscava também minha opinião política, a meu jeito, e minhas reflexões, desta vez, encontravam berço na história das invasões.

O Brasil fôra conquistado pelos portugueses; por algum tempo os holandêses dominaram aqui, mas depois os portugueses conseguiram desalojá-los; da fusão destes últimos com os indígenas se originou a raça brasileira. As tribos selvagens foram pouco a pouco se refugiando no interior do país e dizem virá uma época em que outros povos substituirão os brasileiros. De mim julgava que, se tal acontecer, inevitáveis inimigos, a seu tempo, porão

em fuga vencedores e vencidos e ficarão unicamente os senhores desta bela e magnífica terra. Incontáveis legiões cavam há anos minas subterrâneas; exércitos mais numerosos que as areias das praias se espalham sem que possam ser contidos; tangidos de um lado, êles voltam mais encarniçados de outra parte. Eis os verdadeiros inimigos do Brasil: os que têm compelido tribos inteiras a se mudar de uma zona para outra, abandonando suas casas e o solo em que nasceram — são as formigas. Falo sèriamente: vi môveis maciços e enormes portas de madeira resistente como o ferro se desmancharem em pó; vi plantações devastadas numa noite. As formigas dividem-se em dois grupos: um dêles trepa às árvores e corta-lhes as fôlhas; o outro carrega a colheita para seus abrigos. Constroem formigueiros tão grandes que não se podem descrever e chegam a causar mêdo. Presenciei os preparativos de combate a um montículo que era a “panela” de um formigueiro tão numeroso que a um quarto de légua de distância ainda se encontravam ramificações subterrâneas. Ao cair da noite êsses exércitos saem dos buracos e a êles regressam carregados. O combate aos bichinhos terríveis é feito com o auxílio de toda a espécie de matérias combustíveis; os índios, armados de varas, remexem as entradas dos formigueiros e lançam-lhes fogo no interior, destruindo os ovos que às vêzes formam volumes maiores do que elefantes. As formigas fogem dos esconderijos tontas pela fumaça, enquanto os ovos crepitam. Porém, passado um mês, os formigueiros estão novamente formados. Não se pode andar nas matas sem se encontrar verdadeiros tapetes de fôlhas verdes cortadas pelas formigas e por elas transportadas. A princípio, ao ver aquelas fôlhas em marcha, julguei se tratasse de uma espécie de insetos. Os bandos chegam a interceptar a passagem dos pés humanos. Se encontram a meio do caminho um galho ou um tronco, elas os transportam umas atrás das outras. Quem quiser colher uma

orquídea deve antes de tocá-la se prevenir. Ganhei experiência própria: as formigas lá se acham aninhadas nas flores. Costumam-se ver, por todos os lados, no chão, nas árvores, umas protuberâncias escuras, duras, espessas, de 4 e 6 pés de altura; fazei-lhes um furo e de dentro sairão legiões de formigas armadas de venenosas mandíbulas. Não se pode imaginar bem as precauções que me foi necessário tomar para proteger minhas coleções desses bichinhos terríveis; não menos minha comida e a água que bebia... Eles se metiam por tôda parte e tive um dia a prova, bem triste, do quanto de mal podiam produzir. Certa vez, querendo apanhar um ninho, vi-me coberto de formigas da cabeça aos pés. E penso já haver dito bastante acêrca dêste assunto, ao qual não terei, tão cedo, oportunidade de voltar.

Meti-me um dia a visitar o sertão, na região do Rio Doce onde vivem os botocudos. Não ignorava as dificuldades que teria de enfrentar, mas tomei precauções; caminhamos dois dias sempre dentro da mata, mas por veredas abertas pelos pés humanos. Antes que tudo era preciso reunir os índios que deviam fazer a viagem comigo. Se de Vitória a Santa Cruz várias ocasiões tivemos de nos meter dentro d'água, desta vez era na lama que deveríamos andar; freqüentemente tínhamos de puxar os cavalos atolados até as barrigas... Quanto mais avançávamos, mais as árvores aumentavam de porte; atravessamos clareiras onde cada árvore tinha a sua copa inteiramente florida; de quando em quando me apeava para caçar alguns pássaros. Dormimos numa barraca semelhante às que são armadas pelos trabalhadores de estradas e apesar dos seus inconvenientes meu sono foi tranqüilo, embora perto houvesse uma estrepitosa cascata. No segundo dia de jornada atingimos uma cabana habitada por índios que procuravam por ali o jacarandá; os troncos dessa madeira eram arrastados por bois, até à

beira do rio. Havia em redor dessa habitação baixas de capim para êsses animais. Eles são de tal modo necessários ali para o trabalho que o meu amável hospedeiro preferia privar-se de beber leite a ter uma só vaca que comesse o capim reservado aos bois.

Como eu caminhava muitas vêzes a pé, confiara meu cavalo a um índio; êste seguira na frente e não se preocupou mais comigo, de modo que tive de me aguentar, assim, pela detestável estrada, até o fim do percurso, chegando todo enlameado, muito cansado; isto, todavia, não me impediu de tratar logo do embalsamamento das aves que matara. Deitei-me numas tábuas. Os índios, não satisfeitos do calor que fazia, atearam mais uma enorme fogueira perto da qual se deitaram. Quase morri abafado e assaltaram-me pesadelos. Ao clarear partimos de novo; desta vez com o propósito de explorar matas mais impenetráveis do que aquelas por onde já tínhamos andado. Cada um de nós se arnuiu com uma machadinha e golpeava, derrubando para um lado e para outro. As aranhas desalojadas caíam-nos em cima e houve ocasiões de ficar com uma dúzia delas agarradas ao corpo e ao rosto. Após têrmos vencido longo trecho, desta maneira, vencendo ligeira ladeira, atingimos rampas tão íngremes que não as podíamos subir sem auxílio das árvores e dos cipós. Enquanto realizávamos essa ascensão, os cães que nos acompanhavam faziam exercícios de caça; certa ocasião latiram de tal modo que julgamos terem feito algum sensacional encontro. Era um quati; antes de ser morto havia rasgado a barriga de dois dos seus agressores. A premência do tempo não permitiu que os índios derrubassem uma árvore onde havia uma colmeia; o fato contrariou bastante pois contavam se aproveitar do mel. As abelhas tinham feito na árvore um buraco como a boca de uma corneta. À medida que avançávamos, mais áspero se ia tornando o caminho, retardando-nos os passos.

Os braços sentiam-se cansados de manejar as machadinhas; vimo-nos dentro de um bambual cerradíssimo; abrimos uma passagem a muito custo, ferindo-nos bastante, sobretudo nos pés, porque tínhamos de caminhar sobre inúmeros galhos que cobriam o chão. Atingimos um riacho sem nome; êle corria muito em baixo do ponto em que nos encontrávamos. Para chegar-lhe perto era necessário nos suspendermos aos ramos das árvores com risco de nos arrebentarmos todos se os pontos de apoio falhassem. Eu já me acostumara com as contusões; meus pés estavam mais ou menos sarados; e, assim, pulei como vira os outros pularem. Quando chegamos lá em baixo, todos se encontravam estafados sem poder dar um passo a mais; sentamo-nos em pleno sol num monte de areia e ali descansamos e almoçamos. Resolveu-se, durante essa etapa, que, se não se conseguisse voltar à mata, tentar-se-ia subir o riacho, o que se fez. A princípio eu não tinha água senão até a cintura, mas ao cabo de mais algum tempo fui obrigado a me despir todo e a fazer da roupa um embrulho, que amarrei às costas com a espingarda. Não era cômodo êsse trambolho para viajar, tanto mais quando ia aumentando o pêso com os meus utensílios de caçador; veio-me arrependimento de tê-los levado. Todos os esforços eram necessários para não molhar minha bagagem, o que nem sempre era fácil conseguir. Acompanhava de longe os companheiros e quando a água não me chegava ao pescoço, erguia os braços e fazia vagarosamente um esbôço, lamentando não viesse atrás de mim um colega de pintura para apanhar minha figura, assim metido n'água, com a roupa e a espingarda pendurados às costas, e de braços no ar a desenhar. Seria muito pitoresco. Não me detinha a desenhar aspectos já familiares, mas ao transpor um trecho bosqueado de bambus e enfeitado de trepadeiras, quando divisava as orquídeas a se balançarem como os lustres de uma cathedral, sem quase se distinguir os delgados cipós que as susti-

nham, não podia deixar de deter os passos e desenhar; realizava apenas um croquis numa proporção relativa de cada margem, porque os braços elevados depressa se fatigavam e tinha de deixar o trabalho mal iniciado. Após algumas horas dêsse passeio aquático principiámos a encontrar obstáculos: troncos de árvores, grandes pedras. Era forçoso voltar às matas e como nessa época as enchentes encharcam as terras marginais, quando tentávamos um solo firme, atolávamo-nos na lama até as coxas. E bem de sorte nos julgávamos ao descobrir êsses caminhonhos feitos pelas antas para irem matar a sêde nos rios. Percorriamos alguns quilômetros por dentro da mata, com dificuldades, pois nem podíamos manejar os machados, e, depois, reentrávamos no rio. Como meu vestuário era dos mais rudimentares, meu corpo se enchia de arranhões. Mas, íamos caminhando por essa líquida estrada, como patos, enquanto as águas só nos atingiam os queixos. E o dia todo decorreu assim, a subir êsse riozinho, com intervalos de caminhadas pela mata. Já quase no fim da jornada um índio que ia na minha frente fêz-me parar, estendendo a mão: um enorme tronco barrava-nos a passagem. Êsse índio só tinha o seu revólver a proteger da água e sempre o conservava protegido; apontou a arma para qualquer coisa que eu não distinguira ainda e atirou. O que me apareceu então fêz-me recuar tão precipitadamente que caí num espinheiro. A dor fêz com que me levantasse o mais rápido possível, tanto mais quanto eu estava em presença, pela primeira vez, de uma terrível surucucu, serpente venenosíssima. Porém ela se achava mortalmente ferida. Tinha bem uma dúzia de pés de comprimento; com a cauda quebrava tudo ao seu alcance; a cabeça, do tamanho de um focinho de porco, ainda se erguia e fazia esforços para se atirar contra nós, mas em vão porque estava com a coluna vertebral partida. Ainda me lembro, como se fôsse hoje, da impressão que me causou aquela goela

escancarada, mostrando dois ferrões venenosos que uma vez atingindo alguém lhe dão uma morte quase instantânea. Debateu-se a cobra por espaço de meia hora. Os índios queriam esmagá-la, mas me opus por desejar levá-la comigo o mais perfeita possível. Quando a vimos inerte, cortei um cipó e me aproximei, pois não pensava sequer em pedir aos índios para me ajudar nesse trabalho; fi-lo com tôdas as precauções, mexi-lhe com o cipó na cabeça e, certo de que se achava mesmo morta, amarrei-a pelo pescoço. Em silêncio os índios me observavam. Pus-me a arrastar o monstro, o que não me era muito cômodo, porquanto já levava outras coisas pesadas às costas. Contudo o índio que matara a serpente e que, entre parênteses, fôra o meu único modelo, me auxiliou um pouco, foi-me bem útil, pois talvez sôzinho não conseguisse realizar o meu intento de conduzir o monstruoso animal. Afinal chegáramos a um sítio em que teríamos definitivamente de abandonar o rio. Eu tinha os pés de tal modo inchados que muito me custou enfiar as botinas. Não obstante as cautelas tomadas, a bagagem se molhara tôda e a pólvora se inutilizara.

A caminhada pela mata foi longa; meti-me de novo nas roupas, embora encharcadas d'água; e recomeçamos a luta contra os cipós e os espinhos. Os índios, com seu instinto de bichos do mato, nos guiavam direito, apesar da escuridão; todavia, de quando em quando esbarrávamos em obstáculos. Animais quase invisíveis corriam diante de nossos passos; os cães mantinham-se aos nossos lados; por tôda parte viam-se sombras aterrorizadoras; bem assim luzes erradias parecidas com os fogos fátuos que metem mêdo aos viajantes. Tive a curiosidade de conhecer a razão dessas luzes; mexi nuns troncos apodrecidos e apanhei uma porção de vermes brilhantes. Mais tarde quando quis ver-lhes o efeito o fósforo havia desaparecido.

Ora sozinho, ora com o auxílio do índio, conseguira arrastar a surucucu, e ao darmos com uma clareira na mata, achando-nos perto de uma habitação, os outros indígenas me pediram para deixar ali a serpente a fim de não atrair, com o cheiro do sangue, outros animais da mesma espécie. Atendi ao pedido, mas na manhã seguinte, com meu escalpêlo e meu canivete, entreguei-me ao trabalho pretendido. Amarrei a surucucu num alto galho e, depois de lhe ter cortado a cabeça, coloquei-a num grande frasco cheio de álcool. Quando os selvagens compreenderam o que eu ia fazer, meteram-se na mata e de longe acompanhavam com seus olhos assustados minha tarefa de arrancar o couro da cobra. Terminada a operação, todos voltaram à cabana e, apesar de lhes afirmar que não havia encontrado nenhum ferrão na cauda do reptil, ninguém acreditou em mim. Ao findar esse serviço, verifiquei, com tristeza, haver perdido meus óculos. Cometera a imprudência de não ter levado outros de sobressalentes, mas apenas vidros, e fiz esforços vãos para ajustá-los aos olhos. Minhas habilidades óticas estavam quase esgotadas quando me trouxeram afinal os óculos que perdera.

Dias após, a desconfortável casa que me agasalhava recebeu novos hóspedes. Trouxeram numa rêde, gravemente enfêrmo em consequência da longa excursão que fizéramos por dentro do rio, um dos índios, e, também, outro, quase morto. Este era o pobre Almeida, o que matara a cobra e me ajudara a trazê-la. Dois dias decorridos, êle morria. Soube, ao me levantar, que tinham avisado aos parentes e êsses viriam sem demora buscar o cadáver. Como não conseguira pintar índios vivos, valime da triste oportunidade para pintar um selvagem morto e, nesse propósito, fui até ao aposento onde haviam colocado, sôbre duas tábuas, o inditoso rapaz. Servia-lhe de cama habitual velha esteira. Deitaram-no com as mãos

em cruz no peito; vestiram-lhe uma blusa azulada, mas conservava as coxas e as pernas nuas. Ao lado dêsse compartimento de casa ficava a cozinha e ali os companheiros do defunto conversavam e riam, enquanto numa fogueira assavam peixes. Ao pé do cadáver, Rosa, sua mãe, entoava baixinho uma oração, sem que, contudo, deixasse de ir de quando em quando buscar um peixe na cozinha, voltando a mastigá-lo. Fôra meu intento, ao ir fazer o meu desenho, retirar-me logo chegassem os parentes do morto; surpreendeu-me, porém, notar que a mãe dêle não só nada tivera que me dizer a respeito do trabalho que eu executava como até me forneceu alguns objetos de que necessitara e lhe pedira. Não era, portanto, verdadeira minha suposição de encontrar quaisquer entraves à pintura e, por isso, tratei de aproveitar do melhor modo o meu tempo. Estava a terminar quando ouvi o anúncio de virem próximo os índios. Apresssei o trabalho, com pesar, o que não obstou a intervenção intempestiva e grosseira do meu hospedeiro: "Vamos, vamos, acabe com isso; retire-se!". E ao lhe ponderar que a mãe do selvagem falecido nada tivera a alegar contra meu desenho, o homenzinho replicou aos berros: "Termine essa história de uma vez. Quero lá me indispor com os índios por sua causa?". Perco a serenidade quando me perturbam o trabalho e para transbordar minha paciência não precisava tanto. A indignação há muito contida explodiu e, agarrando tudo quanto levara para aquela câmara mortuária, passei pela frente daquele tipo que tantas vêzes me havia provocado, sem lhe dar uma palavra, mas jurando a mim mesmo preferir morrer dentro das matas a permanecer mais um dia sob seu teto. Entrei no meu quarto, arrumei as bagagens, pus a chave das malas no bôlso e retirei-me para não mais voltar. "Sim, dizia com meus botões, embora sucumba de fome, sêde e cansaço, é preferível tudo a essa ignóbil hospitalidade". Na véspera, ao caçar, colhera umas vinte goia-

bas; sentei-me perto de um regato e ali fiz frugal refeição; depois continuei a andar por entre os arvoredos. Caía a noite; ouvia já sons bem conhecidos; sentia-me fatigadíssimo. Fui fraquejando nos propósitos que me haviam encorajado até agora. Se não saísse depressa da mata, teria de dormir ali, deitado no chão, o que não seria nem agradável nem seguro. Felizmente alcançara uma clareira; em roda, árvores derrubadas: um roçado onde já brotavam mandiocais. Uma cabana mais parecida com uma gaiola em comêço de construção me appareceu; não vi nem ouvi a ninguém. Ao penetrar nela, vários animais espantados fugiram e foram se esconder no escuro da noite. Conseguira um abrigo, afinal! Fui me deitar sob a parte já coberta e mau grado a fome dormi perfeitamente até ao amanhecer quando fôra despertado por um bando de morcegos a me roçarem o rosto com as asas. Ergui-me de rompante, tentando agarrar um dêles, espécie que me falta na coleção. Esqueci-me por instante de minha deplorável situação e somente dela tive noção exata depois de haver fracassado minha caça aos morcegos. Sabia que para aquelas bandas existiam algumas habitações espalhadas, mas nunca dirigira os passos nessa direção e temia não acertar com o caminho; arrependia-me mesmo de não ter preferido outro rumo mais da minha familiariedade. Evitara-o, desejoso de não me encontrar de novo com o indivíduo cuja casa abandonara.

Eis-me em busca de um agasalho. Tive a sorte de encontrar por perto goiabeiras carregadas de frutos e enchi com êles os bolsos. Servir-me-iam de alimento se não achasse coisa melhor mais tarde. E toca a andar. Por fim ouvi uns latidos e, orientei meus passos para o local de onde partiam. Vi uma casinha de cujo telhado saía fumaça. Uma meia dúzia de cachorros atacou-me, rosnando, mas bastante mofinos para correrem diante de

meus gestos de defesa. Entrei na habitação sem dificuldade nem cerimônias; dentro, nem viva alma! Contudo os donos da casa não andariam longe porquanto descobri sobre a cinza quente, a assarem, grandes bananas que geralmente não se comem cruas. Se no dia anterior houvesse achado uma guloseima daquelas, ter-me-ia servido independente de convite, porém agora poderia esperar. Fiquei ali sozinho meia hora. Novos latidos da cachorrada avisaram-me de que iria ter companheiros e efetivamente dois homens armados de espingardas entraram, acompanhando três mulheres, das quais uma muito idosa, sem dúvida a que estava preparando as bananas. Falavam português e fiz-me entender do melhor modo possível, cumprimentando-os; como soubera haver por essas bandas um velho europeu, perguntei-lhes se o conheciam. Não pude ser logo entendido, não sei se por culpa minha ou dos meus interlocutores. Os homens trocaram entre si umas frases enquanto as mulheres, certas de terem defensores, atiçavam o fogo, viravam as bananas e enrolavam duas das mais bonitas numa fôlha de mandioca; uma delas veio me oferecer o petisco, ao tempo em que os homens encostaram as armas na parede. Pareceu-me que os cachorros aguardavam êsse gesto dos seus donos para cessar as hostilidades, porque desde minha chegada não tinham deixado de grunhir. Um a um entraram na casa de rabo murcho. Não obtivera, entretanto, resposta à pergunta que lhes fizera. Por fim um dos índios confessou-me não me ter entendido direito e então achei acertado acrescentar ao meu ruím português um quê de mímica capaz de esclarecer o sentido de minha interrogação acerca do branco que procurava; levei a ponta do dedo ao meu rosto e disse numa linguagem rudimentar mais ou menos assim: "Onde mora um homem que é branco como eu sou?". Não levava em conta estar tão queimado quanto os que me atendiam, e me mostrava vaidoso. Afinal, fôssem as palavras, fôssem os gestos, pude ser com-

preendido, pois um dos homens retomou a espingarda e me fêz um gesto para acompanhá-lo. Uma hora de caminhada, em meio de terrenos outrora cultivados, mas agora em abandono, por causa das formigas, segundo vim a saber depois; por fim, meu guia bateu a uma porta de barraca e dali saiu um homem a quem tive vontade de beijar pois me perguntou em francês o que eu queria. Conversamos bastante e ao saber de minha decisão de viver naqueles matos se encontrasse onde me alojar, desencorajou-me, disse-me ser impossível a realização de tal propósito. Todavia, instei para que me acompanhasse até certo sítio onde existiam apenas dois casebres; nêle eu ficaria, como almejava, somente com os índios. Ao chegarmos ao local, acrescentavam a uma das casas uma nova peça. Desprovida de janelas, compunha-se a habitação, como de costume, de alguns pequenos troncos de árvores, de uma porta e de um telhado de palhas de coqueiro. As paredes eram feitas de pequenos caibros dispostos horizontalmente e presos uns aos outros com cipós, enchendo-se os espaços com barro molhado; êste ao secar forma uma espécie de rebôco, fácil no entanto de sair aos pedaços a qualquer choque mais forte. Haviam tirado do próprio solo da casa o barro empregado nas paredes, de modo que ao entrar me enterrei até aos joelhos num buraco. Ao dizerem ao proprietário que eu desejava viver ali, ponderou que eu queria era morrer. "Ninguém pode morar aqui antes de um mês, principalmente à noite, sob pena de correr um grande perigo". A mim, porém, tudo era preferível ao teto que deixara. E como o risco era somente meu, meti-me nesse úmido casebre, por sinal gratuitamente; graças a meu intérprete, deram-me como companheiro um rapaz chamado Manuel. Servia-me de criado, cozinhava, e carregava uma parte de meu material fotográfico quando eu ia percorrer as matas. Consegui três homens e uma canoa para irem buscar minha bagagem, porquanto, sem o supor, levava

quase dois dias para voltar às vizinhanças do rio do qual me julgava muito afastado. Essa circunstância simplificava minha mudança, tirando-me da cabeça funda preocupação, uma vez que, ao percorrer a esmo as matas, avaliava quanto de embaraços surgiriam ao transporte dessa bagagem por um terreno inçado de dificuldades. Realizara em perspectiva os projetos de estudo há tempos acariciados em vão. Numa hora apenas encontrara uma casa, um criado, homens e canoas para o transporte desejado. Ia viver entre vários tipos de modelos e estava convicto de torná-los menos supersticiosos, embora tivesse de me valer da prodigalidade na cachaça de que faria larga provisão. Entrementes o meu compatriota me oferecera um banco para que dêle fizesse cama e algumas bananas para me facilitar a digestão de um pedaço de toucinho muito gordo. Tive de me contentar dessa vez com um punhado de farinha sêca e ainda dei graças a Deus pois na casa onde estivera hospedado fôra obrigado a comer umas bolachas untadas de banha e passadas ao fogo. O momento não era oportuno para procurar dificuldades.

Partiram os canoeiros de madrugada e no outro dia estavam de volta com minha bagagem. Vim a saber que me haviam procurado bastante no dia de meu desaparecimento; essa fuga trouxera graves conseqüências porque o meu hospedeiro possuía por tôda parte inimigos e fizera de mim uma proteção contra êles, espalhando que eu era uma personagem muito importante e deveria ser acatada por todos. Essa patranha fôra-lhe fácil espalhar e dela tirar proveitos. Que iriam, porém, pensar agora ao me verem abrigado num casebre, mal tendo o que comer, e sem outra proteção que não fôsse a da minha espingarda?

Pouco me importava. O essencial era me ver livre do italiano. Dinheiro não me faltava mercê da generosi-

dade do Sr. Taunay e com êsses recursos enviei dois índios, numa canoa, até Santa Cruz a fim de fazerem ali um sortimento de feijão, carne sêca, fósforos, vinagre, sal, toucinho e comprar uma panela. Enquanto esperava a volta dos índios, tratei de arrumar a casa com a ajuda do Manuel. Minha "toca" compunha-se de duas peças: no que era menos claro, depois de ter nivelado o solo, dispus meus frascos a um canto, protegendo-os com pedras. Para trabalhar, ali, era obrigado a ficar de joelhos e para maior comodidade fiz um buraco no chão. Aí não havia tábuas como em casa do Sr. X.; tive, assim, no propósito de proteger outros objetos, de me valer de pequenos troncos de palmeira que cortei e estendi sôbre pedras a alguns pés do solo. Alguns pregos serviram-me de cabides para roupas. Adquiri aos índios umas curiosas bacias cavadas como as canoas em uns pedaços de árvores. Tendo a experiênciã me ensinado a me garantir contra os assaltos das formigas, enchi d'água uma dessa vasilhas, a maior, coloquei um pote no meio, pus uma tábua em cima e dêsse jeito ficaram em segurança minhas provisões. No telhado estendi cordas untadas de sabão arsenical e nas extremidades de cada uma cartuchos de papel que receberiam os animais ainda não embalsamados. Pendurei a rêde, presente que me fizeram há tempos os competentes naturalistas Eduardo e Júlio Verreaux. Construí também uma mesa, valendo-me sempre dos troncos de palmito, árvore preciosa cujo gallio terminal me serviria igualmente de jantar. Dispunha de alguns pedaços de tela para pintura; ao ficar pronta a mesa, estendi sôbre ela um pedaço dessa tela à guisa de toalha. Senti-me satisfeito com a obra realizada; minha cadeira de viagem completou o mobiliário da sala de refeições. Mas, onde colocar o resto da bagagem? Não devia pensar em pôr no chão certas coisas; apodreceriam em poucos dias com a umidade. Onde afinal colocá-las? Andando para cá e para lá descobri uns restos de velha

canoa imprestável e com o auxílio de Manuel trouxe-os para casa e por felicidade pude transformá-la num móvel que me faltava. Tinha agora não somente o necessário, porém um quê de luxo, uma vez que êsse esqueleto de canoa, economizando o espaço de meus pacotes, proporcionara-me um canapé que eu tornara tão macio quanto um sibarita o exigisse, forrando-o com uma espécie de crina que se dependurava das árvores por tôda parte. Apenas uma depressão incômoda ao centro da canoa me obrigava a manter as pernas suspensas.

Com a volta dos índios, minha cabana tornou-se uma delícia; nada lhe faltava. A maior parte de meus utensílios estavam pendurados e protegidos da umidade e o sol, em breve, com seu benfazejo calor acabaria de secar a minha habitação. Um belo dia mudei-me para lá, dizendo adeus ao meu velho patrício. E à noite deitei-me na minha rêde, cercado de um conforto estranho aos casebres habitados pelos pobres selvagens. Nessa noite, porém, um temporal desabou com chuva grossa e trovoadas e não pude dormir. Ao construírem aquêlê casebre tinham feito uns montes de barro e de madeira por traz do prédio, com o intuito de posteriormente retirá-los dali. A enxurrada arrastou tudo aquilo e inundou o meu interior, obrigando-me a cavar uma espécie de rêgo para dar vazão às águas. Felizmente não tive prejuízos materiais pois colocara todos os meus objetos de uso acima do solo. Fui dormir muito tarde, cansadíssimo, mas acotdei bem disposto. Tudo que me cercava havia sido fruto do meu esforço e um modesto presente pagaria o aluguel ao meu humilde proprietário. O resto não me despertava preocupações. Ao levantar-me cuidei alegremente de umas outras arrumações e sem maior retardo fui fazer um desenho. Enquanto trabalhava, pude apanhar um bonito inseto a que dão o nome de arlequim. A casa ficava, como geralmente acontece, numa eminência distante do

rio. Renunciei a tomar banho nesse rio porque teria de me meter também na lama. Em roda de mim as montanhas cobertas de vegetação formavam um círculo cortando-se no azul do horizonte. Ao longe avistava-se outra habitação erguida no terreno despido de árvores e nela os índios iam aos domingos beber aguardente. A força de transitarem por perto do meu teto êles se familiarizaram comigo; vendo-me caçar insetos, quadrúpedes e reptis, acabaram por trazer-me os que iam apanhando, e como eu os gratificava tornou-se-me fácil ir lhes pedindo espécies que me interessassem. Êsses índios, de ambos os sexos, acostumaram-se a vir me visitar aos domingos e eu lhes oferecia cachaça. Aproveitei essas visitas para fazer-lhes os retratos desejados e, com poucas exceções, encontrava a melhor boa vontade, desaparecidas as dificuldades de outrora. Pude escolher os tipos que me convinha pintar. Trabalhava diariamente, caçava ao amanhecer, antes de manejar os pincéis, alimentava-me do que caçava e do que me vendiam, aumentava minhas coleções... Que poderia desejar mais?... Levava, entretanto, vida meio sedentária; passaram-se dias e semanas sem me dispor a me afastar dali, sem correr as matas e era-me preciso recuperar o tempo perdido. Dei-xei um pouco a pintura, e, reunindo o material fotográfico, procurei matas ainda poupadas pelos machados, de vez que vivia cercado de matos rasteiros e plantações destruídas pelas formigas. Gastava mais de uma hora para atingir a floresta virgem. Manuel ajudava-me a transportar a máquina fotográfica e os apetrechos necessários. Eu conduzia também um saco cheio de frascos; a tiracolo uma bolsa de caçador com uma porção de coisas: vinte estacas para armar a barraca, meu caderno de esboços, chumbo, pólvora em grande quantidade, para que a caça não me faltasse, laranjas, bananas, farinha, um fogareiro, fósforos, um novelo de cordão, tesouras, um tubo com álcali, garrafas d'água, nitrato de prata,

ácido pirogálico, hiposulfito de sódio etc. Presos ao cinturão um facão, uma espingarda de caçadores de Orleans emprestada pelo velho Francisco. Não sei como essa arma lhe foi parar às mãos; serviu-me, porém, bastante pois minha carabina me explodira nas mãos sem me ferir felizmente. Estimaria fôsse menos pesada, porque a soma do pêso dos objetos que carregava me fatigava sobremodo. Levantava-me ao cantar dos galos, preparava a bagagem e muito antes de Manuel me punha a caminho. Primeiro tinha de subir uma ladeira e depois, sempre em terreno acidentado, penetrava na mata até atingir um planalto, o que conseguia antes de sair o sol, porém já bastante suado. Durante muito tempo não prestei grande atenção a uns pássaros chamados sabiás, cuja plumagem não oferece atrativos, mas agora, como se tratava de aproveitá-los como alimento, não os poupei e se me tornava fácil caçá-los, não sòmente a êles como a engole-ventos que são aves que aparecem quer de manhã quer à tarde. Bastava me baixar um pouco, arriar o saco no chão, apontar a carabina suavemente e as provisões não me faltavam. Caminhando sem grandes etapas de descanso atingia o coração das florestas, em meio das raízes descobertas pelas chuvas. Enquanto aguardava a chegada de Manuel, com minha máquina, preparava o terreno para recebê-la, o que nem sempre era fácil devido às grossas raízes. Mal chegava, o criado dispunha tudo para o trabalho a realizar, salvo se os mosquitos intervinham. Falo freqüentemente nesses dípteros porque nas matas êles têm um papel saliente. Procurava apanhar umas vistas, mas infelizmente quase sempre era impedido pela grande proximidade do sítio visado. Punha-me de joelhos na barraca para trabalhar. Às vêzes descobria um belo efeito de luz, corria até junto da máquina e ao ir tirar a fotografia o sol havia se escondido. Passava o dia inteiro à sombra, sem repouso, comendo em pé, bebendo água. Freqüentemente um temporal nos surpreendia e era pre-

ciso arrumar tudo às pressas e partir por veredas transformadas em riachos impetuosos. Chegava-se a casa num estado digno de lástima. Bebíamos então uns goles de aguardente e depois de mudar de roupa estirava-me na rede, enquanto Manuel ia pôr a sua calça para enxugar. Nesses dias de chuvas eu aproveitava o tempo para pintar uma cabeça de índio, fôsse homem ou mulher, e não saía de casa. De outras vêzes embalsamava animais para minha coleção. Não posso dizer ao certo qual fôsse mais penosa, se minhas voltas da mata em dias de temporal, todo molhado, se nas tardes de sol ardente, ensopado de suor como uma esponja. Nem por isso, após um quarto de hora de descanso, deixava perder qualquer modelo que se me apresentasse às vistas.

Um dia, ao manejar uns frascos com colódio, perto do fogo, a chama comunicou-se a um litro de éter. Felizmente ainda dessa vez a explosão não me atingiu, mas o fogo ganhou o teto da casa e, não fôra a rapidez com que me lancei a uma bacia cheia d'água, o incêndio seria total. Mesmo assim queimei um pouco os cabelos e as pontas dos dedos. Com o resto de meus produtos químicos reconstituí o carregamento habitual de meu saco de viagem e achava-me justamente nesse dia de joelhos na minha barraca, entregue a um serviço, quando vi lá fora vozes a dialogarem com meu criado Manuel. E qual não foi meu espanto ao meter a cabeça pela porta: vi não um caçador armado de fuzil, como às vêzes acontecia, porém uma dúzia de índios Botocudos com seus beiços deformados e suas enormes orelhas. Eles sem dúvida não poderiam nunca compreender o que eu fazia nessa tenda onde em pleno dia havia uma luz artificial. E mais admirados teriam ficado ao verem sair dali, de rastros, uma cabeça raspada e uma comprida barba. Manuel já lhes teria dito quem eu era, mas seu entendimento das coisas não iria ao ponto de traduzir o que eu fazia. Esses

Botocudos procediam de Vitória, aonde tinham ido, numa embaixada, até a presença do presidente da capitania. Haviam entrado na cidade completamente nus; trouxeram-lhes, no entanto, pressurosamente, calças e camisas, deram-lhes carabinas, pólvora e chumbo, acrescentando aos donativos belas frases e excelentes promessas, de que não se recordariam depois, e mandaram-nos embora. Mal os selvagens se apanharam fora da povoação, como se sentissem incomodados com os trajos, fizeram o que eu também já fizera na travessia aquática de que falei anteriormente: transformaram tudo numa trouxa. As espingardas levavam a tiracolo, mas os arcos às mãos. Eu possuía na barraca alguns pequenos objetos sem grande importância, como por exemplo uma faca e uma lima para unhas, comprados em Paris numa daquelas feiras de fim de ano. Presenteei o chefe do grupo com êsses utensílios, e tornamo-nos logo amigos pois recebi também como lembrança um arco e três flechas. Ainda os convidei para compartilhar de meu almoço, o que aceitaram. Tive recompensa dessa boa ação pelo que pude verificar: êsse índio tinha, como os outros, metido num furo feito no lábio inferior uma rodela de cactus um pouco maior do que uma moeda de 5 francos. Servia-se dessa roda como de um prato cortando em cima dela, com a faca que lhe dera, um pedaço de carne sal presa antes de levá-la à boca. Essa maneira de transformar o beijo num prato pareceu-me realmente de imensa comodidade. Os indígenas cujo conhecimento eu estava fazendo usavam igualmente outras rodela de pau às orelhas. Sem êsses enfeites, as orelhas diminuiriam um meio pé de tamanho. O encontro com os Botocudos me alegrou bastante, porquanto, embora a zona que habitavam não ficasse muito distanciada da em que me achava, talvez não me fôra dado ir até lá.

O dia estava reservado às aventuras. Ao voltar a meu trabalho dentro da barraca ouvi Manuel gritar: "Seu Bia, um bacorinho!" (1) Era um porco. Corri para fora da barraca, agarrei a espingarda com certa emoção. Um porco! Oferecer-me-ia o animal, se não errasse o tiro, alimentação para um bocado de tempo. "Ali, Senhor! Ali dentro do mato!" Agi com prudência, pois não constituía pròpriamente uma brincadeira expor-me a êsse bicho brabo; carreguei a arma com duas balas. Tôda cautela era aconselhável. Não contava muito com a coragem do Manuel, que se trepara a uma árvore, aguardando os acontecimentos. Do seu pôsto podia ver tudo melhor do que eu, uma vez que devassava com a vista o seio da mata. E quando eu procurava descobrir o porco do mato, o inteligente Manuel pôs-se a berrar.

Um instante após vi se mexer entre as ervas uma família de porquinhos conduzidos pela mãe. Pertenciam sem dúvida, pude compreendê-lo, a alguma casa não distante dali. Meu criado ia me levando a fazer "um bonito serviço"! Era o feitio da sua raça: gente de uma selvagem intrepidez, mas ingratos, indolentes e indiferentes ao mal que recaía sôbre os outros, embora do seu próprio sangue.

Há muito vinham as formigas me visitar. Quando davam em percorrer o caminho que ia ter ao meu *atelier*, era inútil continuar o trabalho. Tinha de esperar que acabassem de passar. Certa vez, dois índios caçadores vieram até junto de nós sem se aperceber das formigas e só deram com elas quando já se achavam cobertos dos pés às cabeças. Manuel não tivera uma palavra para avisar os patrícios do perigo, e, no entanto, quando tinha mêdo de qualquer coisa, gritava como um perdido. Êsse costume, todavia, tinha sua utilidade. Um dia, ao me achar

---

(1) No original: Su Bia, un Bacourino!

numa touceira de cipós, ouvi Manuel gritar nas minhas costas: "Seu Bia, uma cobra!" (1) E já o criado se aproximava de mim sempre a exclamar: "Seu Bia, uma cobra!" Achava-me realmente a dois passos de uma serpente verde, que, de pé, vinha em minha direção. A côr da cobra confundia-se com a da folhagem e não fôra o grito de alerta de Manuel ficaria ao seu alcance sem dar por tal. Era um animal bem grosso e não foi pequeno o trabalho para lhe tirar o couro. Os índios dão-lhe o nome de Marouba.

Além de medroso, Manuel era preguiçoso. Há muito tempo eu desejava comer ao jantar um guisado de palmitos, e estava sempre a mandar o criado colher êsse legume que, como se sabe, é o gomo terminal de uma palmeira. Ora, o meu Manuel tinha preguiça de ir apanhar o palmito a quarenta pés de altura e contentava-se em arrancar na mata uns brotos de palmeiras e teria sido necessário contenas dêsses filhotes para se preparar um guisado. Mandei-o buscar mais; não voltou a casa por mais que me esgoelasse em chamá-lo. Nesse dia meu jantar compôs-se de bananas. Se Manuel me aparecesse nessa ocasião, teria feito uma dupla asneira, pois, além da surra que lhe daria, acabaria sendo eu cozinheiro de mim mesmo. No dia seguinte, como de costume, madruguei e parti para a floresta; dali a pouco Manuel surgiu com minha máquina às costas como se nada houvesse acontecido na véspera. Por conveniência eu também me fiz de desentendido.

Como era natural, acabaram-se os meus produtos químicos. Muito trabalho para minguidos resultados. Dispondo apenas de uma dúzia de chapas, poucas vêzes fui feliz nas provas fotográficas, ora por inexperiência, ora por causa do calor, da umidade, de mil outras circuns-

---

(1) No original: "Lá signo tali, no mato".

tâncias imprevistas. No último dia de minhas excursões fotográficas Manuel me veio a falar num sítio onde existiam muitas laranjeiras carregadas de frutos. Deixei minha bagagem na mata e partimos os dois em busca das laranjas. Um tanto ao acaso pois o índio não sabia bem o rumo a seguir. Tivemos de abrir caminho, com um facão, e após uma hora atingimos uma clareira entre altas plantas que se tornavam a cerrar logo que as afastávamos para passar. Consoante já fiz sentir, as aves e os insetos gostam mais dos terrenos já desbastados do que do interior das matas. As aves do Brasil alimentam-se dos brotos dessas plantas que renascem. Geralmente se nutrem de frutos, ao invés de sementes, o que torna quase impossível seu transporte para a Europa. No local em que nos encontrávamos, meu trabalho era somente o da escolha: via pássaros de tôdas as côres. Um dêles me atraiu particularmente a atenção, de um bellissimo azul. Levei-o em triunfo a Manuel, que me disse logo: "É um passarinho verde". Sunguei os ombros e pedi-lhe que me mostrasse as tais laranjeiras. A vegetação rodeante era mais alta do que nossas cabeças e se tornava difícil uma orientação. Afinal chegamos perto de uma tapera e em frente havia de fato laranjeiras e limoeiros cobertos de frutos, porém ainda mais de fôlhas, o que lhes dava singular aspecto. Ali, como em outras partes, as formigas tinham obrigado os moradores a uma mudança. Fiz um desenho e chupei algumas laranjas. Não me sendo possível apanhar umas chapas, projetei logo voltar ali uma manhã a fim de aumentar minha coleção de pássaros. Regressamos a casa, nessa tarde, muito cansados da jornada, e ao examinar a colheita que fizera, fiquei espantado de verificar que o pássaro azul virara verde-mar. "Manuel tinha razão", disse com meus botões. Nesse momento o criado entrava no meu quarto e por sua vez conveio em que a ave era mesmo azul. Tratava-se afinal de um efeito de posição das penas da ave com relação à

luz, de tal modo que vistas de um outro ponto pareciam violeta. Trouxe para Europa vários dêsses pássaros.

Tornei a visitar o sítio das laranjeiras e orientando-me melhor descobri um dos mais encantadores recantos que um caçador possa desejar: uma espécie de caminho protegido por sombreadoras árvores e ladeado de capoeiras. Ali era-me obra fácil escolher as aves de minha maior predileção pois elas vinham descansar à sombra das ramagens depois de suas excursões costumadas. Eu passeava sem fadiga; caçava um pouco e depois sentava-me num tronco qualquer para saborear umas laranjas. Nos intervalos desenhava flores, fôlhas, copas de árvores. Como em regra não fazia muito ruído, certa vez ouvi qualquer coisa se mover no capim. Voltei-me vagarosamente e avistei um belo gato do mato. Dava uns pulinhos, agarrava-se aos cipós, e de quando em quando soltava suaves miados. Era o primeiro gato do mato que eu via de tão perto. Trazia sempre no bôlso balas e chumbo grosso; carreguei a espingarda. Ao me levantar porém o gato deu um salto e foi se esconder num galho bem alto de uma árvore. Mesmo assim atirei quase ao acaso e com surprêsa vi o animal cair querendo ainda se agarrar aos ramos. Ao bater no chão estava morto. O dia me enchera as medidas e eu voltei a casa com uma pesada caça às costas.

Conforme o costume, os índios já me esperavam, sentados a minha porta. Êles não me temiam mais. Entre êsses selvagens figuravam os parentes do pobre Almeida, aquêles mesmo que, na opinião do meu ex-hospedeiro, eram tão supersticiosos e tinham sido causa de minha saída de lá. Pintei diante de todos êles e de quando em quando exclamavam cheios de admiração: "Tal e qual! Tal e qual!". Se quisesse continuar no trabalho, não teria dificuldades em conseguir modelos. Pagava uma

pataca a cada um, ou sejam 16 *sous*. Depois distribuia cachaça; primeiro, os homens, após, as mulheres. Era generoso, pois de cada vez gastava uma garrafa. Quando esta ficava vazia, todos se retiravam, sem mesmo se despedir de "seu Bia". Eu tinha algumas protegidas, que ainda não haviam posado. Para essas reservava uns cálices de cachaça, às escondidas. Uma delas, certa vez, aproveitando-se de minha distração, roubou-me uma garrafa e bebeu-a inteirinha. Ao terminar começou a gritar e a rolar pelo chão em contorsões horríveis. Compreendi que dizia estar envenenada, que bebera uma das minhas drogas. Eu realmente costumava afirmar existirem nas minhas garrafas tóxicos violentíssimos, a fim de que não procurassem furtá-las. Meus dedos, manchados de nitrato de prata, atestavam quanto os líquidos de que me servia eram perigosos. Mas, no caso, eu sabia bem tratar-se de bebedeira e como o marido da ébria principiasse também a berrar em côro com a mulher fui obrigado a pô-lo fora de casa.

Procurei provar tudo quanto por ali se come e experimentar todos os objetos de que se utilizam. Fôra testemunha dos extraordinários resultados obtidos com arcos de duas cordas chamados bодоques, os quais, em vez de serem armados com flechas, são-no com pedras ou com bolas de argila sêca. Nenhum fuzil consegue atirar mais longe do que êsses bодоques. Fiz experiências mas confesso não ter conseguido grande proveito. O mais que obtive foi jogar uma pedra a dez passos em um alvo de vinte pés de superfície.

Deveria pensar no regresso. Iam-me faltando roupas. Mas, antes de partir, tomara comigo mesmo o compromisso de pintar um panorama a fim de possuir uma visão de conjunto duma mata virgem. Outrora estivera num terraço de Alexandria com o propósito de copiar tudo quanto me rodeasse. De um lado o mar, a ponta

do Serralho, os enormes edifícios do pôrto; do outro, o forte Napoleão, a coluna chamada Pompeu, as agulhas de Cleópatra, os vestígios da Biblioteca e ao fundo o deserto de Barea e a ponta do Farol. A umidade do mar estragou-me êsse primeiro panorama.

Tempos depois, quando o navio *Lilloise*, do comando do capitão Blossville, perdeu-se entre os gelos, o governo mandou em socorro aos mares polares a corveta *La Recherche* e eu fiz parte, espontâneamente, dessa expedição. Atingimos 80° de latitude N. no Spitzberg. Passei 15 dias dentro da neve; quase perdi os dedos com o frio, porém concluí o panorama da baía de Madalena, ao nordeste da ilha. Ainda passados alguns anos encomendaram-me um trabalho para ornar uma das salas do Jardim das Plantas. Reunira em tórno dêsse panorama tudo quanto pudesse interessar na moldura dêsse cenário habitado apenas por ursos brancos, raposas azuis, renas e morsos. Já uma parte dessa sala estava terminada quando me vi interrompido nesse trabalho tão interessante para mim pela hostilidade de quem dirigia os assuntos concernentes às belas-artes. Para realizar o terceiro panorama devia me sobrepor a outros obstáculos: os mosquitos. Devo referir-me a êles ainda uma vez pois se achavam sempre em cena. No sítio que escolhera para trabalhar era-me impossível evitá-los: ou suportá-los ou desistir. Resignei-me, embora no primeiro dia quase não pudesse fazer nada. No outro dia Manuel acendeu uma fogueira que afugentou um tanto os insetos; depois voltaram à carga ainda mais terríveis e não obstante os esforços do criado atacavam-me os olhos, o nariz, o corpo todo, obrigando-me a fumar um cigarro cujo cheiro e fumaça me causavam nojo. Na manhã seguinte armei um mosquito com quatro paus e meti-me debaixo dêle como o fazia no Rio na minha cama do palácio. Era o único jeito a dar. Tinha, entretanto, pequeno inconveniente: o

pano do mosquito era verde e tudo quanto eu pintava saía dessa côr. Contudo, sentado nessa espécie de baraca, estava protegido contra as picadas, via e ouvia com certo ar de desafio, milhares de maruins investirem contra meu fraco abrigo e sitiá-lo em vão. Pôsto que menores do que os mosquitos comuns, êles são mais perigosos pois deixam na pele um líquido venenoso.

Pude trabalhar em segurança alguns instantes; de repente uma alfinetada na testa. Matei o agressor após longa peleja. Retomei a paleta. Outra mordidela, outro combate. Sem querer fiz uma brecha no mosquito e deu-se imediatamente uma invasão. Era demais! Atirei tudo ao chão: mosquito, pincéis, caixa de tintas, o diabo. Quis puxar os cabelos com desespero, mas eram tão curtos! Se Manuel estivesse ali, ter-lhe-ia batido. Rasguei o mosquito e quebrei os paus de suporte. Ao regressar a casa, mais calmo, convicto de que a cólera nada constrói, tentei outros recursos. Pensei em usar uma máscara de esgrima e quis fabricar uma com arame; não deu certo e voltei-me para outro processo de defesa, talvez o melhor. Adaptei ao meu chapéu de abas largas um pedaço do pano do mosquito à guisa de veu de noiva. Caía-me sôbre os ombros protegendo-me assim o pescoço. No lugar dos olhos abria dois buracos sôbre os quais colocava os óculos. Duas velhas saias envolviam-me os pés. A manhã seguinte ser-me-ia proveitosa e ao clarear parti satisfeito. De fato tudo decorreu maravilhosamente. Desta vez poderia desafiar os adversários e pintar à vontade. De súbito, os óculos voaram; eu lhes havia dado uma pancada que felizmente não lhe quebrou os vidros. Um maruim se metera entre os óculos e o meu olho esquerdo. Estava definitivamente vencido. Desisti das armas defensivas e aceitei o martírio. Ai de mim! Embora sem nenhuma esperança de ser cano-nizado, suportei durante três semanas sofrimentos de que

nem quero me lembrar, nem tampouco referir pois não seria compreendido. Ao cabo dêsse tempo mal se me viam os olhos de tão inchado o rosto, mas, como na vizinhança do polo norte, entre os ursos brancos, acabara o panorama. Compunha-se de seis partes e, como de costume, pintara-o com a maior honestidade, copiando servilmente árvores, plantas, flôres, tal como procedera com as geleiras e os rochedos negros e agudos do Spitzberg. Considerarei êsse panorama minha obra-capital. Lograra atingir meu principal objetivo e, agora, depois de mais umas percorridas pelas matas, iria deixar êstes sítios que, apesar dos infinitos incômodos a oferecerem e não menos riscos que se correm, nos levam a perder a lembrança do passado e nos contagiam com essa doença a que o capitão Mayne-Reid, no seu romance *Les Chasseurs de chevelures*, dá o nome de febre do campo. Vivi como um selvagem, alimentando-me quase sempre do que caçava, sem obrigações a cumprir, sem direção certa, mas também sem afetos. Contava sòmente comigo mesmo. Prodigalizava-me essa vida um grande encanto e quase me acostunara a ela como se outra diferente nunca houvera levado. Por isso não podia conter certa pena de partir. Consolava-me apenas a convicção de ter aproveitado bem o meu tempo.

Caçava enquanto minhas telas secavam; passei os dias inteiros a percorrer as matas que cercavam a casa abandonada. Uma noite, aô ouvir certo rumor, desci da rede e senti uma picada no pé. Acendi a candeia e tive a surprêsa de ver quase um litro de feijões reservados para meu jantar do dia seguinte, a caminhar pelo chão, como se tivessem pés. Era uma tribo de formigas, das cabeças grandes, que invadira minha morada e carregava o resto de minha dispensa. Pode-se daí avaliar bem o tamanho dessas formigas. Afugentei-as atirando-lhes água e voltei à rede resignado a no outro dia ter de pro-

curar com que substituir meu jantar perdido. A experiência me ensinara que as formigas, ao descobrir um celeiro, costumam repetir as visitas, e, por isso, procurei acautelar-me tomando a precaução de, antes de me deitar, pôr umas cascas de laranjas perto da entrada de casa. À noite as formigas voltaram, como esperava, e se refestelaram com o meu presente. O ardil serviu-me e tive de repeti-lo. Mas, a gente se cansa de tudo, até de dar de comer às formigas. Ao quarto dia me esqueci da precaução e fui me deitar julgando estar livre da invasão. As formigas não seriam indiscretas a ponto de insistir mais diante da minha anterior generosidade. Ao despertar, percebi estarem roendo à palha do telhado; ouvi também outros ruídos pelo chão. “Pensei com meus botões: conheço êsses rumores; são as formigas que, formando dois grupos, tesouram as fôlhas do teto enquanto outrás, em baixo, carregam os despojos para os formigueiros. Roubar feijões e cascas de laranjas, vá lá! mas palhas!... Não compreendia a vantagem...” Ria-me comigo próprio da partida que pregara às formigas. Ah! o dia clareou... O que as formigas haviam roído, sôbre minha cabeça, fôra o panorama. Vi-o todo recortado, quase destruído. Cada tela parecia um dêsses brinquedos para ensinar geografia cujas peças recortadas nas bordas são destinadas a se inserirem umas nas outras formando um todo. A cabeça de Medusa estava diante de mim... Tanto trabalho, tanto sofrimento para tal desfecho! Que-dei-me por mais de uma hora a contemplar êsses destroços, descrendo da realidade, e experimentando sincera dor. Se aquilo me acontecesse em Paris, por exemplo, teria apenas o incômodo de dar uns passeios em trem e depois de umas horas à sombra, tranqüilo, reconstituiria o panorama. Ali, porém, passei o dia a chorar como um menino, sem saber mesmo que fizesse. Mas, lágrimas não dariam remédio a nada; tratei de colar os fragmentos das telas uns nos outros e no dia seguinte votei-me ao suplício de

restabelecer minha obra. Cinco dias foram necessários para reparar os danos das formigas. O destino devia-me algumas compensações. Tive de enfrentar, durante êsses cinco dias, a visita de animais bem malévolos; vali-me da espingarda que não me saía de junto. E fui assim aumentando as coleções. De uma das vêzes matei com a coronha da arma uma grande cobra que se aproximara bastante de mim. Afinal, o panorama ficara de novo concluído. É só Deus sabe minhas preocupações até vê-lo sêco de todo. Ao menor ruído, despertava, punha-me em pé, alerta. Todavia, a fôrça das vocações é tão poderosa que em meio dêsses transe idealizava um quarto panorama: o do rio Amazonas com as suas pororocas.

Empolgara-me a paixão do deserto. Ia trocar as grandes matas pelo grande rio, sempre com o ideal de realizar estudos interessantes. Nos últimos dias que passei na floresta obtive um companheiro de caça, um índio, verdadeiro, "pernas de couro", alto, magro, de uma admirável perícia. Trocando o arco pelo fuzil abatera num dia cinco porcos do mato através de uma dezena de léguas, entre caminhos tão cheios de obstáculos que por êles nesse mesmo tempo eu não teria percorrido um quilômetro. No dia seguinte me veio comunicar haver perdido seu facão dentro do mato, mas voltando até lá achara o objeto perdido, num sítio onde eu não distinguiria um boi a dez passos, de tal modo intrincada era a vegetação. Contou-me, então, que o pai, melhor caçador do que êle próprio, quando perdia uma flecha, atirava outra na mesma direção e depois ia buscar as duas.

Afinal chegara o dia da minha partida. Ia deixar as grandes matas. No dia de Páscoa, um ano justo após minha despedida de Paris, voltei mais uma vez a êsse lugar em que, mau grado certos desapontamentos e incômodos, de que tanto já falei, talvez mesmo de mais, vivera feliz; ia rever a casa abandonada, as laranjeiras

cobertas de frutos e despojadas de fôlhas, dizer adeus ao caminho onde me abrigava do sol e passava os dias a caçar ou desenhar. Permaneci por longo tempo sentado num tronco de árvore, era meu canapé habitual. Ali não havia mosquitos. Muitas vêzes cheguei a dormir sôbre êsse tronco, sonhando com o que constituía tôda a minha existência. Nesses sonhos sempre pintava obras-primas. Bastava-me escolher entre os animais maravilhosos que se ofereciam ao cano de minha espingarda os que queria abater. Minhas refeições eram esplêndidas. Comia sem recear indigestões bananas enormes, feijões do tamanho de nozes, e o mais que quisesse. Ai de mim! Êsses sonhos não me voltarão ao cérebro. Vou de novo para a cidade; vou me meter nos trajos civilizados, calçar meias e sapatos, pôr meu chapéu de ridículo formato ao invés do de abas largas usado no campo. Regresso com certa melancolia ao meu teto rústico e no outro dia tomo a canoa que desce o rio Sanguaçu tão rico de doces impressões para mim. Vi, depois, outros rios, outras margens, outras florestas impenetráveis, e sempre como ao ir descendo êste rio, curvei-me ao encanto cuja lembrança vive presente ao meu espírito. Seja qual fôr minha disposição de alma, não me recorde dessa travessia sem profunda saudade. Durante êsses seis meses de minha vida empreguei bem todos os minutos. A saúde, abalada pela demora no Rio, revigorou-se, mercê dos exercícios e das fadigas a que me impus. Obtive maior robustez e uma grande indiferença perante todos os perigos. As cobras que temera tanto já não me inquietavam, mesmo dentro do mato onde meus pés nus poderiam pisá-las a qualquer momento. E, no entanto, teria tôdas as razões para ter mêdo delas pois vira mais de um índio morrer picado por essas serpentes. Matara dois porcos do mato; ouvira muitas vêzes urros tremendos e desconhecidos perto de mim. Nada conseguira interromper o trabalho a que me devotara. Enfim eu estava retemperado, conforme pre-

dissera o general belga que despertara meu interêsse pelo Brasil. No meu regresso tornara a avistar os coqueirais debruçados sôbre o rio e me curvara sob as árvores enfeitadas de parasitas. Outra vez os enormes caranguejos a fugirem, de mim valendo-se das disformes patas. No alto, em agudos grasnidos, os gaviões brancos. E tôda essa vegetação primitiva, pouco a pouco a desaparecer, a tomar fantásticas formas, imitando estranhos templos. Nas vizinhanças do mar os mangues ressurgiram a nossas vistas. E' preciso ver êsses imensos mangues, cujas raízes desenhavam arcos, para se ter uma idéia da sua extensão, avançando pela água salgada, a perder de vista como uma extraordinária inundaçào.

Fêz-se sem accidentes minha viagem de volta ealancei Santa Cruz, onde consegui a chave de uma casinha para me instalar. Manuel viera comigo. Infelizmente teria de demorar um pouco, pois sòmente com vento favorável atingiria Vitória. Queria acompanhar minha bagagem e contratei uma canoa, pois não dispunha de cavallo para me transportar por terrã. O canoeiro era um valente português chamado Domingos. Não seria isenta de riscos a travessia, porquanto o trajeto marítimo era de 30 léguas. Assentou-se embarcar primeiro a bagagem e logo que o tempo permitisse a partida eu teria aviso para ir também para bordo. Na hipótese de partir à noite deixaria a chave de minha casa pendurada à porta do vizinho. Mas, o vento custou a se mostrar favorável, como da outra vez. Não encontrava distraçào em nada; a vida na floresta tirara-me o interêsse para outros cenários. Os próprios assuntos para pintar eram banais; conhecia os arredores; restituíra minha famosa espingarda. Contudo, sendo a caça ainda uma occupaçào capaz de me distrair um bocado, ali, tomei emprestado um fuzil de dois canos. Ruím mesmo. Gastava vinte cartuchos para dar dois tiros e isso por um cano apenas, porquanto

o direito estava obstruído. Servia-me apenas do esquerdo.

Outrora subira por um caminho na montanha e lá me ensaiara como caçador. A vegetação, nessa época luxuriante, enchia de sombra tôda a encosta até ao alto, de modo que podia, meio escondido, atirar para todos os lados sem que ninguém me perturbasse. Agora, porém, o aspecto era outro. As chuvas copiosas de dezembro e janeiro haviam causado grandes estragos; uma parte da colina abatera soterrando dezessete casinholas. Do antigo esplendor vegetal restavam troncos, fôlhas e galhos secos, escombros. Metade do caminhozinho meu conhecido resistira à avalanche, mas justamente o trecho que ficava acima do desmoronamento e portanto se tornava arriscadíssimo ir até lá, sem ponto de apoio e na iminência de cair de uma grande altura sôbre destroços de tôda ordem que, como de hábito no sul, ninguém pensava em retirar dali. Vi descerem por êsse caminho alguns indivíduos que me faziam lembrar cenas de ópera-cômica, como as de Fra-Diavolo e outros bandidos célebres, envoltos em longos mantos. Eu preferia subir por outras veredas, mais seguras, embora com grandes rodeios e poupando-me do sol. Numa dessas excursões, tive saudades de meu lapis e parei para pintar qualquer coisa. Abriguei-me sob uma árvore. Mal principiara o meu esbôço ouvi gritos que me pareceram de entusiasmo. Olhei. Era um bando de capotes que se aproximavam de mim e sem dúvida gritavam daquela maneira para me estimular ao trabalho. Apressei o esbôço e mudei de lugar. A uns cem metros de distância julguei-me em sossêgo, fora do alcance de algum indiscreto amator. Desta vez surgiram bandos de periquitos a pousarem nos galhos de uma árvore. Largo o lapis e tomo a espingarda. Faço pontaria e vou atirar quando de novo atroam os ares com maior estridência ainda os gritos dos capotes. Fiquei tão danado que fiz fogo sôbre êles. Por sorte o tiro falhou.

Já confessei não ter grande queda pela caça. Por isso, sem dúvida, não tornei a carregar a arma. Vali-me, porém, de algumas pedras e atirei-as a esmo contra as aves, dispersando-as e vingando-me dos aperreios que me proporcionaram com o seu berreiro causador da interrupção de meu trabalho e do fracasso do tiro aos periquitos.

Achava-me nesse momento em local descoberto e afora raras árvores não se via senão ralos matos que se prolongavam até a entrada de uma floresta onde ainda não entrara. Tinha enriquecido minhas coleções um ervário composto de fôlhas que pelas suas formas me pareciam interessantes para levar comigo à Europa. E como nada tinha a fazer de melhor tomei a direção da mata de que falei há pouco. Desde que fôra obrigado a demorar em Santa Cruz, adquirira o hábito de passear com as mãos para trás e levando minha espingarda como se fôsse um cacete. Ia assim caminhando a esmo através das árvores, de cabeça baixa, procurando quaisquer plantas que valessem a pena ser colhidas, e sem me preocupar com os empecilhos armados pelos cipós. Não tinha pressa e não dispunha de faca para cortar êsses cipós e abrir caminho; ao me ver metido nessa rêde de lianas que à primeira vista parecem não ter fôrça para prender um coelho e que no entanto possuem resistência de ferro, era obrigado a fazer um esforço de quem arrasta um carro para prosseguir na marcha. Muitas vêzes tive de desistir de continuar o passeio por aquêlê caminho, confessando assim não ser o mais forte... Foi numa dessas lutas com os cipós que percebi certo ruído perto de mim e ergui a cabeça... Havia uma árvore cujos galhos tinham crescido muito baixo e para os lados de tal jeito que se enlaçaram vigorosamente às árvores vizinhas. Em cima dessa árvore cuja copa espessa me oferecia sombra e era quase da minha altura descobri estupefato três gatos do mato prestes a pularem em cima de mim. Não podia recuar nem fugir

e não trazia minha faca; a espingarda estava descarregada do cano esquerdo e com o direito eu não podia contar por ser inútil. Além disso, mesmo que disparasse, seria com chumbo miúdo. Acrescia a dificuldade de mudar a posição da arma sem grande ruído. Essas reflexões passaram pelo meu cérebro com mais rapidez do que eu mesmo suponha. No entroncamento dos galhos encontrava-se o maior e o menor dos animais. O terceiro aboletara-se num ramo mais alto. Afeito a derrubar papamoscas em pleno vôo, só me restava uma decisão a tomar e era a de apontar bem nos olhos um dos bichos, o mais próximo de mim. Nenhum dos três se mexeu talvez por enxergarem no meu rosto qualquer coisa de estranho. Fiz uma pontaria cuidada e quando por um quase milagre o tiro partiu ouvi um rumor de fôlhas, sem poder ver nada: a fumaça não se dissipava logo sob aquela abóbada de verdura. Peguei a arma pelo cano, e fazendo dela uma clava dei uns passos à frente, procurando sair do círculo de fumo. E compreendi ter sido ótimo o tiro: os dois gatos monteses tinham sido atingidos. O maior, embora com os olhos vasados pelo chumbo, ergueu-se do chão, apoiando-se nas patas traseiras; dei-lhe uma pancada na cabeça, porém êle novamente se levantou e pôde se esconder por entre a vegetação. O menor, também cego, estava caído e miava dolorosamente. A custo consegui matá-lo. Fiquei ansioso por me ver longe dali, mas fui obrigado a demorar-me bem uma hora à procura dos pedaços da espingarda que eu quebrara com as pancadas dadas nos dois gatos do mato. Essa arma me fôra emprestada e teria de restituí-la. Ficara-me nas mãos apenas o cano e com êle teria de me defender se os animais me atacassem de novo. Finalmente pude me apanhar fora da floresta, levando, porém, uma das minhas vítimas amarradas pela cauda. Respirei à vontade cá fora. Alcançando a escarpada vereda de que já falei, por ela mesma

tomei, não obstante os perigos, porque não me agradava perder tempo em procurar outro trajeto menos arriscado.

Devo confessar que minha entrada triunfal na povoação, com o fuzil partido, a cara e a roupa sujas de sangue, o animal morto às costas, causou sensação. Cinquenta índios de ambos os sexos me acompanhavam, revelando grande espanto. E a esse espanto se misturava certo terror. Viam em Santa Cruz pela primeira vez um gato do mato. Todos queriam ver o que eu matara. Ao chegar a casa tratei de tirar a pele do animal. Dei a carne aos vizinhos, que com ela prepararam um saboroso prato. Provei também dela, mas achei-a amargosa. Não me afizera bastante ainda à vida dos indígenas para achá-la gostosa. Mais tarde me pareceria excelente.

No outro dia voltei ao local da luta com outras pessoas. Demos uma batida rigorosa nos arredores sem encontrar rastro do outro animal ferido. E ficou nisso a aventura. Eu havia passado a noite inteira a sonhar com os olhos brilhantes e fixos do gato; acordei várias vezes assombrado. Poderia ter, acompanhado como estava, me metido mais de mata a dentro, mas nem levava espingarda e não me seduzia outro encontro em situação pouco favorável.

Entrementes os dias corriam e o tempo não mudava. Quando me sentia cansado de caminhadas pela areia ardente e o calor me impunha a procura de um abrigo, recolhia-me ao casebre de um velho negro que não era escravo, o qual se encarregara de consertar a espingarda, embora demoradamente. Esse pobre homem exercia várias profissões; era muito vagaroso no trabalho e somente se animava quando fazia vibrar seus dois sinos. Porque o negro, além de serralheiro, era sacristão da catedral a que já aludi, sem prejuízo também de seu outro ofício — o de sapateiro remendão. Sendo livre, podia usar sa-

patos e nunca vi outros do tamanho dos dêle, aliás muito de conformidade com seus enormes pés.

Meu amigo negro, apesar de tôdas essas acumulações, ainda achava tempo para criar perus e patos. Ao ver sua criação lembrei-me logo de que durante a viagem a empreender, se os ventos contrários a tornassem mais longa do que o previsto, teria necessidade de víveres. Na minha bagagem conduzia ainda a famosa sopeira que já me prestara tão bons serviços e que novamente me poderia proporcionar. Comprei ao velho um dos seus patos, pagando-lhe mais de 10 francos. A dona da casa preparou muito bem a ave e me entregou pronta na noite de minha partida. Os ventos haviam afinal mudado. Coloquei em sítio seguro a sopeira e fui meter a chave de minha morada debaixo da porta indicada. E despedi-me de Santa Cruz.

Compunha-se a tripulação do nosso barco de um negro e dois índios, sem falar em Domingos. Partimos às 3 horas da manhã e fomos correndo sôbre essa casca de nôz com um tempo esplêndido. Ia Domingos ao leme entoando sem cessar cantigas edificantes, e tudo decorreu sem anormalidades até ao anoitecer quando cessou o vento repentinamente, prenunciando uma tormenta ou uma calmaria, duas circunstâncias pouco tranquilizadoras. Continuaram os cantos, o que não evitava um balanço que ora me atirava para um lado ora para outro. Todavia, consegui adormecer profundamente, mesmo porque precisava recompensar a quase vigília da noite anterior. E foi bom dormir, pois mais tarde o vento voltou a soprar e pela manhã entravamos no pôrto da Vitória. Tornei a ver o homem do porta-voz, a fortaleza, e afinal a cidade. Lançou-se o ferro defronte da casa do dono da embarcação, e ao deixá-la penetramos num armazém repleto de objetos dos mais díspares: montes de louça de barro, pequenos mastros, rolos de cordas etc., tudo numa

confusão do outro mundo. Havia ao fundo uma escada de madeira que dava para os aposentos da família de Domingos, e lá em cima existiam vários quartos separados por tabiques e de paredes nuas. Por todos os lados rêdes penduradas.

Apresentaram-me à dona da casa, que não demorou seu oferecimento de hospitalidade. Aceitei-a, embora preferindo me instalar no armazém. Para comer trazia o meu pato e êle me daria para aguardar a chegada de Mucuri, velho conhecido, o que se'daria dentro de dois dias. Podia, portanto, dar-me ares de Lúculo, sem economizar alimentação. Mandei apenas comprar bananas e pão; ainda dispunha de um pouco de açúcar; deram-me uns limões e com êles preparei uma gostosa limonada, bebida de que nunca me esqueci pois me curara de um começo de doença trazida do Rio. Com o auxílio de um jovem indígena, tipo risonho e amável, construí uma espécie de estrado valendo-me de algumas tábuas existentes no armazém e tudo me correu bem. A êsse indiozinho, em gracejo, costumava dizer ir empalhá-lo como fazia com meus passarinhos; êle ria-se à vontade, o dia inteiro, com a minha ameaça e quase demonstrava esperanças de que ela se viesse a objetivar. Torcia-se de riso quando eu o agarrava pela roupa e fingia ir abrir-lhe a barriga com tôda precaução para não estragar-lhe a plumagem... Abria tanto a bôca, nas risadas, que eu tinha a impressão de que suas orelhas exerciam a função de evitar que os lábios distendidos dessem volta pela sua nuca. Era também um perito marinheiro êsse rapaz. Queria se encarregar de minhas encomendas e não me deixar nunca, mas o dono temia tanto quanto o próprio rapaz ser pegado para servir no exército, como acontecia freqüentemente com os indígenas. Dêste jeito êle não arredava pé da embarcação nem do armazém: virara meu cão de guarda. E assim se comportou durante todo o tempo de minha

estada ali que por sinal se prolongara por haver se atrasado na chegada o navio em que deveria embarcar.

Se nesse armazém em que me hospedara gozava de inteira liberdade, contudo não me pude poupar inteiramente a alguns aborrecimentos: os meninos de Domingos dormiam num aposento por cima do meu; as tábuas do soalho não eram bem calafetadas e daí certas coisas desagradáveis que caíam lá do alto, causando-me transtornos... Procurei armar a rêde num sítio menos exposto, convencendo-me do êrro de tê-la antes pendurado bem em baixo das camas das crianças...

Fui visitar a família Penaud e desculpar-me de não ter aceito a hospedagem oferecida. Conhecera, já, como se sabe, de que natureza era a hospitalidade dos europeus e preferia a do armazém, não obstante certos episódios noturnos. Uma manhã, por exemplo, encontrei dentro do meu chapéu uma galinha acorada e um ovo fresquinho. Pouco a pouco, entretanto, a família Penaud conseguiu desarmar minhas prévenções e tanto insistiram nas amabilidades que fui a sua casa jantar, caçar e passar as noites até que o vapor chegasse. Consegui matar, ali, dois interessantes macacos, de uns que têm a cara branca cercada por uma cabeleira preta como o azeviche.

Certa vez, ao entrar em casa, encontrei, sentados sôbre tonéis, as três principais autoridades da terra: o juiz de direito, o capitão do pôrto e o subdelegado. Meu amigo José, como se chamava o caboclinho, mantinha-se respeitosamente de pé, ao fundo do armazém, após haver anunciado às visitas que eu não demoraria. Por mais que me linsonjeasse essa deferência das autoridades, senti-me também um pouco humilhado. Vinham me oferecer igualmente hospedagem; fui obrigado a recusá-la, mesmo porque partiria no dia seguinte.

Afinal o navio chegou. O Sr. Penaud e seus filhos tiveram a gentileza de conduzir minha bagagem a bordo e

depois de terem-na acomodado bem iam se despedir quando me pediram o passaporte. Eu o havia entregue à polícia ao chegar, e é de praxe a autoridade devolver êsse documento ao seu dono no barco em que pretender regressar. Dera-se, porém, uma confusão qualquer e o passaporte não fôra encontrado a bordo; teria de desembarcar com a minha bagagem. Foi quando o Sr. Penaud correu a terra, foi à polícia, e de volta me trouxe não sòmente o papel como o funcionário negligente que quase se ajoelhava a meus pés, pedindo-me não o botasse a perder.

Reconheci na maior parte a tripulação do barco que me levava; o comandante, porém, era outro, um homem gordo, coxo, sempre amparado numa bengala, ao andar. Perguntei-lhe que fôra feito dos quatro feridos do acidente de 4 de novembro. O capitão bateu de leve com a bengala na cabeça de um negro que ia passando perto de nós e puxou-o pela camisa:

— Vem cá, Moricaud.

Era exatamente o mais grave dos feridos, aquêle cuja morte o médico prognosticara. Tinha a pele tôda cheia de cicatrizes, de manchas brancas semelhantes às de vitiligem. Fiquei contente de tornar a ver êsse pobre diabo e êle para agradecer nossa atenção abria a bôca num largo riso e mostrava duas fileiras de dentes pontudos como os das feras. Não negava sua origem africana.

Após três dias e meio de travessia, entrávamos nessa imensa baía do Rio, sôbre a qual se chocam sempre as opiniões. Uns a dão como maravilhosa, outros como não possuindo nada de extraordinário. Penso ter alcançado as razões dessas divergências. Os primeiros transpuseram a Guanabara ao cair do sol; a temperatura é suave; os vários planos das montanhas tomam os mais empolgantes matizes; não há monotonia na paisagem; revela-se

a natureza brasileira em sua máxima pompa. Os outros, deprimidos e irritados pelo calor, não sabem ver bem as coisas. Seus olhos injetados percebem o cenário de um modo fatigante; tudo lhes parece triste, monótono, de um tom violáceo a envolver as serras.

Esta sensação eu experimentava desta vez contrariamente à que se me proporcionara no dia em que pela primeira vez entrara nesta baía, ao amanhecer, depois de ter caído rápida chuva a refrescar o ar.

Veio ao nosso encontro um bote tripulado por negros a fim de receber os passageiros que desembarcavam antes do navio ir ancorar ao seu ponto do costume. Logo que saltei em terra, fui ao palácio, mas sem o intuito de ali me aboletar. Asseguraram-me: os cupins haviam atacado de tal modo o edifício que o iam breve demolir. Pouca gente o habitava; os negros que me serviram de criados não mais se encontravam ali; assim, depois de ter deixado minhas malas no antigo aposento, procurei um hotel. Apoderara-se de mim intensa tristeza, nesse primeiro dia, e pus-me a passear a esmo pelo largo do palácio, comparando meus pensamentos de agora com os que me enchiam a cabeça durante os seis meses passados nesta mesma cidade. Não via mais a civilização pelo mesmo prisma olhado antigamente. Perdera no âmago das florestas todo meu entusiasmo por este país a que poderiam tornar tão florescente e que, nesse instante de injusta melancolia, deixara de possuir a meus olhos o encanto de outrora. No dia seguinte lia-se num jornal:

“Ontem, um indivíduo mal vestido passeava em silêncio com as mãos às costas. Usava uma longa barba, como um profeta, e parecia estar tramando qualquer plano sinistro. Os meninos, ao vê-lo, se afastavam medrosos. Alguns polícias seguiam com as vistas os movimentos desse tipo suspeito e estavam prontos a contê-lo se acaso ensaiasse qualquer gesto criminoso”.

E no dia subsequente outra fôlha anunciava :

“A eminente personalidade a que aludiu ontem de modo tão desatencioso nosso confrade... é o famoso artista francês Biard, que regressou há pouco de longa excursão pelas matas da província do Espírito Santo etc., etc.”. Eu estava reabilitado.

Tratei logo de cortar a barba; um perito cabeleireiro francês penteou-me e frisou-me o bigode; comprei-lhe um preparado para afiar navalhas e procurei apagar do melhor modo a má impressão causada pela primeira notícia de jornal a que aludi. Pedi a meu compatriota para afiar as navalhas que durante a excursão pelo interior não me prestaram serviço e êle não se negou a me atender. Achei se tratar de um trabalho tão insignificante que não merecia pagamento. Contudo perguntei-lhe por delicadeza quanto lhe devia e êle me respondeu ser meu débito de 2\$0, mais ou menos seis francos... Querendo guardar uma recordação dêsse episódio, solicitei-lhe uma conta que ainda hoje possuo. Mais tarde procurei utilizar-me do tal preparado para afiar as navalhas, mas a coisa não deu certo e abandonei-o. Ao regressar à França, fiquei sabendo que se tratava de cosmético para bigodes, e essa descoberta fêz crescer minha estima por êsse prestimoso patricio.

Vários assuntos me prenderam no Rio mais de um mês. Não encontrei, porém, mais, ali, nenhum motivo de distração: nem passeios que tentei fazer pela cidade nem estudos de costumes pelos seus arredores. Ansiava por partir, fôsse para a Europa, fôsse para uma excursão pelo Amazonas. Visitei sem interêsse as ilhas do Governador e de São Domingos, esta última aliás numa moldura de escolhos muito pitorescos. Debalde tentava desenhar ou escrever. Entre notas e esboços apanhados nessa época pelas ruas do Rio, encontro um gordo burguês que usa

sôbre sua impecável roupa preta uma opa de seda verde, e estende numa das mãos aos transeuntes uma bôlsa escancarada. Que faria êsse homem, assim encostado à esquina da casa que ficava fronteira ao meu hotel? Soube-o de sua própria bôca: tirava esmolas e dizia invariavelmente aos que por perto passavam:

“Para as almas do purgatório, por amor de Deus!”

## V.

### O AMAZONAS

#### DO RIO AO PARÁ

*O navio brasileiro Paraná — Pernambuco — Paraíba do Norte — Os quadros alegóricos — Cabo São Roque — Aspecto do litoral cearense — São Luís do Maranhão — Pará ou Belém — O intérprete — O Cônsul — Sr. Benoit — O subúrbio do Pará — Marajó — Arapitanga.*

Até que enfim me sentia livre. Faltava-me um criado; ofereceram-me um suíço afeito a viagens pelo interior. Já experimentara os inconvenientes de viver sozinho, mas o acaso me prestou um serviço: um francês que eu conhecia desejou regressar à pátria, mas, como não tinha muita pressa, resolveu ir primeiro ao Pará. Não podia pretender situação melhor: um companheiro e dispensa de criado. Dois proveitos num saco. Fizemos muitos projetos para a viagem; éramos todos os dois ótimos caçadores e planejamos verdadeiros extermínios de onças. Reservamos passagens no vapor *Paraná* e fui despedir-me dos imperadores. A 23 de junho partimos. As várias embarcações que levavam passageiros para o vapor foram forçadas a uma série de manobras que não pude compreender. Quando iam conseguindo atracar, o paquete mudava de posição a um movimento das rodas e se afa-

tava. Essa brincadeira durou mais de uma hora. Afinal disse adeus ao Rio. Eu e meu companheiro tínhamos escolhido os melhores alojamentos; ao irmos procurar nosso camarote, já dois companheiros de viagem se achavam lá. O camarote era de quatro camas. Faltou-nos a sorte. Esses companheiros eram um comendador brasileiro e um mulato. Havia também a bordo uma cantora francesa destinando-se à Bahia. Falava pelos cotovelos, sobretudo a respeito de simpatias brotadas de repente, sem que se saiba como. Essas arengas tanto se dirigiam a um caixeiro viajante propagandista de novidades (a julgar pelo número de pares de luvas mudados todos os dias), como a um moço recém-formado. À exceção do comendador, aquela sociedade de bordo não era muito brilhante. Comida boa, tempo favorável, embora o vapor jogasse um tanto. Três dias de marcha e chegamos à Bahia.

Não me movia grande interêsse em ir a terra e, como a cidade não me agradasse, tratei de voltar ao vapor logo que terminei umas compras. Muito antes da hora marcada para a partida. Como tivessem descido na Bahia alguns passageiros, pudemos trocar de camarote, o que bastante nos satisfez, pois, com o calor reinante, a vida em comum com quatro pessoas num só aposento não constituía grande agrado, e além disso o mulato roncava como um porco. Embarcaram nessa escala três mineiros ianques, iam para o Maranhão; dois nédios alemães e portugueses, chamados de "ilhéus", tipos de classe inferior a tentar fortuna pelas cidades, uma espécie de Auvergnats.

Em troca tínhamos deixado um tocador de violino que nos favorecera durante a primeira etapa da viagem com todo seu repertório, •mediocrementemente interpretado, diga-se a verdade. Exibia, porém, ares de Paganini. Talvez se originassem do instrumento seus solecismos em harmonia... Ficara igualmente na Bahia um holandês

baixote e rotundo, casado com uma cantora. Acabara de atravessar os Andes e contava tais aventuras com os selvagens dessas regiões que me sentia envergonhado da pobreza de minhas histórias de excursões pelas matas brasileiras. Tanto mais quanto êsse herói realizara tôdas as suas proezas metido num trajo côr de manteiga fresca, com uns óculos verdes e um chapéu de pastor.

Nove horas da manhã quando entramos em Pernambuco. Um navio francês saído muito antes de nós chegara apenas na véspera. Nesse barco viajavam pessoas conhecidas de meu companheiro. Almoçamos a bordo e fomos depois visitar a cidade na qual não desembarquei quando passara vindo da Europa. Gostei muito mais dela do que da Bahia. É construída numa planície. Todavia voltei para o vapor com prazer porquanto êsses passeios ao sol do meio dia fatigam bastante. Reentrei no vapor; faziam o carregamento de combustível tirado de grande e chata embarcação; negros com cestas cheias de carvão às cabeças efetuavam êsse serviço. O fundo da embarcação estava cheio d'água e os pobres escravos patinavam nessa espécie de lama preta que felizmente não os podia manchar. O mestre era um tipo robusto e engraçado com suas costeletas negras e exercia a autoridade aos gritos, aos insultos, às pancadas mesmo, se os cativos, por cansaço, diminuíam a atividade. Ouviam-se de longe seus berros.

Nosso navio ancorara no rio, por dentro dos recifes que protegem fortemente Pernambuco. As vagas golpeavam com altura e violência essa muralha. O paquete *Tyne*, no qual eu viera da Europa, achava-se, como da outra vez, fundeado ao largo, esperando desembarço para partir. Esperava-me um grande desgosto em consequência dessa coincidência de encontro do *Tyne* nesta cidade. Meu companheiro veio me anunciar que, forçado por certas circunstâncias, resolvera antecipar seu regresso

à França, aproveitando êsse vapor no qual lhe aprazia fazer a travessia. Esperava que essa separação não modificasse nossas relações de amizade. Não quis ponderar ter deixado de trazer um criado por contar com a companhia dêle, nem manifestei pesar ou perturbação. Despedimo-nos, amigavelmente, embora me convencesse, mais uma vez, de que na vida não devemos confiar em ninguém.

Transitava pesada nuvem sôbre a cidade e dali a pouco caiu fortíssimo aguaceiro. Ao sairmos a barra, à noite, o mar estava revesso. Na cama de meu companheiro instalara-se um sujeito enjoado a vomitar à vontade; obrigou-me a ir dormir no convés, apesar do mau tempo. Felizmente êsse companheiro indesejável desembarcou no outro dia na Paraíba.

Não vira, desde minha saída da França, pôrto tão pitoresco como o da Paraíba. Subimos o rio entre duas margens fartamente cultivadas. À direita havia um forte e um homem munido de um porta-voz. Transpostos êsses dois aspectos comuns à entrada das cidades, quer grandes, quer pequenas, no litoral brasileiro, apresentou-se-me aos olhos a mais encantadora cidadezinha, banhada pelas águas do rio, e cercada de coqueirais. Os mangues ofereciam milhares de raízes, milhares de braços a se reproduzirem quando, curvando-se, tocam a terra e com ela fazem contato. Caranguejos formigam por todos os lados e fogem ao menor ruído de passos. Desembarquei com meu companheiro brasileiro que usa o título de comendador. Êle não sabia uma palavra em francês e eu não era forte em português, mas nos entendíamos maravilhosamente. A embarcação a nos transportar para terra chamava-se "montaria", simples tronco cavado. Fomos almoçar num único hotel da cidade, e lá já encontramos outros viajantes, inclusive dois franceses, sendo um dêles jovem engenheiro morador no Ceará. Depois, com o comenda-

dor, tratamos de conhecer a localidade. Mostraram-me um grande cruzeiro plantado num bloco de pedra. Um homem baixinho, com uma cabeça de gigante, servia-nos de cicerone: assegurou-me que tanto o cruzeiro como a igreja eram obra dos jesuítas. Esse templo, ornamentado de modo grotesco, com excesso de dourados, ostentava no entanto um caráter sombrio, fazendo evocar a época da inquisição. Vira já ornatos semelhantes nas igrejas de Espanha. À medida que percorríamos as várias capelas das quais o cicerone dizia maravilhas, um frade, com um burel azul, passou perto de nós. Era o único habitante da igreja. Disse-nos o guia ser êle muito rico, mas pouco amigo da caridade.

Diversos quadros chamaram-me a atenção. Um representava um crescente em tórno do qual havia uma corda, e nêle apoiada uma senhora vestida de azul parecendo voar. Quis saber o significado dessa tela e explicaram-me: o crescente era a lua e a dama Nossa Senhora. O que me parecera uma corda era uma serpente que o poder divino prendera à lua, dominando o reptil.

Outro quadro me despertou a curiosidade; numa roda formada por frades, um dêles estava com uma faca ensanguentada nas mãos e com a cabeça encostada no chão, mostrando-se de semblante carregado. Nosso guia explicou-me: êsse monge, no desespero de haver perdido a fé, resolvera, como maior punição, cortar a própria cabeça. Esse gesto parecia causar muito orgulho ao homem que nô-lo explicava, e eu, para diminuir a intensidade dêsse entusiasmo, lembrei-lhe o que fizera São Diniz: além de cortar a própria cabeça, beijara-a três vêzes. Pensara ter reduzido meu guia ao silêncio, porém êle ponderou não ser a ação de São Diniz tão extraordinária assim, pois o mais difícil não seria beijar a própria cabeça, mas cortá-la.

Não tive tempo bastante para apreciar tôdas essas obras-primas dignas de figurar numa igrejinha da Alemanha onde estive certa vez recolhido de um temporal, enquanto consertavam a roda de um carro. Não posso fugir a tentação de descrever um dos quadros dessa igrejinha. Duas pessoas se abraçavam; uma delas tinha do lado esquerdo, no sítio do coração, uma aberturazinha quadrada, com pequenos varões de ferro, através dos quais se via um menino tocando violino. Traduziu-me o sacristão o sentido da pintura: era a cena da Visitação. No momento em que Santa Isabel sabe que a Virgem se acha grávida, seu filho João Batista vibra de contentamento no seio materno. Há uma grande felicidade em se penetrar dêsse modo no sentido da alegoria.

A 2 de julho, à uma hora da tarde, passamos pelo cabo de São Roque, a ponta mais saliente das costas do Brasil. Desde Pernambuco vínhamos navegando entre a terra e o recife a se prolongar bastante, de sul a norte, paralelamente à costa.

Há vários dias notava, com certa pena, ser o litoral bastante árido: montes de areia alva contrastando com o azul do céu. As belas montanhas do sul, tão do meu agrado, ficavam para trás. Avistamos a estibordo o casco de um navio naufragado sôbre os recifes. Vinha de Hamburgo essa embarcação e o seu comandante, ignorando o perigo ali existente, por desconhecer a rota, foi bater nas pedras com tôda a fôrça das velas. Por milagre a equipagem salvou-se.

Tôda essa costa se assemelha ao deserto do Saara. Praia baixa e areias movediças. Pela manhã passamos defronte da cidade do Rio Grande do Norte, que me pareceu pouco importante embora não de todo desinteressante. Mas, como tive escrúpulos de molhar meus pés naquelas jangadas tão incômodas, consolei-me em me apresentar as razões da raposa da fábula: estão verdes!

A noite de 3 de julho passei-a tôda no convés e ao despertar tornei a contemplar o sol já nascido entre as nuvens escuras e opacas que me haviam atraído a atenção quando da minha primeira viagem. Tentei desenhar algumas, mas, assim como as aurora-boreais na Lapônia apareciam e desapareciam quando, tendo ao lado um galho de resina inflamado, esperava noites inteiras pelo fenómeno, as nuvens atravessavam o horizonte com uma rapidez indescritível.

Houve nesse dia alguns pequenos acontecimentos: pescaram um bonito; uma gaivota vindo de terra pôs todo mundo alvoroçado; deram uma surra num grumete; o comandante riu-se duas vêzes pela manhã. Esse digno homem, misto de militar e de burguês, era um pouco nêsco, sem ser todavia vaidoso de seu pôsto e de suas funções, das quais a parte mais importante consistia em comer com appetite. Ao meio dia fundeamos no Ceará, também chamado Fortaleza. Cercada de coqueiros, essa cidade oferece agradável aspecto, pôsto o acesso seja feito por uma praia arenosa. A demora é curta: apenas para permuta de papéis e de correio. Vi passarem animais que me intrigaram sobremodo: maiores do que cavalos e parecidos com camelos. E de fato eram camelos trazidos da África, sem dúvida para experiências de aclimação. A região com seus areais lhes seria familiar. Jangadas em grande número constituem as embarcações típicas do Ceará. Acordei com muita dor de cabeça e depois de uma noite mal dormida a ouvir uma partida de víspera que durou até de madrugada. Passei o dia deitado sôbre umas cordas apreciando os marinheiros e negros remendarem suas roupas, isto é, suas calças, pois poucos dêles usavam camisas. Não tinha sempre um passatempo tão curioso e, não fôra o sol que eu evitava, teria ficado dias inteiros a observar de perto essas costureiras tão dife-

rentes das outras. Desde que dobrámos o Cabo de São Roque, o sol foi se tornando cada vez mais incômodo. Nosso navio mudara seu rumo de sul a norte para navegar quase paralelamente ao equador e nos colocava assim de face ao sol pela manhã, e perpendicularmente abaixo d'êle ao meio-dia. A 4 de julho foi esplêndida a tarde e teria permanecido parte da noite no convés se não me visse obrigado a me afastar dali por causa de um presumido oficial que depois de entoar lamentavelmente as mais fortes árias de óperas italianas ainda se meteu a assobiá-las.

A São Luís do Maranhão chegamos a 5 de julho. Cidade construída em anfiteatro. Sem mesmo saber por que, não experimentei grande desejo de visitá-la. Mas, aceitei o oferecimento de alguns companheiros de viagem para ir com êles a terra; mudei de roupa rapidamente, agarrei meu álbum, e ao voltar ao convés verifiquei que todos tinham tomado o bote sem me esperar. Era justo: eu não passava de um estrangeiro; essa falta de atenção me aumentou a solidão. Refleti: onde ia eu afinal? Ao Pará? Fazer o que, se diziam que por lá não havia lugar para hospedagem? Para apresentar minhas cartas de recomendação precisaria antes de um canto qualquer em que me preparasse e deixasse minhas bagagens. Onde encontrar êsse teto se mal falava a língua do país? Inda por cima soubera que o dinheiro trazido do sul perdia muito do seu valor no extremo-norte. Já no Rio o câmbio não me fôra favorável: para obter uma moeda de ouro do valor de 20 francos tive de dar cédulas numa importância correspondente a 25. Sem certeza de ir mesmo até ao Pará comprara passagem até o Maranhão. O preço da passagem ao Pará era de 600 francos ou sejam 200\$0; durante a viagem mudara de resolução e dera disso ciência ao imediato; tive então de pagar mais 50\$0, castigo para doutra vez saber logo para onde me destinava.

Uma contrariedade nunca vem sôzinha. Cansado de estar ali no convés a sós, pouco satisfeito com meus companheiros de viagem, voltei ao camarote que ocupava sôzinho, disposto a fazer arrumações em vista de estarmos próximo da chegada ao Pará. E, no entanto, mais depressa do que esperava, raspei-me do camarote. Desde a Bahia viajava numa cabine vizinha uma família composta de um figurão, de ares insolentes, acompanhado da mulher e duas crianças. Quatro pessoas metidas num pequeno aposento de onde quase nunca saíam e dentro do qual se respirava um ar fácil de avaliar. Só em passar de frente da porta dêsse camarote me arrepiava todo. Tudo era bom quando ia lá para cima respirar melhor; o contrário, porém, constituía um suplício. No meu camarote ou fechava a porta e abafava de calor, ou a abria e arriscava-me a uma intoxicação por mau cheiro.

De volta de terra, meus companheiros de viagem trouxeram jornais da Europa e a leitura dêles gerou discussões políticas. Gritaram à vontade e trocaram, como de costume, grosserias. Nos intervalos, o cantor de árias italianas assobiava seus trechos prediletos. Como viram, o tempo foi bem empregado. Afinal, no dia 9 de julho, entrávamos nas águas do Amazonas: a nossa esquerda as terras paraenses; à direita, mais distante, a grande ilha de Marajó. Notava-se alegria em os rostos de todos os passageiros. A um calor insuportável sucedera um aguaceiro que dispersou o ajuntamento do tombadilho onde, apesar de tudo, o oficial melômano cantarolava. Preferi aguentar a chuva.

O comendador não sabia ainda em que parte iria se hospedar, o que me acontecia também. Outro tanto se dava com o cantor. Êste, todavia, conhecia o Pará e um hotel — havia, então, um hotel! — o que constituía uma fortuna para mim. Cheguei a perdoar-lhe as cantorias e nos entendemos no sentido de procurar cômodos. A des-

peito de nossa provável vizinhança, tinha esperanças de que os atrativos da cidade me livrassem de ouvir a música italiana dêsse homem.

Pará tem semelhanças, de longe, com Veneza. O aspecto da cidade com suas praias rasas, com suas árvores de pequeno porte tão diferentes das conhecidas nas montanhas do sul, não correspondia ao que me haviam dito dela. No Rio tudo quanto existia de maravilhoso vinha do Pará: os pássaros de mais esplêndidas plumagens; as frutas mais ricas de sabor, ananases, mangas, sapotis, abacates etc., tudo era do Pará.

Desde que o vapor lançará ferros e faltou-nos a brisa do mar, tive a impressão de asfixia. Desembarcaram no cais, num barracão, nossas bagagens e confiando-as aos cuidados do comendador, fomos procurar alojamentos. A entrada do hotel era uma espécie de cozinha servida por gente tão suja e pálida que tive receio de que se tratassem de pessoas atacadas de febre amarela. Êsses fantasmas arrumaram às pressas um aposento que nos seria destinado. Tiraram de lá cacarés, potes quebrados, um berço, um barril de vinho. Êsse quarto, mais ou menos do tamanho do armazém em que me hospedara na Vitória, era apenas separado por um tabique de seis pés de altura da outra peça em que dormiam misturadamente o dono do hotel, seus filhos, os cloróticos criados e os negros.

Arranjada casa e também comida, voltamos ao cais. O cantor conhecia os costumes da terra: cada volume de nossa bagagem foi levada por gente de várias côres, idades e sexos. Os objetos mais pesados tinham sido deixados para os menos robustos dos carregadores. Nada menos de 17. Encheram a cozinha e ainda sobravam pela rua. Afinal todo êsse batalhão entrou no quarto e formou em linha, por altura. Cada portador tinha o respectivo

volume trazido, a sua frente. Tudo se passara dentro da maior seriedade. E cada um recebeu, conforme seu trabalho, seu dinheiro. E fechamos a porta sem que deixássemos de ser obrigados a empurrar para fora alguns dos carregadores recalcitrantes em reclamar, e êstes eram, aliás, os mais bem pagos. Essa maneira de conduzir os interêsses me fizera perdoar a música vocal a um homem que tanto entendia de negócios. Mas, esperei sempre um pouco para dar-lhe a absolvição. O jantar, como esperava, não foi precisamente bom: a cozinha portugueza reduzida a sua mais simples expressão. Na mesma noite fomos correr a cidade com o comendador. Ruas largas, casas quase tôdas de um só andar, varandas a quatro ou cinco pés do solo. Terra vermelha nas ruas a sujar tudo o que é limpo; tive a prova disso ao voltar a casa para dormir.

Dispúnhamos apenas de duas rêdes num quarto destinado a quatro pessoas. Felizmente trouxera a minha. O comendador e o mulato seu companheiro de viagem ocuparam as do hotel. O oficial melômano entrou já tarde da noite e sem cerimônia, como a bordo quando cantava à vontade suas árias, pôs-se a falar alto, chamando o hoteleiro e os criados, reclamando uma cama, praguejando com fúria, e acabou saindo para ir procurar outra pousada. Eu estava tão danado quanto êle e dessa vez amaldiçoei-o. O mulato não dera acôrdo de nada, roncando como um bicho. Acabei indo passar o resto da noite num terraço à luz de uma lua a brilhar numa atmosfera refrescada e que só começa a se aquecer ao sair do sol.

Com pesar soube no dia seguinte não encontraria ali nenhum criado que falasse francês. Quando muito, havia um relojoeiro que talvez se entendesse comigo. Morava ao lado do hotel. Sòmente quem já viajou por um país cuja língua pouco ou quase nada se sabe, avaliará a sa-

tisfação do encontro de alguém a falar nosso idioma pátrio. O relojoeiro prontificou-se a me levar a todos aqueles para quem trouxera cartas de recomendação, oferecimento aceito com prazer. Fomos juntos às visitas; por toda parte o acolhimento se revestiu dessa maravilhosa hospitalidade tão característica entre os brasileiros. Preferi porém continuar com a minha liberdade, não aceitando os oferecimentos de hospedagem, de vez que encontrara onde me alojar e aproveitei meu guia para fazer algumas compras.

Para achar coisas banais percorremos a cidade toda; um livrinho que em França custaria cinco *sous*, me custou cinco francos; encontram-se aqui objetos os mais disparatados numa mesma loja, como por exemplo sapatos ou guarda-chuvas onde se vende tabaco; um sapateiro expõe à venda também licor Chartreuse, violão e papagaios. E assim por diante. Procurei bastante uma escrivanhinha; perdera uma caneta e não havia jeito de achar uma outra; por onde andei à procura me ofereciam, ao invés de caneta, lancetas para sangrar, objeto êsse que havia por toda parte à venda no comércio do Pará; mas esqueci-me de me informar a razão dessa abundância tão estranha.

Em compensação, percorrendo as ruas, vim a saber que essas figuras pálidas, êsses cadáveres ambulantes que me haviam anteriormente causado impressão desagradabilíssima, não eram doentes como julgara. E sim portugueses vindos das ilhas. Essa gente, por economia, quase nada gasta e come apenas bananas. Por isto anemiam-se-lhes o sangue e perdem as forças. O regime dá-lhes essa coloração mórbida em que o verde predomina, o que todavia não os impede de enriquecer. Ao vê-los, meu guia gracejava: "Lá vai ali um futuro comendador. Todos êles acabam com êsse título". Tive desejo de pintar um deles, pela curiosidade do tipo, porém quando me dispunha ao trabalho via-me também pálido, verde e doente,

Por intermédio do relojoeiro tive esperança de achar um criado francês que habitava o Brasil há uns 32 anos. Não sabiam, entretanto, por que bandas êle andava. Fui visitar nosso cônsul no Pará, Sr. Froidfond. Morava num arrabalde chamado Nazaré, a meia légua do centro. Residência de gente rica. Como Catete no Rio uma espécie de "faubourg Saint Germain". Encontrei o cônsul deitado numa rêde muito pálido e muito magro. Trouxera também para êle uma carta do Sr. Taunay, que com sua costumada modéstia desculpava-se da liberdade de recomendar um homem como o Sr. Biard, não se julgando à altura de ser meu protetor. E de antemão agradecia o que pudesse fazer por mim. Por sua vez o Sr. de Froidfond me apresentou a espôsa, filha da senhora duquesa de Rovigo, que eu conhecera em Paris. Arazia-me sobremodo poder, ao chegar a essa terra, falar de pessoas que outrora me haviam tratado com tanta benevolência. Ao manifestar minha intenção de alugar um criado francês, o Sr. cônsul me desenganou dêsse propósito, porquanto, apesar de seu cargo, não conhecia ali ninguém em condições de me servir. Os franceses residentes no Pará eram comerciantes representantes de casas de Nantes ou do Havre. Tendo meu companheiro alludido ao velho francês não encontrado até agora, o Sr. Froidfond ponderou tratar-se de homem muito idoso e além disso dado ao vício da embriaguez. Que eu não cásse na asneira de tomá-lo como criado. Ninguém o suporta por muito tempo. No que diz respeito às matas virgens a que me destinaria para apanhar fotografias ou pintar, êle sentenciara: "Matas virgens? Não há mais! A não ser no fim do mundo!"

Essa notícia me decepcionou mais do que a da impossibilidade de conseguir o criado. Fizera uma viagem de mais de 500 léguas para obter essa desilusão! Todavia, ao me despedir do cônsul, não me dei por vencido, como

não mo dera quando há um ano, no Rio, me garantiram que os índios eram uns mitos. Dizia com meus botões: "Hei de encontrar essas matas ainda que vá ao Peru".

Continuava a habitar minha água-furtada com o comandante e seu mulato. O oficial melômano mudara-se e agora só me incomodava o roncar dos companheiros. Consegui diminuir a intensidade d'esses sopros noturnos assoviando com tôdas as minhas fôrças, recurso que aprendera nos postos da guarda-nacional parisiense e sempre com êxito. Meu vizinho de quarto me levou um dia com êle a visitar o presidente da província e para tal meti-me na roupa preta, solenemente. O sacrifício aqui era maior do que no Rio, pois nos achávamos em cima da linha do equador e malgrado o bom exemplo do povo da terra em se mostrar vestido à européia, aparecem igualmente nas ruas todos de branco sem se envergonhar do indumento. Eu estava assim no meu elemento. Contudo, para ir à presença do presidente, uma espécie de vice-rei!... Meu maior inimigo teria sentido piedade de mim ao me ver, em pleno meio-dia, com um sol bem alto, meter-me no trajo de casimira. E como nesse momento tive saudade do tempo em que o sol projetava as sombras de meus guias até ao fundo do deserto da Lapônia, durante o longo dia de seis meses em que se mostra sempre no horizonte, dando-lhe volta sem nunca se encobrir! Estava então muito mais à vontade com meus três ou quatro agasalhos de lã, minhas botas compridas, minhas luvas de pele de urso, do que ali no Pará, de roupa muito mais leve, colête de sêda e gravata branca, ajeitados com um trabalho enorme. Quando quis enfiar as luvas, elas estouraram por todos os lados, o que foi muito bem feito, porque entre os conselhos que me haviam dado ao partir para aqui, e dos quais motejara a princípio, existia o de usar luvas costuradas com linha e não seda, pois esta com o calor se partia fâcilmente. De uma dúzia de pares

possuídos apenas uma pôde mais ou menos me servir; calcei a menos estragada e enrolei a outra na mão com que devia pegar no chapéu, êsse chapéu a me apertar as têmporas e me fazer suar horivelmente. Meu companheiro; no entanto, mostrava-se ufano: êle estava a gôsto com suas calças, suas polainas e seus suspensórios. Partimos afinal, munidos de guardas-chuvas, objetos indispensáveis pois tanto servem para proteger dos aguaceiros como do sol. Alguns soldados negros ou caçoclos, mal uniformizados, cochilavam na antecâmara do palácio. O presidente teve a bondade de me mandar dizer que estava a minha disposição, lamentando não poder manter uma conversação seguida com pessoa tão particularmente recomendada. Terminada a audiência, voltei a casa às pressas e ali me despojei do trajo de tortura, atirando-o para longe de mim, decidido a só metê-lo no corpo ao chegar à França, se tivesse a felicidade de rever a pátria um dia. Ao entrar, vi à porta do relojoeiro um indivíduo cuja cara me desagradara; tipo sujo, muito velho e muito feio; as sobranceiras caíam-lhe pelos olhos, quase tapando-os; coxeava um pouco, defeito êsse, soube-o depois, conseqüente a um ferimento recebido na perna por ocasião de uma das revoltas no Pará. Essa personagem pouco simpática me foi apresentada em um momento oportuno porque eu me achava já metido, numas calças brancas e nuns chinelos. Se a apresentação se houvera dado ao me sentir enfronhado na roupa preta, eu o teria botado para fora de casa. Era o francês, Sr. Benoit, meu futuro criado. No Brasil costuma-se dizer a todos os criados de hotel: "Faça-me o favor de trazer minha sopa". Se por acaso alguém conservar o hábito europeu de dizer: "Criado, minha sopa", será logo julgado indesejável e ficará esperando. O indivíduo em questão era, portanto, o senhor Benoit; não podia escolher melhor e tratei de ajustar com êle o que desejava que fizesse.

Antes de tudo, queria tomasse conta da cozinha, e instintivamente reparei suas mãos; depois, precisava que cuidasse de minhas roupas e de meu calçado, e também notei o desalinho do seu traje; teria também de me acompanhar pelas matas conduzindo-me a bagagem, e para tal sua perna doente me causava inquietudes; finalmente teria de me servir de intérprete. Ao ouvi-lo a comêço pensei tratar-se de um poliglota, porquanto me falou num idioma desconhecido, e como quisesse apenas quem conhecesse o francês e o português, interroguei-o de novo quanto a essas línguas, tendo tido resposta quase incompreensível. Explicou-me, porém, o relojoeiro que o Sr. Benoit havia esquecido um pouco o francês e aprendido pouco o português, sobrando-lhe no entanto boa vontade, o que realmente verifiquei logo, pois, tendo lhe pedido para ir buscar uma cadeira à minha direita, êle se precipitou para a esquerda e me trouxe um chapéu. O episódio me decidiu: aluguei o criado por mil réis diários, afora a comida. Êle possuía uma rede e um baúzinho com uma calça e uma camisa para mudar. E por todo o tempo em que estive a meu serviço o Sr. Benoit nunca mudou coisa alguma.

Tratei, então, de escolher um sítio, próximo às matas, onde pudesse me alojar, mas surgiram logo impossibilidades; cada dia me convencia mais de que nesse país se encontra tudo, menos aquilo de que se tem necessidade. Certa vez manifestava meu descontentamento perante o cônsul quando avistamos um rapaz montado num cavalo branco. "Eis ali o de que V. precisa, disse-me o Sr. de Froidfond, é o Sr. Gingembre, um engenheiro francês que mora em Nazaré; êle tem andado pelas florestas e conhece todos os índios das redondezas, com quem tem trabalhado".

E o cônsul chamou o cavaleiro. O Sr. Gingembre pôs-se a minha disposição e uma hora depois já fazíamos.

um passeio pelo campo, penetrando na mata pela estrada por êle construída. Após têmos caminhado longo trecho à procura do que eu desejava, voltamos sem nada haver conseguido; tudo o que vira estava longe de me satisfazer; contudo, por não me ser dado exigir muito, tive de me contentar com o possível. Tendo andado por aqui e por ali, descobrimos um casebre bem escondido pelas árvores. Pertencia a um médico e era habitado por dois índios, um casal. Fomos sem demora ao proprietário; não se negou a permitir me utilizasse da casa, prevenindo-me, entretanto, de que me daria mal nela. Não compreendia meu desejo de viver ali apenas com o Sr. Benoit, cuja reputação era bastante conhecida na terra. Isto, porém, só interessava a mim e eu me achava resolvido a fazê-lo.

Teve o Sr. Gingembre a delicadeza de me emprestar vários objetos de sua residência de solteiro e de me oferecer uma lista de outras coisas que me seriam indispensáveis. No dia seguinte, após me haver despedido do comendador, mandei transportar minha bagagem numa carroça. Tínhamos deixado Nazaré quando avistamos o médico vindo ao meu encontro para me prevenir de que uma das peças da casa que ia ser habitada pelo casal de índios, estava com a cobertura de palhas em mau estado e por isso, até o necessário conserto, só me seria dado ocupar o outro aposento. Contrariadíssimo, desisti da mudança e o Sr. Gingembre me levou para sua casa e não me consentiu sair de lá. Aceitei a hospedagem e em retribuição me ofereci para fazer-lhe um retrato a fim de que o enviasse à família, de quem se achava separado há tempos. Instalei-me assim numa sala do andar térreo, onde armei minha rêde.

Benoit já fôra criado do Sr. Gingembre e de lá pôsto na rua. Pedi desculpas do vexame de levar de novo para ali o velho francês, mas o Sr. Gingembre exi-

giu não lhe tocasse mais nesse assunto. O criado teve permissão de pendurar sua rêde no corredor e no outro dia conduziu minha bagagem pela estrada, por onde ninguém passava e quase tôda coberta de vegetação. Começou logo o serviço quebrando um frasco de nitrato de prata e de tal modo que estragou uma calça vestida apenas uma vez. Desmanchou-se em desculpas e prometeu-me ter doravante o maior cuidado com tudo. À tarde pisou uma chapa fotográfica, um retrato tirado do senhor Gíngembre para me servir de modêlo ao que tencionava pintar para fazer-lhe uma surpresa. Fui no dia seguinte à mata mas tudo me correu às avessas. O calor pregou-me várias peças: o colódio não queria colar direito, o éter secava imediatamente. Contudo insisti em trabalhar. Afinal, desconfiando um pouco do Sr. Benoit substituí-o por um negro no transporte de minha bagagem. O Sr. Benoit acompanhara-me e apreciava à distância o que eu fazia, apoiado num bengalão. Eu fingia não vê-lo, tanto me aborrecia a sua cara e sua pôse, embora êle permanecesse assim à espera de minhas ordens. Queria adivinhar meus gostos e como o animava grande boa vontade podia estar certo de que um dia me seria útil de verdade. De fato, êle carregou meus apetrechos com pressurosidade e sem cometer nenhum engano, entretanto a um sinal que lhe fiz para se aproximar apressou-se em se afastar de mim o mais depressa que lhe consentia a perna aleijada. Vi-me obrigado a correr atrás dêle, chamando-o em altas vozes, mas, sendo um tanto surdo e não compreendendo direito nem as palavras portuguezas nem as francesas, deu-me trabalho alcançá-lo.

Certa vez eu me achava sòzinho a desenhar, à sombra, e de quando em quando a caçar qualquer coisa para experimentar uma magnífica espingarda inglesa comprada no Rio. Para voltar a Nazaré, era preciso caminhar bem uma meia hora debaixo dêste sol causticante do Pará.

Tirei, portanto, grande parte da roupa, tanto quanto a decência o permitia, e como ninguém se afoite a andar por estas estradas ao sol do meio-dia, ia a minha vontade. Do outro lado do caminho passa vagarosamente uma cobra vermelha que matei com um tiro. Soube depois ser uma espécie bastante rara. Antes de entrar em Nazaré tive de passar em frente de várias casas de campo; à porta de uma delas dois senhores conversavam e meu acanhamento foi enorme ao reconhecer num deles o presidente da provincia. Quis evitá-lo, era tarde: tinha sido descoberto com a minha serpente às costas. Se me tivessem dito dias antes que haveria uma ocasião em que lamentasse não estar metido na minha roupa preta, de botas de verniz e de luvas, teria tomado essa profecia como um gracejo de péssimo gôsto e inimaginável. E, no entanto, nesse momento do encontro tive saudades de tôda aquela atormentadora indumentária. O Sr. presidente pareceu-me interessar-se bastante pela minha caça e aproveitou o ensejo para conversar demoradamente comigo sôbre o Rio e pessoas que me haviam dado cartas de recomendação para êle. Teria preferido raspar-me dali logo... Essa audiência, mais comprida que a primeira, teve afinal um fim, e ao me ver em Nazaré esfolei a cobra diante dos olhos do Sr. Benoit. Dois dias depois, ao acordar, vi o velho francês ao lado de minha rêde com uma porção de cobras enroladas ao pescoço, tendo, porém, a precaução de segurá-las perto das cabeças. Por mais habituado que estivesse eu com as cobras, não pude conter certo receio ao ver um dêsses reptis pertinho de meu rosto, de bôca aberta e língua de fora. E ainda me recordo de duas ou três cobrinhas a se enroscarem no chapéu do Sr. Benoit. Êle encontrara um negro que brincava com essas serpentes pondo-lhes em frente um rato amarrado por um cordão, para gáudio das crianças negras e índias. Tôdas as vêzes que as serpentes chegavam perto do rato, o negro as continha, passando-lhe ao pescoço uma palha em for-

ma de gancho, podendo assim dominá-las sem receio de ser mordido.

No Pará todo mundo conhece as "boas" e sabem não ser elas venenosas; por isto em muitas casas elas substituem os gatos. São inofensivas, a menos que as provoquem. Se eu tivesse onde alojar um desses animais, já um tanto familiar para mim, te-lo-ia comprado; porém minha habitação se achava tão abarrotada!... Agradei, todavia, ao meu pagem, que se precipitou sobre minha roupa para escová-la, o que não consenti. Escapara felizmente à sua culinária e devia ser prudente para evitar que se tornasse meu criado de quarto. Estava-me o Sr. Benoit como intérprete, sabe Deus de que fôrça!...

Costumava frequentemente dar um pulo até ao centro da cidade. Em nenhum outro lugar vira a gente de côr trajar com tanto requinte como no Pará. As negras, e sobretudo as mulatas, graças aos seus cabelos ondedos, fazem penteados de grande altura e que dispensam os pentes. No entanto tôdas elas usam vistosas marrafas de tartaruga. Por sua vez as flores entram muito nesses ornatos femininos das cabeças. Essas mulheres às vêzes apresentam-se com certo agrado para as vistas, com seus vestidos decoçados e sempre de tecidos brilhantes. Quando não ia às matas, partia cedo de Nazaré e, como o fazia no Rio, percorria o mercado à margem do rio. Grandes e pequenas embarcações encostam ao cais e os compradores do alto da muralha descobrem logo o que lhes convém adquirir. E' aconselhável realizar suas compras bem cedinho, pois depois de certa hora não se encontra mais nada que preste, principalmente carne.

Outro mercado oferecia menor interêsse: era interior e a terra vermelha de que já falei, quando custa a chover, se eleva por todos os lados em nuvens imensas, sujando à vontade as roupas. Esse mercado é menor do que

o da beira do rio e se não me engano ali se expõem à venda objetos já passados pelas mãos de revendedores. Ali se vêem representantes de todos os cruzamentos de raças, desde o branco ao negro, passando pelos matizes de côr mais variados: mamelucos, tapuias, cafusos, mulatos, índios, negros.

Um bando de pretos encarrega-se de descarregar as mercadorias no cais; êles trabalham com ordem e sob a direção de um chefe. Sômente ocasionalmente faço alusão a assuntos que entendem com a administração pública; minha sobriedade a êsse respeito é patente, desde que me ocupei do Rio de Janeiro. Tenho em mãos um livro, porventura bem interessante, sôbre o Brasil: nêle fica-se sabendo vintém a vintém quanto custa cada ministério; o vulto da produção do café, do fumo etc.; fala-se no passado e prediz-se o futuro. Tudo isso está acima da minha capacidade de conhecimento: é por esta razão que deixo os outros se ocuparem dessas particularidades e evito louvá-las ou criticá-las.

Por intermédio do Sr. Gingembre travei relações com um francês, o Sr. Leduc, representante de uma casa de Paris, e êste, por seu turno, me pôs em comunicações amistosas com outros compatriotas, senhores Gullière, de Nantes, Harismudi, do Havre, etc. Juntos realizamos uma excursão à ilha de Ara-Pitanga, perto da ilha das Onças e da de Marajó, (1) que é enorme e povoada de jacarés e de onças. Fornece ainda a ilha de Marajó o gado para abastecimento do Pará. Foi adverso aos bois o ano de 1859: as inundações do Amazonas destruíram os rebanhos quase por completo, e como faltasse também carne-sêca e feijões, os franceses, habituados a outro regime, viram-se obrigados a comer conservas muito caras,

---

(1) A ilha de Marajó separa em duas partes a foz do Amazonas.

como tudo quanto vem da Europa ou dos Estados Unidos.

Partíramos num domingo em uma canoa e ao cabo de algumas horas de travessia alcançamos vasta fazenda. O dono da propriedade, um português, recebeu-nos e levou-nos logo à sala de jantar que servia de passagem aos outros aposentos da casa. Mesa sem toalha. Preferia estivesse já preparada para o almoço, mas a hora da refeição ainda vinha longe, o que me causou bastante tristeza. Nessa fazenda cêrca de cinqüenta escravos trabalhavam em cerâmica; mostraram-nos magníficos vasos de vários formatos; depois conduziram-nos ao pomar, onde existiam parreiras em que as uvas, com indefinível desgosto do proprietário, eram azedíssimas. Esse pomar, como os demais no Brasil, era traçado por alamedas entre canteiros de rebordos de pedras ou mariscos, substituindo mal nossos buxos ou relvas, e que dão a tudo um ar de secura e aridez. Impede o calor que as flôres se desenvolvam ou se desenvolvem cedo de mais.

O dono da casa tinha umas maneiras que me levaram ao silêncio; ao chegar, ao elogiar certas coisas que me agradavam, êle mas ia oferecendo. Fomos depois visitar a ilha. No trajeto íamos caçando e assim alcançamos a outra margem, onde fiz um esbôço de mangueiras e apanhei um bocado de búzios. Em seguida, eu e o Sr. Leduc, afastando-nos dos outros companheiros, tomamos um banho, sem nos lembrarmos da vizinhança dos jacarês. O banho aumentou-nos extraordinariamente o apetite. Ao regressarmos tinham já almoçado, mas guardado a nossa parte. Ficaram todos admirados de ver como devorávamos tudo quanto nos haviam reservado do almoço e ainda uma parte do futuro jantar. No dia seguinte estava de planos feitos: índios que se deixavam pintar cômodamente, pássaros pouco ariscos e em bandos, sítios propícios para a fotografia... que podia desejar mais?

Resolvera ir me instalar na ilha. Dias depois aproveitei a condução regular, e com o Sr. Benoit às voltas com minha bagagem, passei a residir em Ara-Pitanga.

Tomei a liberdade de observar-lhe, com todo o tato, antes da partida, ser êle pouco aceitável com sua negligência de traço, com suas maneiras pouco delicadas, tornando-se assim necessário se corrigisse um pouco, se não por asseio, ao menos por decência. O conselho serviu um pouco, pois o Sr. Benoit mudou de gravata. E não tentei mais nada, aguardando-me para atraí-lo à água quando fôsse tomar banho.

Quando cheguei a Ara-Pitanga, sòmente encontrei lá um irmão do dono da casa e um jovem artista que sem ter tido mestre desenhava com certo gôsto os jarros de barro. Instalei-me da melhor forma possível num amplo aposento de onde se via o rio e durante uma quinzena pude pintar tudo à vontade, como nunca o fizera desde minha partida da Europa. Nessa fazenda escolhia os modelos, desde o tipo mameluco ao prêto. Quando já havia pintado vários indígenas, tratei de tirar-lhes os retratos. Passados alguns dias, minha bôlsa se tornara mais fácil de transporte porque a maior parte de meus utensílios ficavam guardados numa cabana em plena mata onde não tinha que temer os ladrões. O calor era terrível, mas nem por isso deixava de trabalhar e de crescer minhas coleções de tôdas as espécies. Se não me atormentavam os mosquitos, restava-me contudo o Sr. Benoit, que me botara fora umas calças, deixando-as cair no rio quando se metera a ajudar a lavadeira a pôr a roupa a secar; poderia tê-la salvo se acaso o seu horror à água não o pregasse aos degraus de madeira por onde os negros subiam ou desciam quando se entregavam ao trabalho de carregar e descarregar as canoas.

Disse há pouco costumar agora deixar na cabana da mata os objetos de utilidade. Realmente, dispunha ali

de um abrigo no qual guardava vidros, frascos, etc., e dali os levava mais fãcilmente aos pontos em que estivesse trabalhando; podia dêste modo dispensar a presença do Sr. Benoit, que, fazendo o contrãrio do que eu mandava, me trazia sempre aborrecido. Geralmente êle desaparecia de minha vista e ganhava o mundo, mas em outras ocasiões descobria-o por perto, encostado ao bastão, numa posição parecida com a dêsses jardineiros de terracota que ornamentam certos jardins. Mantinha-se nessa atitude durante todo o tempo do meu trabalho, e, quando eu terminava, se lhe fazia um aceno de chamada, era quase certo pôr-se ao fresco.

Um dia, estando com pressa, confiei-lhe a tarefa de guardar meu material e vim logo embora para casa. Na manhã seguinte, ao chegar ao local em que o Sr. Benoit deveria ter deixado em segurança meus frascos de tinta e de drogas, não encontrei nada. Procuo por todos os lados e insensivelmente me afasto dali e me perco; quanto mais me distancio mais penetro num cipoal, e além do mais chove. Vejo-me cercado de cipós, e, ao tentar recorrer ao meu facão, só encontro a bainha. Necessitei de prolongados esforços para me livrar da estranha prisão cheio de raiva dêsse meu desastrado ajudante. Molharam-me completamente; caí num buraco cheio de espinhos e fiquei com a mão e o braço completamente feridos. Não me bastava a dor dos ferimentos; ainda por cima vieram-me receios de que se tratasse de uma planta venenosa. Tudo me fêz esquecer depressa os frascos e o sabre: o sofrimento não me deixava pensar noutra coisa. Arranquei o mais possível os espinhos, ao menos os que se podiam tirar com os dedos, e deixei os outros para quando dispusesse de uma tesoura ou uma pinça. Acalmara-se-me a cólera e, guiado pelo sol, pude sair do matagal, muito longe de casa. E avistei ali o Sr. Benoit na sua atitude costumada e pressuroso de me trazer um guarda-chuva,

quando já não caía água do céu. Tinha mais a fazer do que passar-lhe um carão e, sem tirá-lo da posição elegante do seu agrado, toquei para casa onde as pinças de preparar passarinhos de muito me serviram. Uma mulatinha com bastante jeito arrancou-me os espinhos, sem que por isso ainda deixassem de me ficar uns cinqüenta mais superficiais, que saíram sem me causar grande dor. Lamento ter de confessar que essa mulatinha, tão habilidosa como enfermeira, fôsse um tanto gatuna e dias depois tive o desgosto de assistir a uma surra que lhe deram com imenso gáudio de outras mulheres menos bonitas do que ela. Essa contingência a que sem dúvida estava acostumada não lhe causou vexames, pois duas horas mais tarde me veio servir de modelo com tôdas as suas tetéias e flores aos cabelos.

Em compensação o Sr. Benoit mostrou-se penalizado com o que acontecera por sua culpa. Ao regressar, algumas horas depois de mim, nesse malaventurado dia, manteve-se inflexivelmente na sua atitude clássica sem dar outro sinal de vida que não fôra o de, de quando em quando, passar o cachimbo de uma das mãos para a outra. Não descobrira logo tôdas as virtudes do meu auxiliar; êle era dessas criaturas que vão sendo reveladas aos poucos e nos oferecem vantagens com isso.

Logo que melhorei dos espinhos e pude de novo excursionar, levei comigo o velho francês para procurar os meus frascos. Procurou-os em vão pelos sítios onde poderiam se achar, à direita do caminhozinho e atrás de um tronco que eu lhe mostrara como ponto de orientação a primeira vez em que ali os escondera. Perdi tôda a manhã em buscas inúteis e foi somente no instante justo em que por mero acaso descobria os objetos perdidos que êle se dignou de se lembrar haver mudado o lugar do esconderijo. "Eu ia dizê-lo quando o Sr. encontrou tudo".

E foi essa a única frase do Sr. Benoit a propósito do caso.

Momentos depois, cansado de pintar, resolvi caçar e pus o meu ajudante na estrada, empurrando-o pelos ombros; desta vez não poderia se enganar e vi-o se afastar, cheio de esperança de escapar das cotidianas tolices dêsse indesejável sucessor de Jocrisse, que vinha me tirando o prazer da vida. Em meu trajeto encontrei dois negros da fazenda; acompanharam-me para me mostrar pássaros não distinguidos bem entre a folhagem. Metemo-nos de mata a dentro. Já certa vez manifestei pesar de não encontrar cobras. Os negros, porém, me falaram de várias espécies que conheciam, sobretudo uma grande "boa" que me prometeram trazer viva. Contaram-me uma porção de histórias acêrca dêsse perigoso reptil: comia animais de um tamanho fabuloso; mas, para me serem agradáveis, haviam de pegá-lo no dia seguinte.

Fomos atravessando cipoais e tentava pular um tronco abatido pelo raio quando do lado oposto vi estendido no chão, immobilizada, enorme cobra cor de brasa. Não queria matá-la a tiro, e perguntei aos pretos se queriam me ajudar a agarrá-la viva. Os bravos homens, porém, tinham se eclipsado. Diante da realidade a coragem fugira-lhes. Entrementes a serpente movia-se e urgia recorrer ao fuzil. Atirei e com tristeza varei a cabeça da serpente que tinha uns quatro metros de comprimento. Voltei depressa a casa a fim de tentar recompor a cabeça enquanto os despojos estavam ainda frescos. Essa cobra, de uma espécie pouco perigosa, por não ter veneno, faz hoje companhia à famosa surucucu que trouxe para a Europa. Enrolei ambas num candelabro e com outros bichos gigantescos de minha coleção metem medo aos meninos que se atrevem a penetrar no meu gabinete de trabalho.

É de comum observação que, seja nas coisas boas seja nas más, há uma sorte que, uma vez obtida, não para mais. Passara muitos dias em Ara-Pitanga sem me deparar com serpentes e, mal acabara de matar a de côr de brasa, me anunciaram o aparecimento de outra de avantajado tamanho metida entre os barrotes de uma barraca construída perto do cais em que o Sr. Benoit perdera minhas calças, deixando-as cair n'água.

Corri para lá. A cabeça chata do reptil, a cauda obtusa, não me deixaram dúvidas quanto às suas credenciais de serpente venenosa. Era preciso tôda cautela. Além do mais a cobra tinha grande beleza; de um colorido que me tentava; jamais vira outra igual. Difícil, porém, pegá-la. Ia se metendo de barrote em barrote e a cada movimento espalhava um forte mau cheiro. Após várias tentativas conseguimos passar-lhe forte laço ao pescoço e amarrá-la assim a uma estaca. Certo de que essa nova preza não me poderia mais escapar, fui tratar de terminar o preparo da que anteriormente tinha abatido a tiro. E ao acabar êste trabalho vim reencontrar a cobra estrangulada já imóvel. Por precaução costumava cortar a cabeça das que eram venenosas e fiz o mesmo com a da barraca. Pareceu-me compreender da lenga-lenga do senhor Benoit que êle também sabia preparar animais, pois fizera uma viagem na companhia de um cientista cujo nome esquecera. Foi-me agradável essa notícia: poderia me ser útil em alguma coisa. Durante todo o tempo, cêrca de duas horas, gasto em tratar da outra serpente, êle acompanhara com os olhos meu trabalho num silêncio profundo e numa imobilidade absoluta. E ao me dispor a preparar a segunda, o Sr. Benoit ofereceu-me auxílio. Pusera-se a descolar suavemente o couro do reptil enquanto eu com meu escalpêlo trabalhava também com jeito na coluna vertebral. Êsse couro muito fino merecia-me todo cuidado para não estragá-lo. Estava a meio caminho da tarefa

quándo tive de ir jantar. Recomendei ao Sr. Benoit ficasse refrescando os despojos com um pano molhado, até acabar de comer, pois não demoraria, desejando concluir tudo antes do anoitecer. Vieram me chamar; o jantar era servido numa grande sala e numa mesa comprida de cabeceiras arredondadas a que se sentavam os donos da casa. Os pratos compunham-se de verduras, ovos de tartaruga, cutias (o coelho americano), paca, tatu, tartaruga; frutas chamadas abacates cuja polpa é delicioso creme, sobretudo com um pouco de rum e açúcar, melões e abacaxis. No Pará, as laranjas não são boas. Davam-me sempre pão, mas as outras pessoas preferiam farinha de mandioca, e, como todos bebiam água, não quis aceitar o vinho que me ofereceram, tendo ponderado modestamente não o permitir minha saúde. Junto a cada prato um grande vaso de barro em forma de cálice e uma índia ia enchendo-o à medida que o esvaziávamos.

Terminada a refeição, tratei de voltar ao meu trabalho e... Ai de mim! O Sr. Benoit, num requinte de zêlo, quisera apressar o serviço de despregar o couro da cobra e fizera nêle uns cinqüenta buracos. A serpente estava imprestável. Arranquei-a das mãos do velho e mandei-o embora, proibindo-lhe me falasse, sequer me botesse os olhos em cima. E pouco depois despedi-me de Ara-Pitanga e de seu hospitaleiro dono. Tencionava voltar ali, quando regressasse do alto Amazonas para onde iria seguir. O presidente, ao saber dêste meu propósito, concedeu-me passagem gratuita num vapor destinado a Manaus, pequena cidade na confluência do grande rio com o Negro. Ficara encantado com êsse projeto de viagem o Sr. Benoit, por se recordar de suas visitas ao Peru: subira vários rios e comerciara muito com os índios. Pedira-me algum dinheiro para comprar artigos de comércio como fumo e colares; fiz outro tanto; e temendo não encontrar em Manaus o que me fôsse neces-

sário, adquiri garfos, facas, algumas libras de azeite, pimenta e sal. Quisera ainda possuir a sopeira, mas eu a dera ao caboclozinho de Vitória; havia no entanto duas à venda na loja de um alfaiate e aproveitei a ocasião. Comprei ainda nove libras de boa pólvora inglesa; por acaso encontrei chumbo miúdo, o que foi sinal de sorte pois aqui as pequenas aves não são importunadas pelos caçadores senão quando há fome. Para embarcar era mister esconder a pólvora; certo passageiro que falara de mais fôra compelido a deitar ao rio a que levava e ainda por cima os cartuchos. Tomei, por isto, grande precaução: enrolei cada litro de pólvora em papel e depois em toalhas e meti tudo num saco com laranjas por cima. O que não pude encontrar no comércio foi papel carbono. Corri tudo à procura. Entrei em lojas onde não se poderia supor se achasse tal artigo... Confiava imenso no acaso... Mas desta vez me foi adverso, porque ninguém sabia ao menos o que era êsse papel copiador. Raiou-me no cérebro uma idéia salvadora: a de uma caixa vinda de Paris para um negociante da terra em que havia tecidos envoltos num papel ordinário com o qual fiz uns cadernos de valor inesperado e inapreciável, verdadeiro tesouro. Fiz minhas despedidas, muni-me de cartas de apresentação, porque o navio partiria no dia seguinte à noite. O Sr. Benoit, que fôra ao consulado buscar meu passaporte, nada de voltar! Passei o dia todo à espera. No outro dia senti um cheiro de aguardente: o velho mal se sustinha nas pernas, embora encostado ao bengalão, à minha frente. Não revelava nessa sua atitude a elegância do costume. Completamente bêbedo. Por muito tempo procurara desmentir o mau conceito de que gozava, quanto a gostar do álcool, e durante o tempo em que me prestara serviços pôde disfarçar o vício. Mas, ante a ameaça de se ver privado por longo prazo da cachaça, uma vez que eu não lha forneceria, é claro, tomara uma desforra, bebendo a noite inteira. Eu andava já desconfiado de que êle guar-

dava consigo algum segredo, e que, na hora da partida, após ter bebido um pouco de mais, desistiria dessa excursão de seis meses ou mais. Realmente, o Sr. Benoit, em pranto, me declarou não poder me acompanhar. Tinha, portanto, de ajustar contas com êle. Pedi ao Sr. Leduc para testemunhar êsse pagamento, dado o estado de embriaguez do meu ex-servidor. Não foi fácil o ajuste de contas, uma vez que o Sr. Benoit não se lembrava mais do que eu comprara para êle e nem podia prestar informações do que gastara por minha ordem. Pedimos-lhe que se retirasse, depois de tudo terminado, porém saiu a proferir desaforos e a me dizer que me fazia presente do que pretendia receber a mais. Não sendo humano castigar um indivíduo ébrio, ameacei-o de chamar a polícia, o que não foi preciso porque o Sr. Benoit se retirou, embora ainda a nos insultar.

Voltou horas depois, completamente transformado. Trazia-me suas contas, pedindo-me ainda que ficasse com seus colares, já que me achava descontente com seus serviços e *não queria mais que me acompanhasse*. Estava farto das esquisitices dêsse meu compatriota, e a última frase, num misto de francês e de português, que lhe ouvira, enchera-me as medidas. Pulou de porta afora.

Dessa vez ainda me achava mais embaraçado do que no dia em que abandonara a hospedagem do italiano para ir me alojar entre os índios: pior ainda do que ao chegar ao Pará porque então ignorava a dificuldade de encontrar um criado e alimentava-me a esperança. Agora tinha a certeza de que embarcaria à meia-noite, sozinho, para me meter pelo centro da América, sem conhecer direito a língua da terra, sem uma criatura que me atendesse num caso de necessidade. Sobretudo pensava na minha bagagem. Seria obrigado a fazer apenas desenhos a *crayon* quando imaginara nessa longa viagem pintar tanta coisa! O Sr. Leduc, a par do acontecido com o Sr. Benoit, man-

dara saber se por acaso não haveria no bando dos negros quem me quisesse servir de "companheiro", porquanto o título de criado suscetibiliza. O chefe da companhia veio falar-me. Se existe imensa diferença entre um velho prêto e uma bonita parisiense, haveria também enorme entre êsse homem e um negro velho. Possuía a mais horrível cabeça que eu já vira na vida, fealdade agravada pelo enfeite muito comum aliás entre certas tribos africanas: uma espécie de crista a começar na testa e a descer até a ponta do nariz. Essa crista, ou, melhor, essas empolgaduras, são talvez inspiradas pela cauda do crocodilo. Veio-me à idéia essa comparação ao ver um jacarèzinho que peguei, o que me foi uma felicidade pois senão me seria impossível descobrir com que se parecia tal ornato. Quando o homem abriu a bôca para me responder, julguei ver a goela de um tigre: dentes aguçados aumentavam a horrível expressão dessa cabeça que prometi a mim mesmo pintar, ao regressar, bem assim a de uma negra albina que vira a mendigar pelas ruas. Êsse homem me informara ser-lhe difícil encontrar um prêto capaz de me acompanhar na excursão, mas que dispunha de um índio tapuia a minha disposição, bastante conhecedor da região a percorrer, pois nela nascera. Eu ansiava por conhecê-lo e uma hora depois o índio veio a minha presença. Ia-me em crescendo a medida das surpresas. Tinha agora diante de mim Mefistófeles em carne e osso. Recuei um passo... Goethe e Scheffer haviam adivinhado Policarpo, porque êsse tapuia assim se chamava. E êsse nome, despedido de qualquer idéia diabólica, tranquilizou-me. A cada uma das recomendações que lhe eram feitas baixava a cabeça sem dizer coisa alguma; mas já falava o português, porquanto morava no Pará há mais de um ano. Não me era dado ser exigente na escolha e fechamos o negócio. Na repartição da policia aonde fôra tirar uma licença para que meu criado pudesse viajar, tôdas as dificuldades surgiram e acabaram por me negar essa permissão. Poli-

carpo poderia ser escravo, desertor ou ter dívidas e não dispunha de documentos que provassem o contrário: êle apparecera pelo Pará com uma das mãos à frente e outra para trás... Desesperançado tentei ainda um remédio para o caso na agência de vapores, onde era conhecido através de uma carta de recomendação do Barão de Mauá, e, ali, em consideração a mim, obtive solução satisfatória. Alguns empregados da empresa conheciam o índio de vista. Paguei pela sua passagem, até à embocadura do Rio Negro, 25\$0 e pela minha comedoria igual importância.

O secretário do Presidente chamou Policarpo ao seu gabinete e fêz-lhe um sermão, aconselhando-o a proceder direito comigo, e ameaçando-o caso eu viesse a ter dêle motivos de queixa: nesta hipótese meteo-lo-ia na cadeia ou fa-lo-ia sentar praça, contingências que aterrorizam os índios, uma vez que, embora em contato com a civilização, por nada dêste mundo querem renunciar à sua liberdade. Soube mesmo que, ao se verem presos, caem numa espécie de enfraquecimento e morrem em pouco tempo. Estando, assim, o Policarpo a par de seus deveres, fui a uma loja comprar-lhe uma espingarda e um machado, — sabre sem bainha que serve para romper os caminhos nas matas.

Na hora do embarque vi o Sr. Benoit no cais. Não modificara sua imponente attitude, sempre apoiado ao bengalão. Êle dava por perdida sua derradeira oportunidade de estragar o resto de minhas drogas e de botar fora minha última calça...

## VI

### O AMAZONAS

#### DO PARÁ A MANAUS

*Navegação pelo furo de Breves — As cidades do Baixo Amazonas — A árvore do veneno — Índios Muras — O grande braço do Amazonas — Prágua — Santarém — O rio Tapajós — As cidades de Óbidos, Vila Bela e Serpa — O Rio Negro.*

Pequeno o vapor. O tombadilho, em vez de tôlido, era protegido por tábuas apoiadas em frágeis colunas. Quando subi a bordo, embora ainda houvesse sol, os passageiros, todos portuguezes, tinham pendurado suas rêdes à vontade, impedindo os passos alheios. Tratei de fazer o mesmo. A bagagem de mais immediata necessidade ficava ao longo da amurada, perto das rêdes, e servia também de bancos. Quis trazer comigo mesmo o célebre sacco contendo pólvora, certo de que em minhas mãos ninguém viria examiná-lo. Encarregado do transporte dos outros volumes, Policarpo, sempre que podia se livrar do pêso, não se acanhava, e deixava os catraeiros carregarem as malas sem lhes dar o menor auxílio. Essa observação não me augurou bem o resto da viagem no tocante ao meu novo criado.

Partimos à meia-noite e passamos por entre uma infinidade de ilhas após ter deixado atrás a de Marajó. Perto de mim jogavam gamão e um dos parceiros, todo entusiasmo, a cada movimento brusco que fazia, freqüentemente por sinal, impelia-me a rêde, sem reparar que, de volta, eu o empurrava também. A princípio me aborreci, porém, depois, fui me interessando tanto por êsse vai e vem como o meu companheiro pelo gamão; o luar estava magnífico e nesse balanço ia contemplando as ilhas enfeitadas de palmeiras e de coqueiros a cuja frente íamos passando. Ao mesmo tempo ia-me recordando de tôdas as peripécias de minha viagem desde a partida de Paris. Viajara, de Southampton ao Rio, com franceses; do Rio a Vitória, com colonos, quase todos alemães; pelo Espírito Santo com índios; do Rio ao Pará exclusivamente com brasileiros; e agora Amazonas acima com portugueses. Ganhara na troca?

Amanhecera e mais intricado era o labirinto das ilhas. O que eu via neste momento não tinha nada do que já conhecia. Tôdas as ilhas eram baixas, as árvores pouco elevadas; numerosas as palmeiras. Aqui e ali, cabanas protegidas por pedras, precaução nem sempre útil nas grandes inundações. Uma dessas choupanas, maior que as outras, possuía numa espécie de cais uma tábua também sôbre pedras a ostentar vasos com flores. Por trás da habitação um campo há pouco roçado. Nessa contemplação da paisagem o canto de um pássaro europeu, bem conhecido, me fêz estremecer; era um pintassilgo trazido com muito carinho por um velho amador português. Comprara-o certamente por bom preço e essa preciosidade européia ganhava para os magníficos pássaros brasileiros no seu perfeito canto.

Desde o clarear do dia notara que orquídeas eram levadas pela correnteza do rio. Presas às árvores pelas raízes pouco sólidas, com facilidade eram arrancadas.

Informaram-me não nos acharmos ainda no Amazonas. Sem dúvida cometerei involuntariamente erros geográficos. Procurei por todos os modos no Pará obter esclarecimentos, mas cada um me fornecia elementos a seu modo. E nunca êles combinavam. Disseram-me, por exemplo, que a cidade do Pará ou Belém ficava no Amazonas, outros no Guajará, ainda alguns no Guama, e a maioria afirmava ser essa cidade construída à margem do Tocantins. (1)

No correr da noite escalamos em Breves. Desceram e embarcaram passageiros, carregou-se lenha, pois aqui não se queima carvão. As achas, trazidas de mão em mão, alinham-se no convés. Cada homem, preto ou não, ao recebê-las, repete aquela monótona toada já ouvida, por meus pecados, em outra viagem, do jogador de lotto que ia cantando os números das pedras. Passado Breves, as ilhas pareciam multiplicar-se em volta de nós; qualquer criança poderia atirar pedras de uma para outra. O furo, ou canal, em que íamos navegando, era calmo e as árvores se refletiam nas suas águas maravilhosamente. Quanto mais nos distanciávamos do mar, mais a vegetação se agigantava. Estávamos longe da influência das marés, embora a água ainda fôsse levemente salgada. Vi, então, pela primeira vez, longas e esguias hastes que podiam ser tomadas conto bem dispostas palissadas se não houvesse na extremidade de cada uma delas larga fôlha semelhante às dos nossos nenúfares. E dessa fôlha pendia bela flor branca.

---

(1) Não deixa de haver verdade em tôdas essas versões. A cidade do Pará fica situada numa baía formada pela confluência do Guajará e do Guama, abrindo-se para um gôlfo que pode ser considerado como a embocadura do grande rio Tocantins, o qual se junta, ao nordeste, com o Amazonas, pelo furo de Breves.

Durante o dia passamos detronte de uma casa construída sôbre pilastras: um bando de mulheres e meninos, quase todos vestidos de azul, queria entrar ao mesmo tempo nessa casa; sem dúvida hora de refeição. Mais adiante, um prédio caiado lava-se ares de uma venda; viam-se negros bebendo ou pagando a aguardente. Perto, gritavam periquitos e um jacapu, cujo canto faz lembrar os sons de um órgão distante. Alargava-se sensivelmente o leito do rio e começava soprar o vento; íamos nos afastando das habitações, sempre muito distantes umas das outras. Travara relações com um excelente brasileiro o Sr. O., que, como eu, ia a Manaus. Sabia tanto francês quanto eu conhecia de português. Assegurou-me não se poder garantir quantas ilhas existem no curso do Amazonas. Explicou-me muita coisa que eu teria ignorado talvez para sempre. Mostrava-me certas árvores e dizia-me das suas particularidades e utilidades. No Pará ouvira apregoar uma bebida, o assaí, e chegara mesmo a prová-la, achando-a pouco agradável e muito ácida. No momento íamos nos defrontando com uma ilha em que a árvore do assaí abundava. Era uma espécie de palmeira. A bebida é fabricada metendo-se o fruto na água fervente e passando-se depois o líquido numa peneira. Mostrou-me também êsse companheiro de viagem uma árvore colossal cuja folhagem mata instantâneamente: conhecem-na por assaca. Vi igualmente a árvore da borraça. Os que se entregam à colheita dessa resina ganham bastante; há quem extraia vinte litros por dia quando o seringal é bom. Partem ao amanhecer e começam a golpear de leve os troncos pondo abaixo dêsses cortes um potezinho de barro. E vão assim fazendo trabalho igual até ao limite do terreno convencionado. Ao regresso, recolhem numa vasilha maior o conteúdo de cada um dos potezinhos. Mais tarde secam a resina ao calor de fogueiras ateadas com uma madeira de que não soube o nome.

Vinha notando, há muito tempo, indivíduos acorados sôbre tulhas de madeira, imóveis como estátuas. O Sr. O. esclareceu-me tratar-se de pescadores. Estávamos muito distantes dêles para que eu pudesse verificar terem varas de pescar às mãos. Passam assim dias inteiros, sem outro movimento que não seja o de acender um cigarrinho. Êsses homens habitam as margens das ilhas amazonenses e são os Muras. Nenhuma outra tribo a êles se alia. Julga-se geralmente terem êsses índios emigrado do oeste quando da conquista do Peru. São dados ao roubo e não cumprem o que prometem. Mais do que outros grupos indígenas, assimilaram os defeitos da civilização, sem fazer caso das suas boas qualidades... Pollicarpo era dos Muras!

Ensinou-me ainda o Sr. O. que os estreitos entre as ilhas se chamam paranamirins. Por tôda parte a vegetação chegava até dentro d'água sem deixar visíveis as praias. Muitas plantas aquáticas penetravam mesmo pelo rio a ponto de nos oferecer a impressão bizarra de navegar por dentro de um rio florido. Todavia, tendo o cozinheiro de bordo cortado umas plantas dessas para dá-las como alimento aos bois que iam a bordo, encontraram em meio das flores uma cobrazinha azul da qual só pude salvar a cabeça, pois o resto havia sido esmagado pelos mais medrosos. Acredito não existir no resto do mundo viagem mais agradável do que essa que vinha realizando. Supusera, antes de fazê-la, fôsse o Amazonas apenas um mar interior com o céu unicamente por horizonte; quando muito algumas montanhas longínquas. Nada do que ia descobrindo, porém, correspondia a essa expectativa. Não tinha motivos de queixas: a cada instante o cenário mudava diante de meus olhos; desenrolavam-se pañoramas variados e sempre novos. E êsse espetáculo nada monótono era contemplado de uma rêde tôda rendada, não permitindo assim ao calor aquecer minhas roupas, aliás

bastante simplificadas, e protegido por uma clarabóia; em redor, ainda, para me distrair, o vai e vem da tripulação, pássaros, flores; por sua vez o barco singrava sob uma temperatura temperada e constantemente bafejado pela brisa habitual na América do Sul.

Não escrevo estas impressões de memória, mas diante de notas, que as minhas viagens costumadas me levam a considerar úteis. Observar-se-á talvez, variar em muito meus estados de alma: ora alegre, ora triste, mal satisfeito hoje, entusiasta amanhã. Não procurarei contestar essas apreciações, porquanto eu as poderia também fazer quanto aos outros.

Às 4 da tarde desembocamos no verdadeiro Amazonas, após ter deixado o rio Terraguí. Eis aí finalmente o imponente rio, semeado de ilhas que nem por serem inúmeras deixam de se distanciar bastante umas das outras. É realmente, como o esperava, uma miniatura do mar. Pouco a pouco o vento vai refrescando e ao anoitecer cai tempestade tropical com muita chuva, mostrando-nos logo do que é capaz o Amazonas. Trataram logo a bordo de abrir os toldos no convés que nos servia de refeitório e de dormida, proteção que não serviu para evitar transformação em sala de banho. Abriram duas enormes cortinas, parecidas com os panos de boca dos teatros, com a diferença apenas de serem abertas ao meio, unidas por costuras, como os espartilhos das senhoras.

Escondi-me a um canto, fugindo à chuva. Escurecera e ouvi as ordens de comando do capitão, embora não pudesse vê-lo. Essas ordens, porém, não podiam ser cumpridas facilmente, tanto o convés se achava atravancado de coisas, sobretudo lenha para as fornâllhas do vapor, há pouco embarcada. Os trovões eram de tal modo violentos que pareciam estourar junto de nossos ouvidos. A um relâmpago mais intenso vi de onde partia a voz do capitão: elle metera a cabeça, protegida por um amplo

chapéu entre a abertura das duas cortinas e dêsse pôsto confortável dirigia as manobras, à maneira de um contra-regra que previne a orquestra de estar tudo pronto para começar a *ouverture*. Como já vira muitos officiais, inclusive generais, de guarda-chuva aberto, não pude censurar o comandante do meu vapor.

Tive vontade de estar no lugar dêle, porquanto a cada balanço da embarcação mergulhava os pés dentro d'água, já que o escoamento da chuva não se fazia com a rapidez desejada. Quando me foi dado voltar à rede encontrei-a pingando. Impossível sonhar com um sono dentro dela. Felizmente fôra a única que se molhara assim; as outras tôdas haviam sido cuidadosamente dobradas e resguardadas do temporal. Ninguém se lembrara da minha e Policarpo nem me apparecera. Se o senhor Benoit estivesse ali, sem dúvida teria pensado em me ser útil: possivelmente daria uma das suas ratas, mas tentaria o quer que fôsse... E por onde andaria Policarpo?

Voltara o bom tempo e a lua ostentava-se no céu. Perto, à direita, a ilha de Gouroupa; à esquerda, a confluência com o rio Xingu. Viajávamos próximo de terra por haver o rio se estreitado de novo. Dali a pouco passávamos por uma ilha pequeníssima e abandonada: Adajouba. Pudemos ver um bando de tucanos trepados no alto de uma árvore de porte mais avantajado que as outras. Quando o vapor se aproximou mais da ilha, os pássaros, soltando fortes gritos, voaram para longe. As plantas aquáticas continuavam a invadir a superfície das águas; tôdas as margens enfeitavam-se de palissadas floridas e ao ver melhor fragmentos a boiarem perto do costado, reconheci ter me enganado ao tomar essas flores por orquídeas. Geralmente accusam de mentirosos aos viajantes: é possível que algumas vêzes seja merecida a accusação, mas, na maior parte dos casos, não há mentiras, haverá

equivocos. Desde minha primeira excursão pelo mundo tomei o hábito de escrever impressões. E reuni farto material dessa natureza: seis meses na Grécia, depois vi-me em face do monte Líbano, tendo deixado atrás a ilha de Chipre. Nossa corveta ancorara em Beirouth: perigoso êsse ancoradouro sôbre fundo de areia; vários navios já haviam sido jogados contra a costa durante um vendaval que durou 18 dias. Estávamos no inverno. Outros navios mais felizes puderam zarpar e sair para o alto mar. Graças à competência do nosso pilôto e ao conhecimento seguro que êle possuía daqueles sítios, nossas âncoras resistiram, sem que deixasse de ser crítica nossa posição; todos os dias ficávamos encalhados. Não sendo eu ainda "bom marinheiro", padecia bastante; ardia-me a cabeça. Não podia dormir; tôdas as noites permanecia no tombadilho até tarde e, depois, ao descer para o camarote, escrevia minhas impressões conscienciosamente. O monte Líbano brancamente se destacava no céu por estar coberto de neve; em roda percebia maciços de árvores gigantescas a que qualificava de cedros, porque um cedro não podia deixar de ser gigantesco, de acôrdo com a tradição. Creio que aludira nessas notas a Salomão e à rainha de Sabá, recordando, com um pouco de pedantismo, haver o cedro servido para a construção do templo. Com umas variantes, dizia todos os dias a mesma coisa, e afinal chegou um dêles em que me foi possível ir a terra, pois deveríamos prosseguir na nossa viagem sem mais demora. O mar ainda se mostrava crespo, principalmente à entrada de bonito rio, cujas margens ostentavam eloendros. Nosso bote foi jogado de encontro à praia: tomamos um banho frio e para me esquentar comecei a correr. Nessa carreira cheguei ao pé de Líbano... Os cedros gigantescos transformaram-se em amoreiras anãs...

Tempos depois, na península em que se travou a batalha de Aboukir, no ponto ocupado pelos franceses, en-

contrei, entre outras relíquias, um osso embranquecido pelo sol e a areia do deserto. Mais tarde, ao voltar à vida calma do costume, ocupando-me apenas com pintura, principiei a fazer coleção dêsses objetos que se vão buscar muito longe e que se pagam muito caro. Tinha para mostrar interessantes curiosidades, porque adquirira em Milo e em Paros pequenos vasos gregos, lacrimatórios etc., sem esquecer o osso de francês e legítimos ramos do cedro do Líbano. Agora, tratava-se mesmo de cedros gigantescos pois conseguira ver alguns dêles nas cercanias de Tripoli.

Pois bem, quase na mesma ocasião, tive de passar por duas decepções semelhantes à das amoreiras-anãs. Um camarada, de passagem por Lião, onde então morava, me convenceu serem meus vasos gregos de pura fabricação inglêsa e provou-me que as escavações feitas em minha presença e das quais haviam brotado tais maravilhas antigas não passavam de encenação comercial para enganar os estrangeiros. Restava-me, contudo, o osso guardado com reverência: um médico revelou ser apenas um osso de carneiro. Foi-me cruel êsse último desengano e como desde êsse dia me mostro indulgente para as histórias dos viajantes, fáceis de se equivocarem, peço aos leitores ajam de igual modo para comigo.

Acostumara-me a ir sentar-me perto da proa do navio e junto à roda do leme. Era, aliás, a primeira vez que eu via essa roda colocada assim. Um dia, no meu sítio habitual, seis marinheiros, todos gente de côr, vieram se sentar aos meus pés e iam tirando de uma vasilha de estanho pedaços de peixe sêco misturados com farinha de mandioca que metiam na bôca, pois não usam garfos. À medida que comiam êsse saboroso prato, ficavam todos com as caras sujas de farinha. Ao terminar deixaram por ali as vasilhas e as espinhas dos peixes. Para que limpar! Permaneci ali menos para apreciá-los do que para

fazer um desenho, pois no momento não tinha assunto melhor para aproveitar. Navegávamos muito ao longe de terra.

Não tardaram a se recortar no horizonte as montanhas da Guiana. O Sr. O. chamou minha atenção para uma "terra" que no ano anterior não existia: são frequentes as ilhas dessa natureza, formadas de árvores arrancadas às margens, e que encontrando obstáculos no fundo do rio detêm-se e à força de novos detritos vão crescendo e constituindo-se em terra firme. Nesse meu canto habitual à proa, tinha a vantagem de estar exposto mais diretamente à viração e de assistir a essas pequenas cenas de bordo que, à falta de melhores, distraem bastante. No tombadilho, perto do rôlo de cordas no qual me sentava, havia uma gaiola com um sabiá (o tordo da América) que saboreava uma banana. Formara-se uma roda de várias galinhas e um galo invejosos do petisco da ave. Entre o grupo de espectadores e a gaiola um gato gordo e mourisco parecia dormir quando as galinhas tentavam furtar um pedaço de banana, mas não consentia ao galo igual tentativa, ameaçando-o com as unhas. De outro lado, três amigos comiam silenciosamente: se o banquete não era opulento, os convivas todavia achavam-no gostoso. Um cão d'água, um prêto e um índio. A princípio o repasto fôra calmo, porém, depois, a discórdia que outrora revolucionaria o campo de Agramonte, perturbou o festim dessa interessante trindade. O índio quis tomar um pedaço mais cobiçado; o negro reclamou-o e o cachorro, aproveitando-se da discussão, raspou-se com o bom bocado. Esse barulho chamou a atenção do mestre de bordo e como a culpa deveria caber ao negro este recebeu sem protestos umas chicotadas. Entrementes, o piloto, robusto mulato que na época da revolução do Pará, segundo se dizia, matara muita gente, lia à vontade, estirado na rêde.

Reaparecera no convés Policarpo, metido numa camisa côr de rosa a contrastar com sua pele suja.

Não obstante as árvores arrancadas que jaziam pelas ilhas atingidas por inundações, a despeito do sol a pino sob o qual navegávamos, meu entusiasmo diante da natureza virgem destas paragens não se arrefecia; sempre a me proteger do calor, escrevia ou desenhava, não dispondo com frequência de cenas como as de que há pouco falei.

Contudo, êsse entusiasmo, na tarde e noite seguintes, sofreu grande abalo. Tínhamos demorado um pouco mais, parados em certo ponto do rio, quando ouvi de tôdas as bôcas; "As carapanãs!" São grandes mosquitos de pernas compridas que tornam insuportável a viagem pelo Amazonas. Num segundo invadiram o navio todo. Nuvens e mais nuvens. Todos se contorciam, faziam esgares, caretas, negaças. Desde o grumete ao capitão. Êste me confessou mesmo que, viajando por essas águas há oito anos, nunca pudera se acostumar com êsses ataques. E eu tinha minhas boas razões para compreender tal inaclinação. A segunda parte de minhas torturas começava, porque mais do que todos os outros a bordo eu sofrera. Minha rêde era, como já disse, de crochê, e eu dormia de cabeça coberta; os insetos revoluteavam por aqui e por ali e repelidos por todo mundo acabavam se atirando contra meu corpo, mal protegido pelas malhas da rêde. E eu ia sendo devorado. Os outros viajantes levavam vantagem: dentro das suas rêdes, de tecido mais espêsso, sòmente eram atacados nos rostos e nas mãos. No dia seguinte cada um exhibia seus estragos: um de ôlho inchado, outro de lábios grossos, um terceiro com vários calombos e havia um reciproco interêsse em se conhecer a extensão do padecimento alheio. Apenas eu não podia mostrar minhas gloriosas cicatrizes e no entanto bem precisava de compaixão. Nem mesmo a língua,

pois não me explicava claramente em português, me valia, para me justificar devidamente da esquisitice, de à mesa, ter me servido de pé. Julgaram que tal bizarrria estava ainda prêsa a meu entusiasmo pela paisagem admirada constantemente, embora com grande espanto de meus companheiros de viagem.

No outro dia o gamão voltara a ser jogado; um senhor alto e de semblante triste cantava ao som de uma guitarra: era o dono do pintassilgo. Desde minha chegada ao Brasil notara uma coisa, agora repetida: aqui as árias mais alegres de nossas óperas são cantaroladas num tom de lamento. Não obstante essa música lúgubre, adorei-me, mesmo porque tinha que descontar a noite anterior às voltas com as carapanãs.

Ao amanhecer uma gritaria me despertou; tive a impressão de me achar dentro da mata. Abri as cortinas da rêde e espiei: navegávamos entre plantas aquáticas e três araras voavam espantadas, soltando êsses gritos que lhes deram o nome. Uma garça, mais afoita, ficou pousada num galho, num pé só, com a outra perna curvada sob o ventre. Ouvi outro grito que não pude identificar: parecia o do pássaro fantasma e era igual ao que também ouvira no dia primeiro, dia em que penetrara na mata-virgem. No Amazonas, como alhures, pudera ouvi-lo sem ver o seu dono. Seria uma alma? Teriam os índios razão? Da outra vez essa ave profetizara o que me viria acontecer na casa do meu hospedeiro; estaria agora me predizendo outro infortúnio nas selvas para onde me botava? Causou-me singular impressão tal voz e fiquei sobressaltado. As ilhas já não me pareciam interessantes; haviam me falado em praias inteiramente cobertas de ovos de tartarugas, mas as águas cobriam-nas de todo e tão cedo o Amazonas não voltaria ao seu leito normal. Essas coisas transformavam muito meus planos.

Ao fundear-se defronte de Prayna, pus de lado êsses pensamentos, e, enquanto desembarcavam passageiros, ou que outros vinham para bordo, sentei-me no meu canto da proa e fiz um desenho mais sério do que os anteriores. Era a primeira cidade vista desde o momento em que tomara a resolução de pintar as que fôsse vendo: como as outras, aliás, compunha-se de casebres, alguns caiados. A igreja, cujo sino chamava para a missa, pareceu-me bem pequena. Embarcou ali um padre de modesta batina, mas, ao partirmos, vimo-lo aparecer no tombadilho de charuto, *lorgnon* e todo gamenho.

Íamos a caminho de Santarém e a terra firme começava a surgir; as árvores não mostravam mais aquelas formas graciosas imitadas das plantas trepadeiras. Parecia a paisagem com a da Europa e para melhor ilusão bandos de canários esvoaçavam. Entramos em águas bem diferentes das do Amazonas, que são amareladas e salgadas; estas agora tinham tom negro-azulado e eram tranqüilas como um lago. O Amazonas, ao contrário, possuía vagas bem altas. Fundámos em Santarém ao meio-dia. É uma pequena cidade edificada um pouco acima da foz do rio Tapajoz, de águas azuis. O capitão convidou-me a ir com êle a terra. Policarpo também quisera ir até lá. Era filho de Santarém ou de suas redondezas; achei justo o pedido e dei-lhe dinheiro para comprar alguma coisa que não tivesse podido adquirir no Pará. Prometeu-me, mais por gestos que palavras, voltar dentro de uma hora.

Achava-me passeando pela praia quando me procurou o agente da companhia de vapores. O comandante avisara-o de minha presença; ofereceu-me a casa, fazendo questão de que, na volta, se demorasse em Santarém, não procurasse outra hospedagem. Esse bom acolhimento do agente produziu no capitão do vapor efeito sensível, porquanto daí por diante redobrou em deferências para co-

migo. Ao regressar a bordo não encontrei Policarpo; os companheiros de viagem, dêle nada gostando, nie garantiram que o melhor a fazer era não contar mais com o meu criado. Não foram os 25\$0 da passagem nem o dinheiro dado para compras que mais me contrariaram e sim o me haver enganado; sem falar no embaraço em que me deixava, embora seus serviços fôsem quase nulos. O mal estava feito. Tinha de achar remédio para êle como já achara para outros contratemplos.

Devô confessar ir encontrando nos meus companheiros de viagem um interêsse que a princípio nunca supusera me pudessem despertar, e, por isto, me penitencio de certas impressões manifestadas em face dos seus jogos e cantos monótonos. Dos passageiros desembarcados em Breves e Santarém não terei mais que falar porque desde que nos deixaram, tudo a bordo tomou ares mais alegres: o comandante, um homem gorducho, estava sempre risonho; o imediato era encantador rapaz, louro como um americano do norte. Havia ainda um jovem médico militar que se destinava, como eu, à Barra do Rio Negro. Quando se viaja, no Brasil, por mar, pode-se estar certo de encontrar funcionários em grande número, alguns comerciantes, mas nunca curiosos. Como, aqui, tôdas as profissões têm seus doutôres, deixáramos vários pelo caminho e tínhamos a bordo ainda outros, inclusive eu.

Ao sairmos de Santarém e do rio Tapajoz, voltamos ao curso do Amazonas, mercê de um lindo canal. Nêle a natureza não se oferecia com esplendor, porém com tal delicadeza que tive pena de perdê-la de vista. Pássaros de côres variadíssimas pulavam pelas margens floridas dêste pequeno paraíso terrestre e a água era tão plácida que, com o calor reinante, dava vontade de um banho. Não havendo nenhum perigo nisso, chegamos quase a pedir ao comandante consentimento para êsse prazer. Bastar-nos-ia um quarto de hora de parada. Os que não soubessem

nadar encontrariam apoio naqueles troncos de árvores a boiarem ao sabor da corrente... Observando-os melhor, entretanto, verificamos que êsses troncos não passavam de belos e legítimos jacarés.

Costeando a ilha, formada pela confluência do Tapajoz e prestes a reentrar no Amazonas, vi pela primeira vez uma praia de areia, perto da qual pescadores, trepados em troncos de árvores escavados, tocaiavam, numa perfeita imobilidade, as tartarugas. Às flechas de que se valem está prêsa comprida corda; esta se desenrola à medida que a tartaruga atingida tenta fugir; a outra extremidade da corda fica amarrada à canoa, que acompanha o animal até a completa extinção de suas fôrças, como se faz com a baleia.

Disse já que êste ano de 1859 causara grandes estragos no Amazonas e outros rios. Nas circunvizinhanças de Santarém todo o gado fôra arrebatado pelas cheias. As plantações de cacau foram arrastadas e por tôda parte se viam indícios dessas enchentes. Em Santarém embarcaram duas senhoras; não vinham à mesa comer e se conservavam no pequeno camarote de pôpa que lhes cedi. Pondo de parte a galanteria, não me agradou muito o gesto, pois ali eu escrevia e desenhava quando o sol se mostrava inclemente na proa. Por volta das 6 horas passamos diante de um grupo de cabanas trepadas numa colina cuja vegetação era raquítica e sem pitoresco. Chamava-se essa povoação Guajarra (1). Por tôda parte sinais de revolvimentos de terra feitos pelas águas e poucas árvores. Prestando atenção a êsse sítio, não dei reparo a que, pela direita, e rente a nós, tínhamos uma ilha de Piranga. Também terras baixas litorâneas e mais para dentro pequenas elevações. Incidiam de tal modo sôbre os terrenos, de uma coloração vermelha, os raios do sol no

---

(1) Guajará.

poente que tudo se tornava de um tom vermelho vivo, muito belo, enquanto do lado oposto a paisagem já entrara em sensível sombra. Céu límpido, nem um fiapo de nuvens. Também não havia viração e as águas do Amazonas pareciam um espelho. Esse anoitecer despertava por toda parte um quê de satisfação íntima. Apenas viajando tão próximo de terra, receávamos segunda investida dos mosquitos. Felizmente tal não aconteceu.

Cedinho, no outro dia, ancorávamos em Óbidos, à margem direita do rio. Tomou-se bastante lenha, com que se encheu de novo o convés. Tínhamos de pular por cima das achas ao querer ir da proa à pôpa do vapor. Incômodo e perigoso. Preferia andar pela beira do costado, embora me agarrando às cordas. Do lugar onde me coloquei via apenas a bandeira desfraldada no forte que, segundo me disseram, era de construção antiqüíssima; fôra levantado para conter os flibusteiros americanos que tentavam penetrar pela bacia amazônica e ali se fixar. Foi pelo menos o que me pareceu contarem e aqui deixo esta informação sem saber ao certo se é verdadeira. Indaguei também do motivo da escolha dêste sítio para ser fortificado e explicaram-me estar a razão da escolha condicionada à estreiteza do rio neste ponto, além de ser muito difícil a passagem a quem não conheça bem o caminho.

De Óbidos para cima o cenário muda sensivelmente de aspecto: as habitações são mais bem construídas e mais cuidadas. À margem direita, inúmeros coqueiros: embora não muito altos, ostentavam amplas folhagens e a terra em roda era bem cultivada. Já distante de Óbidos, íamos navegando com precaução, pois faziam constantes sondagens; todavia, a sonda, perto das margens, não encontrava fundo. Todos os passageiros, sem outras ocupações, tomavam interêsse pelas menores coisas. Um gavião trepado num galho; uma canoa ao longe, um suposto tronco

de árvore a boiar que era quase sempre um jacaré, tudo nos distraía. Relevo notar que, depois do engano em que caíramos, anteriormente, todos os troncos a flutuar pareciam a nossos olhos jacarés, e êsse equívoco é natural pois os perigosos bichos ficam imóveis como um pau. Nadam assim suavemente, sem mostrar do corpo nada mais do que a parte superior do dorso, o tampo da cabeça e um pouquinho dos olhos.

Não tardou passássemos, à esquerda, a confluência do rio "Fresou" e a ilha "Macourez". Desapareceram as plantações e estávamos em plena mata virgem. Nem um canto para se pôr o pé; por tôda parte árvores derrubadas e terras caídas. Devo notar, antes de ir adiante, e para não dar uma estranha idéia do Amazonas, que, se de quando em quando faço o navio ir de uma margem a outra, não se deduz daí que o rio não seja de imensa largura, ou que realizávamos singular espécie de rota, sobretudo pelo tempo perdido. Não. Aludo, apenas, às ilhas perto das quais vamos passando, e não às margens propriamente ditas, que essas ficam muito distantes, separadas por grandes extensões d'água, e não permitindo aos olhos observação segura, mesmo se miríades de ilhas não estivessem à sua frente para nos entravar o olhar.

As 9 horas da manhã, achávamo-nos à vista da cidadezinha de Vila Bela. Casas baixas, de um só andar, caídas, como quase tôdas que já tínhamos visto. A localidade situa-se numa pequena colina e nada tem de bela; nem mesmo de pitoresco. Todavia agradou-me, pois recommencei a ver ensaios de montanhas, terrenos sólidos; já me ia fartando das paisagens à flor d'água. Enquanto desenhava, fazia comigo estas reflexões. Os marinheiros que nos primeiros dias me tomaram talvez por maluco, agora, diante de meus desenhos, mudavam de opinião; logo que me viam em preparativos para desenhar, juntavam-se em redor de mim respeitosamente e procuravam

proporcionar-me o sítio de onde melhor pudesse trabalhar. Como as crianças de Santa Cruz, chegavam até a me apontar cenas que lhes pareciam dignas do pincel, como fôsse um companheiro a dormir de bôca aberta ou os dois bois de bordo amarrados pelos chifres e se esforçando para se soltarem. Quando me encontrava a apanhar um trecho de Vila Bela, bateram-me no ombro: um índio me mostrava qualquer coisa de estranho que atiravam ao convés: meia dúzia de grandes tartarugas prêsas umas às outras pelos cascos. Mostravam, nas patas de detrás, buracos pelos quais haviam enfiado cipós que as dominavam. Deviam com isso sofrer bastante os pobres animais!

Saindo de Vila Bela, aproamos a noroeste, para atravessar o rio em diagonal. E, perto das 5 horas, aproximávamo-nos da margem esquerda: fértil, e bem cultivada, exhibia-nos suas bananeiras de longas fôlhas, de fartos cachos e rematadas por um tubérculo de tom violeta dos mais belos que tenho visto. Sem conta também os coqueiros cujas nozes encerram um líquido branco e doce como o leite; campos de milho, laranjeiras, cacauzeiros. Por tôda parte ramos de flores agrestes, tufos de verdura, árvores frutíferas. Aquêles conjunto de plantas da natureza virgem e das semeadas pelo homem constituía esplêndido espetáculo. O panorama, dali a pouco, transformava-se. A obra da civilização cedia lugar à floresta primitiva. Há muito tempo não me era dado apreciar cenário tão pitoresco. Ali se rencontravam essas formas fantásticas, essas gigantescas lianas, parecidas com as correntes dos mais poderosos navios, com seus anéis tão bem soldados entre si que nenhuma fôrça humana conseguiria separá-los.

O tempo estava magnífico; refletia-se o céu nas águas do rio; um papa-moscas voava e ia meter o bico no cálice das flores; mais adiante um jacaré namorava a sua prêsa.

Eu me deitei na rêde para dali gozar à vontade e sem fadiga a vista das maravilhas a desenrolarem diante de meus olhos. Por vêzes cerrava ligeiramente as pálpebras sentindo a visão cansada de prolongada atenção. O calor, também, fazia-me cair numa espécie de sonolência. Tenho falado pouco do calor porque não o amenizaria com alusões freqüentes a sua impiedade. De repente, um rumor desusado me arrancou ao sono: era a âncora a cair n'água, defronte da povoação de Serpa. Edificada, como Vila Bela, numa colina sem nada possuir de notável.

Esquecera-me de certas particularidades do dia. Transpuséramos perigosíssima corrente do Amazonas, Caracara, um pouco acima de um paranamirim, onde ficava o lago e a povoação de Saraca. Foi necessário parar as máquinas para cortar caniços. Os bois mugiam quando passávamos por êsse mar de vegetações. Outra curiosidade fôra o frio sentido, em pleno equador, na noite anterior. Quase não pudemos dormir direito.

Deixando Serpa, íamos perlongando a margem esquerda e assim entramos no Rio Negro, cujas águas se diferenciam das do Amazonas de modo mais visível do que as do Amazonas se destacam das do Tapajós. Durante algum tempo distinguimos perfeitamente duas faixas paralelas, uma branca, uma negra: os dois rios como se mostram dispostos a viver eternamente separados. Deixáramos à nossa esquerda uma das bôcas do Madeira e afinal penetráramos no Rio Negro e fundeamos diante de Manaus. Terminara a viagem.

No decorrer dessa travessia mal conseguira botar os olhos em cima de Policarpo e êle nunca me procurara para saber se eu precisava de alguma coisa. Aliás esquecera-me de contar que, no dia de nossa partida de Santarém, tinham descoberto o meu criado num recanto do convés, cozinhando uma bebedeira de cachaça comprada com o dinheiro que lhe dera. Apesar da monotonia pe-

culiar às viagens por água, não tive razões de queixa quanto às distrações oferecidas pelas belezas da paisagem, única talvez no mundo, pelos episódios de bordo, e pelas proporcionadas pelo meu trabalho: plantas de nomes desconhecidos e de formas encantadoras que meu pincel reproduziu... Enfim, pondo de lado pequenas contrariedades, aproveitei bem meu tempo. Agora, ia demorar em terra por alguns meses, ver novas tribos, realizar estudos sérios, prosseguir nas minhas coleções, reparar minhas avarias fotográficas, e, acima de tudo, agir à minha vontade. Contudo, já encarava com certo terror a perspectiva de me meter na roupa preta para fazer visitas de cerimônia. E o diabo é que só possuía uma luva, pois a outra o Sr. Benoit perdera. Vesti-me convenientemente a bordo, mas quando me senti dentro das calças de case-mira, não pude suportar o calor, e embora arriscando-me a passar por mal educado, preferi as calças brancas.

Nesse momento o termômetro marcava 37 graus à sombra.

## VII

### O AMAZONAS

#### MANAUS E O RIO NEGRO

*Passeios por Manaus e pelas matas — Cascata — O negro hospitaleiro — Um curral — Instalação nas florestas do Rio Negro — Solidão — Trabalhos — Índios Muras — Compra de uma canoa — Urubus — Tartarugas — Preparativos de partida.*

O amável Sr. O., ao desembarcar, levava-me para sua casa a fim de ali me hospedar. Achando-se, porém, ausente há meses, mantivera-se fechado o quarto que me destinara e, ao abrirem os postigos, uma nuvem de maribondos pôs-nos em fuga precipitadamente. Tinham tido tempo de construir ali várias “casas” que, apesar de nossos esforços, não abandonaram; tangiamo-los por um lado e voltavam por outro. Cansado de lutar em vão, preferi armar minha rêde na sala e ali colocar também a bagagem.

Minha primeira visita foi feita ao coronel da guarda nacional e êste teve a gentileza de me acompanhar até à presença do vice-presidente da provincia do Alto-Amazonas. Ali encontrei o chefe de policia, para quem trouxera igualmente carta de apresentação. Todos me receberam bem e me fizeram vários oferecimentos. Dali fui entre-

gar outras cartas, aproveitando o ensejo para dar conta de tôdas essas missões e me ver livre do insuportável traje de cerimônia. Um dêsses senhores me convidou para almoçar com êle todos-os dias, o que me foi agradável, porque a dormida já eu a tinha garantida. Procurei depois um italiano e junto a êle me senti a gôsto. O bondoso Sr. Costa Gerônimo me cercou de amabilidades e deixou seu trabalho para ir comigo a bordo a fim de providenciar quanto ao desembarque de minha bagagem. Tive de forçar o horrível Policarpo a me ajudar um pouco. Possuía uma mala que nunca fôra carregada por mais de um negro aqui. Dois índios, conseguidos a custo, auxiliaram o prêto, e, se nós não protestássemos, teria sido preciso um terceiro. Policarpo sòmente se interessou pelo seu baú.

Vim a conhecer, por intermédio do Sr. Costa, um francês que chegara de Lima; era relojoeiro e tirava daguerreotypes.

Anoitecera e nenhuma das pessoas a quem visitara, julgando já eu me achar comprometido, me convidara para jantar. Se houvesse um hotel, isto não teria importância. Mas, nem sonhar com hotel! Errei para um lado e para outro, confiando na providência divina, quando encontrei o meu compatriota, a quem expus minha situação. Êle não me podia valer em grande coisa pois fazia refeições numa casa particular que não recebia, por isso, dinheiro. Tentou, todavia, me ser útil: fomos ter com um senhor que lhe alugava um quartozinho; venderam-me bem caro um pedaço de pão, um pouco de manteiga rançosa embrulhada num papel e uma garrafa de vinho português. Satisfeito o apetite com êsse exíguo repasto, fui deitar-me na rêde em casa do Sr. O. sem saber por onde andava Policarpo. Na manhã seguinte encontrei-o dormindo no chão, atravessado na minha porta.

Bem cedo, e sem ver ninguém, sai a passio, disposto a me alojar perto da floresta, embora aqui, como no Pará, ou mais ainda, me desesperançassem de consegui-lo, o que para mim era decepcionador. O tempo corria e urgia, a todo custo, realizar a missão a que me propusera. Caminhamos bastante, Policarpo e eu, sem que víssemos um só pássaro; região monótona e sem interêsse. Íamos a esmo e eu principiava a perder a coragem quando ouvi ao longe o ruído de uma cascata. Foi para mim como um toque de corneta para um cavalo de batalha. Desaparecera a fadiga e fui sair em meio de uma clareira aberta por uma derrubada. Em redor, árvores de grande porte, de troncos lisos e polidos, pouco verdejantes. Os cipós pareciam cordagens de navios, a ponto de nos dar tudo aquilo a idéia de uma mastreação numerosa, sobretudo quando a água nos envolvia. Essa água, lago ou charco, provinha da cascata cujo estrépito ouvira de longe; escura essa água como a do Rio Negro e talvez tivesse a mesma origem. Disseram-me depois ser essa coloração atribuída à salsaparrilha, planta que cobrê fartamente as terras banhadas por essas águas. Deixo aos cientistas decidirem se essa versão tem algum fundo de verdade.

Acompanhei por algum tempo êsse riozinho, porque me servira aos estudos, mas não podia pensar em ir todos os dias tão longe. Para viver ali seria preciso, estava-o vendo, levantar um casebre, como já o fizera há um ano em outra paragem. Mandei Policarpo, por ali afora, a fim de ver se descobria algum abrigo que me servisse. Disse-lhe fôsse e voltasse depressa, porém, acostumado a agir como lhe desse na cabeça, não apressou os passos e quando regressou, para me dar a entender ter encontrado o que eu queria, estirou o dedo na direção do caminho por onde viera e levantando a cabeça formou com os beijos a vogal U, tal qual recomendava o professor de línguas no "*Bourgeois gentilhomme*". Depois, para

variari, imitava instintivamente as carpas de Fontainebleau comendo o pão que os basbaques lhe davam.

Levado pela indicação de Policarpo, meti-me por entre espinhos e avistei o que não ousara esperar: uma choupana habitada e outra, mais distante, meio construída. O Sr. Benoit, se ali estivesse, teria se mostrado vitorioso, tomando sua atitude solene. O feioso Policarpo, aproveitando-se de minha pequena demora ali, para arrancar das pernas alguns espinhos, sentou-se. Haviam roçado recentemente o terreno e plantado mandioca. As plantas espinhosas nas quais eu me ferira haviam brotado nos sítios não aproveitados para a cultura. Ao me aproximar da casa que julgara ocupada, uma porção de bichos me cercou. Animais de todos os tipos e, exceção dos cães e de uma ninhada de gatos, desconhecidos na Europa. Um papagaio amazonense trepado num caibro; alguns mutins de bicos vermelhos parecidos com perus, viviam ali em boa camaradagem com outras aves domésticas. À porta, um negralhão mantinha-se de braços cruzados, tendo ao lado uma espingarda semelhante às do exército. Dirigi-me a êle, seguido a uns cem passos por Policarpo, que a custo se levantara. Eu sabia da importância que obtém um branco diante de um negro e, por isto, fui me sentar na cabana, passando junto do tal homem e fazendo-lhe apenas gesto amigável de cumprimento. Perguntei-lhe, então, a quem pertenciam aquêles roçados, aquelas casas e que papel representava êle ali, uma vez que a ninguém mais vira. Antes de me responder foi buscar água fresca para mim, numa cabaça, misturou-lhe um pouco de cachaça, e me ofereceu respeitosamente. Vira-me enxugar o rosto com o lenço. Aceitei com prazer e comigo mesmo achei que, se me houvesse oferecido farinha de mandioca, que detesto, teria também aceitado. Afinal Policarpo me alcançara e foi bom porque iria me servir de intérprete na conversa com o negro, dado meu precário português.

Soube enfim que tudo aquilo era do coronel B..., comandante das armas em Manaus, e que Crisóstomo, o negro, era soldado e servia de vigia das plantações. Voltei ansioso, de planos feitos. Nem me lembrei do cansaço, da falta de almôço e das dificuldades de arranjar jantar. Queria conseguir a casa.

Ao reentrar na cidade, fui acabar de comer o pão com manteiga, guardado preciosamente por meu compatriota, e, depois, munido de uma carta de apresentação dada pelo coronel da Guarda Nacional, corri à presença do comandante das armas. Por sorte êsse militar já estivera em Paris e sabia bem o francês. Além do mais encontrei lá, também, o jovem médico com quem viajara desde o Pará. Obtive logo o que queria. E o comandante fêz questão de se encarregar de minha mudança e de minha instalação. Ainda fêz mais: ofereceu-me jantar. Antes da refeição fui visitar uma coleção de animais composta de macacos, pássaros do Pará.

Confesso que não pude me furtar ao pecado da inveja, máxime quando vi o "coq-de-rocha". (1) Não tive ainda ocasião de admirar essa ave, quer em liberdade, quer prêsa. E demorei-me a contemplar êsse belo pássaro, de penas vermelhas, com uma crista da mesma côr. Uma coisa curiosa me chamou a atenção: engulía avidamente pimentas, sua alimentação habitual, e no mesmo instante botava-as para fora no mesmo estado em que as engulira. Dei-lhes bolinhas de miolo de pão e do mesmo modo as expeliu sem a menor deformação. Os índios afirmam terem visto êsses pássaros, reunidos às beiras dos rochedos, dançando em roda. Quisera me achar já entregue à caça, não para assistir a essa duvidosa dança, mas para enriquecer minha coleção, já bastante

---

(1) Ave que vive nas rochas e tem uma bonita plumagem.

valiosa, com as espécies que viera procurar a tão longa distância de meu país.

O Sr. Costa me levava a tôdas as lojas da cidade, mas nenhuma delas oferecia sortimentos apreciáveis de mercadorias. Tendo já casa, mister era montá-la. Policarpo, que se sentava invariavelmente enquanto eu fazia a escolha dos artigos, foi encarregado de levar as compras à residência do coronel. Comprei logo uma barra de sabão, a única existente em Manaus, e queria que Policarpo lavasse minha roupa. Convém acrescentar que de uma só vez êle gastou o sabão todo. Adquiri mais um frasco de bôca larga com manteiga salgada e rançosa, biscoitos, algumas libras de queijo, azeite e um candieiro. Ao todo uns 10 quilos, que, por sinal, quase aleijaram Policarpo. Quando fui jantar, encontrei-o estendido no pátio. Nessa noite fui ainda pernoitar em casa do Sr. O.

No dia seguinte, depois do café, partimos numa canoa tripulada por seis índios, cada um com a sua pá. Eu via pela primeira vez êsse utensilio substituir o remo. O piloto era um selvagenzinho de dez anos de idade, recolhido há uns seis meses pela família do comandante das armas. Não sabia explicar aonde ia nem de onde vinha, e mostrava-se vaidoso da camisa e das calças que vestia. Dava gôsto porém vê-lo a desempenhar seu papel com consciência e dignidade: não pestanejava e evitava, com segurança inconcebível na sua idade, os obstáculos que íamos encontrando com freqüência. E havia ainda maior mérito nesse menino quando víamos que os seis remadores, hábeis como eram, não lhe dariam tempo para desviar a canoa se cometesse êrro de visão ou hesitasse um segundo. Tudo, porém, correu bem e não obstante os troncos, raízes e folhagens encontrados pelo caminho, chegámos sãos e salvos ao destino. Dei um abraço no Joãozinho e êle, mostrando-se reconhecido, pôs-se, a um sinal do coronel, a tocar violão e a cantar estranha can-

ção, acompanhada por uns passos de dança e por umas caretas ainda mais curiosas. Noutra canoa, dirigida por Policarpo, viera minha bagagem. Este "valente" rapaz, temendo ser obrigado a remar, preferira servir de patrão como o Joãozinho, e, quando os homens botaram dentro de casa todos os meus volumes, êle me apareceu com o seu baú. Ao se retirar o meu hospedeiro, após me haver proporcionado um almôço, restava-me para o dia seguinte um pedaço de tartaruga e outro de carne de porco salpresa, que guardei como preciosidades; como me achava fatigado, fui me deitar mais cedo, tendo antes chamado por tôda parte Policarpo, sem ser atendido; resolvi armar a rêde e me meter nela. O negro Crisóstomo havia se aboletado num outro compartimento da casa. Estava quase adormecendo quando vi no parapeito da janela, iluminada pela lua, dois bichos a formarem um grupo que não pude explicar o que fôsse, pois saltaram ambos para dentro da casa e desapareceram no escuro. Não gostei dessa visita, porquanto a experiência me ensinava que, vivendo-se na mata, deve-se ter a máxima precaução. Com meu pau ferrado pus-me a revolver todos os cantos do aposento e afinal vi um animal espantado tomar, em fuga, o mesmo caminho por onde entrara. Mais pela imaginação do que pela realidade, pareceu-me ter uma forma esquisitíssima. Para evitar nova invasão, fechei o postigo, com pouca vontade, deixando a porta meio aberta para respirar melhor. Não decorreria meia hora e essa porta se abriu de todo e tornei a ver o tal bicho fantástico. Estendi o braço, apanhei o pau e vibrei um golpe; ressoou um miado e tive a certeza de ter dado num gato, mas um outro miado mais fraco se fêz ouyir. Ao vibrar a pancada no gato, a porta fechara-se e o animal, prêso, revelou-se-me de todo. Tratava-se de uma gata, que estava levando de um em um seus gatinhos para local de onde a haviam expulsado. Postara-se num canto do quarto e dali me olhava com raiva: um dos gatinhos

escondera-se debaixo dela. Coitada! Eu matara outro bichano, sem querer, talvez o mais novinho. Como não nutria simpatia por êsses felinos e agira em legítima defesa, não tive remorsos; botei a gata e o gatinho para fora e me tranquei, para dormir tranqüilo. Ao acordar, a família estava de novo no meu aposento, aninhada num dos meus paletós. Durante a noite êles haviam entrado pelo telhado. Despejei-os de meu domínio pela segunda vez e levei uma semana em litígio com êsses animais que defendiam seus direitos de primeiros habitantes da casa. Mas, nem Policarpo nem Crisóstomo souberam dessa questão.

Foi-me necessário construir novamente minha câmara escura, pois pretendia trabalhar em fotografia. Não tinha a recear dessa vez, como acontecera de outras, que o sol prejudicasse os efeitos dos motivos a apanhar, porque todos os meus modelos estavam a descoberto e a luz não me faltava. Era só escolher. Fui instalar-me na cabana maior, a de clarabóia; levei para lá chapas e frascos hermêticamente fechados a esmeril. Tudo concluído, e, estando Policarpo bem informado da finalidade dêsses preparativos, tratei de percorrer as vizinhanças. Não era tarefa muito cômoda, e mais de uma vez, a meio dos trabalhos, em idas e vindas, dei uns tombos. Todavia, à medida que ia conhecendo melhor a região, mais dela ia gostando. Um dos primeiros pontos visados por mim foi a cascata. O roçado fôra feito perto das águas e deixaram de pé mais acima as árvores, as primeiras que eu tinha visto ali. Do lado oposto, a mata virgem, estendendo-se consideravelmente e ganhando uma montanha pouco elevada; contudo, era uma montanha e, como é de imaginar, dada a saudade que sentia das altitudes, planejei logo visitá-la muitas vêzes, se tal me fôsse possível.

O que tornava êsse projeto um tanto difícil era a circunstância de terem abatido, justamente pelas redon-

dezas e numa grande extensão de terreno, uma grande porção de árvores que seriam queimadas breve pois o verão permitia mais fácil combustão. E, por isso, não poderia sem sacrifício atravessar êsses montes e mais montes de troncos, galhos, raízes e fôlhas.

Uma das coisas que me impressionaram desde o primeiro dia de minha chegada foi o profundo silêncio reinante. Parecia morta a natureza: nem um rumor, nem um canto, nem um reptil, nem um inseto. Nada! Nada! E o sol sempre a brilhar! Eu me achava em meio de imensa clareira florida. Em sítios semelhantes nunca deixara de ver inúmeros insetos. Esplêndidas colheitas fizera nêies. Mas, aqui, ao contrário. Nada. E dizia com meus botões: talvez mais adiante. Essa decepção não me perturbou os projetos para o dia seguinte, e, depois de ter observado o que me interessava no momento, voltei à minha tenda de trabalho onde encontrei Policarpo à minha espera, dormindo de barriga para baixo. Com muito desagrado fui deparar com vários frascos de drogas desarrolhados sem poder adivinhar como isso se dera. Acordei Policarpo e êste tampouco pôde me dar explicações a respeito.

Dava a porta do meu quarto para o poente e o calor era insuportável, razão por que me levantava muito cedo. Mal saía da cama, fornecia instruções a Policarpo quanto a suas obrigações de meu auxiliar-fotográfico. Êle partia na frente com a máquina e o tripé e eu o seguia levando o chapéu de sol, o relógio e a cadeira portátil. Escolhido local conveniente, ali Policarpo devia ficar à espera de minhas ordens, ou acompanhando-me quando necessitasse ir à barraca. Se fôsse necessário abrir caminhos, êle o faria com o machado. Finalmente, se os raios solares me affligissem ou me estorvassem, proteger-me-ia a cabeça com o chapéu de sol.

Ele procurou dar conta dêsses deveres, mas de forma sempre incompleta. Quando eu precisava andar ligeiro, êle vinha a passo. Não havia jeito de fazê-lo se apressar. Pouco a pouco fui vendo nessas atitudes um propósito. Ele nunca sorria; ao contrário, mantinha maneiras estranhas de me olhar, um ar demoníaco que jamais esquecerei. Levei muitos dias a trabalhar em fotografia, deixando de lado um pouco o desenho e a pintura, preferindo apanhar aspectos dêsses lugares aonde, talvez, ninguém ainda houvesse levado máquina fotográfica. Esse processo, embora pouco artístico, guardava-me pormenores da paisagem que o lápis ou o pincel teria exigido muito mais tempo para fixar.

Um dia desapareceram-me os óculos, deixados em cima da cadeira. Policarpo, Cristóstomo e eu demos buscas minuciosas por tôda parte, sem êxito a princípio; acabei, porém, descobrindo os óculos a uns cem passos do lugar em que os pusera. Meus frascos também continuavam a aparecer destampados sem que soubesse como tal acontecia. Várias vêzes botara para fora de casa aves e cães, antigamente ali alojados, e, nessas ocasiões, tirava dos bicos dos mutuns ora um objeto, ora outro que êles carregavam. Esse vício de bolir em tudo me fêz lembrar a pega-ladrona, e certa vez ao vê-los, rondando por ali, me escondi e me convenci de que eram êsses animais que destampavam os frascos. Pude então me precaver.

Costumava o coronel vir de quando em quando me visitar: trazia-me sempre viveres que eu aceitava com prazer. Quem, vivendo em Paris, só tem a escolher o seu jantar no Café Inglês ou noutra qualquer, admirar-se-á talvez de me ouvir falar sempre em refeições. Verão, porém, que dali a dias eu ainda me preocuparia mais ainda com a alimentação, pois nessa época não terei sequer o bondoso coronel para me oferecer ovos de tartaruga ou de galinha, além do precioso pão!

Um dia o coronel trouxe consigo o juiz de direito, o que sabia falar francês. Ele tinha na sua estante um volume do *Museu das Famílias* ou do *Mosaico*, ou de outra obra dêsse gênero, cujo nome não me recordo bem. E encontrara nêle uma estampa com o meu quadro *Duquesne diante de Alger*. Seria mesmo o autor que vivia atualmente em plena mata na foz do Rio Negro? Queria ter a certeza disso. Confesso ter experimentado frequentemente forte sentimento de orgulho ao me ver conhecido de nome, longe do meu país; desta vez, senti-me imensamente feliz: eu não era mais um viajante banal aos olhos do bom coronel, que me acolhera tão admiravelmente. Os dois visitantes insistiram para que terminasse logo o trabalho a que me entregava e voltasse à cidade onde, daí a dias, o presidente ofereceria um baile. Um baile a que se precisava comparecer de roupa preta! Numa terra em que diariamente o termômetro sobe a 84 graus Fahrenheit, à sombra, e a 125 ao sol! Por polidez, escondi meu horror a tal contingência.

Tinham vindo trabalhar na conclusão da outra cabana quatro índios Maruas e sua presença concorreu para diminuir um bocado a solidão em que vivia. Andava nessa época inclinado de novo para a pintura e quis aproveitar êsses inesperados modelos. Lutei, porém, com as tintas que secavam rapidamente na paleta. Era impossível pintar ao ar livre. O que favorecia à fotografia, causava inconvenientes ao pincel. Todavia, arranjei um jeito de manter o guarda-sol aberto e ali debaixo podia trabalhar protegendo as minhas tintas.

Tive necessidade de penetrar pelas matas pelo lado em que o rio não é ornado de árvores, como de costume. Não tinha outro meio senão me despir. Para Policarpo isto não tinha importância. Na outra margem, porém, era preciso abrir caminho entre troncos, galhos, espinhos, e para ensinar a meu criado a missão de guia, Crisóstomo

tomou-nos a frente, no primeiro dia. Crisóstomo costumava agir de modo mais simples do que Policarpo. O pequeno rio não constituía grande obstáculo. Caminhámos durante meia hora expostos ao sol e o calor ia aumentando, mas, afinal atingimos terreno mais protegido e por uma vereda nos metemos outra vez na mata. Ali então o negro nos deixou por ter de ir fiscalizar os trabalhos dos índios. De volta, passou pelo mesmo caminho da ida, procurando assim preparar-nos uma espécie de vereda para o dia seguinte.

Policarpo levava meu saco e eu carregava os apetrechos de caça; êle ia à frente sempre que encontrava caminho franco, o que lhe evitava manejar o machado. Todavia, após algumas inexplicáveis paradas, o pagem foi se ficando para trás e percebi que êle estava com mêdo, embora não atinasse o motivo. Isto por uma simples razão: êle não me trouxera ao conhecimento que há dias se ouviam nas redondezas rugidos de jaguares. Eu conhecia mais ou menos o índio, porém aos poucos ia me inteirando mais particularmente do seu caráter, o que não aumentava minha simpatia por êle. Tinha em Policarpo um inimigo e tive provas disso. Sabia que eu andava quase sempre sòzinho pelas matas quando não trabalhava em fotografia. Contava com essa circunstância e pareceu-me vê-lo sorrir disfarçadamente quando pedi ao negro para me ensinar o caminho da floresta. Crisóstomo, como já expliquei, voltara a casa. Policarpo não me avisara do perigo a correr com os jaguares e viu-se assim metido na armadilha que me preparara. Era necessário andar para frente e êle não seria tão bruto que não conhecesse minha natural impaciência. Pus-me a caminhar tão depressa que precisava por sua vez estugar os passos para não ficar muito longe de mim. Mas eu, na ignorância do risco, ia à frente, derrubando os obstáculos, sem me importar com o companheiro. Ia a esmo, admirado de

ouvir apenas as vozes dos sapos-bois; nem um canto de passarinho! Avançando, anotava os pontos a que tencionava voltar para pintar. Não havendo por ali mosquitos a me atormentarem, sentia-me satisfeito da caminhada e prosseguia confiado nas fôrças das pernas. Quando me virava para trás, avistava Policarpo perto: êle procurava pôr-se sob a proteção de minha espingarda bem carregada. E, sem dúvida, com seus botões, procurava um pretexto para no dia seguinte não me acompanhar mais por estas bandas.

Ouvia-se ao longe a queda de uma cascata e ao me aproximar notei que as águas do rio estavam escuras. Precipitando-se a princípio sôbre uma pedra com a forma de um túmulo, elas se lançavam por uma série de rochedos de onde por fim davam um último salto com grande ruído. Esse sítio pareceu-me ser um dos limites naturais de minhas excursões. Chamei Policarpo; armei, não minha barraca, mas meu guarda-sol e fiel a minha vocação comecei meu quarto panorama sem mêdo dos mosquitos, ao murmúrio da cascata e sob um teto de vegetação impenetrável aos raios solares. Nesse momento experimentava uma sensação de bem-estar. Tôdas as vantagens e nenhum inconveniente. Encontrara afinal as belas florestas com que tanto sonhara. O horrendo Policarpo fizera uma espécie de cama com fôlhas de palmeiras e nela se deitara. Não dormia, antes aguçava os ouvidos, e, sob pretexto de evitar que caísse dentro d'água, pusera minha espingarda ao alcance das suas mãos. Sem saber, então, o motivo dessa solicitude, ainda lhe fui grato por ela intimamente.

No alto da cascata uma ilhota permitia passar-se de um lado a outro do rio, se não a pés enxutos, pelo menos sem se recorrer a natação; havia sòmente um pequeno inconveniente: o risco de ser arrastado pela corrente, ali bastante impetuosa. Tomei minhas cautelas e após de-

mora prolongada na “minha floresta”, — porque podia considerá-la feita para mim e na ignorância de ser perturbado ali pela visita das feras, tomei delicioso banho numa banheira de granito. Voltamos pela mesma vereda. Policarpo sempre atrás de mim. Quando saímos da mata, suportamos o suplício da travessia em pleno sol, por entre troncos e galhos abatidos.

Meu amigo o comandante mandara-me um leitão e o negro havia preparado o petisco, pelo que a um passeio tão agradável seguiu-se saboroso jantar. Mandeí guardar o restante do leitão para no dia seguinte me servir de almoço lá na mata. Quando o procurei, no outro dia, desaparecera sem se saber como. Crisóstomo tinha certamente regado êsse fugitivo leitão com uns cálices de aguardente, de modo que, durante a noite tôda, com o acompanhamento de um violão, cantou à vontade numa voz tão desafinada que parecia choro de menino. Suprtei o mais possível essa cantoria; depois, já farto, fui pendurar minha rêde na casa em consertos, quase ao ar livre, pondo, porém, a meu lado a espingarda e o facão, para o que desse e viesse. Ouvi ruídos que me pareceram familiares, e não me importei com êles: achava-me melhor ali do que no meu aposento habitual, sempre muito quente. Ali, a viração entrava por tôda parte e desde então não quis dormir noutra lugar. Contudo, como não há ventura completa, os mosquitos me reapareceram. Na manhã seguinte levantei-me cedo e como não encontrei mais o resto do leitão enchi um frasco com manteiga e pus no saco umas bolachas. No íntimo queixava-me do negro e do índio, sem dá-lo a perceber. E parti sozinho, consoante Policarpo desejava. Nada me aconteceu de desagradável. Apenas, em certo ponto, surpreendi ruídos de bichos a correr por entre as ervas, parecendo serem, pelo barulho que faziam, de certo tamanho. Sem nada reccer, não fiz caso disso, e tratei de me dirigir ao sítio

onde começara a trabalhar no meu panorama. Depois, arranjei melhor a cama preparada na véspera pelo índio e ali, pela primeira vez, dormi um bom sono nestas florestas sem sofrer a tortura dos ataques de mosquitos. Vários dias reproduziram-se mais ou menos assim. Dispunha quase sempre de provisões frescas mandadas pelo bondoso comandante e quando elas me faltavam, recorria ao pote da manteiga. Meu quadro ia às maravilhas. Trabalhava nêlo continuamente, sem me preocupar com a caça, nem com a fotografia. Dava-lhe todo meu tempo. E já experimentava certa alegria em terminar desta vez um panorama sem acidentes ou fracassos.

Envolto nesses pensamentos voltava uma tarde a casa, procurando, como de costume, as pegadas que meus grossos sapatos deixavam pelo chão. Esses sapatos tinham correias como as sandálias gregas e foi por entre essas correias que senti de repente uma ligeira picada. Continuei a andar com precaução. Ao me descalçar para entrar nágua, a perna fraquejou. Supus tratar-se de uma dessas torceduras comuns por êstes caminhos acidentados e não deixei de tomar meu banho costumado; mas, ao querer me levantar, tive grandes dificuldades em fazê-lo. Regressei a custo, apoiado à espingarda, e sem poder trazer meus apetrechos, meus sapatos e até parte de minha roupa. Deitei-me na rêde e nela foram me ver Policarpo e o negro; os Muras também vieram examinar-me o pé doente e bem inflamado no tornozelo. Não se via, porém, nenhum sinal de ferimento. Qual a causa dessa inflamação?

O jovem doutor que me fôra companheiro de viagem e era hóspede do comandante me visitou e como os demais nada descobriu no pé. Receitou-me qualquer coisa inocente, assegurando-me que no dia seguinte tudo passaria. Enganou-se infelizmente porque uma semana após eu ainda permanecia deitado. Sem poder trabalhar, e

quase certo de estar com um espinho venenoso no pé, sem que o vissem nem o tirassem, passei horas angustiosas. Certa manhã, agarrei meus apetrechos, e protegendo meu pé doente com um pano, pus-me a caminho e levei bem três horas para atingir o sítio da cascata. Assim terminei o panorama, pagando meu tributo de sofrimentos, como acontecera já com os três outros.

Policarpo não se ofereceu sequer para me acompanhar e, por minha vez, tendo-o como inimigo, evitava o mais possível sua presença indesejável.

Ao dar por finda essa longa tarefa na floresta, havendo, quer nas idas quer nas voltas, feito vários esboços de desenhos e apanhado muitas espécies de plantas para meu ervário, pensei em regressar. Também apanhara o que me fôra possível em fotografias; pintara os quatro indígenas; e quanto a caça apenas matara um tucano. Não estava de todo bom do espinho, mas andava com mais facilidade e já podia me apoiar no pé doente. O comandante me viera buscar numa canoa pilotada pelo meu amigo João. Passamos o dia inteiro neste solitário local a que criara amizade e que não esperava mais rever, sentindo como que saudades dêle. Ia ser obrigado a viver na cidade e, se bem não tivesse Manaus o aspecto das cidades por mim conhecidas, lá habitavam autoridades de vários títulos; exigia-se o uso de indumentos se não rigorosamente pretos, pelo menos cerimoniais, e isto constituía um vexame a que me queria furtar o mais que pudesse. Durante o tempo em que vivi na mata muita gente se ofereceu para conseguir a compra de uma canoa para mim; não tinha no entanto quem me arranjasse os homens necessários para tripulá-la. Era uma questão que dependia muito do presidente. Ao regressar nada se havia conseguido. Aumentaram mesmo as dificuldades porque as águas tinham baixado e tôda a população ribeirinha se entregava à pesca das tartarugas e não queriam vender

coisa alguma. *A tartaruga é a comida de todos os habitantes dos rios.* Prestou-se o Sr. Costa a me acompanhar numa volta pela cidade. Meu pé não me incomodava mais, felizmente, e num só dia pude fechar o negócio. Encontramos a princípio uma canoa pela qual nos pediram 600 francos (200\$0) mas quando fomos vê-la encontramos-a submersa: era preciso tirá-la de dentro d'água, calafetá-la novamente, pôr-lhe um tóldo. Não sabia bem o que resolvesse; fomos caminhando e ao passar por uma volta do rio Negro, onde existiam outras canoas, entre elas o Sr. Costa mostrou-me uma, dizendo-me:

— Eis ali a que lhe serve; conheço-a bastante. Será necessário apenas cobri-la.

Ponderei que se precisava ainda da disposição do dono em vendê-la, ao que meu companheiro retrucou:

— Meu caro Sr. Biard, se é por isso, digo-lhe que a canoa é sua. Se o Sr. tivesse achado outra que lhe conviesse, eu não teria falado na minha, mas, uma vez que se acha em dificuldades, posso abrir minha bôca para dizer-lhe que essa é sua, porque sou seu dono.

Mostrei-me sensibilizado com a oferta e muito agradei porque compreendi quanto me seria difícil obter outra embarcação naquelas circunstâncias. Paguei 60\$0 (cento e sessenta francos) pela canoa; adquiri por 10\$0 uma vela (30 francos) e tratei de melhorar seu interior. Num desses passeios pela cidade vi passar um entêrro de um rapaz que, como eu, há tempos, tinha sofrido um ferimento no pé; ébrio habitual, como quase todos os índios, continuara a beber mau grado o ferimento e a gangrena tomara conta do membro doente.

O comandante havia mandado levar minha bagagem para um aposento sem móveis conseguido para mim, por não poder me hospedar na casa onde diàriamente fazia refeições. Procurava retribuir a essas gentilezas de que

era alvo pintando o retrato da própria pessoa que me obsequiava ou de outra qualquer da família, e, assim, pude ser agradável ao meu prezado coronel. Aproveitei-me bastante dêsse aposento: emprestaram-me uma mesa, uma jarra; das malas me utilizei como cadeiras ou armários; pendurei a rêde e durante alguns dias me entreguei à pintura, esperando que a canoa ficasse pronta. Almoçava o comandante ao meio-dia e depois vinham habitualmente visitas conversar, o que me fazia perder tempo a ouvir as mesmas coisas; tomei a resolução de mandar Policarpo me comprar um pão de dois *sous* que eu ia mastigando enquanto esperava pelo almoço. De outras vêzes renunciava a essa refeição, preferindo passear com o juiz de direito, Sr. Gustavo Ferreira, ou com o Sr. Costa, quando não me dispunha a sentar-me à beira dos caminhos, nas vizinhanças das matas pouco a pouco e lamentavelmente transformadas em roçados. Nenhuma voz de pássaro se ouvia mais por ali. Após um dêsse passeios descobri que minhas pernas estavam cheias de carrapatos: entravam-me pela carne os bichinhos e a custo, com uma agulha, pude extraí-los. Contudo, pareceu-me haver ainda ficado um. Assegurou-me Policarpo não ser um carrapato e sim um espinho. Emprestei-lhe as pinças para tirá-lo, porém êle encontrou imprevista dificuldade: o corpo estranho era maior do que pensara e as carnes o tinham recoberto quase por completo. Foi preciso uma incisão maior para se conseguir extirpar o espinho que tinha bem uma polegada de comprimento. Mostrei-o ao médico e êste admirou-se de como eu pudera andar tantos dias com êsse estranho hóspede. Mas, com a extração, senti-me imediatamente aliviado.

O que não me corria bem era a obtenção de índios para minhas necessidades. O bom do coronel compreendia bem minha ansiedade, porque eu não viera até ali para percorrer as ruas. Precisava era de penetrar pelas

regiões dos indígenas e de gozar uma vida de liberdade por êsses rincões selvagens. Mas, ouvia sòmente, de todos, esta esperança: “Espere um pouco! *Logo* se conseguirá o que deseja”. Êsse *logo* era fatal. E me enraivava a maneira por que em Manaus se aprecia o tempo. Cada habitante dessa cidade pensa que o dia dispõe de 48 horas ou mais.

Nessa pequena localidade, cheia de subidas e descidas, onde as ruas são esteiradas de capim, testemunhei mexericos e maledicências como nunca as presenciara em outros lugares do mundo. Que valem os “boatos” de França junto aos dali? Sem aludir aos tigres que me devoraram... em vários jornais, eis aqui uma amostra do que vi: Certo indivíduo compareceu à polícia para denunciar um assassinio cometido por uma mulher; ela matara o marido, a quem surpreendera em flagrante delito de infidelidade conjugal. Depois de haver morto o marido e a amante, com uma faca, cortara os dois cadáveres em pedacinhos e lançara-os ao rio. Dias depois chega essa fera a Manaus. Meteram-na numa prisão. Mas, no terceiro dia de detenção, aparece o marido, que se julgava defunto, reclamando notícias da espôsa, cujo desaparecimento lhe estava causando apreensões...

Souberam que eu andava à procura de modelos para pintar e trouxeram-me ao conhecimento uma excelente oportunidade: chegara à localidade um índio bravio que matara a mulher. Quis ouvir a opinião de meu amigo, o juiz de direito, e êste, sem dúvida mais a par da verdade, disse-me que se tratava, ao contrário, de uma índia feroz que dera cabo do marido. E, no fim das contas, esta versão também não era verdadeira.

Não poderia nunca dar uma idéia das acusações que freqüentemente pessoas desafetas faziam umas às outras, e elas me aguçavam o desejo de sair logo dali.

Tôdas as noites, ao me recolher, era acompanhado por um soldado de baioneta calada. Subíamos e descíamos ladeiras pedregosas, nas quais mais de uma vez tropeçava. Habitualmente, a porta de casa estava fechada. O dono da habitação possuía vários escravos e quando êsses iam dormir trancava-os e levava consigo a chave. Policarpo, de costume sentado ou deitado nos degraus da escada, não se incomodava; o soldado é que ia buscar essa chave e eu então me dirigia às apalpadelas até minha rêde. De Policarpo eu não ouvia, durante a noite, nem a voz.

Se Policarpo se tornava assim mudo, outro tanto não acontecia com as sentinelas da terra. De hora em hora elas gritavam umas para as outras: "Alerta!" e êsse grito ia se reproduzindo de uma em uma até à mais afastada. Dir-se-ia estarmos numa cidade ameaçada, o que absolutamente não se verificava. Se eu não houvesse ouvido êsse brado de alarma senão quando regresssei da cascata, poderia ter suposto tratar-se de uma medida de precaução contra certo jaguar cujos malefícios vinham apavorando os habitantes de Manaus. Mas, desde o dia de minha chegada, fôra despertado súbitamente pelo "alerta" da sentinela postada defronte da casa do Sr. O. Refletindo melhor no caso, admiiti duas causas para tal providência: primeiro, a importância do Rio Negro, que desce do interior e comunica-se por um braço navegável (o Cassiquiare) com o Orenoco; segundo, a situação de Manaus que domina o curso inferior do Negro e defende a entrada do Amazonas.

Quando eu contava a alguém que para fugir à música de Crisóstomo e depois ao calor preferira dormir ao relento, num sítio perigoso sob todos os aspectos, ouvindo falar de ameaças de feras tôdas as noites — tomavam-me como um corajoso romano. Desta vez, porém, não me sentia assim tão bravo; preferia ir embora. Contudo,

a visita de despedidas ao presidente ia sendo retardada por várias razões e à espera que chegasse sua hora oportuna todos os dias observava os trabalhos em realização na minha canoa, lá no *furo* em que ainda se achava.

Figurem esta cena: um senhor bem trajado, bem engratado, de luvas, sentado numa pilha de fôlhas de coqueiros; perto, um porco metido na lama; em volta urubus disputando restos de tartarugas e a soltarem uns gritos parecidos com os de gatos enfurecidos. Nos galhos de uma árvore e nos paus das cêrcas muitos outros abutres semelhantes. A um ruído qualquer, em pânico, êles abriam vôo em tôdas as direções, tumultuosamente; vôos idênticos desferiam quando um dêles encontrava cubiçável petisco. Não se pode matar nenhum dêles, sob pena de multa ou prisão, porque essas aves ajudam a limpeza das ruas, sempre atulhadas de cisco.

Tôdas as manhãs eu ouvia risadas lá fora. De comum não me interessava com os trabalhos dos escravos de casa, trabalhos sempre acompanhados de tagarelices e comentários; se uma negra trazia, como de costume, um pote, uma gamela ou um chapéu de sol na cabeça, tinha-se um pretexto para conversa. Já andava há tempos farto dessas e outras banalidades, mas desta vez os risos eram tão fortes!... Fizera já retratos de muitas mulatas e índigenas, tipos integrantes da casa que habitava. Tinha, no entanto, certa predileção por uma bonita e bondosa moça indígena de lábios grossos e de face sorridente. Chamava-se Phylis. A partir dêsse dia, porém, e desde o momento em que a vi na rua, causava-me horror. Minha protegida, armada de um machado, estava de mangas arregaçadas até aos cotovelos; o vestido lambusado de sangue, e, assim, tentava decepar a carapuça de uma tartaruga. Um dos meus outros modelos, uma menina, meio índia, meio negra, em ar de brinquedo, ajudava a mãe a segurar a cabeça do animal que, de quando em quando, com

a força de que dispõe, lhe escorregava das mãos. E era justamente êsse pormenor da cena que fazia todo o mundo rir. Sòmente Policarpo não tomava parte na alacridade: estava dormindo. Afinal, as mulheres conseguiram abrir uma brecha no pescoço da tartaruga. Não era o suficiente. Êsse animal é de tal modo vivaz que se torna preciso empregar outros meios para matá-lo; seus pulos, seus estremecimentos musculares, zombavam dos esforços femininos e dos golpes do machado. Vi-as enterrar um espêto de madeira na coluna vertebral do infeliz bicho e êle aquietou-se de vez, permitindo o retalhamento. As patas ficaram muito estragadas, mas haviam todos se divertido bastante. Que importavam essas patas que tanto haviam tremido e essa cabeça que tanto soubera escapar às garras dos seus carrascos de saias! Sangue, lava-se... Retirada a carcaça, abriram o estômago e apanharam os ovos, que são redondos, pouco menores que os de galinha, sem casca e muito delicados. Desde êsse dia não permiti a entrada no meu quarto da senhorinha Phylis nem de suas ajudantes.

A canoa estava quase pronta. O presidente determinara fòssem postos à minha disposição os índios meio selvagens de que precisasse. Recebera do Pará cartas de recomendação a meu respeito. Sua Majestade, sabendo que me achava no Amazonas, e sem dúvida esquecido de que eu nada podia resolver antes de meu regresso à Europa, e de que até essa ocasião me era impossível aceitar o que sua bondade me reservara, mandava-me dizer que no Rio se esperava minha decisão acêrca de serviços solicitados ao meu zêlo e minha competência. Diante dêsse pedido, ao qual não me achava em condições de atender, procurei do melhor modo expor os motivos dessa impossibilidade, ressaltando perante Sua Majestade meu reconhecimento. Essa correspondência me elevara bastante aos olhos do Presidente e ela me serviu mais, num ins-

tante, do que tôdas as tentativas anteriores feitas junto dêle para me auxiliar a excursão.

Agora, certo de partir sem demora, mandei levar a canoa para defronte da casa do coronel, perto das embarcações dêle, sob a guarda de um soldado, pois já haviam roubado, dali, alguns barcos; prestes a embarcar, a hipótese de um furto dêsses me levava a tais precauções muito cabíveis.

Faltava ainda na canoa um tôlido feito de arcos e coberto de folhagem, à pôpa, sôbre pequeno soalho onde eu passaria meus dias sentado e minhas noites deitado. O material necessário a essa obra existia na fazenda onde eu vivera, e era azado o momento de dar um pulo até lá. Convidou-me o coronel para um passeio no dia seguinte a êsse sítio e depois de marcar-me a hora da partida, retirei-me porque êle tinha visitas e, já notara, em tais circunstâncias o estrangeiro que não sabe a língua do país é esquecido. Deixei-os à vontade discutindo a possibilidade de fundação de um jornal em Manaus. Natural que, já existindo nesta localidade um presidente, um exército de 300 homens, uma guarda-nacional, e de igual efetivo, coronéis, tribunal, sabendo-se dançar, houvesse também, como uma fantasia, um jornal, pelo menos para se ver.

Eu andava enfasiado dessas reuniões em que só se falava no tal jornal. Pouco antes, almoçara com os meus dois *sous* um pedaço de pão e um copo d'água. Meu dia de trabalho fôra bem ganho: pintara com proveito. À hora do jantar cheguei mais cedo, por causa das dúvidas. Falava-se no jornal. Fui, esperando o fim da conversa, até à casa do Sr. O... onde me encontrariam em caso de necessidade. Por providência, voltei lá uma hora depois, sem esperar o chamado. Conversaram ainda à vontade. E lá voltei ainda para ver se havia sombra de jantar, mas o assunto importante que discutiam tinha feito esquecer as exigências do estômago. Chegavam outras

pessoas interessadas no caso e de comer nem se pensava. Afinas, às 10 horas e meia vieram me prevenir de que estavam à mesa. Mesmo assim tivemos de esperar dois convivas, ambos pouco apressados porque estavam tomando banho. Eram 11 horas e tanto quando por fim se começou o jantar. Os meus dois *sous* de pão já iam bem longe...

De outra vez em que se discutiu o projeto da fundação do jornal, mais avisado tive tempo de tomar também banho e de numa canoa reinada por João ir apanhar uns esboços até a hora do jantar. Já era noite e tivemos de acender a lanterna para viajar na escuridão do rio.

Nessa mesma noite o juiz de direito, com quem mantinha certa intimidade, dissera-me: "O Sr. acusa Policarpo de preguiçoso e no entanto acabo de encontrá-lo com um cesto cheio de provisões". Isso aberrava dos hábitos de Policarpo e receei que êle não estivesse muito no seu juízo, mas ao voltar a casa vi-o como sempre a dormir profundamente. Procurei saber o que êle houvera feito. Eu comprara certa quantidade de algodão para encher com êle pássaros embalsamados e encarregara o criado de separar a pluma dos carochos. Êle gastara 15 dias para dar conta de um quarto dessa tarefa; o resto eu fiz em duas horas.

No dia seguinte tive pressentimento estranho. Corri a ver minha canoa e imaginem o desapontamento, não a encontrei. O soldado que a vigiava contou-me que na véspera quando estávamos na cascata um homem apparecera declarando-se dono do barco e o levava. Diante dessa tremenda realidade fiquei num estado de estupefação maior do que me atingira ao ver meu panorama devorado pelas formigas. Fui procurar a canoa por todos os lados como um doído. Dalí a pouco tôda a cidade sabia do acontecido e enchia-se de espanto. Onde estaria essa canoa que um homem só não podia manejar? Quem a roubara

sem dúvida teria disposto de companheiros. Certamente haviam esperado que ficasse pronta para carregá-la. Eu era um simples estrangeiro... Ótima presa! Meus projetos ruíam como um castelo de cartas. Sem o recurso da canoa o jeito era me meter num vapor e ver de novo o que já havia visto... Vida nas selvas, caça, êsse desconhecido com que tanto sonhava... tudo uma ilusão. E nestes pensamentos passou-se uma parte do dia. Errei debaixo de um sol causticante, mas apenas a convicção do roubo de minha canoa me fazia sofrer. Lá se iam tôdas as minhas esperanças. Fui até à casa do coronel. Ali, um índio serrava madeira. Via e ouvia tudo, sem dizer nada. Fazia mais de uma hora êle encontrara e trouxera de novo a canoa para seu lugar costumado. Quem a roubara estava êbrio e acabara deixando-a numa enseadinha onde o tal índio a reconhecera, e de lá a trouxera sem abrir a bôca para dizer o que fizera. Eis um retrato perfeito do índio!

Outro dia passou-se. Policarpo, ajudado por um carpinteiro, preparou o tôlido da canoa. Poderia então deitar-me ou sentar-me a gôsto sob essa cobertura. Não quiseram permitir partisse sem maiores honras: além dos índios para remar deram-me um guarda nacional como ordenança. O primeiro designado para a missão andou por tôda a cidade a propalar que estava sendo vítima de uma perseguição; ia ser arrancado à família pela tirania e malvadez do coronel... Prevenido a tempo e por não me sorrir ter por companheiro um homem assim revoltado e hostil pedi sua substituição.

Pronta a canoa, era mister cuidar das provisões de bôca. Haviam chegado da Europa seis queijos da Holanda; um dêles, o último, por sinal, fôra-me cedido por grande deferência. Se por isto vim a padecer, sem dúvida terão concorrido as pragas que levei por parte daquele a quem haviam privado do queijo. Aproveitei dois

frascos que tinham servido para drogas fotográficas e enchi-os com manteiga rançosa. Ofereceram-me dois tonéis vazios, um vindo da França e outro da Inglaterra; como era natural, escolhi o que devia, dada sua qualidade de compatriota, convir mais ao meu estômago. Nestas circunstâncias meu patriotismo era demais. Arranjaram-me bolachas e biscoitos. De minha parte ainda possuía um pouco de chocolate trazido do Pará. Provi-me de uma dúzia de garrafas de aguardente para os índios; para êles também enchi um canto da canoa de cestos com farinha de mandioca, um peixe sêco chamado *piraroco*, o qual é pescado em geral nas lagoas. Para o resto que me fôsse necessário no caminho confiava em Deus e nos indígenas que encontrasse por lá.

Marcou-se a partida para as 6 horas da manhã. A essa hora deveríamos estar reunidos. Transcrevo do meu diário êstes trechos:

“Quarta-feira 28 — Estou sentado à sombra de uma palhoça; faz muito calor; enfureço-me. Levantei-me às 3 horas da madrugada, apressei meus preparativos e fui ter ao sítio onde se achava a canoa. Ajudado por um negro, Policarpo amarrara a um poste dois macacos que seriam nossos companheiros de viagem. Ninguém ainda aparecera! Corri à casa do Sr. M. L., não ousando incomodar o Presidente a essa hora; o Sr. M. L. disse-me que tinham sido dadas ordens a respeito e que se admirava de não haver ainda ninguém no ponto de embarque. Dei um pulo a casa do chefe dos índios, um português, que lhe dirige os trabalhos. Êsse homem, para aumentar-me as dificuldades na compreensão da sua língua, era gago; deu-nos o que fazer um entendimento. Contudo, terminou por me prometer dois homens, além de outros três, que me transportariam as bagagens, o que de algum modo compensaria o tempo perdido. De fato êsses últimos fizeram, cada um, uma viagem de casa para

a canoa, porém, feito isso, certamente sentindo-se muito cansados, sumiram-se. Aproveitei a presença de Policarpo para me entender com os dois remeiros. Esses homens, como era costume ali, tinham chegado à cidade há meses em busca de trabalho; eram-me agora confiados, bem assim um outro guarda-nacional, sob a condição de, finda a excursão pelo Madeira, trazê-los pelo Amazonas e pagar-lhes a passagem de regresso a Manaus. Enquanto Policarpo e os remadores se instalavam a bordo, fui apertar a mão do coronel em despedida; ao voltar à canoa já não se achavam mais ali os dois índios porque haviam ido buscar tabaco etc. Mandeí o criado a sua procura e, quando os três apareceram, faltava o guarda-nacional, que por sua vez se eclipsara. Mandeí procurá-lo também, mas em vão. Resultado: às 5 horas da tarde não nos havíamos mexido do ponto em que nos encontrávamos, às 5 horas da manhã. E eu mais furioso ainda do que pela madrugada. Afinal deram com o soldado num canto de sua palhoça, tão bêbedo que não dizia palavra. Quis prescindir do guarda, mas ponderaram-me não ser prudente tal decisão. Era mister um homem que impusesse respeito aos outros: os remeiros, indígenas ainda pouco civilizados, nada resolvem com acerto sem a intervenção de alguém a quem respeitem. Arranjaram-me um terceiro guarda-nacional; não era antipático com sua cara bochechuda. Perguntei-lhe se aceitara de bom grado a missão de me acompanhar e respondeu afirmativamente, sorrindo, garantindo-me ficaria satisfeito com seus serviços. Pediu-me hora para se preparar e embarcar, o que na verdade fêz. Mas, de novo os remadores haviam desaparecido, de modo que deram 6 horas e eu me encontrava sentado no mesmíssimo ponto em que me achara de manhã. Resolvi passar ali a noite porque, caso os homens surgissem, fôsse a que hora fôsse, talvez pudesse embarcar e seguir viagem. O Sr. Costa, desembaraçando-se de suas ocupações, veio até ao cais, certo de que eu iria já longe. Encon-

trando-me, não quis que pernoitasse ao desabrigo à espera dos índios a quem conhecia bem nos seus costumes: êles logo que contratam uma excursão tratam de se embriagar o mais que podem, desferrando-se de antemão do longo período a transcorrer sem que possam se entregar às doçuras do vício.

Antes de voltar à casa do Sr. Costa, passando perto de uns barcos, vimos metidos num dêles os meus remadores, completamente embriagados e com as caras emporcalthadas de lodo. Era impossível despertá-los e ainda mais levá-los para a canoa. O remédio seria deixá-los dormir, enquanto íamos tratar de fazer o mesmo. Eu, porém, não o consegui, porque caiu um dêsses súbitos e torrenciais aguaceiros dos trópicos, inundando tudo, e eu só me lembrava de que a minha canoa não era inteiramente coberta. Afinal, ao amanhecer, disse adeus a Manaus. Encontrara um dos remadores de pé e obriguei-o a carregar o outro. Como íamos descer o rio, poderíamos prescindir por enquanto dos remos. Logo que largamos, tratei de fazer minhas arrumações; felizmente o temporal não me causara muitos prejuízos. Comprara uma esteira e encontrei-a estendida por cima de minha bagagem. Fôra idéia de Policarpo e, se não lhe fui grato inteiramente, foi porque compreendi que êle, ao fazer-me êsse benefício, visara principalmente abrigar-se debaixo da coberta, no ponto mais protegido. O soldado também achara cômodo deitar-se debaixo de meu pequeno abrigo; dispusera sem acanhamentos do espaço que já não era suficiente para mim, e nêle arrumara seu boné, sua espingarda, seu sabre e sua baioneta. Só considerei minha famosa carabina dos caçadores de Orleans um objeto pesado, até o dia em que peguei na espingarda do guarda, arma primitiva, que êle, previdente, temendo acidente, enrolara com um pedaço de madeira e algodão, em vez do sílex comum.

Pedi ao descerimonioso soldado me cedesse o lugar onde tão à vontade se instalara e principiei então a me acomodar ali, o que não me foi nada fácil, porquanto tinha de me manter de joelhos. O soalho era feito de tiras de palmeira amarradas por cipós. Arrumei primeiro no alto os objetos que não me seriam talvez logo necessários e os que fôsem suscetíveis de se quebrar, além dos que precisavam estar sempre às minhas vistas: as 12 garrafas de aguardente. Policarpo ia me dando uma a uma, mas ao chegar à nona desaparecera. Compreendi logo que o conteúdo dessa garrafa passara aos estômagos dos índios e do guarda n.º 2, contribuindo assim para o retardo de nossa partida. Esse desfalque nas minhas provisões fêz-me ficar de olho vivo quanto ao resto e por isto coloquei as outras garrafas em sítio bem protegido. Das bolachas que adquirira, tirei um bocado para utilização próxima e guardei o restante debaixo do soalho, perto da aguardente. Essa arrumação mais tarde não me foi proveitosa.

Entre o meu tóldo e a pôpa havia lugar para 'o piloto. Ele podia ali deitar-se à vontade e, por isto, Policarpo escolheu essa tarefa que não lhe seria fatigante. Tinham me dado um lindo periquito, muito manso e levava-o comigo para tôda parte. A bordo, procurei-o para botá-lo numa gaiola, mas Policarpo o esquecera em casa e o bichinho iria morrer de fome. Acrescentei mais êsse mal feito aos outros cometidos pelo miserável de quem cada vez mais raiva eu sentia. Pude, porém, amarrar de cada lado do meu abrigo meus dois macacos, *Rio Negro* e *Amazonas*: dois interessantes animais cujo pêlo era da cor da dos ratos; nunca tentaram me morder e tudo quanto lhes dava para comer seguravam com o rabo cuja extremidade desprovida de cabelos parecia um dedo. Uma esteira servia-me de cama. Deitado nela tinha ao alcance das mãos, meu material de fotografia, manteiga e azeite,

em frascos protegidos com palhas (todo cuidado para não haver engano nesses frascos); também meus álbuns, lápis, canivete, óculos; instrumentos para dissecar e empalhar animais; dinheiro de cobre, pólvora, chumbo, balas; e enfim, num caixote de sabão minhas provisões de bôca e minha cabaça para tirar água. O que sobrava de espaço era para meu corpo deitado, isto mesmo colocando os braços onde era possível. Ao cabo de 15 dias estava inteiramente acostumado. Como não precisava dessa cama senão à noite, o resto do tempo eu a transformava em mesa. Os remadores arranjavam-se à proa com o guarda. Policarpo, na pôpa, construira com fôlhas de palmeira um leito excelente. ~~Eu~~ colocara minha espingarda com o cano para fora do tôlido, à sombra e ao alcance da mão. Afinal, sentia-me novamente livre!

Livre, sim, mas à mercê dos meus guias, o que era bastante imprudente, porquanto poderiam dispor de mim ao seu talento. Se alguma desgraça me acontecesse, só teria de me queixar de mim mesmo, porquanto, se no Pará me haviam aconselhado essa viagem, em Manaus tal não acontecera. Bem ao contrário se deu e eu o confesso, porque, se tenho feito leves críticas a hábitos que não são os meus, jamais esquecerei as provas de bondade que tantas pessoas me deram opondo-se a esta minha aventura cujo desfecho se lhes afigurava duvidoso quanto ao seu êxito. Essas pessoas me asseguravam que as promessas dos índios eram a coisa mais incerta do mundo; eu o sabia. Amedrontavam-me com a hipótese de ser abandonado por êles num ponto de onde o regresso se tornasse impossível, e vim a experimentar mais tarde essa contingência. O chefe de polícia tivera o cuidado de me prover de cartas de recomendação para o caso de ir parar em lugares habitados. O amável Sr. O... traçará-me um itinerário que alcançava até um certo limite da região. De Manaus, que fica no rio Negro, deveria reentrar nas

águas do Amazonas e seguir por elas até a confluência do Madeira: depois tornar a subir êsse rio até um sítio chamado Canoma; o resto do percurso tornava-se incerto. Eu queria conhecer a vida natural dos indígenas e para isto era mister penetrar pelo sul o mais que fôsse possível. Iria desta vez para o desconhecido.

Durante as primeiras horas da viagem um só índio trabalhou. O outro curtiu ainda a cachaça no fundo do barco. O guarda tirara a camisa e lavava-a. Policarpo, de boné na cabeça, por causa do sol, segurava o leme e dormia. Eu, entregue a mim mesmo, tomei precauções para, tanto quanto possível, não ficar sujeito aos outros. Nesse propósito, quando o beberão despertou, fiz uma coisa, com aparente ar de naturalidade, mas propósitos ostensivos, fingindo não reparar nos olhos que seguiam meus movimentos. Após ter limpado meticulosamente um pequeno objeto de todo estranho aos homens que me acompanhavam, pus dentro dêle quatro cartuchos, e com uma atitude de displicência, dei quase instantaneamente quatro tiros na direção do rio. Quer os índios, quer o guarda, não esconderam seu espanto. Os remos pararam; o soldado enfiou mais na cabeça o boné e Policarpo pôs-se súbitamente de pé. Repeti o gesto, mas desta vez abri o tambor do revólver e nêle meti quatro balas que pareciam ter sido tiradas do bôlso de minha calça, mas na realidade estavam guardadas num saquinho invisível; eu preferia que êles supusessem costumar trazer comigo a provisão dessas balas. Durante esta segunda experiência, os índios, que são avaros em exteriorizar suas emoções de riso ou de chôro, de boas ou de más intenções, tinham entretanto cessado de remar, de lavar e de dormir, para assistirem até ao fim os meus movimentos, para verem o que eu ia fazer com êsse objeto misterioso, que de tão pequeno parecia mais ser um brinquedo de criança. Sem dúvida Policarpo já dissera aos outros o que pensava de

mim. Há de chegar o momento em que falarei dos serviços que êle me prestara com isso e do que eu podia esperar no tocante a minha segurança.

Tendo me metido numa emprêsa perigosa, necessitava inspirar senão afeto — o que se pode obter algumas vêzes do negro, porém nunca do índio — pelo menos temor. Mandei tirar da canoa uma grande tábua, de duas polegadas de grossura, que servia de suporte a uma das minhas caixas, pondo-a a salvo do contato com as águas do fio que nos incomodavam de quando em quando. Colocada esta tábua na borda da canoa, comecei a atirar contra ela, varando-a quatro vêzes seguidas. Esse divertimento não me pareceu agradar aos meus companheiros; contudo, tratando-se de dar-lhes uma idéia de minha pontaria, não o terminei enquanto não fiz um grande buraco nessa madeira, cuja rijeza parecia de ferro. Depois pendurei o revólver ao pescoço, por uma correntezinha de aço, como se se tratasse de um relógio. E a pequena arma aninhou-se num dos bolsos de minhas calças. Tomadas estas precauções e com balas de fuzil também no bôlso, ofereci amavelmente um pouco de aguardente aos meus companheiros. Beberam até o último gole e então ordenei: "*Vamos*". Os remos tornaram a golpear as águas do Amazonas. Acabávamos de deixar o rio Negro.

## VIII

### O AMAZONAS

#### DO RIO NEGRO AO RIO MADEIRA

*Uma tempestade no Amazonas — Ovos de tartaruga — Um jaguar — Refeição numa ilha — Um braço do rio Madeira — As mutucas — O interior da canoa — Policarpo e seus companheiros — Banho arriscado — Margens do Madeira — O colono branco — O buraco de areia — Cólera — Seus resultados — Canoma — Índios mudurucus.*

Minha intenção era de acostar e desembarcar num sitio (1) pertencente ao Sr. Costa. Ali sua mulher e filhos haviam se instalado. Mas, tendo verificado não ser favorável a caça, nessas paragens, não quis demorar e pusemo-nos ao largo sem demora. No meu diário escrevi este pedacinho, sob as impressões do momento:

*Cinco horas da tarde — Eis-nos em plena tempestade no Amazonas. Fomos obrigados a procurar abrigo debaixo de umas árvores. Vem um forte rumor do rio, parecendo-me se originar de correntes contrárias a se cho-*

---

(1) Terreno roçado e plantado.

carem. Cuida-se de endireitar a vela da canoa que estêve prestes a ser arrancada pelo vento. A chuva inundou tudo. Os trovões estalam sôbre nossas cabeças. Mesmo debaixo do tôlido, abro o guarda-chuva. Se êsse mau tempo durar mais, tudo o que me pertence estará perdido.

*Seis horas* — A noite vem chegando; acalma-se a tormenta. Há pouco um urubu veio pousar num dos troncos quebrados que nos cercam. Quis atirar, mas o tiro falhou devido à umidade. Não é prudente sair daqui por enquanto; vamos passar a noite num ponto em que nos abrigamos. Mas, o bom tempo voltou inteiramente. A vela consertou-se. O vento é favorável... "*Vamos*". Perto de meio-dia o calor aumenta; de novo temporal. Os macacos que na véspera tinham gritado bastante durante a trovoadá, recomeçam sua música. Desta vez, é menor a tempestade; passa mais depressa. A tarde foi tranqüila e a noite bonita. Ao largo, descíamos ao sabor da corrente. Tentei dormir na minha esteira, mas o calor era terrível: troquei a posição: os pés onde ficava a cabeça e vice-versa. Dêste modo, recebia um pouco de ar no rosto. Havia o incômodo de ficar a cabeça mais baixa do que os pés, mas ao menos não morreria abafado.

Decorreram vários dias sem nada de novo. Ansiávamos por alcançar uma dessas praias de areia nas quais poderíamos desembarcar e com grande alegria avistamos ao longe extensa faixa branca a contrastar com o fundo escuro das matas. Até então uma descida à terra nos fôra interdita: as margens a descoberto pelo abaixamento das águas formavam degraus resultantes dos detritos de tôda natureza que o rio, ao baixar, ali deixara. Quem ousasse pôr o pé numa dessas camadas seria imediatamente engulido, atolando-se a uma profundidade incalculável, sem ninguém poder salvá-lo, à falta de um ponto de apoio que servisse a êsse esforço de salvamento.

Os remadores fizeram o possível para nos aproximarmos da praia e nela desembarcamos afinal. A canoa foi levada para terra. Policarpo agarrou o fuzil, o guarda seu boné e eu meus apetrechos de caça. Todos nós metemos por dentro da água, que estava morna, e cada um, ao sabor de suas preferências, tomou um destino pelos terrenos onde se podia pisar. Não me importei com os outros e parti com ares de aventura, obrigado, de quando em quando, a recuar, porquanto me deparava com trechos alagadiços, temendo me ver enterrado vivo e sem probabilidade de ser socorrido como o fôra outrora na Lapônia. Afinal, achei caminho seguro e fui feliz na caçada, renovando minhas provisões nesse salutar exercício. Ao atingir as impenetráveis florestas, voltei para junto da canoa. Policarpo despertou, pois a sua gulodice era mais forte do que minhas palavras. Ele encontrara grande quantidade de ovos de uma espécie de tartaruga a que os índios chamam de *tracajá*. Esses ovos, ao contrário dos comuns, têm a casca resistente. Procurei em vão, depois, na areia, ovos escondidos pelas tartarugas; somente os índios os descobrem, mercê de traços imperceptíveis; os animais após a postura procuram apagar de todo modo os vestígios desses ninhos, não que são ainda ajudados pelas chuvas e pelo vento.

Vi, à distância, bandos de grandes aves chamadas ciganos. Separava-nos delas pequena enseada. Tive de me meter novamente na canoa para abater um desses pássaros que há tempos desejava para minha coleção. Trouxe-o em triunfo. E estava a carregar a espingarda quando descobri um jacaré a nadar suavemente por entre uns bambus. A descoberta não era nada tranqüilizadora e tratei logo de verificar se em terra não vinha algum companheiro dêle. Convenientemente afastado, dispunha-me a mandar-lhe uma bala entre os olhos, quando um dos indígenas, ocupado em atingir umas tartarugas com suas flechas

de pontas ferradas, me fêz sinal para que prestaſse atençãõ ao rio. Custei a perceber o que houvesse de estranho nessa direçãõ, mas por fim notei um ponto escuro, parecido com uma cabeça; vinha de uma ilha afastada cêrca de uma légua, em nossa direçãõ. A princípio supus fôsse um índio desejoso de visitar seus patrícios. Refleti, no entanto, que de tão longe não poderia ter nos avistado, sendo também muito grande a distância a transpor a nado. Mas, se não era um homem, que seria então? Era um jaguar nadando em direitura para a praia onde nos achávamos. Agora já se distinguia perfeitamente sua bela cabeça. Êle por sua vez nos vira e como não teria fôrças para voltar à margem oposta, estava forçado a ganhar terra num ponto mais próximo. Não podia contar com Policarpo, bastante ocupado com os ovos de tartaruga, nem tampouco com o inofensivo fuzil do guarda, e, por isto, tive de apelar para a bala metida na minha espingarda e destinada ao jacaré. E esperei o jaguar. Batia-me doidamente o coração. Aquela cabeça precisava ser atingida. Lembrei-me do meu antigo conhecido, o bravo Gerard. No momento exato em que o visava, o bicho deu uma brusca reviravolta e nadou para outro ponto. Compreendera. Corri para me achar face a face com êle quando alcançasse terra e atirar certamente, porém espinhos e cipós me atrapalharam. Estava descalço e tive de subir a um montículo que me separava do local onde o animal ia pôr os pés em terra. Em desespero de causa, atirei apressadamente e consegui feri-lo, sem dúvida, porque levou uma das mãos à cabeça esfregando a orelha como costuma fazê-lo um gato. Perdi-o de vista por um instante e, quando reapareceu do outro lado do montículo, vi-o se esconder por entre o espesso arvoredos.

Êsse insucesso de caça levou-me a não mais me descalçar quando desembarcasse e a levar sempre comigo o

revólver, pouco me importando que seu tamanho e sua forma angulosa me causassem incômodos. Ao voltar à canoa, tratei de preparar as aves que matara. A chamada cigano é do tamanho de uma franga; tem a plumagem de uma côr malva-violeta; na cabeça um penacho; o bico é azul celeste e os olhos de um vermelho-laca. Vieram índios nos oferecer a venda de uma tartaruga; pediam por ela cinco patacas, o que equivale mais ou menos a 4 francos e 50 cêntimos. Como estivesse ocupado com meus pássaros, não aceitei o negócio.

*Cinco horas da tarde* (extraído do meu diário): Ainda experimento sensação de medo bem motivado pelo local em que me encontro. Havíamos chegado, poucas horas antes, a um sítio em que se achavam alguns indivíduos. E ali, enquanto meus companheiros conversavam, fizera um desenho. Fomos já de novo embora e a alguma distância quando dei pela falta dos óculos. A perda era lamentabilíssima, pois não tinha mais outros. O Sr. Benoit havia quebrado meia dúzia de vidros sobressalentes, e eu não pudera substituí-los. Tive de fazer com que a canoa voltasse ao tal sítio e por felicidade encontrei o meu tesouro. Em seguida viajamos por muito tempo em frente de enorme ilha na qual nem se pensava descer pois suas margens eram verdadeiros alçapões de alagadiços. Contudo, alcançando um dos seus extremos, descobrimos uma praia e todos se apressaram em se atirar à água e a amarrar a canoa. Caça e pesca foram os interesses de todos nós, conforme suas preferências. Eu tomara comigo mesmo o compromisso de nunca mais largar os sapatos de borracha, para evitar repetição do insucesso na caça ao jaguar, mas tive de renunciar a êsse propósito porque, além de me incomodar o calçado nas carreiras pela areia, esquentava-me tanto os pés que se tornava insuportável.

Imenso o areal e nem um pau para cozinhar a tartaruga que pegáramos; era mister atravessar extensa faixa d'água. Resolveu-se o reembarque para se confiar à sorte costeando. Eu todavia fui andando por terra e a canoa me acompanhou. Alcançamos, dêsse modo, a extremidade da praia e nos consideramos felizes por ter encontrado margem bem alta com farta arborização. Eram enormes acajus. Sendo pedregoso o terreno, foi-nos fácil atingir ponto bem alto, sem nos atolarmos. Fiz dois esboços dessas árvores cujas raízes foram banhadas pelas águas do Amazonas na sua enchente. Essas raízes, como as dos mangues, parecem se prender à terra apenas por uns fios.

Os índios fizeram fogo e sobre êle puseram uma grande panela; dela tiraram depois os ovos com os quais encheram uma não menor vasilha que lhes servia ao mesmo tempo de prato e de copo. Misturaram um pouco d'água, formando um pirão que os deliciava. Vira-os já preparar idêntico quitute com os ovos de tracajá. Consoante seus hábitos, nunca me convidaram a partilhar dessas refeições. Eu, porém, não me deixara inerte: pegara numa dúzia dêsses ovos e cozinhará-os sob a cinza quente; assim preparados, pareceram-me gostosos. É provável não tivesse conhecido êsse gôsto se não houvera tido a precaução de não sair de perto da comida.

Parte da tartaruga foi cozinhada no próprio casco e assaram ligeiramente o resto num espêto. Tínhamos provisões para alguns dias. Cada homem recebeu seu quinhão para comê-lo como melhor o entendesse. Eu pus a gamela entre as pernas e fui molhando as bolachas no caldo, o que me pareceu delicioso. Depois distribuiu-se cachaça, tendo aumentado a ração diária para encorajar mais minha gente. Não era tarefa de pouca monta ir-se procurar à margem direita do Amazonas uma das bôcas do rio Madeira. O guarda, digna parrelha de Policarpo,

nada ainda fizera de útil. Mas, agora, tornava-se indispensável forçá-lo a uma tarefa qualquer: não se tratava mais de nos entregarmos à correnteza e sim de atravessar o próprio *thalweg* do Amazonas. Dei o exemplo e peguei num remo; confiei outro ao guarda. E a canoa voou. Algumas horas passaram e entramos nesse Madeira tão pouco conhecido e que devia corresponder a tôdas as nossas esperanças.

Nesse momento julguei descobrir indícios de mau humor nos meus companheiros: não lhes causava agrado saber que teriam de por algum tempo navegar contra forte correnteza. Não mais deixar o tempo passar olhando as águas; mas ganhar a vida com esfôrço, remando. Mal entráramos no Madeira, ao cair do sol, os maruins nos assaltaram. Lembrei-me da noite passada a bordo do vapor no Amazonas. Os índios se embrulharam na vela da canoa; nem por isto puderam dormir um minuto. Eu, apesar do calor, embrulhara-me na capa e enfiara na cabeça uma rêde de pegar borboletas que uma senhora me oferecera no Pará. Ah! Não podendo me atacar o rosto, os bichinhos me investem os pés. Não conseguindo meio de vencer os atacantes, passamos a noite inteira a nos defender com as mãos. Ao amanhecer, outros carrascos nos aguardavam: uma môsca chamada mutuca. Age contra o corpo humano à semelhança do moscardo contra o cavallo; morde e fica agarrado à ferida, sugando-a. Como o borrachudo, faz o sangue vir logo a superfície. Essa mosca não voa muito; esconde-se num canto escuro e dêle se atira contra a vítima. Depois torna a se ocultar.

Desde que atingíramos o Madeira, tinha pernas e pés inchados a ponto de não suportar o calçado. Ao me assentar para fazer qualquer coisa, metia as pernas num estreito espaço entre o tóldo e as tábuas sôbre as quais colocara minha bagagem. Nessas regiões baixas e sombrias moravam hordas de mutucas e maruins. Quando não podia

mais aguentar as picadas e procurava me coçar, as mãos enchiam-se de sangue. Como a canoa fizesse água, trazia quase sempre meus pés mergulhados. De outras vezes distraía-me em armar ciladas às nutucas, ficando contente quando conseguia afogar algumas. Não se imagina quanto me atraía êsse novo gênero de caça: batia-me mais o coração, suspendia a respiração, enquanto permanecia com os pés fora d'água e de repente mergulhava-os quando os meus inimigos menos esperavam por êsse gesto. Uma morte instantânea seria doce de mais para êles: eu esmagara milhares e quis afogar outros tantos, o que creio haver conseguido. Um grande pano cobria os volumes de minha bagagem; tendo-o levantado certa manhã pude avaliar o cuidado que Policarpo mostrara ter tido para com tudo aquilo. Não teria feito trabalho melhor o Sr. Benoit. Tudo o que era frágil, inclusive uma cesta repleta de vários ornatos em penas, estava inteiramente estragado pela água; minha caixa de chapéu achatada. Todavia, o baú de Policarpo achava-se bem protegido, bem como o que pertencia aos outros três companheiros de viagem. Tratei de por mim mesmo fazer nova arrumação, reparando a desordem e melhorando o lugar em que dormia. Uma vez decidido a obter mais confôrto, fiz uma espécie de cobertor com a lona da minha tenda fotográfica. Perto do amanhecer, reinando um calor insuportável, senti de brusco uma terrível umidade e tive de me agasalhar para adormecer. Porém, mal o sol saía, as nutucas entravam em atividade e adeus sono. Não podendo fugir ao sol, como se faz a bordo de um navio, arranjava uma espécie de mosquiteiro verde e dêle fazia cortina protetora. Tudo muito útil quando o astro-rei estava defronte de mim, mas quando êle tomava outras posições tinha de recorrer ao guarda-sol.

Pouco disse ainda acêrca dos dois macacos que levava; amarrara-os de cada lado do barco para que pu-

dessem beber água à vontade quando tivessem sede. Ao cabo de alguns dias tive de diminuir-lhes as correntes e aproximá-los assim mais da água. Tendo se reproduzido os estragos do armazém na Vitória, com meu prejuízo, era preciso afastar os bichos do lugar em que me deitava. Eu os alimentava com farinha de mandioca e êles arranhavam o tôlido para aproveitar os fragmentos que ali deixavam cair. Fizeram de cada lado um buraco por onde espiavam para dentro. Enquanto se limitaram a me observar, tudo correu bem, pois não me aborreciam com isso, mas depois nasceu-lhes o desejo de partilhar de tudo o que viam e começaram a aumentar as brechas na palha, malgrado as chicotadas que por minha ordem Policarpo lhes dava, tarefa de que êle se desempenhava cômodamente instalado. Todavia, sòmente o fazia quando bem entendia. A propósito lembrei-me do efeito produzido pelo meu cacete contra os ratos que, em outra situação, roíam o couro de boi a me servir de telhado. Enrolei o cacete ferrado num pano para não causar maiores estragos e com êle cutucava os macacos quando atacavam o meu tôlido; os símios faziam tantas caretas que os índios se voltavam para apreciá-las. Às caretas acrescentavam gritos de ensurdecer. Afinal, à custa de golpes semelhantes, resolveram suspender o trabalho de demolição da coberta. Doravante, mal ensaiavam recomeçar, eu metia pelo buraco um cabo de pincel, uma palha, um feto, o quer que fôsse que os amedrontasse e os fizesse recuar. Maior o efeito quando eu pegava na espingarda: já tinham ouvido os tiros e ficaram pasmados, soltando berros de terror, ao verem, após a detonação, caírem mortas as aves que eu visava. Eram muito medrosos os macacos, porém dóceis; a não serem essas tentativas de pilhagem, não me causaram outros desgostos a bordo. Mais tarde, a cantiga foi outra, confesso, e seu transporte para a Europa me custou bastante.

Certa manhã, após horrível noite, encostamos a um banco de areia próximo a alta ribanceira cavada pelas águas, em forma de anfiteatro, e com degraus bem regulares. A praia onde desembarcáramos desenhava-se como rasa península; podia-se armar ali uma barraca sem se precisar preparo do terreno. Mandei pôr em terra pela primeira vez tudo de que necessitasse e constatei a careta de Policarpo ao ter de me ajudar nessa mudança. Ali apanhei algumas fotografias, mas, como os obstáculos e contrariedades nessa viagem não faltavam, desabou minha barraca sôbre as minhas drogas e, se não se quebraram as chapas, ficarão entretanto manchadas. Tendo me entretido no trabalho, foi sorte haver numa trégua surpreendido o guarda Zeferino preparando-se para roubar açúcar de uma cabaça. Nada lhe disse; apenas tornei a colocar a cabaça no seu lugar depois de lhe haver entregue a vasilha trazida para conter o furto. E fui tratar de minhas fotografias.

Um acontecimento posterior levou-me às mais profundas meditações. Meus companheiros tinham o costume, logo que a canoa parava em algum sítio, de se atirar à água, sem contudo se afastarem muito. Eu julgava que, não sabendo nadar, êles preferiam permanecer próximo das margens. Como dispusesse de dois calções sujos de nitrato de prata, eu me jogava também ao rio, vestido com um dêles, e dessa vez fiz, para mostrar minha superioridade de nadador, algumas voltas ao longe. Enquanto me afastava de terra, os índios me observavam, sentados na praia. De repente percebi um movimento de beijos particular a Policarpo, como a mostrar aos companheiros o quer que fôsse que eu não via. Todos os olhos se voltaram para o ponto indicado, sem que os espectadores nenhum sinal me fizessem. Instintivamente, estremei; alarguei as braçadas e alcancei terra, pondo-me a correr sem explicação para êsse terror súbito. Ao chegar perto dos

índios compreendi então tudo. Mais uns segundos eu teria sido devorado por um bando de jacarés que os olhos de Policarpo haviam descoberto. E todos esperavam o resultado do meu encontro com os anfíbios. Sem dúvida eu tivera carradas de razões em não me separar do meu revólver; vivendo com índios civilizados, isto é, com homens dos quais devia desconfiar, deveria agir como se fôsse índio. Ao partir do Pará, quisera ser agradável a Policarpo, dando-lhe certa soma em dinheiro correspondente à de seus salários. Tinha a intenção de fazer a mesma coisa com os outros servidores. Mas, diante dessa prova de felonía, desisti dêsse gesto de generosidade.

Na própria tarde dessa aventura, enquanto os meus homens faziam fogo para cozinhar um peixe, fui, como de costume, caçar um pouco à beira do rio. Matei três engole-ventos de uma espécie particular, o que não me foi fácil, pois me assaltava nesse momento uma nuvem de mosquitos brancos; embora não picassem, faziam uma zoada medonha. Permaneci uns cinco minutos no meio dêsse nevoeiro vivo, semelhante aos turbilhões de efêmeros que se tomam por neve. Pareceu-me a princípio que êsses engole-ventos pertenciam a uma família desconhecida, mas, ao chegar à Europa, tive a certeza de êles já terem sido descritos, embora fôssem muito raros. Nessa noite ainda, tendo levado a canoa para o meio do rio a fim de dormir tranqüilo ali, entre os zunidos dos mosquitos brancos, encontramos pela primeira vez no Madeira uma canoa tripulada por um indígena. Ele trocou um peixe que matara com uma flechada por uma rêde, preferindo-a ao dinheiro. Nunca comi nada mais gostoso do que êsse peixe assado num espêto, à moda dos selvagens. Subindo o Madeira, fabriquei álbuns com papel grosso de embrulho e, como as florestas se me ofereciam cada dia mais belas, mandava remar de uma margem a outra, à escolha, para de perto admirá-las. Vía, entre

outras bizzarrías, enormes balanços floridos onde pousavam bandos de pássaros; pareciam postos em movimento por invisíveis mãos. Das soberbas árvores pendiam centenas de ninhos como frutos, balançando-se ao menor sôpro do vento. Dêsses ninhos surdiam bicos alvos e róscos; eram "caciques". Foi-me fácil apanhar alguns dêles, mas, ao tentar alimentá-los, descobri em cada um particularidade inesperada: tinham na carne uns parasitas que os iam devorando. Certa môsca deposita nos ninhos seus ovos, sempre em grande número, e êles se agarram aos corpos dos pássaros por meio de uma substância pegajosa; quando se rompem, as larvas se introduzem na pele e crescem de tal modo que tomam o tamanho de um feijão. Cobrindo as aves, vão devorando-a e sòmente com um canivete pude arrancar alguns dêsses parasitas.

Nesse mesmo dia, desde que penetráramos no Madeira, vi sôbre uma colina uma palhoça em ruínas; fóra em parte destruída pelo fogo. Gostando sempre de pôr os pés em terra firme, mal a canoa foi amarrada peguei na espingarda e pus-me a subir. O principal habitante, ali, era tipo de cara de poucos amigos. Perguntei-lhe se por trás da casa havia um caminho para a mata. Meu aspecto certamente não me favorecia: as calças estavam manchadas de nitrato de prata; meu chapéu de jardineiro estragado pela chuva, esfiapado, caía-me sôbre os olhos, cobria-me em parte o rosto; apenas minhas armas podiam inspirar até certo ponto confiança, sem falar de minha corrente de aço que não tivera ainda tempo de se enferrujar. Deixei os índios entenderem-se com êsse homem que não era mulato e sim branco como eu. Afinal consegui caçar. Não foi longa a caçada; abati um pássaro vermelho, mas ao procurá-lo entre umas touças uma nuvem de mosquitos mordedores me atacou e tive de fugir. Não eram mais mosquitos brancos. Minha derrota despertou risos nos indígenas. O próprio homem branco não teve

cerimônias em revelar sua alegria com meu fracasso, e ao me dizer em despedida "Adeus Sr. francês" soltava boas risadas. Vinguei-me com esta frase: "Adeus, Sr. mulato!". Pusemo-nos ao largo. O golpe da minha frase fôra tão rude que o homem desceu à praia e berrou-me enquanto pôde: "Não sou mulato, não, Sr. francês, nem sou português, Sr. francês, sou brasileiro".

Ancoramos no meio do rio, num sítio um tanto estreito. Durante a noite soprou vento tão forte que receamos ser arrastados; tivemos, então, de ir encostar a canoa a uma das margens, sem temer os mosquitos, porque o vento os dispersava. Os índios, não podendo resistir a tormenta, agarravam-se uns aos outros e cobriam-se todos com a esteira grande. Felizmente não choveu. Os macacos gritavam de fazer dó. Eu me enrolei no capote, mas o vento entrava pelas aberturas do toldo e entufava-me todo como se eu fôra um balão.

Lutando assim com o vendaval, eu dizia com meus botões que, se lograsse levar para a Europa alguns dos meus desenhos, tê-los-ia conseguido, pagando-os bem caro. Essas reflexões voltam a minha pena com mais freqüência do que desejava; perdoem-nas pois não tenho com elas a pretensão de me tornar notável, nem me fazer herói; apenas, e infelizmente, sinto-me farto de contratempos e por isto a êles freqüentemente aludo. Para se empreender viagens nas regiões polares ou nas solidões ardentes do equador é mister possuir, sem dúvida, algum órgão esquecido de Gall e de seus discípulos: porquanto poderia pintar a meu gôsto, os pés sôbre tapetes durante o inverno, e como outros continuar no campo um trabalho inacabado, gozando o verão com todos os recursos de uma vida independente. Foi porventura êsse órgão desconhecido que me levou a procurar contrastes tão chocantes que a zona equatorial opõe à ártica. Quiseram que eu descrevesse minha viagem, porque além das notas toma-

das diàriamente trouxera desenhos talvez interessantes; portanto não será tão grande culpa minha a de repetir que êsses trabalhos me deram muito de fadigas e de desgostos.

Ao amanhecer, o vento serenou, o que não era habitual; reparamos avarias, esvaziamos a canoa, serviço a que, com minha cabaça, prestei auxílio, depois reencetamos a viagem. Durante o dia inteiro navegamos diante de trechos onde os desmoronamentos tomavam a forma de circos, tendo como degraus camadas de terra caída separadas por árvores arrancadas e ainda retidas por fortes cipós. Aproximei-me de um dêsses sítios: impelia-me não só o desejo de fazer um esbôço como o de matar algum pássaro ou macaco entrevistos de longe. Embora os indígenas não costumem exteriorizar seus pensamentos, percebi que êles não gostaram dessa minha curiosidade. Policarpo, então, declamava; tomava nas suas arengas um ar tão manso que me fazia esquecer sua cara feiosa. Começava sempre a falar num tom comum; pouco a pouco a voz baixava tanto que semelhava um melodioso canto ouvido à distância. Não era mais uma voz humana. Magnetizava-me. Que dizia êle? Era uma história da gente de sua tribo expulsa das terras cheias de folhagens onde outrora havia reinado? Aludia às alegrias de suas longas caçadas? Não sei. Mas o certo é que o ouviam em silêncio enquanto os remos deslizavam nas águas. Por vêzes êle adormecia com a mão pousada no leme. E eu, não obstante a antipatia que me causava, esquecia tudo e o perdoava... Bem depressa, porém, Policarpo se encarregava de provocar-me uma transformação. Dessa vez, por exemplo, foi despertado pelos companheiros que, num certo ponto transposto pela canoa, tinham avistado, como eu, também, ao longe, um trecho de areia alva. Já fiz sentir o prazer que essas praias nos despertavam. Ao nos aproximarmos, julguei distinguir grandes aves róseas que

me pareceram flamengos. Ansiava por me ver em terra: quanto mais dela nos avizinhávamos, mais descobria riquezas a conquistar, entre as quais um pássaro de tamanho maior do que o dos outros, apoiado numa só perna e com ares de quem está dormindo. Mal a embarcação encalhara, pôsto que ainda a certa distância da praia, eu já me achava de pé, pronto a saltar mal os índios fizessem a costumada amarração. Aliás, a única coisa que êles faziam com certa ligeireza. O guarda era o primeiro a lançar-se à água, com ou sem boné; conforme o sol estivesse ou não alto, depois os dois remadores imitavam-no, enquanto Policarpo, sempre prudente em face do trabalho, fingia procurar um objeto a cujo encontro renunciava logo quando via nada mais ter que ajudar aos camaradas. Nesse dia, entretanto, o guarda não se atirara ao rio e permanecia na canoa; os remadores também aguardavam ordens com os remos nas mãos. Virando-me, vi Policarpo sentado ainda e perguntei-lhe: "Então? Ficamos aqui?". Deu-me resposta vaga. Os índios nem se mexeram. O pássaro vermelho, apoiado na outra pata, parecia tê-los enfeitados. Iriam êsses preguiçosos concorrer para que tudo quanto ali tanto me seduzira me fugisse das mãos? Impaciente, pusera já um dos pés fora da canoa, mas, refletindo melhor nas razões dessa imobilidade pouco comum dos índios, ao invés de me meter dentro d'água com a espingarda na mão, preferi pegar numa vara de uns 15 pés de comprimento e com ela sondar o fundo do rio. A vara desapareceu quase tôda sem encontrar fundo...

Foi quando experimentei um frêmito de terror diante do perigo que corra. Permaneci alguns minutos com a vara nas mãos, estatelado, convicto de que os meus companheiros, sem a coragem precisa para darem cabo de mim a peito descoberto, valiam-se de tôdas as oportunidades naturais em que eu próprio me lançasse à morte. E essa ocasião dêsses alagadiços era das mais felizes...

Se eu nêles houvera caído, a culpa seria tôda minha. Eles voltariam tranqüilos a Manaus depois de terem dividido meus despojos.

Por quanto tempo fiquei assim atônito? Não sei. De súbito, passando da imobilidade ao furor, dei em cada um dos meus guias boas vergastadas, porque êles tinham feito de mim não mais um homem, um demônio. Teria preferido houvessem reagido, porém nenhum resmungou sequer. Policarpo, o mais culpado, êste levou na cabeça com tanta força uma pancada com o remo que o quebrei. E o miserável ainda ficou contente: não teria mais que manejá-lo. Após êsses castigos, deitei-me debaixo do meu toldo, fechei as cortinas, pus à mão o revólver e esperei. Eram-me penosas as reflexões; indagava de mim mesmo o que teria feito a êsses homens para assim procederem. Que mal causara a Policarpo? E mostrava-se entretanto meu inimigo. Seguiu os conselhos de perdoar-lhe os defeitos; tudo suportara com paciência; aos outros homens procurara tornar suaves os trabalhos, encorajando-os, brincando com êles, ajudando-os às vêzes a remar; nada dissera ao guarda quando quisera me roubar; e eis o fruto de minha bondade!

Enquanto me entregava a essas considerações, sem esquecer certas precauções, como a de encher os bolsos de balas, de armar a espingarda, de pôr na cintura o sabre, percebi que à proa da canoa se realizara uma reunião dos meus companheiros de viagem. Falavam em voz baixa. Sem demora conheci os resultados do conciliábullo. A canoa mexia-se. Os remadores estavam a postos. O guarda fora do costume também remava. Policarpo ao leme dirigia as manobras. E estávamos de novo em marcha.

E ali estavam os homens, cuja sorte antigamente lamentara, para os quais mostrava tanta simpatia quando na Europa lia o relato das torturas que os brancos lhes

infligiam! Haviam-me dito muitas vèzes serem traiçoeiros, mas, ao viver junto dèles, procurara esquecer êsse conceito. Mõstrei-me bom para com todos e quizeram me dar aquêlé trôco... Doravante saberia ser apenas um senhor. Vía-me obrigado a êsse papel.

A partir dêsse dia não consenti mais que o guarda vivesse perto de mim nem que guardasse suas armas no meu abrigo. Pela manhã permitira guardasse uma tartaruga ali, e mandei que a levassem para a proa. Falava com Policarpo de cara fechada. À hora de distribuir a cachaça ninguém deu palavra. No outro dia, tendo desejado pintar certa paisagem, bastou-me um sinal e os remadores me levaram logo ao sítio escolhido. Se tinha necessidade de repetir uma ordem, nenhum gesto de mau humor se esboçava. Apenas um receio me restava, receio êsse que nunca deixou de me afligir durante tôda a viagem: tôdas as ocasiões em que me metia pelas matas e delas regressava, batia-me mais forte o coração, esperando ver a canoa afastar-se de terra sem mim, abandonando-me no deserto para morrer devorado pelas feras ou de fome.

Embora nessa expectativa, aproveitava-me do "meu golpe de Estado". Mal avistava uma ave de meu agrado, encarapitada num galho de árvore, os índios para ali me levavam, orientados por Policarpo com tal habilidade que meu tiro raramente falhava. Atirava mesmo sentado; o remador, à minha frente, baixava a cabeça no instante exato da detonação. Muitas vèzes o tiro punha em rebo-liço bandos de macacos que se punham a saltar de árvore em árvore, fazendo-nos caretas. Todavia, no rio Madeira a caça muitas vèzes não se oferece ao caçador; a paisagem não é pitoresca sempre, mormente quando os grandes pés de acaju enfeitam as margens com seus troncos lisos e alvos e com suas fôlhas claro-escuras. Nesses instantes de desinterêsse para o exterior, eu arrumava meu

*atelier*, afiava escalpelos, fazia ponta nos lápis, lavava frascos e cuidava das armas. Não perdia um minuto. Frequentemente, após um dia de forte calor sentava-me debaixo do toldo e punha os dois macacos sôbre os joelhos, o, que para êles constituía suprema felicidade, sobretudo porque não lhes faltavam laranjas e bananas. Ficava assim pela noite a fora, enquanto os índios dormiam confiados na âncora de pedra que nos retinha em meio do rio. A pequena embarcação destacava-se como um ponto negro sôbre a face lisa e brilhante das águas que refletiam um céu maravilhoso. Silêncio profundo. Tinha a impressão de estar sôzinho, pois os próprios macacos cediam ao sono. Inúmeras vêzes passara horas a bordo de navios contemplando a imensidade dos mares, olhando sem ver, ou a acompanhar os desenhos das nuvens em suas caprichosas formãs. Mas, então, era-me impossível um isolamento completo; tinha companheiros. Em meio de minhas reflexões ouvia vozes de comando, apitos de manobras. Aqui, não. Natureza muda. A canoa parecia deslizar no espaço... Encontraria um pôrto?... Sonhando acordado, acabava me integrando no silêncio que me cercava e por minha vez adormecia para despertar sobresaltado sentindo o orvalho da noite. Metia-me debaixo da cobertura para me enxugar, esperando o sol, o dia e as mutucas. Nessas alternativas alcançamos vários sítios mais adiantados e onde existiam casinholas de bom aspecto. Estávamos em Canoma, no verdadeiro Madeira, tendo subido um de seus braços secundários. Projetava descer por um outro, o Paraná-mirim que completa pelo oriente o delta formado pelo rio Madeira na sua confluência com o Amazonas. Diante de Canona, passamos a noite ao largo, prontos a desembarcar logo que clareasse. Não se achava na localidade o vigário para quem trouxera uma carta, mas o irmão recebeu-me tão bem que lhe pedi logo para me obter um modêlo. Nesse modesto recanto habitado apenas pelo padre e alguns portugueses seus paroquianos,

construía-se uma igreja e vários índios tinham sido chamados para êsse serviço. Uma tribo inteira de Mundurucus: homens, mulheres e meninos. Eram todos apreciados pela brandura, coragem e sobretudo fidelidade. A maior parte andava vestida; as mulheres traziam apenas uns casaquinhos e as que usavam saias amarravam-nas muito abaixo da barriga. Essa gente passava o dia a trabalhar entre risadas sem se importar quando as peças do vestuário se desamarravam. Êsses índios me levaram a querer menos mal aos outros. Eu já sabia morarem os Mundurucus às margem do Madeira; asseguraram-me que mais em cima encontraria os Araras, tribos perigosas e inimigas dos Mundurucus. Fazia questão de levar comigo alguma lembrança palpável dêsses povos ainda não civilizados, mas eram-me de todo escassas as informações a seu respeito. Dêste jeito, confiando-me ao acaso, como os turcos à fatalidade, deixei Canoma e pusemo-nos de novo ao largo.

Se não exteriorizaram o descontentamento, eu o senti, quando ordenei aos meus homens remassem em direção ao ponto de onde desce o Madeira. Quanto mais nos encaminhávamos para o sul, mais as árvores me pareciam elevadas. Decorreram quatro dias sem lograrmos ir a terra; quase esgotadas as provisões e forçado a permanecer deitado ou sentado, ardia de impaciência por uma oportunidade para mudar de posição e contemplar outro cenário que não o de areias movediças e árvores decepadas. Haviam me dito em Manaus encontraria no Madeira, desde a foz até Canoma, alimentação abundante sobretudo caça; entretanto apenas tínhamos visto raros indígenas aos quais compramos duas tartarugas e um peixe. Felizmente tinha minha provisão de bolachas, mas quando se acabou a que trazia mais a mão tive de recorrer à da reserva e tive uma decepção. As chuvas que já me haviam estragado coisas de pouca importância, desbotando uns

panos verdes e manchando o que lhe estava junto, desta vez tinham ocasionado deterioração por completo das bolachas que se colaram umas as outras, formando uma pasta pegajosa e de aspecto repugnante. Era o começo de minhas privações. Passei grande parte do dia a separar algumas das bolachas menos estragadas, lavando-as na minha gamela cheia d'água, procurando tirar-lhe o môfo. Depois botei-as a secar ao sol. Perdi uma quantidade regular dessas bolachas, porque não quis comer as que se achavam mais apodrecidas. Contudo, não as deitei fora, dada a insegurança do futuro... Em Canoma renovara a provisão da cachaça. Costumava distribuir com essa bebida alguns punhados de farinha, aos índios, e êles misturando tudo com água pareciam gostar bastante do petisco. Aumentara a ração, mas depois do meu "golpe de Estado" sômente fazia uma vez ao dia essa distribuição, mesmo porque ia se me impondo a necessidade de um racionamento. Esperando melhores dias, mandei atracar a canoa para uma colheita de limões e laranjas avistados numa colina. Esses limões serviam-me não só para preparar os peixes salgados como para misturar com água fabricando limonadas substitutas do vinho. Esse regime, porém, aos poucos, foi me perturbando a saúde; bebendo muito comia pouco. Economizara o queijo de Holanda, mas tivera de recorrer a êle, afinal. Esqueci-me de dizer que em Manaus me fizeram presente de um pedaço de queijo especial, em forma de cubo, mas, sem dúvida era mister submetê-lo a certo preparo antes de ser comido. Com receios de que endurecesse de mais, servi-me dêle logo. Era-me pueril o receio, pois êsse queijo, antes de ser guardado, já se constituíra um fôssil. Procurei parti-lo com o canivete, com o escalpêlo, com a faca, com o facão e nada! Teria de renunciar ao seu préstimo como alimento, para guardá-lo como mineral se por acaso meu facão não dispusesse de face em forma de serrote. Pude assim, duas vêzes ao dia, serrar êsse queijo e apanhar

na palma da mão os fragmentos que levava à boca. Ao terminar o derradeiro repasto dessa natureza, lembrei-me de que o queijo de Holanda iria me proporcionar momentos mais agradáveis ao paladar. Era uma novidade e como artista saboreava o encanto dos contrastes: sempre é delicioso ver um círculo suceder a um quadrado. Um helo dia, portanto, sentei-me a gôsto protegido pelo tôlido que no comêço da viagem se chamaria bem um teto de folhagem, mas era agora um feioso coberto de palha; pus a gamela cheia d'água ao lado, e prenda entre as pernas o tentador queijo. Com a faca fiz-lhe um círculo na casca e procurei destampá-lo. O primeiro golpe não deu resultado; repeti-o ainda sem êxito; a arma inútil caiu-me das mãos. Sui frio. Ter-me-iam enganado? Compraria um queijo de pau? Não tentei empregar outros instrumentos cortantes; recorri logo ao serrote. E êle deu conta da sua tarefa. Aquela bola era realmente um queijo, mas com um poder de resistência maior do que o de Manaus; a tal ponto que tive de empregar uma pua para fazer-lhe um buraco no meio. Por êsse orifício despejei um pouco de manteiga que, graças ao calor, estava liquefeita. Com êsse lubrificante consegui aumentar a brecha com o auxílio da faca. E então regalei-me com o queijo, diante dos olhos curiosos dos dois macacos a me espiarem pelas janelas do seu observatório.



## IX

### O AMAZONAS

#### AS MARGENS E OS HABITANTES DO RIO MADEIRA

*Os índios do Baixo Madeira — Mundurucus e Araras — Retratos interrompidos — O capitão João — Um rapaz bom para casar — Uma nova fazanha do Policarpo — Crenças e costumes indígenas — Adivinhos — O curare e as velhas — A zarabatana — Regresso — Maués.*

O tempo ia passando e eu achava que não tirava tôdas as fotografias desejadas. Quase sempre eram inacessíveis as margens do rio. Procurava índios e não os encontrava. Escasseavam-me os víveres e nenhum meio de os substituir. Afinal se nos oferece terra firme e atracamos. Mal desembarcáramos, ouvimos latidos de cães. Pertenciam a uma maloca dos Mundurucus, construída como tantas outras, porém de maiores dimensões. Dentro dela as famílias ficavam separadas por paredes que, como as portas e telhados, eram feitas de fôlhas de palmeiras. Cada compartimento dispunha de um fogão de barro, esteiras, rêdes, almofariz e pilão para farinha de mandioca; aos cantos, pendurados, arcos e flechas. Fui forçado a me servir de Policarpo e do soldado para mandá-los perguntar se tinham alguma coisa para vender, e responde-

ram que isso era quase impossível. Como houvera pintado, em Canoma, um índio da tribo, mostrei o retrato aos que me cercavam. E não se avaliam os gestos que fizeram: olhavam por trás do papel, pegavam-no, repetindo uma palavra que não entendia. As mulheres e as moças, entretanto, não se aproximavam e ao querer me dirigir a elas fugiram. Preguei o retrato num tronco de árvore e dessa vez, posso dizer, triunfei de tal jeito que o próprio chefe da tribo, um pobre velho doente, quis ver a maravilha e veio fazê-lo, apoiado no filho. Trocamos um aperto de mão e mandei buscar uma garrafa de cachaça. O soldado que a trouxera bebeu uns goles pelo caminho, mas fingi não tê-lo percebido. Ele pusera o boné e armara-se, sem saber que me prestara um bom serviço, apresentando-se assim formalizado diante do chefe indígena, a quem ouvira tratar por cacique. Ofereci mais ao velho dois colares de contas azuis e um pedaço de fumo por uma hora de pôse. Tudo ficou combinado. Penduraram a rêde do doente debaixo de duas árvores defronte do retrato que eu expusera. O cacique sentou-se na rêde, com as pernas para fora, e sob os olhares da assistência, pinteí minha nova obra-prima em meio de solene silêncio. Todos os pescços se espichavam e as respirações como que se suspendiam. Ao longe entreviam-se algumas lindas caras femininas e no último plano Policarpo com seu tipo mefistofélico contrastava com os bons Mundurucus.

Tendo assim ganho a confiança da tribo, pudemos comprar-lhes farinha e peixe; paguei-lhes com fumo e anzóis. Como visse nas árvores vizinhas pássaros bonitos, para lá levei minha barraca a fim de pernoitar. A areia, próxima ao rio, era fina e sêca; há muito não dormia em terra e achei-me à vontade entre êsses selvagens. Não se mostraram hostis os mosquitos; embrulhei-me apenas no capote e mantive ao lado minhas armas.

Permiti aos companheiros fôsem passar a noite onde quisessem e deitei-me na areia mole que trocaria de bom grado pela minha esteira da canoa. Veio uma velha me trazer um balaio com bananas e regalei-me com essas frutas. Dormi até meia-noite; a lua batia-me no rosto. Ao despertar, pareceu-me ver alguns vultos fugirem. Levantei-me rápido e corri atrás dêles, alcançando o último dêles; era uma mulher a se mostrar medrosa mas, sem nenhuma intenção má. A pobre criatura quisera sem dúvida, como as outras do mesmo sexo, ver de perto, à luz da lua, um homem branco, não ousando fazê-lo na presença dos seus senhores. A mulher índia é realmente escrava do marido e cabe-lhe em regra as tarefas mais penosas. Voltei à minha cama e, ao amanhecer, enquanto meus homens levavam para a canoa tudo o que adquiríamos, ou bebiam açáí e guardavam laranjas e bananas, meti-me por um caminho e ali matei um dos pássaros que na véspera tanto me haviam tentado. Fui despedir-me do chefe da tribo e reencetamos a viagem.

Muitos outros dias se passaram como êste que acabo de descrever. Infelizmente, porém, não conseguira pôr os pés nessas matas onde nunca ninguém entrara, para ser o primeiro a romper caminhos com meu facão. Contudo sempre descobria umas clareiras e numa das vêzes em que por elas me metia quase fui vítima de uma cobra de 20 pés de comprimento; não a consegui matar; feri, porém, um quati, que viveu ainda uns oito dias na canoa, aumentando nossas provisões de bôca a se esgotarem rapidamente. Frequentemente entrava numa habitação, mostrava retratos de outros chefes índios, oferecia fumo e colares e pintava uma cabeça tatuada. Se o calor me affligia, na tenda ou no barco, metia-me dentro d'água, pendurado às bordas da canoa, como os indígenas faziam sem temer os jacarés. Familiarizara-me de tal modo com os hábitos dêsses famosos nadadores que os avistava, corajosamente, em bandos de cinqüenta, perto do local onde

tomava banho, ou das plantas aquáticas onde pescava. Quando o sol ia caindo, mandava levar a canoa para o lado da sombra e ali desenhava sem ser incomodado. Depois sentava-me no meu abrigo e brincava com meus dois macacos; às vêzes matava um martim-pescador, quando não fôsse uma garça ou mesmo um macaco. Ao amanhecer, tirava a capa, enrolava a esteira e saía da barraca, após ter me esquentado ao sol e secado o orvalho, para recommençar a vida. Pouco a pouco, entretanto, alterava-se-me a saúde; comia menos e bebia muita água; sentia-me tão fraco que passava o dia inteiro sem fazer nada. Já em outras ocasiões experimentara tal lassidão provocada pela monotonia. Todavia, acostumado agora a ser obedecido pelos meus servidores, dei-lhes ordem para que levassem a canoa a um dos braços do Madeira. A vegetação sofrera há tempos grandes transformações: árvores de imenso porte. Certo dia medi um desses troncos e vi que tinha de diâmetro cinco vêzes o tamanho de minha espingarda. As palmeiras que sempre se me apresentaram finas e retas, tomavam proporções gigantescas. Grandes aves de rapina soltavam grasnidos por todos os lados. Uma águia de cabeça branca pagou seu tributo e veio aumentar minha coleção (1). Deu-me, aliás, trabalho embalsamá-la, porquanto, abatida em pleno vôo, caíra dentro do rio e ao se debater estragara um pouco a plumagem.

Por tôdas essas margens as árvores formavam, ao jeito dos mangues, estranhos labirintos com suas raízes. Este pequeno curso d'água de que não soube o nome deveria, nas marés altas, ser muito perigoso: suas margens mostravam sinais de desmoronamentos. Certo dia penetramos num amplo lago e descobrimos ao longe um grupo de casebres. Ao nos aproximarmos acorreram à praia uns

---

(1) O autor refere-se a uma águia. Sem dúvida, equivocou-se com alguma outra ave que lhe pareceu ser daquela espécie — N. T.

homens e ali sentaram-se à nossa espera. Reconhecemos logo a tribo a que pertenciam, pois em Manaus obtivemos indicações fáceis de serem relembradas. Sabia por exemplo que os Mundurucus pintam os rostos com tinta esverdeada e traçam uma risca que parte de uma orelha e passando pelo nariz alcança a outra. Não se tratava de tatuagem e sim de um talho muito profundo; tinham também desenhos no pescoço, peito e braços. O meu bom amigo cacique era assim. Não menos sabia que os Araras se contentavam em pintar um crescente que ia do queixo às faces, perdendo-se os traços perto dos olhos. E entre os Araras nos encontrávamos agora. O que, entre eles, pareceu-me ser o Chefe, além do crescente em tatuagem, trazia penas no nariz, nos buracos feitos acima do lábio superior e acima do queixo. Ali, como acontecera entre os Mundurucus, consegui, em troca de fumo e missangas, que alguns índios se deixassem pintar. O próprio chefe a isso prestou. Contudo, fizera novamente um reparo. Um jovem Arara, disposto a me servir de modelo, não fôra encontrado quando tudo já se achava pronto para iniciar o trabalho. Procuraram-no debalde por tôda parte. A cena repetiu-se no dia seguinte. Fizera grandes projetos, entre os quais o de pintar ali um quadro que mais tarde terminaria. Queria com êsse trabalho abrir um intervalo naquela vida de constante navegar que se me ia tornando fatigante. Demorando em terra, obteria frutas e galinhas, trocando-as por fumo; não me faltaria peixe fresco; passaria ali uns 15 dias e essa temporada me seria mais fecunda do que um mês de viagem. Mas, ao querer pôr em execução êsse plano, meus modelos escondiam-se nos matos e via em cada rosto tais indícios de desconfiança que acabei também desconfiado. Era-me tão familiar o caráter dos índios que não havia necessidade de me prevenir tomando outra resolução. Com um pretexto qualquer mandei minha gente embarcar e ao anoitecer puseno-nos ao largo. Enquanto os remadores

se preparavam para a partida, permaneci de pé na pôpa com o revólver numa das mãos e a espingarda na outra.

Uma hora depois estendi a esteira e o capote, deitando-me tranqüilamente em cima dêles, embora com o coração entristecido não só por haver renunciado a meus planos de artista como por ter motivos para crer que aquelas fugas súbitas dos modelos seria consequência de maquinações do meu pessoal. Êsses homens pérfidos e poltrões ter-me-jam feito passar perante os indígenas como um malfeitor. A lembrança bem viva do banho entre os jacarés e do episódio dos alagadiços me levou a um constante estado de irritação e me induziu a mostrar-me igualmente cheio de manhas e de dissimulação para com meus companheiros.

Quando íamos a favor da correnteza, tudo corria bem. Nessas condições, reentrando no Madeira, o pessoal da canoa ignorava se eu continuaria a viagem ou não; na dúvida, descobri-lhes nos rostos um fenômeno pouco esperado: um sorriso. Mas, ao desembocarmos no rio e ao dar ordem para aproar a oeste e abrir a vela a fim de aproveitar o vento favorável para subir a corrente, êsses sorrisos murcharam. Eu não gostava de apelar para a força quando pedia um serviço que não agradava. Então, punha-me de pé, fechava a cara, procurando subjugar pelo respeito que os homens brancos infundem aos de côr e também pela natureza do meu trabalho a que os índios emprestavam caráter mágico e misterioso. Vim mais tarde a ter certeza de que esta última influência era verdadeira. Valendo-me dessas superstições, fui obedecido e, embora de mau grado, tornamos a subir o rio. A primeira praia alcançada era de uma areia tão fina que resolvi ali acampar. Levei meu capote e dei um passeio pelos arredores, voltando quando já escurecera, aliás rapidamente. Despi-me completamente e assim deitei-me na areia, rolando por ela, enquanto meus companheiros ficaram à vontade para o que bem lhes aprouvesse. Des-

percebi, porém, com seus gritos; tinham aproveitado o luar para uma caça às tartarugas e uma delas, ferida, procurava escapar-lhes, com rapidez estranha às que até então eu conhecera. Vira em Manaus como se procede para detê-las quando por acaso conseguem se virar e valer-se das patas. Muitas vêzes Philys me dera essas lições de baixo de minhas janelas: admirara mesmo como de modo rápido e cômodo põem as tartarugas de pernas para o ar. Todavia, não fui feliz imitando-a; ou porque estivesse ainda mal acordado ou por não ter a devida presteza, ao baixar-me para fazer a manobra adequada, senti-me levantado do chão e caí em seguida de costas numa areia tão mole que deixei nela a marca do corpo, além de humilhado pelo ridículo da queda. O índio, porém, na carreira, aproximou-se da tartaruga e, embora ela já se achasse dentro d'água, virou-a com a maior facilidade.

No outro dia, depois de ter apanhado umas fotografias e tomado um banho, prosseguimos até achar sítio propício para cozinhar a tartaruga. Encontramos no caminho uma canoa, mas vazia. De onde viera? Nenhum sinal de habitação. Não tardou a sair de uma vereda um índio já idoso armado de espingarda. Trazia amarrado no corpo um cipó à guisa de bandoleira, dela pendendo uma dúzia de aves e um macaquinho. Ficou espantado de nos ver ali, onde de raro apareciam estranhos. Há muito tempo já ignorava em que regiões nos achávamos, e como meus companheiros ainda menos o soubessem, íamos à aventura. Fiquei, portanto, contente quando êsse velho nos perguntou em português quem nós éramos e que tínhamos ido procurar por essas bandas. Os selvagens anteriormente encontrados nada sabiam de português; falavam um idioma denominado língua geral oriundo da antiga língua dos Guaranis e da qual eu não percebia palavra. Êsse velho índio, que ostentava o nome de João

e a patente de capitão, vivera há anos no lugar chamado Abacatchi, num dos braços do Madeira. Era o chefe de um povoadozinho a poucas léguas da praia em que havíamos acostado. Uma inesperada fortuna o seu encontro.

Fi-lo entrar na minha canoa depois de haver amarrado a d'ele a nossa pôpa e encetamos boas relações com uma infalível libação de cachaça, bebida que, segundo me confessou, há tempos não levava à bôca. Deu-me a esperança de encontrar na sua tribo, para compra, algum peixe e alguma farinha que já nos iam faltando. Acharia também algodão; o que eu trouxera acabara-se e o fio que me restava não era bastante fino para o preparo dos passarinhos. Não precisei convidá-lo a posar; mal viu os retratos que lhe mostrei, ofereceu-se para que lhe fizesse a cabeça assim que alcançássemos ponto favorável ao desembarque. Aceitei o oferecimento mais por interêsse do que por arte, pois essa cabeça nada tinha de pitoresca. Deveria aproveitá-la de outro modo.

Mostrara-lhe, como disse, todos os meus trabalhos anteriores de pintura e pedi-lhe fizesse sentir aos da sua tribo que eu tirava êsses retratos apenas com o bom intuito de levar recordações das pessoas a quem estimava. Quanto possível expliquei-lhe igualmente os mistérios de minha máquina fotográfica. Quis pegar em tudo e permiti-lhe meter os dedos numa chapa que em parte estragou. Enquanto íamos navegando, desenhei, para que visse, uma palmeira inclinada sôbre o rio. Por fim, ao chegarmos, nossa amizade estava fortalecida ainda pelo embalsamamento que eu fizera do macaquinho morto por êle. Todavia expliquei-lhe bem o perigo que lhe adveria de pegar no sabão arsenical. Tanto quanto o desgosto que me davam os companheiros de canoa, era a simpatia que me despertara êsse velho índio. Ao atingirmos o ponto de desembarque, meu novo amigo saiu em primeiro lugar da canoa e vi-o afastar-se, subindo uma ladeira muito íngre-

me; ia avisar sua tribo de nossa chegada. Eram ainda Mundurucus. E êsses índios não me inspiravam nenhum receio. Tôdas as vêzes que fôra seu hóspede essa confiança me favorecera. Porque dissera ao capitão João desejar pintar homens tatuados, trouxe-me dois dêles, que apresentavam recentes tatuagens. A risca profunda do rosto ainda sangrava. Eram pai e filho. A côr azul da tatuagem fazia os olhos de um vermelho vivo, mais vermelhos realmente do que na realidade eram, não sei bem por que; malgrado essa esquisitice, êsses olhos se revestiam de tal doçura que me levou a uma simpatia pelos dois homens. Estando próxima a noite, não quis ir logo à taba dos Mundurucus; preferi me reconfortar com o resto da sopa de tartaruga que ficara na panela e com os derradeiros pedaços do queijo. Completamente no escuro, pus a panela entre as pernas e fui tomando o seu conteúdo sem ver bem o que fôsse. Horas depois senti-me mal com terrível perturbação digestiva. Incontestavelmente envenenado, sofria dôres no estômago que não digerira, e por sua vez doíam-me as costas de tal maneira que me parecia ter a coluna vertebral partida. Rolei pela areia, não suportando mais a esteira, e tive a impressão de ir morrer asfixiado. No dia seguinte, sem querer me valer nem de Policarpo nem dos outros homens de minha comitiva, aceitei o oferecimento do velho capitão, e êste me fêz transportar numa rêde com minha espingardá e minha caixa de tintas, a sua casa, onde os dois índios tatuados da véspera me ampararam bondosamente. Penduraram a rêde debaixo de umas laranjeiras cujas copas me protegiam do sol. Dali avistava a minha canoa e dentro dela meus homens fartavam-se da sopa de tartaruga que me fizera tanto mal. Maldita tartaruga! Causara-me queda ridícula e doença de quebra. Nem por isto deixo de conservar seu casco de um metro de comprimento a cobrir o soalho do meu *atelier*, como lembrança. Com o apetite que êsses homens têm, estava certo de que uma provisão

de carne, capaz de dar para uma semana, devorariam-na num dia só, sem pensar no amanhã. Do outro lado da habitação, descortinava a maloca inteiramente. E experimentava entre essa gente um bem-estar há muito não sentido.

Perto do meio dia, mais calmo e sem poder ir passear, devido à fraqueza, dispus-me a começar o retrato do mais jovem dos índios recém-tatuados; não consegui avançar muito no trabalho; deitei-me no chão extenuado. Cercaram-me; os índios sentaram-se calados e não foi sem certa emoção que descobri nêles algum interêsse por mim. As mulheres também tomaram parte na roda e, quando os meninos queriam fazer barulho, elas os mandavam ficar quietos. Passei assim, ali, meu primeiro dia. Depois de terem devorado a tartaruga, meus companheiros foram reunir-se aos outros índios. Por via das dúvidas, pedira ao capitão João mandasse de quando em quando ver se na canoa tudo ia direito. À noite, mal eu ia adormecendo, despertou-me um ruído constante, e desagradável. Havia um belo luar. Embora doente, a curiosidade me espicçou e arrastando-me quase, de fuzil na mão, pude assistir a um estranho espetáculo que a princípio não compreendi. Contudo fui sentar-me com os outros espectadores. A música compunha-se de tambores e de um instrumento cujos sons pareciam os de um flautim. Todos os índios estavam abancados em forma de círculo, no meio do qual um rapaz de 17 a 18 anos, de pé, despertava a atenção geral. Nada tinha de notável, se não no braço direito, em lugar de manga, um *tiptip*, ou seja um canudo de flandres que se espichava ou se encolhia à vontade. Servem-se dêle os índios para amassar a farinha de mandioca. Existem alguns enormes, mas o do rapaz era do tamanho do braço e estava bem amarrado ao ombro. Sem entender nada daquilo, pus-me a esperar o seu desfecho. Ao cabo de meia hora, o rapaz, em cujo

rosto não pude descobrir qualquer emoção, viu-se livre do tal canudo. O braço ficara-lhe horrivelmente inchado e foi com espanto indescritível que vi saírem do canudo grande quantidade de formigas volumosas e das mais mordedoras. Rodearam o mártir e levaram-no a uma casa vizinha ao som da música. Ao passar esta perto de mim, verifiquei de que eram feitos os instrumentos que produziam sons tão melódiosos: ossos de defuntos, não havia dúvida, e enfeitados com grandes asas de insetos. Os tocadores traziam-nos pendurados aos pescoços por cordões.

Explicou-me então meu amigo João que êsse rapaz, desejando casar-se, fôra submetido a uma costumada experiência. A paciência que demonstrara no sofrimento acreditara-o para o casamento. Após três horas de absoluto repouso, tentei pintar uma velha índia, porém ela fugiu-me mal a olhara com certa insistência. Também os dois índios tatuados haviam desaparecido antes de terminados os retratos. Isso me acontecera tantas vêzes que fiquei desconfiado de tais fugas e falei no assunto ao velho chefe. Êle, então, mandou chamar não sòmente os dois homens, mas também a velha, e soube, por intermédio de João, coisa em que jamais pensara. Policarpo, não ousando atacar-me de frente, havia, desde Manaus, pôsto em prática maldade surda que produzira seus efeitos sem conhecer-lhe a causa. Quando um índio se prestava a servir de modelo e eu não acabava o retrato no mesmo dia, Policarpo convencia-o de que na terra dos brancos existiam muitas criaturas sem cabeça. Eu estava encarregado de consegui-las entre os selvagens. Assim, quem fôsse por mim pintado um dia teria a cabeça misteriosamente arrancada dos ombros e levada pelos ares ao corpo a que estaria destinada. Tive vontade de dar logo ao meu criado o castigo merecido e que lhe dei depois, mas tive mêdo de ser abandonado, ali. Já suspeitara de um plano nesse sentido entre êle e os outros homens da

tripulação. O próprio capitão João, que também não simpatizara com Policarpo, me aconselhou a fingir que de nada sabia. Devia levá-lo ao Pará de novo e lá o presidente lhe daria a recompensa... Aos índios recosos de perder as cabeças João explicou que não deviam temer coisa alguma e, para dar-lhes o exemplo, deixou-se retratar. Depois disso, como eu quisesse apanhar um grupo fotográfico, novamente o capitão dissipou os temores de sua gente e eu mandei mesmo que os meus companheiros de canoa tomassem parte na fotografia. O efeito foi maravilhoso: todos vieram fotografar-se. Policarpo e os três companheiros de tal jeito se colocaram, que suas sinistras caras não apareceram na chapa. Não importa. Eu tinha tido uma boa oportunidade, uma reação se operara, e a história das cabeças cortadas estava esquecida(1). Infelizmente, mais tarde, essa chapa ficou em parte inutilizada.

Os dias seguintes foram de recaída para mim. Sentia-me muito enfraquecido. Devia, no entanto, partir. Obtivera do capitão João certos pormenores sobre os Mundurucus, ficando inteirado das sensíveis mudanças que eles haviam sofrido. Certo dia arrastei-me até perto de uma choupana de onde saíam gritos de dor. Estava curioso de conhecer o que ali se passava e vim a saber pelo capitão João que haviam encerrado nessa casa, dentro de uma gaiola, uma mocinha que acabava de deixar o estado de menina para entrar no seu período de puberdade. Segundo o uso, era exposta a uma espécie de suplício: cada membro da tribo, com os dedos untados numa banha, vinha sucessivamente arrancar-lhe um fio de cabelo. E então a vítima podia tomar seu lugar entre as mulheres. Disse-me também que entre os que não conheciam os ensinamentos do catolicismo — êle já tinha

---

(1) A história das cabeças cortadas é alusão a um episódio anterior do livro de Biard.

a felicidade de pertencer a esta religião — existiam costumes que o horrorizavam. Por exemplo: êsses indígenas não cristãos pensam que Deus, o sol ou um ser supremo qualquer, depois de haver dado a vida, não pode tirá-la sem iniquidade. Portanto, quando um homem morre, não pode ser senão por ato de um inimigo. A família do morto dirige-se à casa do padre, do doutor ou adivinho (a que denominam de pagé) e êste procede a exorcismos e evocações e acaba designando o culpado daquela morte. A pessoa escolhida, ao sabor do pagé, embora inocente, é punida. O pagé falou e deve ser obedecido. Avalia-se daí a importância que um homem dêsses tem numa tribo. Cada um tem sua vida ameaçada por êle e trata de merecer-lhe as graças. O próprio chefe não fica isento. Essa mania de vingar uma morte com uma vida explica talvez porque em terras tão extensas existem tão poucos habitantes. João me contou também que índios habitantes acima das cataratas do Madeira dirigem preces ao sol, como o faziam os antigos peruanos.

A tribo, poucos dias antes da minha chegada, fizera seu fornecimento de curare; eu chegara um tanto tarde. Não obstante meu amigo João me deu uma vasilha cheia dêsse veneno. Eis como êle se prepara, segundo a fórmula do capitão. Sabe-se que, em tôdas as cerimônias dos selvagens, as mulheres representam os primeiros papéis. Não sei se será uma maneira se distingui-las ou não. Já as vira dançar diante de São Benedito; aqui se encarregam da missão mais importante de fabricar o curare e desde logo estão com a vida condenada: devem morrer. Um dia tôda a tribo se reúne e amontoam galhos de árvores sêcas num pátio. Velhas índias ateam o fogo e o mantêm vivo durante três dias. Duas varas presas ao alto são fincadas no chão e delas pende uma grande panela. Separados em dois grupos, vão os homens cortar nas matas os cipós venenosos com os quais o curare é em parte preparado; outros enchem no rio vasilhas com água

que trazem solenementē, assim como os cipós, para o pátio onde as vítimas devem permanecer até que termine a fabricação. Cantam em voz baixa: "Morrerão também assim os que forem feridos por nossas flechas". Cada um toma seu lugar na roda formada pela tribo, desde o primeiro dia, perto do local em que as velhas deitaram dentro da grande panela os cipós, a água e outras substâncias desconhecidas cujos nomes João não pôde ou não me quis revelar. No segundo dia o fogo é mais intenso e as exalações que se escapam da panela fazem a roda afastar-se mais. Ao terceiro dia há uma imensa fogueira. Mas ao entardecer as chamas extinguem-se aos poucos, a fumaça venenosa dissipa-se; a obra misteriosa está concluída, o veneno é bom e as velhas estão mortas. Cada qual, então, leva o seu quinhão para guardá-lo cuidadosamente em casa.

O curare, ao esfriar, torna-se duro e consistente. Para se servirem dēle, os índios o esquentam brandamente e ao amolecer mergulham nēle as pontas das flechas. Antes de partir quis ver como se aproveitam dēsse veneno nas caçadas. Fui com João e o mais moço dos dois Zarari, já esquecido da história das cabeças cortadas, realizar uma excursão pelas matas. O rapaz conduzia uma zarabatana de uns 12 pés de comprimento e um leve carcás que parecia envernizado. Dentro dēste ia meia dúzia de pedacinhos de madeira muito duros, afilados numa das extremidades, e nas outras guarnecidos de bolas de algodão. Fomos, passo a passo, por uma vereda tão estreita que mal nos dava passagem. Os guias puseram os dedos nos lábios e a esse sinal deixamos o caminho e nos sentamos, ou nos deitamos, sob grande árvore, cujos galhos, tocando o solo, haviam feito brotar filhotes, formando com eles pequena floresta onde os cipós, subindo aqui e descendo ali, nos cercavam por todos os lados. O jovem indígena ficou de pé de costas para a árvore e preparou a zarabatana, apoiando entre os ramos mais bai-

xos, porquanto a arma, de tão longa, impede a liberdade dos movimentos de quem a maneja se tiver de aguentar-lhe todo o pêso. Permanecemos calados por alguns minutos, quase meia hora: não era quebrado o silêncio senão pelos assobiozinhos do rapaz sempre imóvel. Ele percebia sem dúvida o quer que fôsse de interessante pois fêz um ligeiro gesto e olhou para nós de modo compreensível por João. Um instante mais e vi atirar-se de uma árvore próxima um macacozinho vermelho, dos que chamam de *mico*; ao primeiro seguiu-se outro, mais outro, uns sete ao todo. Zarari soprou e um dos sagüis levou a mão à cabeça, ao peito, à coxa, coçando-se com sofreguidão, até que caiu morto. Todos os sete tiveram igual sorte em menos de 10 minutos sem que se ouvisse o menor ruído. De volta a casa, comprei a Zarari sua mortífera arma e amarrei-a a uma das bordas da canoa, por ser muito comprida para caber dentro da embarcação. Ela figura, atualmente, com o carcás, em meu *atelier*, no meio de outras coisas díspares e tão admiradas de se encontrar assim juntas que um dia perdoei certo visitante que, ao sair, disse à pessoa que mo havia apresentado: — Tudo aquilo é muito bonito, mas não tem senso comum, são remendos de artista.

Essa criatura não teve jamais idéia do quanto êsses remendos me custaram! Voltei a custo dessa caçada da zarabatana e não pude mais ter ilusões acêrca do mau estado de minha saúde. Urgia partir; atingira dessa vez os limites de minha viagem. E admitindo-se a hipótese de querer continuar seria abandonado pelos meus companheiros um dia ou outro. No momento da partida João me avisou ter ouvido algo inquietador para mim. Meus quatro canoieiros não cessavam os conciliábulos; pareciam ter tomado uma deliberação ou preparado uma conjura. Mas, como iríamos descer o rio, confiava na boa disposição de ânimo dêles; cada um estava mais ansioso de regressar. Policarpo, em suas arengas, só falava no Pará;

e todos, ao aludir à volta, não escondiam o contentamento. Mostraram-se solícitos nos preparativos e convenci-me de que agora não teria de recorrer à cara feia e às armas para estimulá-los. Tôda a tribo veio ao meu botafora; dei um abraço sincero em João e no meu protegido Zarari e, tal qual se dera, no dia em que deixei as florestas do Espírito Santo, senti-me emocionado. O vento ajudaria a vela; distribuí uma ração de cachaça; e voltei a minha barraca, onde fechei as cortinas e adorei-me profundamente.

Ao entardecer, mudou o tempo; caiu um aguaceiro que nos molhou bastante. Não dispusesse do guarda-sol e teria ficado inteiramente exposto à chuva. A água entrava a jorros por um buraco feito pelos macacos, sem falar nos pequenos orifícios que transformavam o teto do meu abrigo numa escumadeira. Tivera a precaução de guardar meus biscoitos numa lata vazia e o resto das minhas provisões por felicidade se achava também protegido. Não podia ter o mesmo sossêgo de espírito quanto aos artigos fotográficos; qualquer umidade descola chapas e estraga a câmara escura. Possuía certa quantidade de pregos, de cola que eu aquecia em álcool; não se passava um dia sem ter de consertar alguma coisa, para gáudio das mutucas que se aproveitavam de minhas ocupações para me atacar as pernas, transformando-as numa espécie de elephantíase, essa horrenda doença de que vira tantas vítimas no Rio de Janeiro.

Meus companheiros nadavam em alegria. Policarpo falava a todo instante e sua voz tomava a inflexão a que atrás aludi. Monótonos os dias que se seguiram e passei-os quase todos deitado; morria de calor e bebia em excesso. À falta de açúcar, a limonada era bem ácida, porém mesmo assim a sede me obrigava a achá-la saborosa. Comprara no Pará algumas libras de chocolate, reservadas para o caso de fome absoluta. Quando resolvi

me servir dêle e tirei-o da caixa fechada a chaves, encontrei-o virado numa manteiga, do mesmo modo que a manteiga se transformara em azeite. Tive de fazer com o chocolate o que fizera com as bolachas pois o papel que o envolvia virara uma pasta.

Até ali o mal era reparável, mas depois de ter pôsto a papa de chocolate numa pequena vasilha utilizada no esvaziamento da canoa, descobri com tristeza que o frasco de óleo derramara, tendo sujado umas camisas de que felizmente não precisava no momento. Não pude saber direito quantos dias passei na maloca de João nem quantos durou minha volta. Tão fraco me achava da doença que me afligia que não pude continuar meu diário sem prestar atenção ao almanaque. Também me esqueci de perguntar a João o nome do rio a cujas margens encontramos os Araras. Não podia mais voltar quando de tal me lembrei.

Uma noite, procurando reunir recordações, experimentei sensação de bem-estar; melhorava de saúde, ganhava novas fôrças; calculava os dias, as horas e as etapas necessários à minha chegada ao Pará, de onde tencionava me atirar ao norte, visitar a América setentrional, antes de reentrar na Europa. Nessa marcha de projetos senti o que sentem todos os viajantes que, longe ainda dos lares, nêles pensam. Diz-se então adeus ao desconhecido; volta-se à vida comum, e ao sãbor dos pensamentos, anseia-se por já se estar em casa... As afeições retomam seu poder... Uns vêem as esperanças realizadas; outros, e êstes em maioria, só encontram decepções. Para êstes últimos o provérbio sôbre os ausentes é uma verdade.

Fui arrancado aos devaneios por um ruído semelhante ao de um grande temporal. Dir-se-ia que tôdas as árvores iam ser arrancadas do chão, que os trovões cairiam sôbre nossas cabeças, e no entanto, olhando em roda, tudo estava claro e calmo. Os índios dormiam. De onde vi-

na êsse barulho de tormenta? Desde o caso dos alagadiços só dirigia perguntas a Policarpo quando não tinha outro jeito e por isto, embora curioso, nada indaguei dêle acêrca dêsse rumor estranho. E êle recomeçou na noite seguinte. Procurava, com o auxílio da memória, identificá-lo com outros rumores anteriormente percebidos. Formavam-no um conjunto de sons ensurdecedores, discordantes, que pareciam provir de um mesmo ponto. Na véspera comparara-os a um temporal, mas agora tive a impressão dos grunhidos de um porco em agonia. Pus de lado a comparação poética da tempestade e escrevi então no diário: "Sei afinal com que se parecem os gritos horríveis cuja causa ignoro: semelham os grunhidos de uma dúzia de porcos estrangulados simultâneamente". Posteriormente nada tive a modificar nesta nota. Ao cabo de alguns dias vimos de novo Canoma e soube então que os ruídos que tanto me haviam preocupado e espantado eram produzidos por bandos de macacos gritadores (*alouates* ou *stentors*), possuidores de um apêndice singular debaixo dos maxilares inferiores; êsse órgão empresta-lhes à voz tal poder de entonação que, ouvida em meio das florestas do Novo-Mundo, produzem aquêle barulho noturno. Eu o ignorava.

Passei dois dias em Canoma, onde retribuí a hospedagem com um retrato. No primeiro dia, desenhando uma casa em construção, com o intuito de estudar a maneira adotada pela gente da terra, fui surpreendido por um temporal e tive de me refugiar debaixo de umas fôlhas de palmeira com a forma de um sino. Se nesse refúgio não havia galinhas, encontrei, porém, muitas pulgas cujos ataques me obrigaram a procurar um banho no qual me demorei mais de uma hora, sem receio dos jacarés. Esperaram-me para jantar. Havia tartaruga que não comi por precaução; gostei no entanto de duas araras assadas e de uma garrafa de vinho português de cujo

sabor quase me esquecera. No dia seguinte dei extenso passeio pela margem do rio, ali formando um cotovêlo e entrando pela água. Matei um canário de cabeça côr de laranja e duas rôlas. Há tanto tempo não caminhava assim cômodamente na areia e debaixo de árvores de troncos esguios e lisos! Adiante entrei à vontade por florestas virgens diferentes de tôdas as que já vira. Não mais a vegetação parasita que ia da base ao cimo das árvores e caía em cascatas ou em cortinados intransponíveis, como ouvira contar das matas existentes na América do Norte: árvores enormes mas desprovidas de folhagem, exceto nos cimos, onde uma espessa copa interceptava os raios do sol e privava de luz e de vida as espécies que lhes ficavam abaixo. Solo úmido e lastrado de fôlhas sêcas; de raro em raro grossos cipós parecendo cadeias que pendiam perpendicularmente. Nem um pássaro; silêncio absoluto. Parecia estar dentro de uma igreja abobadada. Também nem um mosquito, nem uma cobra, nem um mover de fôlhas.

Após ter percorrido longa extensão de caminho, senti-me abafado; a atmosfera pesada ali reinante, a monotonia daqueles troncos, sobretudo o silêncio mal quebrado pelos meus passos, inspiraram-me sentimento de irreprimível terror e foi quase a custo que encontrei uma saída da solitária mata. Partimos ao cair da noite e no dia seguinte comecei logo matando um martim-pescador e uma garça. A preparação dessas aves servia-me de distração e tinha também outra vantagem: as mutucas, enquanto investiam a carne dos animais, deixavam a minha em sossêgo. Findo êsse trabalho, voltei aos desenhos das margens do Paraná-mirim, braço do Madeira, que então íamos descendo; margens sempre curiosas nas suas formas devido às terras caídas que por vêzes dão idéia de um caos. Mais uns dias chegávamos a Abacatchi, povoação há pouco fundada no mesmo braço do rio Madeira.

Não me importando de entregar duas cartas de recomendação que levava para um Sr. Rodrigues, fiquei a bordo; mandei arriar a vela para servir de tóldo aos índios; êles comeram ali e fiz um esboço do grupo, bem como de um tronco bizarro que se me oferecia às vistas. Fizemo-nos ao largo para passar a noite e ao amanhecer subi a um alto onde se viam casinholas. Descobri de longe um homem que não me agradou nada: era aquêl para quem trouxera as cartas. Como o tipo não me caíra na simpatia nem tinha coisa alguma a pedir-lhe, sendo a terra pouco propícia a excursões, preferi entregar as cartas aos meus companheiros de canoa para que com êlas acendessem seus cigarros. E prosseguimos na viagem.

Ouvimos durante o dia latidos. Havia habitação próxima. Atracamos. Subi por um terreno pedregoso e la-deiroso, e no alto encontrei muitos limoeiros. Ao contrário do que se costuma fazer aqui, a casa fôra construída debaixo das árvores. Nela vi muitas mulheres, que também, estranhamente, não se esconderam ao me verem com minhas calças manchadas, meu chapéu esfiapado, minha cara barbada e minha espingarda. Sem dúvida negociantes portugueses já se tinham aventurado ali. Nossa canoa havia mesmo cruzado, na véspera com duas outras carregadas de pirarucu, mercadoria que vêm por aqui adquirir a baixo preço, transportando-a pelo Amazonas até o Pará, seja em vapores, seja-o em canoas se estas forem bastante resistentes às ondas da bahia de Marajó.

As mulheres, embora sòzinhas na casa, permitiram-me entrar e fui sentar-me numa rêde à espera do guarda que, não sendo boa bisca, sempre era melhor do que Policarpo. Graças a sua algaravia, mistura de português e de língua geral, e também mercê de bonitos colares de contas azuis e vermelhas, consegui que as mulheres se deixassem pintar. Fiz um estudo de uma delas, bem

bonita apesar da tatuagem; estava vestida apenas com saíote. Ao terminar, deixei o retrato de sua companheira para o outro dia e mandei armar minha barraca em terra, disposto a descansar ali uns dias. O chefe chegou quando êsses preparativos iam terminando. Ofereci-lhe fumo provocador sempre de boa acolhida, tão favorável mesmo que não somente minha câmara escura não o assustou como se deixou fotografar e ficou admirado ao ver sua figura assim reproduzida. Às vêzes eu arranjava jeito de fotografar a mim mesmo e, se o fazia, era porque precisava de um ponto de comparação, de uma escala das proporções de uma figura. E nenhum dos meus companheiros de viagem quisera a isso se prestar. Policarpo por muito favor abria e fechava a objetiva quando com leve tosse combinada eu lhe dava sinal para fazê-lo. E nada mais. Incontestavelmente o Sr. Benoit era mais amável.

Nas matas dessa localidade penetrei bastante e achei nelas muita semelhança com as florestas do Sangaçu: os mesmos tufos de orquídeas, os tentáculos, as grutas de verdura, as árvores gigantes, tudo como lá. Caminhava sem recorrer ao facão porquanto as veredas já estavam abertas. Apanhei várias fôlhas de formas bizarras. Com a saúde voltava-me o interêsse pelos estudos. Conhece-se já minha paixão pela natureza virgem e aqui eu podia satisfazê-la, esquecendo-me das horas em que, à vista de margens inabordáveis, passava por um suplício de Tântalo. Tôdas as noites ia dormir ao largo, fugindo aos mosquitos, e bafejando pela viração que vinha de terra. Uma noite, já deitado, gozando essa frescura, recebi violenta pancada no rosto e sem demora vi grande morcêgo, dos de tipo vampiro, voar por cima de mim. Logo depois os macacos gritadores começaram seu côro acompanhado dos cantos dos sapos. O rio refletia as árvores centenárias.

Quando resolvi deixar Abacatchi, não precisei dizê-lo duas vèzes aos meus homens de tripulação: íamos de rio abaixo, os remos em descanso; Policarpo falava e ao cabo de uma hora todos dormiam. Ao amanhecer, os índios mostravam sinais de inquietação, olhavam para todos os lados; fizeram uma reunião a que fui estranho, e, como tivessem parado a canoa, indaguei o que havia... Êles julgavam chegar a Maués, primeira etapa de certa importância do nosso trajeto, e enquanto dormíamos, correnteza mais forte levou-nos muito adiante dessa paragem, sem que ninguém o notasse a bordo. Não foi preciso ordenar-lhes voltassem porque Maués constituía pôrto desejado de todos. Uma cidadezinha semelhante às que se encontram pelo Amazonas e onde se renovam à vontade as provisões.

Perdemos doze horas para corrigir êrro de poucas léguas. A subida não se fazia pelo meio do rio, a ela se opondo a corrente; costeamos. O soldado remou um pouco para ajudar a marcha. Policarpo sempre ao leme; êsse serviço inútil poupava-o de outro qualquer. Em um ponto onde grossas raízes se estendiam pelas águas vimos um grande peixe prêso entre as raízes e a terra. Discutimos se estaria morto ou vivo pois não fazia nenhum movimento. Um dos índios, achando que estaria morto, afastou uma das raízes com o remo. Ah! o peixe estava bem vivo e com uma das barbatanas levantou uma coluna d'água, desaparecendo em seguida, para grande desapontamento nosso. Perdêramos comida para muitos dias... Alcançáramos afinal Maués. Permaneci a bordo enquanto Zeferino, o soldado, fôra a terra investido das cerimônias oficiais. Um homem que se achava numa canoa perto da nossa, dissera-lhe morar na cidade um tenente-coronel da Guarda Nacional. Como não contara passar por Maués, não trouxera nenhuma carta de recomendação para ali. Mas, tendo o guarda, por vaidade,

falado a meu respeito como uma grande personagem, amigo do coronel e do presidente, o tenente-coronel mandou dizer-me que, estando doente, não me podia vir visitar, porém me receberia com prazer. Vesti-me do melhor modo: calça e paletó brancos; a camisa estava infelizmente enodada e desbotada. Custou-me calçar as botinas: há muito não andava senão descalço. Apresentei-me o mais decentemente possível, precedido pelo soldado, e no trajeto saudaram-me várias vezes dando-me um "Excelência". Recebeu-me um homem ainda moço; apresentou-me a um seu amigo e ambos falavam um tanto o francês. Encheram-me de amabilidades e convidaram-me a jantar. Ao saberem do que me trouxera a essa excursão, prepararam logo outra para o dia seguinte.

Há pouco tempo uma tribo selvagem (que tem o mesmo nome da cidade) estabelecera-se às margens deste rio. Deram-me um soldado para minha proteção e para melhor garantia apelaram igualmente para os préstimos de um velho Maués já civilizado que possuía patentes de capitão da Guarda Nacional. Ele deveria partir para sua maloca à noite a fim de prevenir seus companheiros da minha visita, e, assim, estariam ali preparados. Minha permanência aqui, dado meu estado de saúde, não deveria exceder de 48 horas. Os índios ficariam também cientes de que eu seria um recomendado do Coronel. Enquanto a noite não caía, dei uma volta pelas vizinhanças da cidade. Maués como as outras povoações amazônicas, compõe-se de grupos de casas sem regularidade de disposição. O Coronel morava numa rua mais larga e comprida onde as residências semelhantes a sua eram mais altas que os casebres. Como em Santarém, Serpa e Vila Bela, tôdas as fachadas revestiam-se de caiação branca, amarela ou vermelha, embora não tivessem os prédios senão fôlhas de palmeiras como telhados. Mostrou-me o coronel um tiro

ao alvo no qual crianças ainda revelavam excelente pontaria. Um imenso areal muito alvo me fêz não aceitar o oferecimento para que fôsse dormir dentro de casa. Preferi estender-me na areia, ao luar. E já me achava deitado quando ouvi falarem perto de mim. Um negro alto e vadio misturara-se com os meus homens da canoa e bebiam juntos uma garrafa de cachaça. O soldado, em vez de manter a ordem, bebia também à vontade. Quando a cachaça se acabou, o negro foi buscar uma "montaria", meteram-se todos nela e perdi-os de vista.

No outro dia deixei o guarda Zeferino ir para onde bem quisesse, uma vez que dispunha de outro soldado conhecedor da cidade. Partimos numa canoa, mas a marcha foi vagarosa. Os remadores estavam enressacados de uma pândega noturna. Tencionando alcançar o ponto em que viviam os índios Maués ainda com o sol de fora, só o fizemos já noite. A lua ainda não aparecera. A custo galguei a praia um tanto íngreme; pisávamos ao acaso, sem saber se havia caminho aberto ou não. Se os olhos não se prestavam a muita coisa, os ouvidos, porém, foram muito úteis. Há uma meia hora percebia estranho ruído e, à medida que avançávamos, êle se ia tornando ensurdecedor. Atingimos um alto e paramos. Oferecia-se nos um espetáculo inesperado. Tôda a tribo, num amável propósito, tentava acordar a lua com verdadeira atoarda: julgavam que um eclipse houvesse coberto o astro dos poetas. Vim a saber depois que os índios confundem quase sempre as pesadas nuvens equatoriais com os eclipses. Alguns dos músicos batiam com uma pedra num grande prato de ferro destinado a cozinhar a farinha de mandioca; êsse prato, para ressoar melhor, fôra pendurado a uma árvore. Os meninos sopravam em flautins de osso; outros faziam-no em bambus que também servem para nos combates desafiar o inimigo, à guisa de portavozes; o resto da tribo tocava em tambores fabricados com troncos velhos, recobertos de peles de boi ou de anta.

Afinal a lua apareceu e o silêncio se fêz como por milagre. Cada índio voltou a sua oca. Aproveitara, porém, a cena e dela fizera um desenho. Em seguida, como nada tivesse a fazer ali de noite, e como a claridade da lua me ajudasse, voltei fàcilmente à canoa. Ao clarear tornei a me aproximar da maloca; Policarpo levava meu saco e minha espingarda. O capitão da Guarda Nacional desempenhara bem sua missão: ninguém se recusou a deixar-se pintar. E o meu trabalho decorreu dentro de geral entusiasmo. Comprei aos índios um daqueles paus furados que serviam de porta-voz e despedi-me da tribo, ainda adoentado e prometendo a mim mesmo não trabalhar mais. Em Maués mandei levar a minha rêde para a casa do Coronel e andei acertado pois dali a pouco se desencadeou forte tempestade: a chuva caía a jorros na cidade, inundando ruas e casas e impedindo as comunicações com a minha canoa. Quando lá fui, no outro dia, encontrei Policarpo debaixo de minha barraca: o soldado metera-se num canto qualquer e os remadores se abrigaram como puderam, não sei onde. Policarpo não me soube informar em que mundo andavam os companheiros. Viera, porém, um índio Maués buscar sua "montaria" que na véspera fôra amarrada à minha canoa. A praia estendia-se bastante e quase reta; o pobre homem não via a piroga e lamentava-se. Interrogado a respeito do desaparecimento, Policarpo dava respostas tão embrulhadas que despertaram suspeitas. Por fim não tive mais dúvidas: dois dos homens de minha tripulação, de cumplicidade com o soldado e êsse miserável do Policarpo, planejaram a fuga; obtiveram o auxílio de um índio de outra tribo, e, na montaria dêle, raspam-se. Maiores eram minhas desconfianças ao lembrar-me que um dos fugitivos tinha me pedido algum dinheiro adiantado, na véspera; prometera-lhe atender no outro dia. Estava a refletir no que teria agora a fazer para me sair do embaraço quando o soldado chegou à praia. Até então calara meus aborrecimentos,

mas como êsse homem de nada me servia despejei sôbre êle minha revolta. Atirei fora da canoa tudo que lhe pertencia e mandei levassem todos êsses objetos a casa do Coronel. E para lá me botei também. Quando o Coronel teve ciência da fuga dos índios, nenhum espanto revelou. “Essa gente, disse-me, não leva nada em conta quando decide fugir; êsses gestos de abandono são comuns. São brutos, de quem nunca se esperou nem se espera coisa melhor”. Muitas pessoas confirmavam êsses conceitos e contavam histórias semelhantes. Admiro bastante os sentimentos de independência, mas quando se aliam ao respeito aos direitos alheios e aos contratos aceitos. Essa maneira de ver é estranha aos índios que se dizem civilizados. Preferia um antropôfagozinho que nos servia à mesa e do qual fiz até um retrato, como também o de uma mulher que com êle fôra levada a Maués, pouco antes de minha chegada ali, por um oficial encarregado de uma missão meio militar, meio comercial. Êsse rapazinho tinha sido pôsto numa casa e dias depois desapareceu. Procuram-no por tôda a parte e vêem um fio de fumaça a sair pelas frestas de um depósito que ficava ao fundo do pátio. Ali chegaram a tempo de evitar que êsse índiozinho estrangulasse uma criança de 3 anos para dela fazer um assado. Quando o conheci, ainda tinha o costume de comer barro. A mulher não lhe tinham nada a censurar no tocante a hábitos antigos; mostrava grande doçura, a despeito da expressão selvagem dos seus olhos cujas pupilas eram tão pequenas que pareciam brancas, salvo quando se injetavam de sangue.

O Coronel castigara o soldado prendendo-o a um poste, onde aguardaria ocasião de ser mandado para Manaus com especial recomendação... Por minha parte escrevi também para a capital amazonense, contando o mal feito dêsse militar; se êle houvesse contido Policarpo e fiscalizado melhor os remadores nada daquilo teria acon-

tecido. E continuava em dificuldade para conseguir novos remeiros. O Coronel encomendara por tôda parte dois homens. No primeiro dia ninguém apareceu; tratava-se de ir muito longe, até Vila Bela, no Amazonas, e de lá as oportunidades de regresso a Maués são raras. Por felicidade chegou uma grande canoa tripulada por oito índios da tribo que tinha o nome da localidade e na qual viajava o delegado de polícia de Vila Bela. Trazia uma carta de recomendação para êle. Como tivesse de demorar ali uma semana, emprestou-me três de seus remadores, fazendo-lhes um "sermão" não sei bem em que língua, pois não entendiam uma só palavra de português. Ouviram tudo em silêncio; desde então não os perdi de vista a fim de que a cachaça não botasse tudo a perder. Esqueci-me de dizer que o Coronel tinha uma venda e nela adquiri uma garrafa de vinho do Pôrto, duas galinhas e uma tartaruga. Êle me ofereceu mais um ornato indígena de penas, e, quando quis pagar, o doutor, seu amigo, opôs-se a tal, considerando-o uma ofensa. Não pude sequer corresponder a essa obsequiosidade com um retrato, pois já guardara todos os apetrechos de pintura. Parti sem demora antes que os remadores fugissem: nada de se fiar nêles. Abracei o côronel e o doutor, de maneira teatral, demorando-nos bastante um nos braços do outro e de cabeças afastadas. É costume no Brasil êsses abraços.

Minutos mais e estávamos viajando, e desta vez aliviado da presença do soldado e dos dois remeiros. Os seus substitutos mostravam têr um ar de doçura que me agradava. Eram pai e filho, e o terceiro parente de ambos. Esperava não ter o que me queixar dos três. E, de fato, durante o tempo em que estiveram a meu serviço não os repreendi. Muito estúpidos, é verdade. Mas, que mal havia nisso se remavam bem?



## REGRESSO

DO RIO MADEIRA AOS ESTADOS UNIDOS

*Navegação — Um despertar dentro d'água — Uma branca um tanto morena — Pescaria — Volta ao Amazonas — Vila Bela — Amadores de pintura — O bom Miguel — Acesso de cólera — Fuga de Policarpo — A Freguesia — Cobra monstro — Tempestade — Inso-lação e conseqüências — Doença — Santarém — Óbidos — Pará.*

Mal viajávamos uma hora, a noite desceu de todo; fiz apenas um gesto e logo a canoa foí levada ao meio do rio, muito largo neste trecho abaixo de Maués, e ancorámos. Distribuíra a ração de cachaça e tudo corria bem, ainda melhor porque o prestígio de Policarpo acabara com os novos remadores. Estaria de todo contente se a fraqueza de meu organismo não me produzisse tristezas passageiras que procurava logo dissipar. As carapanãs que haviam me deixado um pouco tranqüilo voltavam a me hostilizar em grandes nuvens. Mais me contrariavam êsses bichinhos audazes porque não podia pintar as paisagens que perpassavam rápidas diante dos olhos devido à velocidade da correnteza. Certa noite, extenuado, deitara-me sôbre minha bagagem; não pretendia dormir, tanto assim que não abria a esteira nem desdobrara o capote. Contudo adormeci e ao despertar me vi a mer-

gulhar dentro d'água. Confesso nunca ter me acontecido coisa tão desagradável, desde o dia, em que, a bordo de uma corveta, tendo visto um homem arrebatado do convés por uma onda, tive nessa noite pesadelo horrível, acordando de cabeça para baixo. Tinham aparafusado mal meu beliche. Pensei que o navio estava naufragando e corri à tolda, tonto de sono, verificando com alívio estar o mar calmo e tudo sem novidade. O oficial de quarto cantarolava e ao me ver assim julgou que enlouquecera. Voltei às carreiras ao camarote para reparar a negligência de meu criado.

Desta vez, porém, ao grito que soltei ao despertar dentro d'água os índios pararam a canoa e me estenderam as mãos; Policarpo dormia ou fingia fazê-lo. Esse pequeno acidente sem outras conseqüências não me deixou pegar mais no sono. Quando, após mudar a roupa e feito minha cama, deitei-me a gôsto, sem risco de outro banho, comecei a ouvir o côro dos sapos, a que respondiam os gritos do saci. Não sou supersticioso, felizmente; porque com meu banho forçado, a solidão, a estranheza da vida levada, a gente que me cercava, e êsse estridente grito do saci, com seus ares de fantasma, poderiam me impressionar vivamente. É bem verdade ser o hábito uma segunda natureza: o que mais predominava em mim nesse momento era a pena de não poder enriquecer minha coleção zoológica com êsse diabólico animal em cuja perseguição tantas vêzes correrá sem resultado. No dia seguinte subimos a um terreno plantado com cacau e mandioca. Muitas bananeiras carregadas de cachos que pretendi logo comprar e guardar; um dêles apodrecera por ter caído n'água. Uma portugûesa, embora morena como uma índia, veio ao meu encontro. Cumprimentei-a, chamando-lhe "Minha branca". As bananas me levaram a essa lisonja, no que não me saí mal. Comprei-lhe uma galinha magra, que foi logo cozinhada na ponta de um es-

pêto; e dispondo de uns litros de vinho comi à vontade e refiz um tanto as forças. Passei parte do dia sózinho na canoa porque meus três companheiros preferiram permanecer na palhoça da portuguesa. Dei fumo a todo mundo e consagrei-me ao repouso, aguardando o cair da tarde para caçar. Mas, mudei de resolução ao ver umas índias que surgiram no alto da colina onde fôra construída a casa; trazia cada uma delas grande cesto chato com o qual vão pescar. Acompanhei-as sem despertar mêdo nem espanto. Entraram nas matas e ao cabo de meia hora alcançamos uma vasta campina transformada pelo sol num verdadeiro tapête. Por todos os lados troncos mortos, fôlhas sêcas e lagoas em que as mulheres se meteram. Duas delas mantinham os cestos perpendicularmente e as outras pesquisavam as águas. Dêste modo pegaram vários peixes, uns grandes e outros pequenos. Depois de darem várias voltas, reuniram-se tôdas como para decidir se deveriam também entrar na lagoa maior. Causara-me aliás estranheza não tivessem começado a pescaria por aquela, pois estava descobrindo nela taludos peixes escuros. Por fim decidiram-se e compreendi o motivo da hesitação: em certos pontos a água passava das suas cabeças e forçava-as a nadar. Havia também nessa lagoa muitas plantas aquáticas e muita lama, porque, mal revolveram a água, esta deixou de ser transparente. Todavia a pesca já se anunciava promissora. Os cestos enchiam-se de grandes crustáceos, quando uma das mulheres soltou um grito que foi repetido pelas companheiras, embora o decôro indígena proíba à mulher manifestar suas emoções a homens estranhos. Cada grito era acompanhado de uma careta. E por fim saíram da lagoa precipitadamente e cobertas de sanguessugas dos pés à cabeça. Achei que devia auxiliá-las a se livrar das sanguessugas, lembrando-me dos meus apertos anteriores com as formigas.

Voltaram à cabana em meio de risadas, malgrado o sangue a escorrer. Comprei-lhes alguns peixes e como

a noite se aproximasse despedi-me das companheiras de pescaria e de sua patroa branca.

Ao voltar a bordo não sabia o nome do rio pelo qual navegávamos; metêramo-nos em tantos canais que era difícil distingui-los do curso principal ou de seus afluentes. Cada braço do Madeira tem uma denominação. Policarpo chamava *Ramo* àquele por onde íamos viajando. Mesmo num único rio os nomes variam conforme as localidades que banha. Quando fui de Maués visitar os índios amigos da lua disseram-me que subia o *Limão*. A artéria-máter dêste colossal sistema fluvial, ela própria muda três vêzes de nome entre a nascente e o Oceano: Amazonas, do Pará a Manaus, Solimões, de Manaus a Tabatinga, e dali ao Peru, Maranhão. Quantos enganos não haverá nessas várias denominações!

Aproximando-me do Amazonas e tornando-se raros os índios tatuados, passei grande parte do dia a limpar os objetos de uso, disposto a ir a terra caso passássemos perto de algum sítio habitado. Limpei também as armas. Não teve maior interêsse para mim êsse dia, mas no outro ia, à falta de melhor assunto, pintar umas plantas quando pisei a pata de um jacarêzinho meio enterrado na areia da praia. Tive vontade de pegá-lo vivo; com a ajuda dos índios amarrei-o pela ponta do focinho, mas assim, se não podia morder, também não poderia comer; deixá-lo solto na canoa seria imprudente. Enrolamos-lhe a cabeça com uns panos e cipós, pendurando-o na pôpa; minutos depois não se mexia mais. A preparação dêsse jacarêzinho foi trabalhosa porque a pele era dura como ferro.

Depois de têmos passado pela foz do Anidira, que se lança no Ramo, penetramos novamente no Amazonas, acima de Vila Bela. Ali, se quisesse, teria terminado minhas atribulações; tomaria um vapor e em oito dias es-

taria no Pará. Mas, sentindo-me mais forte, quis ainda um pouco de aventura, navegando em canoa até Santarém e subir, se possível, o Tapajós. Conforme o combinado, deixei em Vila Bela os três índios Maués, paguei-lhes à razão de uma pataca por dia; receberam o dinheiro sem me dizer nada, deram-me as costas e desapareceram. À dificuldade de procurar outros remadores juntava-se a obrigação, custosa para mim, de meter-me na roupa preta e visitar o promotor e o delegado de polícia, para quem trazia cartas. Se essa *toilette* me era penosa num certo conforto de quarto, que diria numa canoa onde só podia estar sentado ou de joelhos. Nesses instantes maldizia mais do que nunca os remadores fujões porquanto sua substituição me obrigava àquelas torturantes cerimônias de indumentária.

Achava-se a canoa afastada bastante da terra enxuta e era preciso meter-se n'água para alcançá-la. Nada me custava fazê-lo, pois me acostumara a isso, porém de botinas as dificuldades eram tremendas. Tive de chamar um negro e êle me carregou às costas sem me machucar o traje nem estragar os objetos aos quais ia dever uma recepção amável e conseguir os homens de que precisava. Mas, a praia era extensa e o sol bem ardente. Dêste modo, apesar do guarda-sol, quando me apresentei com minhas cartas estava banhado de suor. Não era fácil obter os remadores; mandaram-me a um padre e êste fêz com que me levassem a um comerciante português que, por sua vez, me expediu ao subdelegado. O subdelegado confenciou com o promotor e afinal me prometeram não somente os dois remeiros, mas também um soldado que me acompanharia até Óbidos. Voltariam pelo vapor, com despesas por minha conta, bem entendido. Como as cartas de recomendação explicavam quem eu era e a que trabalhos me entregava, pediram-me mostrasse meus desenhos a um punhado de pessoas atraídas pela curiosida-

de de ver um francês. E vi-me assim a dar explicações de cada retrato ou motivo a um grupo de amadores dos mais curiosos. Um homem vistoso, de costeletas pretas, parecia-me sobremodo interessar-se por tudo; evitava-me o trabalho de manter os desenhos diante dos olhos da assistência e fazia-o êle mesmo, embora às vêzes apresentasse uma paisagem de cabeça para baixo. Um outro desses apreciadores, depois de haver contemplado vários retratos de índios, mostrou-se intrigado por encontrar entre aquêles desenhos um que representava uma floresta, e não percebia bem a diferença entre os assuntos... Explicaram-lhe então tratar-se de uma paisagem. Não acreditou muito... e a prova é que, descobrindo novamente um índio de cabeça para baixo, perguntou logo se se tratava de árvores. Revirei o desenho e disse-lhe em francês, com um sorriso afável: "On t'en donnera comme cela des feuilles, animal!". Em suma: eu tivera maior êxito entre os selvagens. Com estas considerações, um tanto humilhado, apressei-me em guardar tudo no seu canto costumado na canoa.

Passci a noite numa das várias rédes existentes em casa do promotor e no dia seguinte trouxeram-me um índio com a promessa de vir mais tarde outro. O soldado estava já ao meu dispor. Policarpo pernoitava sempre na embarcação. Ao saber que teríamos novo guarda, declarou-me: "Para que tanta gente? Com um só remador desceríamos o rio até o Pará, se o Sr. quiser. Além do mais, com o vento reinante nesta época, pode-se aproveitar a vela". Fiado nestas palavras, dispunha-me a ir ao promotor agradecer o outro remador e mesmo o guarda. Êste, porém, não aprovou minha decisão: conhecendo bem os indígenas, achava arriscado a viagem com um remador só e sem um polícia para conter-lhe a possível fuga. Comprei pirarucu, farinha, vinho do Pôrto e voltei

à canoa para arranjar as coisas ali de modo a me ser permitido manejar o leme sem sair da minha barraca. Amarrei um cordão que ficasse ao alcance de minhas mãos. Policarpo e Miguel remariam. Ao partir, recebi a visita de um morador de Vila Bela que, por sua vez, ia também embarcar acompanhado dos três Maués que me trouxeram; iam todos numa embarcação a oito remos. Esse homem, ao ver o crocodilozinho que secava, me disse: “Já que o Sr. faz coleção desses bichos, deveria ir ver uma grande cobra que matei há meses. Está em casa do vigário de Freguesia no lago do Jourouti”.

Quando me despedi desse informante, descobri o preguiçoso Policarpo sentado no seu pôsto habitual e Miguel de remo na mão. Os dois, porém, abriram a vela porque o vento se mostrava favorável. Sem que tivéssemos propriamente tempestade, eram as ondas bem altas para nossa frágil canoa e nela entravam à vontade. Eu e Miguel tratamos de esvaziar a embarcação enquanto Policarpo manjava a vela de modo a evitar o mais possível as vagas. O dia e a noite decorreram assim a bordejar e na outra tarde entramos no rio Jourouti. Ali, Policarpo recomeçou com suas caretas de aborrecimento. Eu ia contendo a cólera. Cometera nova imprudência não aceitando os outros dois homens que me ofereceram e me encontrava agora mais à mercê desse miserável. Contudo, pus-me de guarda a observá-lo e a impedir tôda camaradagem dele com o remador que, por sua vez, não me agradava muito. Antes de embarcar cientifiquei a Policarpo quanto iria ganhar, e quando estávamos prestes a partir, pediu-me logo dinheiro adiantado, ao que acedi; com esse gesto fiquei prevenido e à espera de piores atitudes. Com o espírito preocupado prossegui a viagem.

Policarpo, ao entrarmos no rio Jourouti, declarara ser nossa canôa muito grande para subir até Freguesia; deduzi haver alguma passagem estreita, acessível apenas

a "montarias". E combinei arranjarmos uma por empréstimo. Vimos cêrca de 30 dessas embarcações, mas Policarpo sempre as recusava com um "logo". Não achava conveniente aproveitar-se das que apareciam. Mas, à medida que avançávamos, mais raras se tornavam as "montarias". Notava que Miguel dava mostras de cansaço e o preguiçoso Policarpo, de braços cruzados, repouzava. Crescia-me a cólera e indaguei que pretendia êle com essas recusas repetidas quando fôra o primeiro a exigir montaria para navegar neste rio, embora êste, ao contrário do que eu esperava, cada vez se tornasse mais largo. Desde o caso dos retratos, de que ficara desconfiado, embora não fôsse punido, Policarpo se mostrara mais cordato, porém agora queria de novo botar as manguinhas de fora, não ligando importância ao que eu dizia, não me atendendo, sem fazê-lo por inbecilidade, como Benoit, mas por má vontade. A certo ponto a paciência faltou-me de todo e tirando-o bruscamente do lugar de que tanto gostava, meti-lhe um remo nas mãos e pela primeira vez fi-lo trabalhar cinco minutos. Decorrido êsse tempo, descobri três montarias amarradas a um pequeno pôrto e esperei o que Policarpo ia fazer. Mandou Miguel remar naquela direção. Perto de terra, Miguel saltou logo, enquanto Policarpo voltava ao seu canto do costume, pondo-se a embrulhar o quer que fôsse, num lenço, sem se preocupar com a obtenção da montaria tão necessária, conforme afirmava. Eu o observava tranqüilamente, não tendo dúvidas sôbre suas intenções. Pronto o embrulho, meteu-o debaixo do braço, agarrou num cacetê que êle mesmo fabricara na véspera, e de que eu conhecia o pêso, e pulou em terra, caminhando na direção da floresta. Quando já se achava a uns 15 metros, perguntei-lhe aonde ia e respondeu-me: "Vou passear no mato". Queria dizer, ao seu jeito, que me abandonava.

Senti, como no dia dos alagadiços, coisa estranha dentro de mim. Eugênio Sue, nos *Mistérios de Paris*,

diz que Chourineur, em certas ocasiões, via tudo vermelho. Eu também estava vendo tudo dessa côr, porque nem sei bem o que se passou antes de me encontrar com o joelho em cima de Policarpo e com meus cinco dedos manchados de sangue a apertar-lhe o pescoço, enquanto com o revólver na outra mão levantada dispunha-me a quebrar-lhe a cabeça com o cabo. O cacête jazia a alguns passos de nós. Miguel a tudo assistia sem dar um pio. Se não matei êsse miserável, nesse dia, foi por tê-lo visto tão amarelo que o julguei ferido gravemente. Tornara-se irreconhecível de mêdo. Assustei-me pelo que poderia ter acontecido e levantei-me do chão, sem dúvida tão pálido quanto o índio. Êle pôs-se de joelhos e pediu-me perdão, prometendo-me andar muito direito se o levasse ao Pará. Que poderia fazer senão perdoar? Sentia-me até feliz de não haver cometido um crime que me perseguiria pelo resto da vida. Escorria bastante sangue da cara de Policarpo porque minhas unhas estavam crescidas e meus dedos haviam penetrado bastante na sua pele. Mandeí que se lavasse e eu próprio mediquei os ferimentos, pondo-lhe colódio, prevenindo-o de que doeria um pouco a princípio, mas depois far-lhe-ia bem. Dei-lhe mesmo uma ração de cachaça. Por fim, em face da fraqueza moral do meu adversário, não tive mais ânimo para nada contra êle e, como acontece freqüentemente, procurei justificar seu mau procedimento. Tive piedade dêle e prometi a mim mesmo reparar o mal que lhe fizera. Modificaram-se as idéias que fazia dessa gente, perdoava também ao soldado Zeferino, aos remadores fujões, as peças que me pregaram. Decididamente não tinha vocação para assassino, pois muito tempo depois estremecia só em pensar no que pudera ter acontecido nesse dia.

Entretanto, não me devia limitar a essas emoções, tinha de agir; mandei os dois homens à procura de uma habitação próxima onde pudessem obter licença para uti-

lizarmos uma das montarias do pôrto. Nela eu iria com Miguel enquanto Policarpo ficaria ali tomando conta da canoa. Interessado em voltar ao Pará, êle não se meteria a qualquer proeza contra mim. Deitei-me na areia à espera dos mensageiros e, embora, julgasse que o regresso seria breve, passou-se uma hora sem tal acontecer. Uma hora e ninguém. Comecei a ficar inquieto e não podendo me conter segui as pegadas dos meus dois homens. Caminhei bastante; às vêzes chegava a correr, por fim já andava sem rumo certo, pois os sinais dos pés pelo chão tinham desaparecido, pelo menos aos meus olhos embaciados pelo suor a escorrer da testa e que não pensava em enxugar. Atingi assim uma espécie de vale que desci, subindo a encosta fronteira. Lá em cima nem uma vereda. Receoso de me perder, voltei à canoa. Ninguém ainda. Imaginem minha situação! Sòzinho, longe de todo auxílio, que fazer? Sem dúvida Policarpo havia desenganhado o outro índio.

O tempo a correr e nada. Os macacos soltavam gritos horríveis e eu tinha a impressão de ouvir rugidos longínquos. Meti a cabeça entre as mãos e — fato inacreditável! — passei por ligeiro sono. Acordou-me um raio de sol batendo-me no rosto. Estava ainda sòzinho, mas êsse instante de repouso, êsse sono que me vencera, me restituíra tôda a energia. Nada de fraquezas. Era mister reagir. Subir o rio, impossível. Mas, deixaria a canoa descer a corrente até a foz do Jourouti e de lá pelo Amazonas. Iria, ora a vela, ora a remo. Tudo como Deus quisesse. Decidi partir dali a uma hora, se ninguém me aparecesse.

Gritavam sempre os macacos. Dei-lhes de comer. E quando acabei êsse serviço vi Policarpo e Miguel na minha frente. Estava escrito que nesse dia passaria por tôda sorte de emoções. Esta fôra tão forte que fiquei sem poder dizer nada, de braços cruzados, à espera do

que acontecesse mais. Os dois homens explicaram a demora pela distância percorrida; não tendo encontrado logo nenhuma casa, foram andando, andando, tendo sido preciso ir bastante longe para conseguirem com quem falar sobre a embarcação desejada. A explicação podia ter viços de verdade e aceitei-a. Policarpo desamarrou a montaria e nela colocou os objetos necessários. Ainda relutei um pouco em ir ver essa tal cobra, porque agitava-me pressentimento de que não devia tentar semelhante aventura depois do que há pouco me acontecera. Mas, por outro lado, tranqüilizava-me a ânsia em que Policarpo se achava de regressar ao Pará. E persisti. Tínhamos partido há poucos momentos quando Policarpo me chamou, para me entregar a espingarda de que me esquecera. Esse fato aumentou minha confiança nêle e parti bem tranqüilo. Miguel falava português: disse-me ser casado e ter filhos, razão por que me pedira um preço mais alto do que os outros. Tornamo-nos depressa bons amigos e compreendi que, se Policarpo tentara desencaminhá-lo, nada obtivera. Sabia que eu gostava de caçadas e interessava-se pelos resultados de minhas aventuras desse gênero. Policarpo nunca acertava na precisão das manobras quando eu queria visar uma ave ou um outro animal; errava o tiro por causa da sua falta de destreza. Miguel, ao contrário, era-me o primeiro a indicar um bom alvo e para lá dirigia com precisão a montaria. Ia-me conquistando a amizade. No entanto, nada da tal passagem estreita que exigia esta pequena embarcação! A aversão ao trabalho certamente provocara em Policarpo mais esta mentira: êle rezeira ter de ajudar a Miguel nesta excursão. Lamentei ter caído numa armadilha tão grosseira e com meus botões jurava não reincidir na boa fé e de regresso obrigar Policarpo a trabalhar o bastante para corresponder ao dinheiro que ganhava, por sinal três vêzes mais do que Miguel. Quanto mais avançávamos, mais o rio se alargava, e pela primeira vez, ali, via altas mon-

tanhas dispostas em anfiteatro. As que ficavam próximo d'água estavam cobertas de detritos de toda espécie. Parecia-me em certas ocasiões ver povoações com seus tetos de palhas ou filas de tulhas de feno. Esses amontoados de detritos existentes até em cima das árvores, a grande altura, davam bem idéia do vulto das enchentes nestas paragens. Depois de ter subido o rio umas três horas entramos num lago a cujo fundo ficava Freguesia. A noite vinha perto; não se via casa nenhuma. E Miguel, embora cansado, demonstrava certo contentamento, o que contrastava com o que já vira em outros servidores. Dava-me assim, grande satisfação, satisfação essa com que Miguel resgatava a perfídia dos de sua raça. Há recordações que nunca se apagam de nossa memória. Achávamo-nos os dois no meio dessa lagoa, em um tronco de árvore transformado em frágil embarcação que com a maior facilidade poderia virar. Um céu puríssimo e águas tão calmas a dar a impressão de estarmos no espaço a voar. A ilusão só se quebrava em face dos jacarés muito freqüentes nestas alturas, traindo-se pelos movimentos d'água ao mergulharem. Íamos para frente e nem um ente humano nos aparecia. Escurecia mais e Miguel não sabia que rumo tomar. A cada curva dizia com alegria: "E' ali". E nada! Tínhamos de encarar a situação com jovialidade, encorajando-nos. Mas eu já ansiava por um abrigo para pernoitar. A posição na canoazinha era assaz incômoda; não podia esticar direito as pernas e ao desembarcar parecia-me impossível andar. Afinal divisamos ao longe claridade indecisa, depois outro ponto de luz: era o termo da nossa viagem. Amarrada a canoa, subimos uma ladeira e alcançamos um grupo de habitações cujos donos já dormiam. No alto uma igreja. Recebeu-me o padre amavelmente quando lhe disse de onde viera. Foi buscar o couro da cobra, aliás em mau estado de conservação; a cabeça não existia mais ou talvez êle tivesse preferido ficar com ela. O couro, o

padre me deu sem qualquer remuneração. Enquanto jantávamos disse-me que, se eu demorasse uns dias em Freguesia, me levaria a um grande lago próximo, onde já aparecera a maior serpente das que por ali existiam. Os índios haviam descoberto certo dia no meio dessa lagoa uma coisa imóvel que não puderam logo saber o que fôsse. Parecia-lhes uma das ilhas que surgem súbitamente formada pela correnteza. Mas, ali não havia correnteza: as águas eram muito serenas. Que seria então? A tribo inteira reuniu-se à margem da lagoa. Olhavam a coisa estranha sem coragem de ir lá perto. Enfim três mais afoitos tomaram uma montaria e com tôdas as precauções que a prudência aconselhava rodearam a tal coisa desconhecida; um dos homens, pondo-se em pé, não pôde alcançar a altura de enorme cobra que ali ficara a descoberto quando as águas da lagoa baixaram. Mediram-na: tinha uns cem pés de comprimento. Vários moradores das vizinhanças da lagoa tiveram de se mudar dali por causa do mau cheiro quando a cobra apodreceu. Se minha canoa houvesse ficado em mais segurança, eu teria aceito o convite do padre, malgrado o estado de fraqueza em que me achava. Esse fato extraordinário da cobra já fôra narrado por pessoa digna de fé ao cônsul Froidfond no Pará. Quem contara essa história habitava então Santarém e me forneceu uns apontamentos que colhere a respeito dêsse reptil fabuloso. (1) Nós troçáramos bastante dessa cobra gigante que se assemelhava à famosa serpente marinha. Imagine-se minha surpresa ao me ver, agora, a centenas de léguas de Santa-

---

(1) Morrerá no lago de Craoray, distrito de Faro, uma serpente que, segundo contavam alguns índios que a viram boiar a uma altura de quatro pés das águas, media cêrca de 100 pés de comprimento. Conhecem-na os selvícolas pelo nome de *Biarra* ou *Buiassu*. Era de côr escura, com algumas manchas avermelhadas.

rém, num lago que ficava a pouca distância do local em que se encontrara êsse bicho descomunal. Porque, a julgar pelo que ouvira, tratava-se do mesmo cuja história fôra contada ao cônsul. Entrego, porém, o caso, sem julgá-lo, ao comentário dos leitores.

Tal a minha inquietude quanto à sorte de minha canoa, que ardia por voltar a ela. Despedi-me do padre, agradeci-lhe a hospitalidade e o presente. Êle esperava rever-me, pois nessa mesma tarde partiria para um sítio que ficava na embocadura do Jourouti. Eu e Miguel embarcamos às 4 horas da madrugada, depois de ter feito um rôlo com a pele da cobra que, sem a cabeça, medía 19 pés, tamanho já respeitável, comparado com o das serpentes do Jardim das Plantas. Êsse couro é o que um visitante a que aludi julgava preparado com vários outros reunidos. Ao descer o rio eu ia com um pressentimento parecido com o que me assaltara nos dias do banho perto dos jacarés e dos alagadiços. Tudo me dizia que não encontraria mais a canoa. E, então, para que me serviria o dinheiro que trazia sempre amarrado à cintura? E minhas coleções, meus desenhos, tudo mais conseguido à custa de perigos e de sofrimentos? Eu mesmo, que seria de mim? Se a minha canoa tivesse levado um fim, com ela se iria o passado e o futuro, a minha pátria, o meu lar. E debaixo dessas reflexões amargas maldizia a curiosidade que me atirara para longe da minha embarcação, e a imprudência de tê-la confiado a Policarpo. A cada curva do rio Jourouti, eu dizia a Miguel: "Eis-nos chegados". Mas enganara-me e meus receios aumentavam. Quanto mais me avizinhava do local em que ficara a canoa mais me sentia oprimido. Acho que, se tal estado de ansiedade durasse muito tempo, meu coração teria estourado com o afluxo extraordinário do sangue, pois muitas vêzes continha com a mão o ímpeto de seus batimentos. Assim, avistei de longe uma montaria tripulada por três mulheres. Minha sorte ia depender do que elas me informas-

sem dali a pouco. Miguel perguntou-lhes qualquer coisa que não compreendi bem e entendi apenas na resposta a palavra *macaque*. Elas haviam visto a canoa e os dois macacos. Um quarto de hora mais e chegaríamos lá. Agora, que me importava Policarpo!

Recuperei a tranqüilidade e com ela um pouco de alegria. Disse, rindo-me, a Miguel: "Vamos!" Ao que me respondeu "Vaamoos", apoiando-se nas vogais. E de fato com umas remadas mais vigorosas avistamos a canoa. Os macacos puseram-se a gritar. Sem dúvida Policarpo dormia. No local em que na véspera esperara tanto tempo a volta d'êle e de Miguel, estavam sentadas quatro pessoas: um velho, um negro, duas mulheres, para gozarem com certeza o espetáculo do desapontamento que me estava reservado. Os pressentimentos não me enganaram de todo: Policarpo fugira. Entrei rápido na embarcação e inventariei com os olhos tudo quanto possuía de mais precioso. Policarpo roubara-me uma espingarda comprada no Pará especialmente para êle, bem como o facão que me servia para abrir caminho nos matos. Além disso, um saco com chumbo, pólvora, cápsulas e uma caixa na qual havia linha, agulhas, botões e tesouras. Fiquei tão contente com o encontro da canoa que não me contrariou o roubo. E para que êsse miserável Policarpo se enganasse pensando ter-me pregado uma peça desagradável, distribuí cachaça aos assistentes e declarei a todos, por intermédio de Miguel, estar satisfeito de haver ficado livre de um grande malandro, um tipo que não prestava para nada. Desconfiava que êle estivesse escondido na casa daquela gente.

Entrementes o vigário de Freguesia passou por nós e me marcou novo encontro no seu roçado. Mal êle seguira caminho, e depois de ter sondado Miguel quanto a suas disposições de serviço, agora que estava sozinho, despedi-me dos quatro espectadores, peguei num rémo

disposto a não largá-lo senão em Óbidos. Fui sentar-me à proa ao lado de Miguel e ordenei-lhe: "Vamos", enquanto me respondia com seriedade: "Vaamoos". Descemos o Jourouti com rapidez. Ao cair da noite reentrávamos no Amazonas. Atingimos o roçado do padre; lugar detestável. Nem uña casa; árvores derrubadas por todos os lados; troncos atulhando o solo; trepadeiras. Quase não se podia andar. Armaram a rêde do padre perto de uma fogueira. Mosquitos em tal quantidade que escureciam o brilho do fogo. Eu tinha necessidade de repouso e, não vendo jeito de obtê-lo ali, resolvi me despedir. Parece que o sacerdote não me entendeu bem, pois quando já ia distante e lhe fiz sinais de adeus, mostrou-se contrariado. Pensara que eu pernoitaria ali ao seu lado. Não comprehendera que em tal sítio, um estrangeiro doente não acharia nenhum repouso. Essa noite dormi em meio do rio Amazonas, com a canoa ancorada. Estava cansadíssimo.

Depois de ter remado dois dias, puxamos pelos rêmos para atingir uma ilha situada na margem oposta àquela em que navegávamos; uma tempestade anunciava-se; ouvia-se o trovão e era impossível encontrar abrigo no meio de árvores arrancadas que enchem a praia. Rápidamente sem nos dar tempo a alcançar a tal ilha, a tormenta desabara. Chuva torrencial, misturada com granizo, fêz-nos temer que a canoa se enchesse de mais. Miguel lançou suavemente a pedra que nos servia de âncora, dando-lhe todo o cabo, e eu com a panela tratava de esvaziar a embarcação. Os macacos aumentavam com os gritos o barulho do temporal. Só víamos alguma coisa diante dos olhos ao abrir dos relâmpagos. Miguel veio me ajudar no esvaziamento da canoa. Tive de trabalhar de verdade dando o exemplo, apesar da fraqueza orgânica. Se deixasse o índio somente às voltas com o temporal, êle acabaria cedendo ao fatalismo da raça e morreríamos ambos.

De repente senti a canoa adernar. Miguel achava-se na outra extremidade do barco e ao clarear de um relâmpago vi que recolhia o cabo da âncora. A pedra ficara no fundo do rio. O cabo partira-se. Agora, íamos ao sabor da correnteza sem podermos parar. Nem sei quanto tempo durou essa terrível viagem: a canoa, levada pela corrente e tangida por vento feroz, às vêzes rodava em tórno de si mesma. Impotentes os remos. Houve um instante em que nos pareceu haver terra próxima, mas desaparecera. Todavia brotou-me certa esperança, peguei na vara que há tempos me proporcionara grande êxito e metia-a dentro d'água, a princípio sem resultado, mas, persistindo, felizmente, senti tocar no fundo do rio. Dei um grito de alegria, chamando Miguel e, então, juntos, empregamos todos os nossos esforços para manter a canoa parada. Conseguimos enterrar mais a vara que era tôda nossa esperança; a noite inteira decorreu assim e a luz do sol veio nos encontrar com a vara convulsivamente agarrada por nossas quatro mãos. O perigo aos poucos desaparecera, embora o vento ainda fôsse forte. Trocamos idéias sôbre o que devíamos fazer, uma vez que, agora, podíamos ver o que nos cercava e ameaçava. Por felicidade encontráramos uma dessas ilhas que saem das águas e justamente nos salváramos por estar um tanto protegidos por ela. Como não houvesse meio de acharmos abrigo ali, resolvemos navegar na direção de outra ilha, a duas léguas de distância, e da qual víamos a praia. Para lá nos botamos e com a ajuda do vento alcançamos-a com agrado, pois dispunha de uma praia de areia muito convidativa. O sol já estava tão ardente que tive de correr para não queimar os pés na areia. Descansei debaixo de umas árvores e ali Miguel serviu-me um pedaço de pirarucu comprado em Vila Bela, com um pouco de farinha. Não dispunha mais de bolacha. Mandeí vir também sal, azeite rançoso e limões de que me servia à guisa de vinagre. Comemos ambos êsses petiscos e depois nos

deitamos no chão, passando assim metade do dia. Teríamos de bom grado ficado ali até de noite, se não fôra o desejo de terminar o mais depressa possível essa viagem sem mais interesse para mim. Alimentava apenas um propósito: encontrar uma plaga em que pudesse ainda apanhar umas chapas; depois embalaria tudo e tomaria o primeiro vapor que me passasse perto.

Voltara o bom tempo. Luar. Grandes peixes nadando à superfície das águas metiam medo aos macacos. De meia em meia hora, cada um de sua vez, íamos esvaziando a canoa. Ao clarear, por uma inaudita ventura, encontramos uma dessas enormes planícies cortadas por grandes regatos. Preparei-me para tirar umas fotografias. O sol, porém, andava mais ligeiro do que eu e, quando estava tudo pronto, o calor era tamanho que tive de trabalhar quase nu. Esse costume, aliás, deu em resultado ficar com a pele em mísero estado. Não me dera nenhum proveito essa última experiência artística. Conseqüências do temporal da véspera? Alguma perversidade de Policarpo misturando minhas drogas? Seja por que fôr, resolvi empacotar tudo e dar por finda minha missão. Miguel remava e eu preparava minhas bagagens. Ao anoitecer o pobre homem adormeceu, e a canoa ia ao sabor da corrente. Eu velava. O vento mudava de repente e às 10 horas tive, embora com pena, de acordar Miguel para orientar melhor a vela.

Depois de Benoit, que sempre se enganava, depois do feioso Policarpo, que o fazia por cálculo, Miguel era o tipo do índio mais vagaroso, mais difícil de dar conta das suas tarefas. Era preciso tempo enorme para que realizasse um trabalho e tudo ficasse pronto. Ao meu "vamos" respondia "vaamoos", e dessa vez ainda tive de ir ajudá-lo na manobra da vela com medo que tornasse a dormir. Nessa navegação pelo grande rio ocorreram-nos várias peripécias. Certa vez a canoa ficou metida

entre poderosas raízes e foi uma luta para nos safarmos dali. Noutra ocasião, malgrado minha perícia, adquirida há tempos, uma onda caiu sôbre o teto da minha barraca, passando por cima dos macacos. Mercê do guarda-sol prudentemente aberto sôbre minha cabeça apenas apanhei salpicos, embora tivesse de esvaziar a canoa do líquido que nela ficara. Vi o resto do colódio que possuía evaporar-se por ter deixado o frasco destampado. Perdi, certa noite, uma de minhas calças e uma camisa que secavam por cima da esteira protetora de minhas bagagens. O buraco que os macacos tinham aberto no meu telhado aumentara de tal modo que por êle passaria um chapéu. Isto deu margem a uma porção de artes dêsses símios: com os rabos me furtaram vários objetos.

Um dia em que mudávamos de rumo a todos os instantes, vi uma coisa inesperada e em meio dessas solidões: no céu azul destacava-se uma cruz branca sem que se pudesse imaginar quem ali a houvera pôsto. Passávamos perto da margem e para fazer um desenho bastava virar de bordo. Miguel encarregou-se da manobra enquanto eu cuidava do desenho. Pouco a pouco essa cruz, que a princípio aparecia no céu, dominou, ao se afastar mais a canoa, uma cortina de árvores gigantescas que transformavam completamente o aspecto da paisagem. Agora a cruz se apparecia com sua brancura dos maciços vegetais que lhe seixiam de fundo. Haviam feito uma queimada na base da montanha sôbre a qual dominava essa cruz. Era de um magnífico efeito. Nenhum local se prestaria melhor para um cemitério. Mais tarde, voltando a Europa no vapor *New York* um jovem alemão, meu companheiro de camarote, perguntou-me se ouvira falar numa cruz que um doutor, seu patrício, mandara levantar num sítio do Amazonas ondê estivera em risco de se afogar. E nenhum outro pormenor mais obtive acêrca dêsse assunto.

Segundo os cálculos de Miguel, estaríamos perto de Óbidos. Contudo não podia precisá-lo, pois êle nunca andara por ali. Viajávamos um tanto a êsmo, esperando obter informações de alguma canoa com que cruzássemos. De madrugada eu pegara no sono, deixando o companheiro a dirigir o barco, mas, por ignorância ou negligência, êle não deu conta de que já passáramos Óbidos e nos achávamos por caiporismo do outro lado do rio. Tivemos de recorrer aos remos. Nada mais de sono. Ao contrário, bem despertos para subir e atravessar uma corrente veloz como a do Amazonas. Tarefa penosa que afinal vencemos. E atracamos a Óbidos.

A canoa ficou amarrada perto de terra ao lado de várias outras nas quais se achavam muitos indígenas. Aproveitei o ensejo e pinteí um Muras e uma mulher das margens do Andira. Não foi sem custo que tive de me meter em trajos de cerimônia para ir fazer visitas. Procurei furtar-me a êsse protocolo. Havia um vapor no outro dia e podia me dispensar dessas novas amizades. Tinha, porém, de tratar de assunto importante: desembaraçar-me da canoa pois não podia levá-la para Belém. Nesse momento uma mulata já idosa, saltando de canoa em canoa, veio sentar-se ao lado da minha e me perguntar se ela estava para vender. No caso afirmativo iria buscar o patrão para nos entendermos. Vinha a calhar a proposta e tratei de não perdê-la. Efetivamente um quarto de hora depois um gordo português veio a mim e indagou do preço da canoa. Ou melhor, ofereceu-me logo uma soma que era apenas inferior em 30 francos do que me custara a embarcação. Aceitei sem relutar: negócio bom para ambos. Eu me desembaraçava do que não mais precisava; êle adquiria um barco com que negociaria no transporte de madeira do Amazonas. Fiquei apenas com a vela para enrolar com ela os objetos para os quais não dispunha de caixas.

Vesti-me, então, vagarosamente para ir concluir a transação. De caminho entreguei uma das cartas trazidas para Óbidos e como o destinatário não me ligasse importância rasguei a outra, destinada ao comandante do forte. Sendo intolerável o calor, voltei para bordo. Ali esperaria o vapor, segundo combinara com o comprador, e este confiou tanto em mim que pôs nas vizinhanças uns escravos de vigia para não me perderem de vista nem de dia nem de noite. Ao lado, uma embarcação cheia de cavalos e imunda. Miguel armara perto minha rêde. Passei a noite com um calor tremendo, quase nu, e a me coçar desesperadamente. Ainda por cima a guerra aos mosquitos. Ao clarear, fui para dentro da barraca. Mais tarde dei uma volta pelas cercanias do forte e arrependi-me de ter rasgado a carta para seu comandante. Aproximando-me do portão, vi que era desnecessária: nem soldados, nem sentinelas. Entrava-se à vontade. Dentro, apenas, os canhões sôbre rodas numa esplanada em semicírculo, diante de uma muralha de um metro de altura. Causou-me reparo que essas peças tivessem na frente, como para não lhes permitir atirassem para baixo, uma espécie de jardim.

E o vapor a demorar. Fui dar um passeio numa praia defronte de uma ilha que êsse vapor deveria contornar antes de entrar no pôrto. Assim o veria chegar mais depressa. O calor ali era tão forte que eu ia andando dentro d'água. Cansado, parei. Tomei um banho que durou uma hora; não tinha vontade de sair dêle. Era quase meio-dia. Nem sombra. Avistei uns arvoredos e encaminhei-me para lá. Mas, ao alcançá-los, verifiquei que não podiam oferecer-me proteção suficiente. Sentei-me, porém, ali, contra o sol. Havia certa umidade nos rochedos da praia e semi-nu encostei-me a essas pedras, embora pudesse adoecer. Tentei desenhar. Impossível.

Tomar notas, ainda menos. Meus olhos estavam tontos de luz, minha cabeça doía, não atinava com o que fazer. Ficar ali, não me era possível; voltar, era tão longo o caminho! E o vapor que não chegava! Meti-me n'água de novo, mas não demorei. O primeiro banho parecerame mórno; agora sentia frio. Tremia. Vesti-me e regresssei à canoa, num lastimável estado. Duas horas após ardia em febre. Deitei-me na rêde. Delirei.

Assim esperei ainda três dias o vapor. Sem dúvida um acidente demorava-lhe a chegada. Afinal entrou no pôrto. Era tempo. O calor e a doença davam cabo de mim. No momento de despedir-me de Miguel, tive ensejo de avaliar seu desinterêsse. Eu, além de ordenado, dera-lhe várias vêzes gordas gratificações; pagara-lhe a passagem do vapor de Óbidos a Vila Bela; dei-lhe também uma porção de coisas de que não precisava mais. Não satisfeito ainda, reclamou-me ainda os dois últimos dias que estivera comigo, dias suplementares, mas em que lhe dera de comer. Mas, o índio se revela em tudo. Aceitei-lhe a reclamação; fiz de novo suas contas, porém mandando que jogasse ao rio tudo quanto lhe dera. Refletiu e achou melhor ficar com os meus presentes.

Tivemos trabalho para embarcar os dois macacos; soltavam gritos tremendos e agarravam-se com tôdas as fôrças à canoa. Armei minha rêde no convés e ali fiquei até o Pará. Ao entrarmos na baía de Marajó, soprava um vento ríspido; compreendi então as advertências que me fizeram quando pensei em vir até ali na canoa. Não teria me saído bem, sem dúvida, com tal ventania.

Passei um mês de cama. O Sr. Leduc me deu novamente hospitalidade e sinto-me feliz em declarar aqui nunca ter esquecido os cuidados que me prodigalizou durante os acessos de febre intermitente que me acompanharam até a Europa. Quando ia recuperando as fôrças que uma alimentação forçada de bananas, queijo duro e

peixe sêco me tinham roubado, fui obrigado a dieta completadora do estrago que a vida na canoa começara. Enquanto sofria no leito, por vêzes delirando, o vômito negro fazia vítimas na cidade. Eram numerosos os enterros. Esperavam-se as chuvas e nada de chegarem. A poeira era de um vermelho de barro e parecia o "simun" do deserto: entrava por tôdas as partes, cobria tudo. Quando não era prêsã do delírio e (malgrado a negra que me servia de enfermeira), rolava pelo chão para aliviar o calor que me torturava. Ao perceber os passos do Sr. Leduc, voltava depressa a cama porque êle era inflexível em me censurar por essas loucuras. Todavia, ralhava comigo, pois meus lençóis manchados de barro me traíam. Não podia enganá-lo.

Que lhe chegue um dia, através do Oceano, a expressão do meu eterno reconhecimento, registrado neste livro.



## EPILOGO

Niágara, 25 de janeiro.

Meu caro Luís :

Você irá ficar admirado ao ver de que lugar esta carta é datada, principalmente ao se lembrar de que a anterior fôra escrita do Pará, entre dois acessos de febre. Dissera-lhe então: ao me restabelecer, regressaria a Europa, tomando o vapor costeiro que me levaria a Pernambuco e ali me passaria para o transatlântico da linha de Southampton. Era o caminho mais seguro a tomar na entrada do inverno; mas precisava esperar alguns dias. Eu me achava, ou me supunha, curado, e já que me encontrava na América aproveitei um navio, o *Frederico-Domingos*, de partida para New York. Quis visitar os Estados Unidos e acrescentar alguns tipos aos que apanhara por aqui.

Sim, meu caro amigo, partindo de uma cidade em pleno equador, cheguei, ao cabo de dois meses de viagem, pelos fins de janeiro, ao território canadense. E lá era bem o térmo de minha peregrinação através das duas Américas.

Que espetáculo agora poderia me interessar? Vi ontem as famosas cataratas do Niágara e vi-as em excepcionais condições: um vento muito violento, um nevoeiro espesso, gêlo e neve e frio de não me permitir fazer a ponta do lápis ao querer desenhar. Ao voltar ao hotel,

tive de ir para a cama; de novo a maldita febre a me assaltar em pleno entusiasmo. Meu bom Luís, estou vencido. Devo regressar o mais depressa possível. Não escrevi a minha filha. Deixemo-la crer que me acho comodamente instalado em magnífico paquete, dos que lhe fizera há tempos maravilhosa descrição.

Quanto a você, não receio dizer-lhe que na travessia no pequeno barco a vela, malgrado minha experiência do mar, pensei em ir para o fundo. E não fui dos menos felizes porque soube depois terem naufragado vários navios franceses e inglêses. Éramos arrastados pela Gulf-Stream que do México, passando pelas Baamas, banha as costas americanas até além dos bancos da Terra Nova. Dessas águas tépidas sobem nuvens de vapor ao contato com o ar frio. Passamos nove dias sem ver o sol; impossível fazer observações. O capitão e o imediato não se harmonizavam nos seus cálculos: havia uma diferença de posição, entre êles, de 150 léguas. Vento contrário sempre. O navio navegava à capa, sem velas e constantemente ao acaso. As provisões de bôca, conforme avaliára, escasseavam, pois tinham sido estimadas para uma travessia de 25 dias mais ou menos e ela durara quase dois meses.

Adeus e até breve. Quanta coisa a lhe contar quando nos tornarmos a ver! Levo recordações e material para trabalho que darão para o resto de minha vida!

Seu amigo BIARD.



**1945**  
**IMPRESA NACIONAL**  
**RIO DE JANEIRO - BRASIL**